

MAIS DE 500 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NORA ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 1

ANO UM



QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA



**ANO
UM**



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA
ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 1

ANO
UM



Título original: *Year One*
Copyright © 2017 por Nora Roberts
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Simone Lemberg Reisner

preparo de originais: Sheila Louzada

revisão: Dênis Rubra e Flávia Midori

projeto gráfico e diagramação: DTPPhoenix Editorial

capa: Little, Brown Book Group

imagem de capa: Blacksheep

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Bruce Wilder

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549a

Roberts, Nora

Ano um [recurso eletrônico] / Nora Roberts; [tradução de Simone Reisner].

- 1. ed.- São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital (Crônicas da Escolhida; 1)

Tradução de: Year one

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-970-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Reisner, Simone. II. Título.

19-56528

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Logan, por seus conselhos

SUMÁRIO

A catástrofe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Fuga

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Sobrevivência

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Da escuridão à luz

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

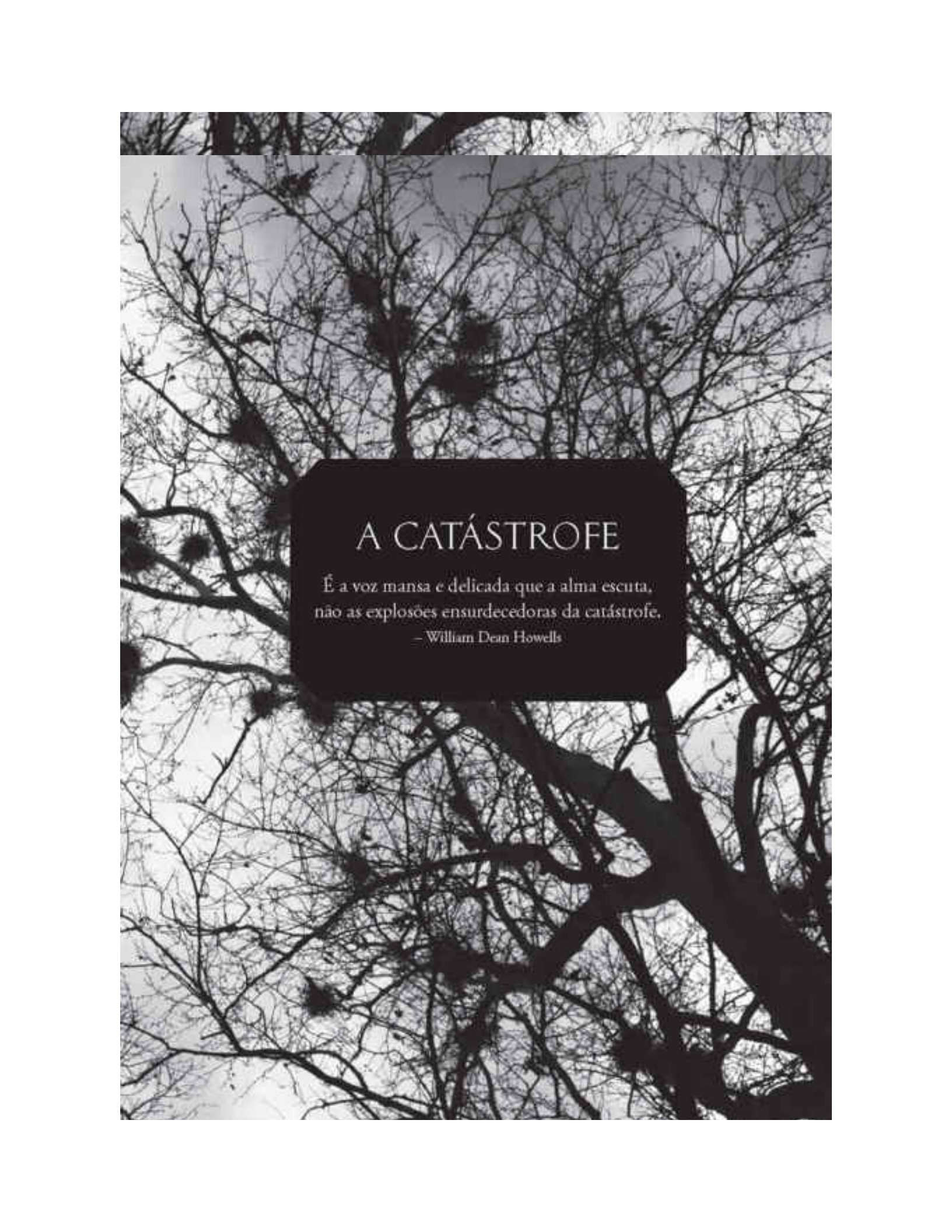
Capítulo 25

Epílogo

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro





A CATÁSTROFE

É a voz mansa e delicada que a alma escuta,
não as explosões ensurdecedoras da catástrofe.

– William Dean Howells



CAPÍTULO 1

– *Dumfries, Escócia* –

Quando puxou o gatilho e derrubou o faisão, Ross MacLeod não tinha como saber que havia matado a si mesmo. E bilhões de outras pessoas.

Em um dia frio e úmido, o último daquele que seria seu último ano de vida, ele saiu para caçar com o irmão e o primo, caminhando pelos campos recobertos por uma finíssima camada de gelo sob o céu azul desbotado do inverno. Sentia-se saudável e em forma, um homem de 64 anos que frequentava a academia três vezes por semana e nutria enorme paixão pelo golfe (prova disso era seu *handicap* 9).

Com seu irmão gêmeo, Rob, havia fundado – e até então dirigia – uma agência de marketing de sucesso, com escritórios em Nova York e Londres. Nem sua esposa havia 39 anos nem a de Rob e a de seu primo Hugh os acompanharam na caçada; permaneceram na charmosa e antiga casa da fazenda.

Com o fogo ardendo nas lareiras de pedra e a chaleira em intensa atividade, as mulheres preferiram ficar cozinhando e planejando os detalhes da festa de Ano-Novo, cheias de expectativa.

Eles avançavam pesadamente pelos campos, em suas galochas. A fazenda MacLeod, passada de pai para filho ao longo de mais de dois séculos, estendia-se por mais de 80 hectares. Hugh nutria pelo lugar um amor tão grande quanto o que sentia pela esposa, os filhos e os netos. Do

campo que estavam atravessando, eles vislumbravam as colinas distantes que se erguiam a leste. E não muito longe, a oeste, estava o mar da Irlanda.

Os irmãos e suas famílias sempre viajavam juntos, mas o passeio anual à fazenda era especial para todos. Quando crianças, eles costumavam ir todo verão passar um mês no local, correndo pelos campos com Hugh e seu irmão, Duncan – já falecido, por conta de sua opção pela vida de soldado. Ross e Rob, os garotos da cidade, sempre se dedicavam às tarefas da fazenda delegadas por tio Jamie e tia Bess.

Aprenderam a pescar, caçar, alimentar galinhas e apanhar ovos. Passeavam pelas florestas e pelos campos, a pé e a cavalo.

Muitas vezes saíam de fininho na noite escura para uma caminhada até o mesmo terreno que percorriam agora, onde realizavam reuniões secretas e tentavam evocar espíritos dentro do pequeno círculo de pedras que os moradores locais chamavam de *sgiath de solas*, ou escudo de luz.

Jamais conseguiram evocá-los, e nem tentavam perseguir os fantasmas e as fadas que, como todo garoto sabia, percorriam as florestas. Se bem que certa vez, em uma aventura à meia-noite na qual o próprio vento prendeu o fôlego, Ross jurou sentir uma presença sombria, ouvir suas asas farfalhantes, cheirar seu hálito fétido.

Sentiu – ele insistiria em afirmar – aquele bafo soprar para dentro de seu corpo.

Tomado pelo pânico adolescente, saiu correndo do círculo, tropeçou e arranhou a palma da mão em uma das pedras.

Uma única gota de seu sangue caiu no chão.

Ainda hoje, já adultos, eles riam e se divertiam ao relembrem aquela noite. Eram recordações preciosas.

E, já adultos, passaram a trazer à fazenda as esposas, depois os filhos, em uma peregrinação anual que começava no dia seguinte ao Natal e terminava em 2 de janeiro. A família deles havia partido para Londres naquela manhã, onde todos celebrariam com amigos a chegada do novo ano – e passariam mais alguns dias, a negócios. Apenas Katie, a filha de Ross, que estava no sétimo mês da gestação de gêmeos, permanecera em Nova York.

Ela planejava, para o retorno dos pais, um jantar de boas-vindas que nunca aconteceria.

Entretanto, naquele revigorante último dia do ano, Ross MacLeod se sentia tão disposto e alegre quanto o garoto que um dia fora. Ele se surpreendeu ao sentir um arrepio na espinha quando viu que corvos voavam em círculos, crocitando, acima do círculo de pedras. Afastou a sensação, e foi quando o faisão levantou voo, uma rajada de cores contra o céu desbotado.

Ele ergueu a espingarda calibre .12 que ganhara do tio ao completar 16 anos e acompanhou o voo do pássaro.

Talvez tenha sido a mão ferida havia mais de cinquenta anos que o incomodou por um instante, latejou por mais um tempo.

Seja como for...

Ele puxou o gatilho. Quando o tiro rasgou o ar, os corvos gritaram, mas não se dispersaram. Um deles se separou do grupo, como se quisesse pegar a ave atingida. Um dos homens riu quando o pássaro negro colidiu com o faisão em queda.

O pássaro morto caiu no centro do círculo de pedra. Seu sangue espalhou-se pelo chão enregelado.

Rob bateu com a mão no ombro de Ross, e os três homens sorriam enquanto um dos alegres labradores de Hugh corria para buscar o pássaro.

– Você viu aquele corvo maluco?

Balançando a cabeça, Ross riu novamente.

– Ele não vai ter faisão para o jantar.

– Mas nós vamos – replicou Hugh. – São três para cada. Um banquete.

Eles reuniram seus pássaros, e Rob tirou um bastão de selfie do bolso.

– Sempre preparado.

Assim, eles tiraram uma foto – três homens com as faces coradas pelo frio, todos com os olhos azuis cintilantes dos MacLeods – antes de iniciar o agradável percurso de volta para casa.

Atrás deles, o sangue do pássaro, como que aquecido por uma chama, penetrava no solo. E pulsava à medida que a camada de gelo se diluía, rachava.

Satisfeitos com a caça, eles passaram por campos de cevada que balançavam levemente ao sabor do vento suave e por ovelhas que pastavam em um outeiro. Uma das vacas que Hugh mantinha para engorda mugia preguiçosamente.

Enquanto caminhavam, Ross, um homem realizado, sentiu-se abençoado por terminar um ano e começar outro na fazenda, com as pessoas que amava.

As chaminés da robusta casa de pedra sopravam fumaça. Ao se aproximarem, os cachorros – tendo terminado mais um dia de trabalho – correram para brigar e brincar. Os homens, já acostumados, desviaram-se em direção a um pequeno depósito.

Hugh era casado com Millie, que, sendo esposa e filha de fazendeiros, se recusava a limpar animais de caça. Então, sobre um banco que Hugh havia construído para esse propósito, eles se prepararam para fazer o trabalho.

Conversavam distraidamente – sobre a caçada e a refeição que fariam – enquanto Ross pegava uma tesoura afiada para cortar as asas do faisão. Limpou a ave como o tio lhe ensinara, cortando bem perto do tronco. As partes que seriam aproveitadas foram colocadas em um saco plástico grosso, a ser deixado na cozinha. O restante foi para outro saco, para ser descartado.

Rob deu uns grasnados levantando uma cabeça de ave decepada. Ross riu involuntariamente e, distraído, acabou cortando o polegar na ponta de um osso quebrado.

– Droga – resmungou ele, estancando o filete de sangue com o indicador.

– Você sabe que tem que tomar cuidado com isso – repreendeu Hugh.

– Eu sei, eu sei. A culpa é desse idiota aqui.

Quando ele puxou a pele do faisão, o sangue do pássaro se misturou ao dele.

Terminado o trabalho, lavaram as aves depenadas em água gelada, bombeada do poço.

As mulheres estavam reunidas na grande cozinha de fazenda, o ar repleto de aromas de cozimento e do calor do fogo que crepitava na lareira.

A cena pareceu tão acolhedora aos olhos de Ross – uma pintura perfeita – que tocou seu coração. Colocou no amplo balcão da cozinha as aves que trazia e girou a esposa nos braços, fazendo-a rir.

– O retorno dos caçadores – comentou Angie, dando-lhe um selinho estalado.

Millie, com sua cabeleira ruiva cacheada presa no alto da cabeça, acenou para a pilha de aves em aprovação.

– Dá para o nosso banquete e ainda sobra para a festa. Que tal fazermos umas tortinhas de faisão e nozes com isso aí? Rob gosta, se bem me lembro.

Ele abriu um sorriso largo, acariciando a barriga que sobrava por cima do cinto.

– Acho que eu vou ter que ir caçar mais alguns, para sobrar para os outros.

Sua esposa, Jayne, cutucou a barriga dele.

– Já que você vai comer como um porco, vamos colocá-lo para trabalhar.

– Vamos mesmo – concordou Millie. – Hugh, você e os rapazes levem a mesa de jantar para o salão, para usarmos na festa, e coloquem a toalha de renda da minha mãe. Quero também os castiçais mais bonitos. Depois, peguem algumas cadeiras extras do armário e as coloquem nos lugares.

– Vocês vão querer mudar tudo de lugar mesmo, não importa onde as coloquemos.

– Então é melhor começar logo. – Millie esfregou as mãos, de olho nas aves. – Muito bem, garotas, vamos despachar esses homens e começar nossa parte.

Eles tiveram seu banquete, um feliz grupo familiar: faisão selvagem assado, temperado com estragão e recheado com laranjas, maçãs, cebolas e sálvia, sobre uma cama de cenouras, batatas e tomates – além de ervilhas e um delicioso pão integral caseiro, com manteiga feita na fazenda.

Família e bons amigos, velhos amigos, todos desfrutaram da última refeição do ano com duas garrafas de champanhe requintado que Ross e Angie haviam trazido de Nova York especialmente para a ocasião.

Pelas janelas via-se cair uma neve tênue e fina enquanto eles tiravam a mesa e lavavam a louça, todos ainda radiantes de satisfação e ávidos com a expectativa da festa.

Velas acesas, o fogo estalando, mais comida – dois dias para preparar tudo – sobre as mesas arrumadas. Vinho, uísque e champanhe. Licores tradicionais, juntamente com pãezinhos doces, *haggis*, um prato típico feito de bucho de carneiro, e queijos para a celebração do Hogmanay, o Ano-Novo escocês.

Alguns vizinhos e amigos chegaram cedo – antes da meia-noite – para comer, beber e fofocar, bater os pés no ritmo das músicas tocadas por gaitas de foles e violinos. Assim, quando o velho relógio de parede soou as batidas da meia-noite, a casa se encheu de sons, canções e companheirismo.

O ano velho morreu ao último toque, e o ano novo foi recebido com vivas, beijos e vozes erguidas em canções típicas. Ross viveu tudo isso com a emoção de estar abraçado a Angie e de braços dados com o irmão.

Quando a música terminou, copos foram erguidos e a porta da frente se abriu.

– O primeiro pé! – exclamou alguém.

Ross observou a porta, esperando entrar um dos meninos dos Fraziers, ou talvez Delroy MacGruder. Todos eram jovens de cabelos escuros e de boa índole, como exigia a tradição. Deveria ser assim o primeiro a entrar na casa no ano novo, para garantir sorte.

Mas o que entrou foi o vento, a neve fina e a absoluta escuridão do campo.

Como estava mais perto da porta, Ross foi até lá, olhou para fora e saiu. O frio que percorreu seu corpo, ele atribuiu ao sopro do vento e ao inquietante e profundo silêncio que se seguiu.

O vento prendendo o fôlego.

Teria sido aquilo um farfalhar de asas, uma sombra perene... escuridão sobre escuridão?

Com um rápido estremecimento, Ross MacLeod voltou para dentro, um homem que nunca mais desfrutaria de um banquete nem veria um novo ano. E assim ele se tornou o primeiro pé.

– Devo ter me esquecido de trancar – disse ele, fechando a porta.

Ainda se sentindo gelado, Ross foi até a lareira e aproximou as mãos do fogo. Uma mulher idosa estava sentada ao lado da lareira, o xale enrolado apertado no corpo, a bengala apoiada na cadeira. Ele a conhecia. Era a bisavó dos filhos de Frazier.

– Gostaria de um uísque, Sra. Frazier?

Ela estendeu a mão magra e manchada pela idade, e Ross ofereceu a sua. O cumprimento que ele recebeu tinha uma força surpreendente. Os olhos escuros da senhora eram penetrantes.

– Há tanto tempo foi escrito que a maioria o esqueceu.

– O quê?

– Que o escudo seria quebrado, o tecido, rasgado, pelo sangue dos Tuatha de Danann. Agora virão o fim e a dor, o conflito e o medo, o princípio e a luz. Nunca imaginei que viveria para ver isso.

Ele colocou a outra mão sobre a dela, um gesto gentil, indulgente. Havia quem dissesse, ele bem sabia, que ela era uma das fadas; outros, que era meio incerta da cabeça. Mas o frio o perfurou mais uma vez, uma pontada bem na base da espinha.

– Começa com você, filho dos antepassados.

Os olhos dela se turvaram e a voz ficou grave, enviando um novo arrepio de pavor pela espinha de Ross.

– Eis que agora, entre o nascer e o findar do tempo, o poder se eleva, o poder da escuridão e o poder da luz, despertando de seu prolongado sono. É hora da sangrenta batalha. E, com o raio e as dores do parto, virá A Escolhida a empunhar a espada. Muitos serão os túmulos, a começar pelo seu. A guerra é longa, sem nenhum decreto para que chegue ao fim.

O rosto dela foi encoberto pela compaixão. Seus olhos clarearam e ela prosseguiu, sua voz voltando ao normal.

– Não existem culpados. Bênçãos virão quando magias há muito obscurecidas renascerem. Pode haver alegria após as lágrimas.

Com um suspiro, ela deu um breve aperto na mão dele.

– Eu aceito um uísque, obrigada.

– Perfeitamente.

Ross disse a si mesmo que era bobagem ficar abalado por aquelas palavras sem sentido, por aqueles olhos inquisidores. Ainda assim, teve que se acalmar antes de servir o uísque para a senhora. E para si mesmo.

A sala caiu em um silêncio ansioso quando ouviram a forte batida à porta. Hugh a abriu. O menino Frazier (Ross não identificou qual deles era) foi recebido com aplausos e satisfação ao entrar com um sorriso largo, trazendo um pão.

Embora o momento para trazer sorte já tivesse passado.

Ross já havia esquecido seu desconforto quando os últimos convidados foram embora, por volta das quatro da manhã. Talvez tivesse bebido um pouco demais, mas era noite de celebração, e ele só precisou cambalear até a cama.

Angie foi se deitar depois dele: nada a impedia de tirar a maquiagem e passar seu creme facial noturno.

– Feliz Ano-Novo, querido – murmurou ela, com um suspiro.

Ele passou um braço ao redor dela, na escuridão.

– Feliz Ano-Novo, querida.

E Ross adormeceu, mergulhando em sonhos – um faisão coberto de sangue caindo no meio do pequeno círculo de pedra, corvos de olhos negros voando em círculos, em número suficiente para bloquear o sol. O vento uivando como um lobo, um frio amargo e um calor feroz. Choro e lamento, o bater do relógio marcando o correr do tempo.

De repente, um terrível silêncio.

Ele acordou bem depois do meio-dia, enjoado e com a cabeça latejando. Lutando contra a ressaca, forçou-se a se levantar e arrastou-se até o banheiro para procurar algum analgésico na bolsinha de remédios da esposa.

Engoliu quatro aspirinas, bebeu dois copos de água na tentativa de aliviar a coceira na garganta. Apostou em um banho quente e, sentindo-se um pouco melhor, vestiu-se e desceu.

Foi até a cozinha, onde os outros já estavam reunidos à mesa para um brunch que incluía ovos, pãozinhos, bacon e queijo. O cheiro e, mais ainda, a visão da comida fizeram seu estômago se contorcer.

– Finalmente – disse Angie, com um sorriso, mas logo depois jogou para trás os cabelos louros e inclinou a cabeça, estranhando o marido. – Você está abatido, meu amor.

– Você parece mesmo um tanto cansado – concordou Millie, levantando-se. – Sente-se aqui, vou pegar uma boa xícara de café.

– Ele precisa é de um *ginger ale* – prescreveu Hugh. – É a melhor coisa para curar ressaca.

– Todos nós exageramos. – Rob deu uma golada na bebida. – Eu mesmo estou me sentindo meio oco. A comida ajudou.

– Não quero comer nada por enquanto. – Ele aceitou o *ginger ale* que Millie lhe ofereceu, murmurou um agradecimento e deu um gole, receoso. – Acho que vou tomar um ar lá fora, arejar a cabeça. E lembrar por que estou velho demais para beber até amanhecer.

– Fale por você – comentou Rob, que, embora também estivesse um pouco pálido, mordeu um pãozinho.

– Eu sempre vou estar quatro minutos à sua frente.

– Três minutos e 43 segundos.

Ross enfiou os pés nas galochas, vestiu uma jaqueta grossa e, pensando na dor de garganta, enrolou um lenço no pescoço e colocou um boné. Saiu para o ar frio e fresco levando consigo a caneca grossa que Millie lhe dera.

Tomou um gole da bebida forte e escaldante. Quando se pôs a andar, Bilbo, o labrador preto, veio acompanhá-lo. Depois de muito caminhar, sentia-se mais equilibrado. Ressacas podiam ser horrorosas, pensou, mas não duravam muito. E ele se recusava a passar suas últimas horas na Escócia lamentando ter exagerado no uísque e no vinho.

Uma ressaca não poderia estragar um passeio estimulante pelo campo na companhia de um bom cão.

Viu-se cruzando o campo onde derrubara o último faisão da caçada. E chegava perto do pequeno círculo de pedras.

Seria aquilo, na grama pálida do inverno que crescia sob uma película de neve, o sangue da ave? Era preto?

Não quis se aproximar, não quis ver. Quando se virou, ouviu um farfalhar.

O cachorro rosnou baixinho quando Ross se virou para olhar para o bosque de velhas árvores retorcidas mais à frente. Algum animal, pensou ele, com um novo arrepio. Podia ouvir algo se movendo. Ouvia um farfalhar.

É só um cervo, disse a si mesmo. Um cervo ou uma raposa. Talvez alguém fazendo trilha.

Mas o cachorro arreganhou os dentes e os pelos de suas costas se eriçaram.

– Olá? – gritou Ross, mas ouviu apenas o ardiloso ruído de movimento. – É o vento – declarou, com firmeza. – É só o vento.

Mas sabia, assim como o menino que um dia fora, que não era.

Recuou vários passos, os olhos atentos às árvores.

– Vamos, Bilbo. Vamos voltar para casa.

Virando-se, ele começou a se afastar rapidamente, sentindo um aperto no peito. Então olhou para trás e viu o cão parado, ainda tenso, o pelo arrepiado.

– Bilbo! Venha! – Ross bateu palmas. – Agora!

O cachorro virou a cabeça para ele, e por um instante seus olhos ficaram quase ferais, selvagens. De repente ele saiu trotando na direção de Ross, a língua balançando alegremente.

Ross manteve o passo acelerado até cruzar todo o campo. Então colocou a mão um pouco trêmula na cabeça do cachorro.

– Pois é, somos dois idiotas. Isso fica entre nós.

A dor de cabeça havia diminuído ligeiramente quando ele voltou à casa, e seu estômago, mais sereno, dava sinais de que já conseguiria ingerir algumas torradas com chá.

Certo de que o pior havia passado, ele se sentou com os outros homens para assistir na TV a uma partida de algum esporte, mas foi levado por um sono entrecortado por pesadelos.

O cochilo ajudou, e a sopa que tomou no jantar lhe pareceu sublime. Ele arrumou suas malas enquanto Angie fazia as dela.

– Vou dormir cedo – avisou à esposa. – Estou um caco.

– Você parece... abatido. – Angie tocou o rosto dele. – Está um pouco quente.

– Acho que estou ficando resfriado.

Rapidamente, Angie foi até o banheiro, remexeu nos armários e voltou com dois comprimidos muito verdes e um copo d'água.

– Tome isto e vá para a cama. Também vai ajudar você a dormir, é um antigripal próprio para tomar à noite.

– Você pensa em tudo. – Ross os engoliu. – Diga aos outros que os verei de manhã.

– Durma um pouco.

Ela o colocou na cama, fazendo-o sorrir. Deu-lhe um beijo na testa.

– Acho que está um pouco febril.

– Amanhã vou estar melhor.

– Muito bem.

Pela manhã, Ross achou que estava melhor. Não cem por cento – aquela dor de cabeça chata e persistente tinha voltado e ele estava com o intestino solto –, mas tomou um bom café da manhã: mingau e café bem forte.

Uma última caminhada e o esforço de colocar a bagagem no carro ativaram sua circulação. Deu um abraço de despedida em Millie e Hugh.

– Venham a Nova York na primavera.

– É uma boa. Nosso Jamie pode cuidar das coisas por aqui por alguns dias.

– Diga tchau a ele por nós.

– Pode deixar. Ele deve estar chegando, mas...

– O avião nos aguarda – completou Rob. Era sua vez de dar os abraços.

– Ah, vou sentir falta de vocês... – comentou Millie, puxando as duas mulheres para si. – Façam uma boa viagem e se cuidem.

– Venham nos visitar! – gritou Angie ao entrar no carro. – Amo vocês!

Ela jogou um beijo enquanto o automóvel deixava a fazenda MacLeod pela última vez.



Devolveram o carro, infectando o funcionário da locadora e o empresário que o alugou em seguida. Infectaram, pela gorjeta, o carregador que pegou suas malas. Quando chegaram ao aeroporto e atravessaram a segurança, no mínimo duas dúzias de pessoas haviam sido contaminadas.

Outras mais na sala VIP, onde tomaram Bloody Marys e lembraram momentos felizes da viagem.

– Está na hora, Jayne. – Rob se levantou. Trocou abraços e tapinhas nas costas com o irmão, depois abraços e beijos no rosto com Angie. – A gente se vê semana que vem.

– Me mantenha informado sobre a conta de Colridge – pediu Ross.

– Pode deixar. O voo para Londres é curto, então, se surgir alguma informação importante, já a terá recebido quando desembarcar em Nova York. Descanse um pouco no avião. Você ainda está bem pálido.

– Você também parece um pouco cansado.

– Vou me recuperar – garantiu Rob, e, com a pasta em uma das mãos, fez com a outra um rápido aceno para seu gêmeo. – Até breve, mano.

Rob e Jayne MacLeod levaram o vírus para Londres. No caminho, eles o transmitiram a passageiros que seguiriam para Paris, Roma, Frankfurt, Dublin e muitos outros destinos. Em Heathrow, o que viria a ser conhecido como a Catástrofe se espalhou para passageiros com destino a Tóquio e Hong Kong, a Los Angeles e Washington D.C. e a Moscou.

O taxista que os conduziu ao hotel, pai de quatro filhos, levou o vírus para casa e condenou toda a família durante o jantar.

A recepcionista do Dorchester os atendeu com alegria durante o check-in. Uma alegria genuína. Afinal, no dia seguinte partiria para uma semana

inteira de férias em Bimini.

Ela levou a Catástrofe.

Naquela noite, quando foram jantar com o filho, a nora e o sobrinho e sua esposa, eles espalharam a morte para mais membros da família, aumentaram sua disseminação com a generosa gorjeta oferecida ao garçom.

Mais tarde, de volta ao hotel, Rob atribuiu a dor de garganta, a fadiga e o enjoo a alguma virose que pegara do irmão – não estava errado – e tomou um antigripal para melhorar.



No voo através do Atlântico, Ross tentou ler um livro, mas não conseguiu se concentrar. Recorreu então à música, na esperança de que o fizesse adormecer. Ao seu lado, Angie se entretinha com um filme, uma comédia romântica tão leve e doce quanto o champanhe em sua taça.

No meio da viagem, ele acordou com uma crise de tosse tão violenta que Angie na mesma hora começou a lhe dar tapinhas nas costas.

– Vou pegar água para você – ofereceu ela, mas ele balançou a cabeça e levantou a mão, recusando.

Ross tirou o cinto de segurança às pressas e se levantou para ir ao banheiro. Com as mãos apoiadas na pia, cuspiu um catarro amarelo e espesso que parecia sair como fogo de seus revoltos pulmões. Nem conseguiu recuperar o fôlego, pois a tosse o acometeu novamente.

Enquanto botava para fora mais catarro e um leve vômito, veio-lhe à mente uma lembrança ridícula de Ferris Bueller especulando se expeliria o pulmão inteiro.

Nesse momento, uma cólica terrível mal lhe deu tempo de baixar as calças. Agora, parecia que expelia o intestino, o suor brotando no rosto. Tonto, apoiou a mão na parede e fechou os olhos enquanto seu corpo se esvaziava brutalmente.

Quando as cólicas diminuíram e a tontura passou, quase chorou de alívio. Exausto, ele se limpou, bochechou um pouco de enxaguante bucal e

jogou água fria no rosto. E se sentiu melhor.

Avaliou o próprio rosto no espelho: continuava com os olhos meio fundos, mas achou que estava apresentável. Deduziu que havia eliminado o vírus terrível que se instalara dentro dele.

Quando saiu do banheiro, a chefe de cabine o encarou com preocupação.

– Está tudo bem, Sr. MacLeod?

– Acho que sim. – Ligeiramente envergonhado, ele deu uma piscadela e brincou: – Excesso de *haggis*.

Ela riu por educação, sem imaginar que em menos de 72 horas estaria tão violentamente doente quanto ele.

Angie o fez se sentar em sua poltrona na janela.

– Você está bem, querido?

– Sim, sim. Acho que agora estou.

Depois de um estudo crítico da aparência do marido, ela afagou a mão dele.

– Está com uma cor melhor. Que tal um chá?

– É, pode ser.

Ele tomou alguns goles de chá e recuperou um pouco o apetite, o suficiente para experimentar a caçarola de frango do cardápio. Uma hora antes de aterrissar, teve outro acesso de tosse, vômito e diarreia, mas o considerou menos intenso que o anterior.

Precisou da ajuda de Angie para passar pela alfândega e pelo controle de passaportes e para empurrar o carrinho com a bagagem até o local onde o motorista do serviço de transporte os aguardava.

– Que bom revê-los! Deixe que eu levo isso, Sr. Mac.

– Obrigado, Amid.

– Como foi a viagem?

– Foi maravilhosa – respondeu Angie, enquanto passavam pela multidão no Aeroporto John F. Kennedy, em Nova York. – Mas Ross não está se sentindo muito bem. Ele pegou algum vírus esses dias.

– Que pena! Vou levá-los para casa o mais rápido que puder.

Para Ross, o percurso foi extenuante: andar do aeroporto até o carro, acomodar a bagagem, enfrentar o trânsito, caminhar até a bela casa no Brooklyn onde criaram dois filhos.

Mais uma vez, deixou que Angie cuidasse dos detalhes, grato pelo braço dela ao redor de sua cintura para aliviar o próprio peso, enquanto o guiava para o andar de cima.

– Você vai direto para a cama.

– Não vou discutir, mas quero tomar um banho primeiro. Sinto que... que preciso de um banho.

Ela o ajudou a se despir, despertando em Ross uma onda de ternura.

– O que eu faria sem você? – disse ele, apoiando a cabeça no peito da esposa.

– Nem tente descobrir.

O chuveiro lhe deu a sensação de estar no paraíso, fazendo-o ter certeza de que o pior realmente havia passado. Quando saiu e viu que Angie havia preparado a cama e colocado na mesa de cabeceira uma garrafa d'água, um copo de *ginger ale* e seu celular, seus olhos se encheram de lágrimas de gratidão.

Ela acionou o controle remoto para baixar as persianas.

– Beba um pouco da água, ou do *ginger ale*, para não ficar desidratado. E se você não estiver melhor pela manhã, vamos ao médico, entendido?

– Já estou melhor – afirmou Ross, mas obedeceu, tomando um pouco de *ginger ale* antes de se enfiar na cama com prazer.

Ela o ajeitou e colocou a mão em sua testa.

– Definitivamente, você está com febre. Vou pegar o termômetro.

– Mais tarde – pediu Ross. – Primeiro me deixe dormir um pouquinho.

– Vou estar lá embaixo se precisar de mim.

Ele fechou os olhos e suspirou.

– Só preciso dormir um pouco na minha cama.

Angie desceu, tirou do freezer um pouco de frango e a carcaça que reservara e começou a tarefa de colocá-lo sob água corrente para acelerar o descongelamento. Planejava fazer um panelão de canja, sua cura para

tudo. Faria bem a ela também, pois estava exausta e, sem que Ross visse, havia separado para si alguns remédios para dor de garganta.

Não havia necessidade de preocupá-lo quando ele já estava tão mal. Além disso, ela sempre fora mais resistente que ele; provavelmente ficaria bem antes que sintomas piores surgissem.

Acionou o viva-voz e ligou para a filha, Katie, com quem conversou alegremente enquanto providenciava o degelo do frango e um chá.

– Papai está por perto? Queria dar um oi para ele.

– Dormindo. Ele pegou alguma coisa lá na fazenda.

– Ah, não!

– Não se preocupe. Estou preparando uma canja, até sábado ele vai estar bem para o jantar. Mal podemos esperar para ver você e Tony. Ah, Katie, eu comprei as roupinhas mais lindas do mundo para os bebês! Ok, admito que não foram só *algumas* roupinhas lindas. Espere só para ver. Tenho que desligar agora. – Falar estava sendo uma tortura para sua garganta. – A gente se vê daqui a alguns dias. Por enquanto, não venha aqui, Katie. É sério, o que seu pai tem deve ser contagioso.

– Diga que estou torcendo para ele melhorar logo e peça para me ligar quando acordar.

– Pode deixar. Te amo, querida.

– Também te amo.

Angie ligou a TV da cozinha só para ter companhia e decidiu que uma taça de vinho poderia ajudá-la mais do que o chá. Tendo colocado o frango e a carcaça na panela, deu uma subida para checar o marido. Tranquilizada ao encontrá-lo ressonando de leve, desceu outra vez para descascar batatas e cenouras e cortar um pouco de aipo.

Concentrou-se na tarefa, deixando a tagarelice luminosa da TV lhe fazer companhia, e ignorou teimosamente a dor de cabeça que começava a assomar atrás dos olhos.

Se Ross melhorasse um pouco – e aquela febre cedesse –, ela o deixaria ficar na sala. E, por Deus, também vestiria um pijama, pois também estava se sentindo péssima. Queria se aconchegar a ele para tomarem a canja e verem TV juntos.

Cumpriu todo o processo de preparo da sopa como se estivesse ligada no automático, descartando os ossos, agora que já tinham cumprido seu papel, cortando a carne em pedaços generosos, acrescentando legumes, ervas, temperos e mais caldo de galinha.

Deixou o fogo baixo e subiu para ver Ross novamente. Não queria perturbá-lo, mas desejava ficar por perto, então entrou no antigo quarto da filha, que agora servia para os netos em visita. Em seguida, correu para o banheiro e vomitou a massa que comera no avião.

– Minha nossa, Ross, que *porcaria* foi essa que você pegou?

Apanhou o termômetro digital. Quando o aparelho soou, encarou os números com desânimo: 38,5 graus.

– Está decidido: vai ser canja na cama para nós dois.

Por ora, porém, tomou dois comprimidos de Advil e desceu para pegar um copo de *ginger ale* com gelo. Entrou de fininho no quarto para pegar uma blusa de moletom e uma calça de flanela – e meias grossas, pois sentia que calafrios se aproximavam – e voltou ao segundo quarto, onde trocou de roupa, deitou-se, puxou o belo edredom dobrado ao pé da cama e quase imediatamente adormeceu.

Mergulhou em sonhos com relâmpagos negros, com pássaros negros. Com um rio de águas vermelhas borbulhantes.

Acordou com um sobressalto, a garganta em chamas, a cabeça latejando. Aquilo tinha sido um grito? Enquanto tentava se desvencilhar do edredom, ouviu um baque.

– Ross!

O quarto girou quando ela se levantou de um salto. Xingando baixinho, correu para o outro cômodo. Foi sua vez de gritar.

Ross estava caído no chão, ao lado da cama, sofrendo convulsões. Havia uma poça de vômito, outra de excremento aquoso, e sangue em ambas.

– Meu Deus, meu Deus...

Correu para o marido, tentou virá-lo de lado – não era isso que se deveria fazer? Não sabia, não tinha certeza. Agarrou o celular dele na mesinha de cabeceira e ligou para a emergência.

– Preciso de uma ambulância. Preciso de ajuda. Meu Deus! – Passou o endereço. – Meu marido, meu marido... Ele está tendo uma convulsão. Está ardendo em febre, muita febre. Ele vomitou... vômito com sangue.

– A ajuda está a caminho, senhora.

– Depressa. Por favor, depressa.

CAPÍTULO 2

Jonah Vorhies, paramédico de 33 anos, sentiu o cheiro da sopa e desligou o fogo antes de tirar MacLeod da casa e colocá-lo na ambulância com a ajuda de sua colega Patti Ann.

A moça se sentou na cabine e ligou a sirene. Ele ficou atrás, tentando estabilizar o paciente, enquanto a esposa acompanhava tudo.

Ela manteve a linha, observou Jonah. Sem histeria. Quase podia ouvi-la desejando que o marido recobrasse a consciência.

Só que Jonah reconhecia a morte quando a via. Às vezes, podia senti-la. Ele tentava evitar – para não atrapalhar seu trabalho –, tentava bloquear isso. Por exemplo, em muitas ocasiões ele simplesmente *sabia* que aquele sujeito com quem havia cruzado na rua tinha câncer. Ou que o garoto passando de bicicleta sofreria uma queda naquela mesma tarde e acabaria com uma fratura incompleta no punho direito.

Às vezes, ele sabia até o nome do garoto, sua idade, onde morava.

O pressentimento podia chegar a esse grau de exatidão, de modo que foi uma espécie de jogo para ele durante algum tempo. Mas também o assustava, então ele parou com isso.

Com MacLeod, a sensação veio rápido e forte e não teve como bloquear. Pior ainda, veio com algo novo. Uma *visão*. As convulsões haviam parado quando ele e Patti Ann chegaram, mas, enquanto fazia seu trabalho e passava os detalhes para a parceira transmitir por rádio, Jonah viu o paciente rolando na cama, vomitando no chão. Pedindo ajuda antes de cair e começarem as convulsões.

Ele *viu* a esposa entrando às pressas, ouviu-a gritar. Assistiu a toda a cena como se em uma tela grande.

E não gostou nem um pouco disso.

Quando chegaram ao hospital, Jonah tentou a todo custo desligar aquela tela e fazer o possível para ajudar a salvar a vida do homem, que, como sabia, já se extinguiu.

Relatou em velocidade máxima os sinais vitais, os detalhes dos sintomas e os procedimentos de emergência realizados, enquanto a Dra. Rachel Hopman (tinha uma queda fortíssima pela médica) e sua equipe disparavam com o paciente para uma sala de atendimento.

Chegando lá, ele segurou pelo braço a esposa do paciente para que não atravessasse as portas duplas. E a soltou no instante seguinte, como se tivesse sido queimado, pois percebeu que ela também estava morta.

Ela disse apenas “Ross” e levou a mão à porta.

– Sra. MacLeod, aguarde aqui fora. A Dra. Hopman é a melhor, ela fará tudo o que puder pelo seu marido.

E, em breve, pela senhora. Mas não será suficiente.

– Ross... Eu preciso...

– Que tal a senhora se sentar? Quer um café?

– Eu... Não. – Ela pressionou a mão na testa. – Não, obrigada. Não. O que ele tem? O que aconteceu?

– A Dra. Hopman vai descobrir. Há alguém para quem possamos ligar?

– Meu filho está em Londres, volta só daqui a alguns dias. Minha filha... Ela está grávida de gêmeos. Não pode se preocupar. Ela ficaria preocupada. Tem minha amiga Marjorie.

– Quer que eu ligue para Marjorie?

– Eu... – Ela olhou para a bolsa que segurava, a que pegara automaticamente antes de sair, assim como agarrara o casaco e enfiara os sapatos. – Eu trouxe meu celular.

Ela o tirou da bolsa e ficou apenas olhando para o aparelho.

Jonah se afastou e chamou uma enfermeira.

– Alguém precisa cuidar dessa senhora – disse ele, apontando para Angie. – O marido dela está sendo atendido, e é grave. Acho que ela

também está doente.

– Temos muitos doentes por aqui, Jonah.

– Ela está com febre. Não sei a temperatura. – Só que ele sabia: 38,5 graus e subindo. – O paciente está com febre também. Tenho que voltar para a ambulância.

– Tudo bem, vou dar uma olhada nela. É muito grave? – indagou a enfermeira, apontando com o queixo para a sala de atendimento.

Contra a sua vontade, Jonah olhou lá para dentro e viu a mulher que ele não tivera coragem de convidar para sair consultar a hora no relógio.

– Muito – foi tudo o que respondeu.

E escapou antes que Rachel sáísse para contar à esposa que seu marido morrera.

Do outro lado do East River, em um loft no Chelsea, Lana Bingham gritou, elevando-se no orgasmo longo e contínuo. Quando o grito se tornou gemido, e o gemido se tornou suspiro, seus dedos soltaram o lençol para que pudesse abraçar Max enquanto ele gozava.

Ela suspirou novamente, uma mulher plena, livre e satisfeita com o peso de seu amante sobre si, o coração dele ainda em pulsação alucinada contra o dela. Lana passou os dedos, agora de maneira preguiçosa, pelos cabelos escuros do amado. Provavelmente precisavam de um corte, mas ela gostava assim, compridos, quando era possível enrolar as pontas nos dedos.

Seis meses desde que haviam ido morar juntos, pensou ela, e ficava melhor a cada dia.

No silêncio que se seguiu, ela fechou os olhos e suspirou de novo.

Então gritou, quando algo intenso e maravilhoso irrompeu através dela, dentro dela, sobre ela. Mais forte que o orgasmo, mais profundo e com um misto feroz de prazer e choque que ela nunca seria capaz de descrever. Como uma explosão de luz, um raio em seu cerne, uma flecha flamejante acertando seu coração e irradiando por seu corpo inteiro. Quase sentiu o sangue cintilar.

Sobre ela, e ainda dentro dela, Max estremeceu. Ela o ouviu respirar fundo quando, por um instante, ele se enrijeceu novamente.

Então tudo se acalmou, suavizando-se até se transformar em um simples brilho atrás dos olhos dela, que também desapareceu.

Max se ergueu nos cotovelos e olhou para ela à luz de uma dúzia de velas bruxuleantes.

– O que foi isso?

Ainda um pouco aturdida, ela soltou o ar demoradamente.

– Não sei. O maior tremor pós-coito do mundo?

Ele riu, roçou os lábios nos dela.

– Acho que vamos ter que comprar outra garrafa daquele vinho novo.

– Uma caixa inteira. Uau. – Ainda sob ele, Lana se espreguiçou, esticando os braços para trás. – Estou me sentindo incrível!

– Você é incrível. Minha bruxinha linda...

Foi a vez de ela rir. Lana sabia, assim como ele, que era, na melhor das hipóteses, uma amadora. E estava totalmente satisfeita em permanecer dessa forma, experimentando pequenos feitiços e rituais com velas, celebrando as festividades.

Desde que conhecera Max Fallon, em um festival de solstício de inverno, e se apaixonara por ele – perdidamente – antes da Ostara, ela fizera algumas tentativas de atuar mais seriamente na Arte.

Mas não tinha a faísca e, para ser honesta, conhecia poucos que a tivessem. A maioria – talvez todos – dos que encontrava em festivais, rituais e encontros eram apenas amadores como ela. E alguns eram apenas um pouco malucos, em sua opinião. Outros eram obcecados.

Uns tantos podiam até ser perigosos se realmente tivessem poder.

E havia também, ah, sim, havia Max.

Ele tinha a tal faísca. Afinal, ele acendia as velas do quarto com um mero sopro – algo que sempre a excitava. E, se realmente se concentrasse, conseguia fazer pequenos objetos levitarem.

Uma vez, ele fizera uma xícara cheia de café atravessar a cozinha flutuando e pousar no balcão, bem diante dela.

Impressionante.

E ele a amava. Esse era o tipo de magia que importava para Lana, acima de tudo.

Ele a beijou de novo e rolou para o outro lado na cama. Pegou uma vela apagada.

Lana revirou os olhos e deu um gemido exagerado.

– Você sempre se sai melhor quando está relaxada. – Ele a olhou de cima a baixo. – Parece relaxada agora.

Ela estava deitada confortavelmente nua, os braços atrás da cabeça, os longos cabelos cor de caramelo espalhados no travesseiro. Os lábios cheios, curvados em um meio sorriso.

– Mais relaxada do que agora, só se eu estivesse inconsciente.

– Tente, então. – Ele pegou a mão dela e beijou seus dedos. – Foco. A luz está em você.

Ela queria que estivesse só porque ele queria. E, como odiava decepcioná-lo, sentou-se e jogou os cabelos para trás.

– Está bem.

Preparando-se, fechou os olhos e estabilizou a respiração. Tentou, como ele *tentara* lhe ensinar, instigar a luz que ele acreditava haver dentro dela.

Estranhamente, pensou ter sentido algo se agitar em seu interior e, surpresa, abriu os olhos e soprou.

O pavio se acendeu.

Ela ficou boquiaberta, enquanto ele sorria de orelha a orelha.

– Veja só! – exclamou Max, com orgulho.

– Eu... Mas eu nem... – Ela já havia conseguido acender velas algumas vezes, mas só depois de alguns minutos em extrema concentração. – Eu nem estava pronta para... Foi você.

Achando graça e, no fundo, um pouco aliviada, ela enfiou o dedo no peito dele.

– Tentando aumentar minha autoconfiança, é?

– Não fui eu. – Ele colocou a mão livre no joelho dela. – Eu não faria isso, e nunca vou mentir para você. Foi a sua luz, Lana.

– Mas eu... Jura que não foi você? Você não me deu nenhuma, sei lá, uma mãozinha?

– Foi você. Tente de novo.

Ele apagou a vela e, dessa vez, colocou-a nas mãos dela.

Agora estava nervosa. Fechou os olhos, mais para se acalmar do que qualquer outra coisa, mas, quando pensou na chama, em acendê-la, sentiu aquela *elevação* dentro de si. Quando abriu os olhos, simplesmente pensou na chama e ela surgiu.

– Meu Deus. – Seus olhos, de um azul vívido como o verão, refletiam a luz bruxuleante. – Eu realmente fiz isso.

– O que você sentiu?

– Foi... como se algo estivesse subindo por dentro. Subindo, crescendo, não sei direito. Max, parecia natural. Não foi um grande clarão e *bum*. Foi, bem, como respirar. E também... um pouco assustador. Isso fica entre a gente, está bem?

Ela o encarou através da luz.

Viu o orgulho e o interesse naquele rosto bonito e poético, com maçãs do rosto acentuadas e expressão desmazelada, pois ele passara o dia sem se barbear.

Ela viu ambos nos olhos dele, de um acinzentado puro à luz das velas.

– Não escreva sobre isso nem nada. Pelo menos até termos certeza de que não foi apenas sorte, uma coisa que só acontece uma vez.

– Uma porta se abriu dentro de você, Lana. Eu vi isso nos seus olhos, assim como vi seu potencial logo que nos conhecemos. Mesmo antes de amar você, eu vi. Se é o que você quer, então que fique entre nós.

– Ótimo. – Ela se levantou e colocou sua vela ao lado da dele. Um símbolo de sua comunhão, pensou. Então se virou, a luz das chamas dançando atrás dela. – Eu te amo, Max. Essa é a minha luz.

Ele se levantou, ágil como um gato, e a abraçou.

– Não posso imaginar o que seria da minha vida sem você. Quer mais vinho?

Lana inclinou a cabeça para trás.

– Isso é uma indireta?

Ele sorriu e a beijou.

– Pensei em tomarmos mais vinho e pedirmos comida, pois estou morrendo de fome. Aí então vamos tratar das indiretas.

– Eu topo. Posso cozinhar também.

– É claro que pode, mas você passou o dia todo fazendo isso. É sua noite de folga. Nós combinamos de sair...

– Prefiro ficar em casa. Com você.

Muito mais, pensou ela.

– Tudo bem. O que está com vontade de comer?

– Me surpreenda – respondeu ela, virando-se para pegar do chão a calça preta e a camiseta que usava sob o avental de chef, quer dizer, *sous chef*, e que ele havia arrancado quando ela chegara em casa.

– Fiz dois turnos duplos essa semana, então vou adorar ficar em casa e comer alguma coisa, qualquer coisa, preparada por outra pessoa.

– Combinado. – Ele vestiu a calça jeans e o suéter escuro que usara para trabalhar: escrevia em seu escritório, no próprio loft. – Vou abrir o vinho, e o resto vai ser surpresa.

– Já volto – prometeu Lana, indo até seu armário.

Quando foram morar juntos, ela tentou limitar seu espaço a metade do armário, mas... adorava roupas, adorava moda. E, como passava boa parte do tempo de dólmã branco e calça preta, permitia-se usar coisas bonitas fora do trabalho.

O casual também pode ser bonito, pensava, até um pouco romântico para uma noite em casa. Escolheu um vestido azul-marinho com detalhes em vermelho que ia até logo abaixo dos joelhos. E já tinha em mente sua própria surpresa para quando chegassem à parte da indireta.

Depois de se vestir, ela avaliou o rosto no espelho. A luz de velas a favorecia, mas... colocou as mãos no rosto e fez um leve feitiço – era um dom seu, desde a puberdade.

Muitas vezes ela se perguntava se a centelha que talvez possuísse não era resultado da vaidade, mais do que de um poder real.

Mas isso não lhe trazia nenhum conflito. Não se envergonhava nem um pouco por ser ou se sentir mais bonita do que poderosa. Ainda mais

considerando que havia conquistado um homem como Max, fosse lá qual fosse a proporção de cada qualidade.

Quando já ia saindo, lembrou-se das velas.

– Cuidado com o fogo – murmurou, e voltou para apagá-las.

Parou, refletiu. Se era capaz de acendê-las, conseguiria *apagá-las*?

– É apenas o contrário, certo?

Dizendo isso, pensando nisso, ela apontou para uma, na intenção de se aproximar e tentar.

A chama se apagou.

– Ah... Uau.

Fez menção de chamar Max, mas então lhe ocorreu que ele provavelmente ficaria animado com aquilo e eles acabariam praticando e estudando em vez de terem um jantar tranquilo.

Então, apenas passou de uma vela para a outra na mente, até o quarto ficar às escuras. Lana não conseguia explicar o que sentia ou como aquela porta que Max mencionara havia se aberto de repente.

Algo a se pensar mais tarde, decidiu.

Precisava daquele vinho.

Enquanto Lana e Max se deliciavam com a bebida – e um aperitivo de queijo brie derretido em torradas de baguete, que Lana não resistiu a preparar –, Katie MacLeod Parsoni corria para um hospital no Brooklyn.

As lágrimas ainda não haviam chegado porque ela não acreditava, recusava-se a acreditar, que o pai morrera e que a mãe, de uma hora para outra, ficara tão enferma a ponto de ir para a UTI.

Com a mão na barriga e o braço do marido envolvendo sua cintura (agora inexistente), ela seguiu a sinalização até chegar ao elevador que conduzia à Unidade de Terapia Intensiva.

– Isso não está acontecendo. Só pode ser um engano. Sério, falei com minha mãe faz poucas horas. Papai não estava bem... um resfriado, sei lá... e ela estava preparando uma canja...

Ela repetira a mesma coisa várias e várias vezes no caminho para o hospital. Tony apenas mantinha o braço em torno dela.

– Vai ficar tudo bem – comentou ele, sem conseguir pensar em mais nada para dizer.

– Só pode ser um engano – repetiu ela.

Entretanto, quando chegaram à enfermaria, ela não conseguiu pronunciar uma única palavra. Nada saía. Ela olhou para Tony em total impotência.

– Fomos avisados de que Angie, quer dizer, Angela MacLeod, deu entrada aqui. Esta é a filha dela, Kathleen... minha esposa, Katie.

– Preciso ver minha mãe. Eu preciso vê-la. – Algo nos olhos da enfermeira fez o pânico borbulhar na garganta de Katie. – Preciso ver minha mãe! Quero falar com a Dra. Hopman. Ela disse que... – Mas não conseguiu terminar a frase.

– O Dr. Gerson está cuidando de sua mãe – explicou a enfermeira.

– Não me interessa o Dr. Gerson, quero ver minha mãe! Quero falar com a Dra. Hopman.

– Calma, Katie, calma. Você precisa se acalmar. Pense nos bebês.

– Vou entrar em contato com a Dra. Hopman. – A enfermeira deu a volta no balcão. – Por que não espera aqui? Sente-se. Com quantos meses a senhora está?

– Vinte e nove semanas e quatro dias – informou Tony.

Nesse momento, as lágrimas enfim brotaram, gotas lentas descendo pelo rosto dela.

– Você conta os dias também – Katie conseguiu dizer.

– Claro, meu amor. Claro que eu conto os dias. Vamos ter gêmeos – informou ele à enfermeira.

– Isso é ótimo – elogiou ela, sorrindo, mas ficou séria quando se virou para voltar ao balcão.

Rachel respondeu à mensagem o mais rápido possível – e entendeu a situação assim que viu o casal. Estava prestes a ter uma grávida enlutada sob seus cuidados.

Ainda assim, que bom que havia chegado antes de Gerson. Ele era um excelente clínico, mas, às vezes, sua falta de tato beirava a grosseria.

A enfermeira da recepção assentiu para Rachel. Tomando coragem, ela se aproximou do casal.

– Olá, sou a Dra. Hopman. Sinto muito pelo seu pai.

– É um engano.

– A senhora é Katie?

– Sou Katie MacLeod Parsoni.

– Katie – começou Rachel, sentando-se –, fizemos tudo o que estava ao nosso alcance. Sua mãe também: ela chamou ajuda e o trouxe o mais rápido possível. Mas a condição dele já estava muito avançada.

Os olhos de Katie, do mesmo tom verde-escuro dos da mãe, fixaram-se nos de Rachel. Imploraram.

– Ele estava gripado... alguma virose qualquer... Minha mãe estava fazendo canja para ele.

– Sua mãe não conseguiu nos dar muitas informações. Eles estavam na Escócia, certo? Você não viajou com eles?

– Estou em repouso relativo.

– Gêmeos – esclareceu Tony. – Vinte e nove semanas e quatro dias.

– Sabe me dizer em que parte da Escócia?

– Em Dumfries. Que importa isso? Cadê minha mãe? Preciso ver minha mãe.

– Ela está em isolamento.

– O que isso significa?!

Rachel mudou de posição, seu olhar tão calmo e firme quanto sua voz.

– É uma precaução, Katie. Se ela e seu pai contraíram uma infecção contagiosa ou um passou para o outro, temos que nos prevenir contra a contaminação. Posso deixar que a veja por alguns minutos, mas você precisa estar preparada: ela está muito doente. Você vai ter que usar máscara, luvas e avental de proteção.

– Não me importa o que eu tiver que usar, preciso ver minha mãe.

– Você não poderá tocá-la – acrescentou Rachel. – E só vai poder vê-la por alguns minutos.

– Eu vou com a minha esposa.

– Tudo bem. Mas antes preciso que me informem tudo o que puderem sobre o tempo que eles passaram na Escócia. Sua mãe falou que só voltaram hoje e que estavam lá desde o dia 26. Sabe se seu pai estava doente antes de viajarem?

– Não, não, ele estava bem. Comemoramos o Natal aqui. Sempre vamos para a fazenda no dia seguinte, todos nós, mas eu não pude ir porque estou impedida de viajar no momento.

– Vocês conversaram enquanto eles estavam fora?

– Claro. Quase todos os dias. Estou lhe dizendo, eles estavam bem. Pode perguntar ao tio Rob... é o irmão gêmeo do meu pai. Estavam todos lá, e bem. Pode perguntar a ele. Ele está em Londres.

– Pode me dar seu número de contato?

– Eu vejo aqui – disse Tony, segurando a mão de Katie. – Tenho todos os contatos e posso lhe passar os que forem necessários, mas agora Katie precisa ver a mãe dela.

Quando os dois já estavam paramentados, Rachel tentou prepará-los emocionalmente:

– Estamos tratando na sua mãe desidratação e febre alta.

Rachel parou em frente à sala com parede de vidro. Era uma mulher de traços delicados, com o que teria sido uma explosão de cachos pretos se não estivessem impiedosamente presos. O cansaço nublava seus olhos castanho-escuros, mas seu tom de voz permanecia firme.

– A cortina de plástico é para proteger de infecções.

Katie pôde apenas olhar através do vidro e do plástico para a mulher dentro da sala, na estreita cama de hospital.

Apenas uma sombra da minha mãe, pensou.

– Mas eu acabei de falar com ela. Acabei de falar com ela.

Ela agarrou a mão de Tony e entrou.

Os monitores emitiam bipes regulares. Linhas e picos verdes atravessavam as telas. Algum tipo de exaustor zumbia como um enxame de vespas. Acima de tudo aquilo, ela ouvia a respiração chiada da mãe.

– Mãe? – chamou ela, mas Angie nem se mexeu. – Ela está sedada?

– Não.

Katie pigarreou e tentou de novo, mais alto e mais firme:

– Mãe, é Katie. Mãe.

Angie se mexeu, gemeu.

– Cansada, muito cansada... Fazer a sopa... Doente, estou doente... Mamãe, eu quero meu pijama de cordeirinho... Não posso ir à escola hoje...

– Mamãe, é Katie.

– Katie, Katie... – Sobre o travesseiro, a cabeça de Angie virou para a direita, a esquerda, a direita, a esquerda. – Mamãe está mandando Katie trancar a porta. Tranque a porta, Katie. – Seus olhos se abriram, brilhantes por causa da febre, e percorreram o quarto. – Não deixe entrar. Está ouvindo, nos arbustos? Katie, tranque a porta!

– Não se preocupe, mãe. Não se preocupe.

– Está vendo os corvos? Todos aqueles corvos voando em círculos?

O olhar brilhante e cego pousou sobre Katie – e nele surgiu algo que ela reconheceu como sua mãe.

– Katie. Minha filhinha.

– Estou aqui, mãe. Bem aqui.

– Seu pai e eu não estamos muito bem. Vamos ficar na cama tomando canja e vendo TV.

– Fazem bem. – O choro subiu à garganta de Katie, mas ela o engoliu com palavras: – Você vai melhorar logo. Te amo.

– Você tem que segurar minha mão para atravessar a rua. É muito importante olhar para os dois lados.

– Eu sei.

– Você ouviu isso?! – A respiração de Angie se acelerou, sua voz se tornou um mero sussurro. – Tem algum bicho nos arbustos. Algum bicho de tocaia.

– Não tem nada lá, mãe.

– Tem, sim! Eu te amo, Katie. Te amo, Ian. Meus filhos queridos.

– Também te amo, mãe – disse Tony, entendendo que ela o confundira com o irmão de Katie, e repetiu: – Eu te amo. – Porque realmente amava a sogra.

– Vamos fazer um piquenique no parque mais tarde, mas... Não, não, a tempestade está vindo. Está vindo junto. Raios vermelhos, tudo queima e sangra... Fugam! – Ela levantou o corpo. – Fugam!

Angie foi tomada por uma crise de tosse violenta, que pulverizou saliva e catarro na cortina.

– Tirem-na da sala! – ordenou Rachel, apertando o botão para chamar o enfermeiro.

– Não! Mãe!

Sob os protestos de Katie, Tony a arrastou para fora.

– Eu sinto muito. Sinto muito, mas você precisa deixar que eles a ajudem. Venha. – As mãos dele tremiam enquanto a ajudava a tirar o avental. – Devemos tirar tudo isso aqui, lembra?

Ele tirou as luvas da esposa e as suas próprias, descartando-as. Um enfermeiro chegou para ajudá-los.

– Você precisa se sentar, Katie.

– O que minha mãe tem, Tony? Ela falou coisas sem sentido.

– Deve ser a febre. – Ele a conduziu até as cadeiras, sentindo-a tremer contra seu corpo. – Eles vão fazer a febre baixar.

– Meu pai morreu! Ele morreu, e não consigo pensar nele. Tenho que pensar nela. Mas...

– Isso mesmo. – Ele manteve o braço em volta da esposa, puxou a cabeça dela para seu ombro, acariciou seus cabelos castanhos cacheados. – Precisamos pensar nela. Ian vai vir assim que puder, já deve estar a caminho. E ele também vai precisar de nós, principalmente se Abby e as crianças não puderem vir... Talvez ele não consiga passagens para todos.

Continue falando, pensou Tony, continue falando para afastar a mente de Katie do que acabou de acontecer atrás daquela terrível cortina de plástico.

– Lembra que ele enviou uma mensagem avisando que iria de trem para Dublin e de lá pegaria um avião? Você se lembra? E ele está tentando encontrar um voo para Abby e as crianças.

– Ela pensou que você fosse Ian. Ela te ama, Tony.

– Eu sei. Está tudo bem. Eu sei.

- Sinto muito.
- Ora, que bobagem, Katie.
- Não, eu sinto muito. Estou tendo contrações.
- O quê? Quantas?
- Não sei. Não sei, mas estou tendo. Estou me sentindo...

Quando ela desmaiou na cadeira, ele a amparou. De pé, segurando a esposa e os bebês e sentindo o mundo desmoronar, Tony pediu ajuda.

Katie foi internada e, depois de uma hora de tensão, as contrações pararam. O calvário que se seguiu àquele pesadelo e a determinação de manter Katie no hospital, em repouso e em observação, deixaram ambos esgotados.

– Vamos fazer uma lista do que você quer que eu traga de casa, e eu vou correndo buscar. Vou passar a noite aqui com você.

– Não consigo raciocinar direito.

Embora seus olhos ardessem, Katie não conseguia fechá-los.

Tony pegou a mão dela e a cobriu de beijos.

– Eu dou um jeito. Faça tudo o que o médico falou, viu? Você precisa descansar.

– Eu sei, mas... Tony, você pode ir lá? Pode ver como está minha mãe? Não vou conseguir descansar enquanto não souber dela.

– Tudo bem, mas não saia da cama nem fique saracoteando pelo quarto enquanto eu estiver fora.

Ela esboçou um sorriso.

– Juro solenemente.

Ele se levantou e se inclinou para depositar um beijo na barriga da esposa.

– E vocês aí dentro, comportem-se. Essas crianças... – Ele revirou os olhos para Katie. – Sempre apressadinhas.

Quando saiu, Tony se apoiou na porta, resistindo a uma poderosa necessidade de desabar. Katie era a durona do casal, pensou ele, a mais forte dos dois. Agora era a vez dele. Então, ele o seria.

Embora meio perdido na unidade de cuidados especiais (o lugar era um verdadeiro labirinto), conseguiu encontrar as portas que davam para a sala

de espera, a área das internações, os elevadores. Era melhor aprender logo o caminho, pois suspeitava que a temporada de Katie ali não seria tão breve.

Quando ia entrando no elevador, uma bela mulher negra, pequena, de jaleco branco e tênis Nike pretos saiu.

Tony a reconheceu.

– Dra. Hopman.

– Sr. Parsoni, como vai Katie?

– Pode me chamar de Tony. Ela está bem. Tentando descansar. Não teve mais contrações nessa última hora, e está tudo bem com os bebês. Querem mantê-la aqui pelo menos durante a noite, provavelmente por alguns dias. Ela quer saber da mãe, então estou indo lá.

– Por que não nos sentamos aqui?

Ele trabalhara na loja de equipamentos esportivos da família desde criança, agora gerenciava a matriz: sabia ler as pessoas.

– Não.

– Sinto muito, Tony. – A médica tomou seu braço e o guiou até as cadeiras. – Eu me ofereci para vir no lugar do Dr. Gerson, mas posso mandar chamá-lo se quiser falar com ele.

– Não, eu não o conheço, não é necessário. – Ele se sentou, baixou a cabeça entre as mãos. – O que está acontecendo? Não entendo nada. Como eles morreram?

– Estamos fazendo testes, procurando a natureza da infecção. Acreditamos que a tenham contraído na Escócia, uma vez que seu sogro começou a ter sintomas antes de voltar de lá. Katie contou que eles ficaram em uma fazenda, em Dumfries, correto?

– Sim, a fazenda da família. De um primo, na verdade. É um lugar maravilhoso.

– Um primo?

– Sim, Hugh, Hugh MacLeod. E Millie. Meu Deus, preciso contar a eles. E a Rob, Ian. O que vou dizer à Katie?

– Quer um café?

– Não, obrigado. Eu queria mesmo era uma bebida bem forte, mas... – Lembrando-se de que precisava ficar bem, enxugou as lágrimas. – Acho que vou me contentar com uma Coca.

Quando ele fez menção de se levantar, Rachel o impediu.

– Eu vou buscar. Comum?

– Sim.

Ela foi até a máquina automática, pegou uma moeda. *Uma fazenda, pensou. Porcos, galinhas. Seria uma cepa de gripe suína ou aviária?*

Não era sua área, mas decidiu buscar informações e passá-las adiante.

Entregou a bebida a Tony.

– Poderia ser muito útil se você nos passasse o contato de Hugh MacLeod e do irmão de Ross MacLeod.

A médica pegou os números e os gravou no celular. Do primo, do irmão gêmeo, do filho, até dos sobrinhos, já que Tony os oferecera.

– Fique com meu número. – Ela pegou o celular dele e adicionou o seu à lista de contatos. – Me ligue se houver algo que eu possa fazer. Está pensando em passar a noite aqui com Katie?

– Sim.

– Vou organizar isso para você. Sinto muito, Tony. Muito mesmo.

Ele soltou um longo suspiro.

– Ross e Angie eram... Eu os amava como se fossem meus próprios pais. É um consolo saber que estavam em boas mãos, sabe como é, que alguém cuidou bem deles no fim. Isso também será um consolo para Katie.

Ele voltou ao quarto da esposa, andando devagar, até errou o caminho de propósito para se dar mais tempo.

Quando entrou e a viu deitada encarando o teto, as mãos na barriga como se protegendo os bebês, ele soube o que fazer.

Pela primeira vez desde que se conheceram, mentiu.

– E então?

– Ela está dormindo. Você precisa fazer o mesmo. – Inclinando-se sobre a cama, ele a beijou. – Vou passar em casa correndo para buscar algumas coisas. A comida daqui deve ser horrível, então vou trazer uma

lasanha do Carmines. As crianças precisam comer. – Deu um tapinha na barriga dela. – E precisam de carne.

– Tem razão. Você é minha fortaleza, Tony.

– Você sempre foi a minha. Volto logo. Nada de festas enquanto eu estiver fora.

Os olhos dela brilharam, seu sorriso vacilou. Mas sua Katie sempre entrava na brincadeira.

– Já contratei os strippers.

– Não deixe que comecem sem mim.

Ele saiu, caminhou pesadamente até o carro. Começou a nevar, flocos tão finos e leves que ele mal sentia. Entrou na minivan que haviam comprado apenas duas semanas antes, já pensando na chegada dos gêmeos.

Com a cabeça no volante, chorou toda a sua dor.

CAPÍTULO 3

Ao fim da primeira semana de janeiro, o número oficial de mortes chegava a um milhão. A Organização Mundial da Saúde declarou que a pandemia se espalhava a uma velocidade nunca vista. Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças identificaram o vírus como uma nova cepa de gripe aviária, que se espalhava pelo contato entre humanos.

Só que ninguém era capaz de explicar por que as aves testadas não apresentavam sinais de infecção. Nenhuma das galinhas, perus, gansos, faisões ou codornas, confiscados ou capturados num raio de 100 quilômetros da fazenda MacLeod, revelava qualquer infecção.

Mas as pessoas – os MacLeods residentes na Escócia, seus vizinhos, os habitantes locais – morriam em massa.

Um detalhe que a Organização Mundial da Saúde e os outros órgãos oficiais mantiveram em absoluto segredo.

Na disputa por vacinas, as pessoas enfrentaram situações alarmantes e enlouquecedoras. Atrasos incitavam tumultos, saques, violência.

Não fazia diferença, uma vez que as vacinas se mostraram tão ineficazes quanto as curas fraudulentas ativamente vendidas pela internet.

Em todo o mundo, chefes de Estado pediam calma e ordem, prometiam assistência, anunciavam medidas.

Escolas suspenderam as aulas e inúmeras lojas fecharam as portas, pois a orientação geral era evitar contato interpessoal. A venda de máscaras cirúrgicas, luvas, remédios para gripe, álcool e desinfetantes disparou.

Tudo em vão. Tony Parsoni teria avisado, não houvesse morrido menos de 72 horas depois da sogra, no mesmo leito que ela ocupara.

Barreiras plásticas, luvas de látex, máscaras cirúrgicas? A Catástrofe zombava de todos e tinha prazer em espalhar seu veneno.

Na segunda semana do ano, o número de mortos ultrapassava dez milhões e não mostrava nenhum sinal de declínio. Apesar de sua doença ter sido abafada e sua morte mantida em segredo por quase dois dias, o presidente dos Estados Unidos também sucumbiu.

Chefes de Estado caíam como peças de dominó. Embora cercados de precauções, mostraram-se tão suscetíveis quanto os desabrigados, os desesperados, os fiéis e os ateus, os sacerdotes e os pecadores.

Quando alcançou a capital americana, na terceira semana da Catástrofe, a pandemia deixou mais de sessenta por cento dos membros do Congresso mortos ou moribundos, juntamente com mais de um bilhão de pessoas ao redor do planeta.

Com o governo em caos, o medo de novos atentados ressurgiu com força. Mas os terroristas estavam tão ocupados em morrer quanto todo o restante da população.

As áreas urbanas se transformaram em zonas de guerra, com as enfraquecidas forças policiais enfrentando os sobreviventes que viam o fim da humanidade como uma oportunidade para crimes e brutalidade. Ou lucro.

Por toda parte corriam rumores sobre estranhas luzes dançantes, sobre pessoas com habilidades inusitadas que curavam queimaduras sem pomada, que acendiam fogo em barris sem combustível, para se aquecer – ou apenas para ver as chamas se erguerem. Alguns afirmavam ter visto uma mulher atravessar uma parede, outros juravam ter testemunhado um homem levantar um carro com apenas uma das mãos – e, ainda, um terceiro que tinha dançado uma música inteira flutuando a centímetros do chão.

Viagens aéreas comerciais foram suspensas na segunda semana, na vã esperança de deter ou retardar a propagação da doença. A maior parte dos

que fugiram antes disso acabou morrendo longe de casa, de sua cidade, até de seu país.

Outros optaram por resistir, estocando suprimentos em casas e apartamentos – até mesmo em escritórios –, trancando portas e janelas, muitos até contratando guardas armados.

Esses tiveram o conforto de morrer na própria cama.

Aqueles que se trancaram dentro de casa e sobreviveram agarravam-se à cada vez mais esporádica cobertura dos noticiários, na esperança de um milagre.

Na terceira semana, novas informações eram tão preciosas quanto diamantes, e muito mais raras.

Arlys Reid não acreditava em milagres, mas acreditava no direito do público de se manter informado. Ela havia começado sua carreira em um telejornal matutino em Ohio, falando sobre fazendas e, vez ou outra, sobre feiras e festivais locais, mas agora era repórter de amenidades em uma afiliada de Nova York.

A mudança lhe rendeu popularidade, ainda que poucas oportunidades de trabalhar com as notícias mais importantes.

Aos 32 anos, seu objetivo era chegar à editoria nacional. Só não esperava que isso aconteceria por pura falta de opções. A voz firme e sóbria do âncora do *Evening Spotlight*, que transmitira o telejornal por duas décadas de crises mundiais, desaparecera já na primeira semana da pandemia. Um a um, na ordem da hierarquia, as opções foram se afunilando: o primeiro substituto morreu, o segundo fugiu e o terceiro teve um colapso emocional ao vivo.

Todas as manhãs, ao acordar – em seu apartamento em um pequeno prédio já quase vazio, a pouca distância do estúdio –, Arlys fazia um balanço de si mesma.

Não tinha febre, nem náuseas, nem cólicas, nem tosse, nem alucinações. Nem habilidades estranhas (embora não acreditasse nos rumores).

Alimentava-se do pouco que tinha estocado em casa. Em geral, cereal puro, uma vez que leite se tornara quase impossível de encontrar.

Escolhia roupas que lhe permitissem correr, pois descobrira que isso poderia ser necessário, mesmo em plena luz do dia, mesmo por poucos quarteirões. Carregava a bolsa enviesada no tronco; dentro, um revólver calibre .32 que encontrara na rua. Trancava a porta e saía.

Ao longo do caminho, caso se sentisse razoavelmente segura, tirava fotos com o celular. Havia sempre algo para documentar. Mais um corpo, mais um carro queimado, mais uma vitrine quebrada. Caso não houvesse, ela corria direto.

Arlys se mantinha em boa forma – já era um hábito – e podia acelerar se necessário. Na maioria das manhãs, as ruas permaneciam em um silêncio sombrio, vazias, exceto por carros abandonados e destroços. Os que vagueavam à noite à procura de sangue voltavam para suas cavernas antes do nascer do sol, como vampiros.

Ela entrava pela porta lateral. Tim, um dos seguranças, lhe dera um conjunto completo de chaves e cartões de acesso antes de desaparecer. Sempre usava as escadas, já que eram constantes as quedas de energia. Subir os cinco andares ajudava a compensar as cinco horas semanais que não passava na academia.

Não permitia mais que o silêncio ecoante do edifício a incomodasse. O refeitório e a cantina ainda tinham café. Antes de preparar, ela moía um pouco mais de grãos e guardava no saco de plástico que levava na bolsa. A quantidade dava para apenas um dia de cada vez – afinal, não era a única que ainda ia para o trabalho e precisava de uma boa injeção de ânimo.

Às vezes, Fredinha – a animada estagiária que, como ela, continuava a comparecer à emissora todos os dias – reabastecia o estoque. Arlys nunca questionava onde a ruivinha saltitante conseguia o café, as caixas de chocolate e os bolinhos.

Apenas apreciava a generosidade.

Nesse dia, ela encheu a garrafa térmica com café e escolheu um pequeno rocambole.

Com os dois nas mãos, foi até a redação. Poderia ter ocupado uma das salas individuais – havia várias disponíveis agora –, mas preferia a sensação de amplitude da redação.

Acionou os interruptores, viu as luzes piscarem sobre mesas vazias, telas pretas, computadores mudos.

Tentou não se preocupar com o dia em que fosse ligar os interruptores e nada acontecesse.

Como sempre, sentou-se à mesa que escolhera, cruzou os dedos e iniciou o computador. Em seu prédio, o wi-fi não funcionava fazia duas semanas, mas o da emissora resistia, em uma lentidão agonizante e caindo a todo momento. Arlys clicou para conectá-lo, despejou um pouco de café na caneca e se recostou para beber e esperar, sempre com os dedos cruzados.

– Lá vamos nós para mais um dia – disse em voz alta quando a tela se acendeu.

Clicou no ícone do e-mail, tomou um gole de café e esperou sua caixa de entrada abrir. Como fazia várias vezes ao dia, procurou algum e-mail dos pais, do irmão e dos amigos que tinha em Ohio. Fazia mais de uma semana que não conseguia telefonar nem mandar mensagens de texto. Na última vez em que conseguira falar com os pais, sua mãe lhe dissera que estavam bem. Mas sua voz parecia rouca e fraca.

Depois disso, nada. As chamadas não completavam, mensagens e e-mails continuavam sem resposta.

Enviou outro e-mail a todos eles:

Mandem notícias, por favor. Eu olho meu e-mail várias vezes por dia. Meu celular ainda está funcionando. Preciso saber como vocês estão. Enviem qualquer informação sobre como e onde estão. Estou preocupada.

Melly, se você receber este e-mail, por favor, vá ver como estão meus pais. Espero que você e sua família estejam bem. Arlys.

Clicou em ENVIAR e, como não havia mais nada que pudesse fazer, trancou as preocupações em um canto da mente e se pôs a trabalhar.

Havia trazido o *New York Times* e o *Washington Post*. As reportagens eram poucas, mas ainda era possível cavar alguma informação.

O ex-secretário de Estado – agora presidente, pela linha de sucessão – havia conversado, por videoconferência, com o secretário da Saúde, o novo diretor do Centro de Controle de Doenças (o anterior morrera no nono dia da pandemia) e com a recém-empossada chefe da OMS. Elizabeth Morrelli sucedera Carlson Track, que sucumbira à doença. Perguntas relacionadas aos detalhes da morte do Dr. Track não foram respondidas.

Arlys observou que Morrelli dera uma declaração prometendo uma nova vacina para combater o vírus H5N1-X, graças a esforços globais, a ser distribuída dentro de uma semana.

– Engraçado, isso foi o que Track disse dez dias atrás. Uma mentira contada em um bunker hermeticamente isolado continua sendo uma mentira.

Ela leu sobre um grupo de indivíduos que estava estocando comida, água e outros suprimentos em uma escola primária no Queens e que havia atirado em quem tentava invadir o local.

Cinco mortos, entre eles uma mulher com um bebê de 10 meses.

Na outra extremidade do espectro, uma igreja nos arredores de Maryland distribuía cobertores, rações militares, velas, pilhas e outros artigos essenciais.

Relatos de assassinatos, suicídios, estupros, mutilações. E um ou outro de heroísmo ou de simples atos de bondade.

Claro, havia relatos descabidos de pessoas que afirmavam ter visto criaturas com asas luminosas sobrevoando a vizinhança ou um homem empalando outro com dardos flamejantes que ele disparava da ponta dos dedos.

Havia notícias de que as Forças Armadas transportavam voluntários que acreditavam ser imunes para instalações onde seriam submetidos a testes. *Onde será que estão?*, Arlys perguntou a si mesma. Áreas inteiras sendo isoladas, sepultamentos em massa, bloqueios rodoviários, uma bomba incendiária atirada no gramado da Casa Branca.

O reverendo Jeremiah White, um pregador fanático, alegava que a pandemia era resultado da ira de Deus contra um mundo sem fé e

proclamava que os virtuosos só sobreviveriam se os ímpios fossem aniquilados.

Seu último grito fora: “Eles caminham entre nós, mas não são como nós. São como seres do inferno e devem ser conduzidos de volta ao fogo!”

Arlys fez anotações, acessou alguns sites. Mais pessoas se tornavam más a cada dia, pensou ela, enquanto navegava pela internet.

Checou as horas e abriu o Skype para se conectar com uma fonte na qual confiava mais do que em qualquer outra.

Ele deu seu sorriso largo quando surgiu na tela. Seus cabelos saltavam em todas as direções, uma aura branca igual à do Billy Idol ao redor de sua adorável cara de bobo.

– Oi, Chuck.

– Oi, Arlys! Tudo continua bem por aí?

– Sim, e você?

– Sadio, sagaz e sábio, como sempre. Perdeu mais alguém?

– Ainda não sei. Não vi ninguém hoje. Bob Barrett ainda não apareceu, Lorraine Marsh surtou ontem.

– É, eu vi.

– Vou assumir o noticiário da tarde, pois duvido que ela apareça aqui de novo. Ainda temos alguns a bordo. Carol está na cabine e Jim Clayton tem vindo nos últimos dez dias, por aí. É bem surreal o diretor vir trabalhar como iluminador ou qualquer outra função que esteja vaga. E Fredinha continua estocando a lanchonete, escrevendo algumas matérias, entregando mensagens e fazendo algumas entradas no ar.

– Ela é muito linda. Por que não me apresenta a ela?

– Com prazer. É só me passar seu endereço e eu a levo até aí.

Chuck abriu aquele sorriso de novo.

– Bem que eu queria, mas as paredes têm ouvidos. A porra do ar tem ouvidos. Seu hacker amigável do bairro precisa da Batcaverna.

– Batman não era amigável, era um psicopata brilhante. E o Homem-Aranha não tinha caverna.

Ele deu uma boa gargalhada.

– Por isso que eu sou seu maior fã: você me ensina sobre super-heróis. Qual foi a melhor notícia que você leu hoje?

– Da mulher nua cavalcando um unicórnio no SoHo.

– Cara, eu adoraria ver uma mulher nua, com ou sem unicórnio. Já faz um bom tempo.

– Eu não vou tirar a roupa para você, Chuck. Nem pela informação que você vai me dar.

– Somos amigos, Arlys. Amigos não precisam disso.

– Então, qual é a novidade?

O sorriso desapareceu.

– Pegou a contagem de hoje? – perguntou ele.

– Sim. – Tanto o *Times* quanto o *Post* traziam um total atualizado diário de óbitos oficiais. – São 1.500.322.416 mortes.

– Esse é o número oficial para a imprensa. O real ultrapassa os dois bilhões.

O coração dela deu um salto.

– Mais de dois bilhões? De onde você tirou esse número?

– Não posso revelar isso. Garanto que é real, Arlys, e está subindo muito mais depressa do que as pessoas encarregadas desse desastre estão dizendo.

– Mas... meu Deus, Chuck, é quase um terço da população mundial. Um terço da população mundial dizimado em semanas? – Abalada, ela anotou o número. – Isso sem contar os assassinatos, os suicídios, as mortes em acidentes, incêndios e tumultos, os que morreram por falta de abrigo...

– E vai ficar pior, Arlys. Está sabendo da saga da rotatividade de presidentes? Carnegie está fora.

– Defina “fora”.

– Morto. – Ele esfregou os olhos azuis e cautelosos no rosto com sardas. – O substituto foi empossado lá pelas duas da manhã: a secretária da Agricultura. Os que estavam à frente dela na fila já foram levados pela Catástrofe. Agora, uma mulher tipo fazendeira dirige o que sobrou do mundo livre. Se você revelar isso, os militares vão aparecer aí na sua porta.

– Eu sei. Vou destruir o computador do jeito que você me ensinou, caso decida levar a notícia ao ar. Agricultura... – Ela teve que procurar em suas anotações a lista que tinha feito. – Ela era a oitava na linha de sucessão.

Enquanto falava, Arlys riscou os nomes dos sete anteriores e viu que já tinha riscado vários dos próximos.

– Se ela não sobreviver, ficaremos com o secretário da Educação e depois dele não sobra mais ninguém – constatou.

– Minha flor, o governo já era. Não só aqui, mas em todos os lugares. Uma maneira terrível de nos livrarmos de ditadores imbecis, mas é melhor que nada. Coreia do Norte, Rússia...

– Espere aí. Kim Jong-un? Ele morreu? Quando?

– Há duas semanas. Alegam que está vivo, mas é mentira. O cara morreu mesmo. E essa não é a maior novidade. Já houve uma mutação, Arlys. Carnegie... presidente por um dia? Não, três dias. Ele apresentou umas feridas pelo corpo... e dentro de orifícios delicados... antes de exibir os sintomas esperados da Catástrofe. Estava isolado, vigilância total, faziam testes três vezes por dia, e mesmo assim foi contaminado.

– Se o vírus sofreu mutação...

– Voltamos aos dois bilhões que só crescem. O grande lance é o seguinte: eles não sabem que porcaria de doença é essa. Gripe aviária? Conversa fiada.

– Como assim? Eles identificaram a cepa. O paciente zero...

– É mentira, Arlys. O cara morto no Brooklyn, talvez. Mas isso não é uma gripe aviária. As aves não estão infectadas. Estão testando galinhas, faisões, todos os nossos outros amigos emplumados, e nada. E os quadrúpedes? Estão ótimos, vendendo saúde. Só pega em humanos. Só nas pessoas.

A garganta de Arlys queria fechar, mas ela forçou as palavras para fora:

– Será guerra biológica? Terrorismo?

– Nenhum comentário sobre isso, nada, e pode ter certeza de que estão procurando. Seja que diabos for isso, ninguém nunca viu antes. O que

sobrou das autoridades está mentindo, entrando naquela de não causar pânico. Até parece. O pânico já está instalado.

– Se eles não conseguem identificar o vírus, não podem criar uma vacina.

– Bingo. – Chuck apontou o dedo e fez um sinal de ticado no ar. – Eles têm outro caminho, mas que não inspira confiança. Tenho ouvido umas conversas sobre reuniões secretas de militares, arrancando de casa as pessoas que estão... pelo menos até agora... assintomáticas, levando-as para lugares como Raven Rock, Fort Detrick. Montaram postos de controle e estão fazendo varreduras na vizinhança, fechando áreas urbanas. Se você quer ir embora de Nova York, boneca, é melhor ir depressa.

– E quem daria as notícias? – O estômago dela se apertou. – E como eu falaria com você todos os dias?

– Eu acho que ainda não é agora que vão vir bater à minha porta, e eu tenho uma saída de emergência. Se você divulgar isso que eu acabei de contar, Arlys, não perca nem um minuto, caia fora daí. Pegue o que você puder carregar e saia da cidade. Não pense duas vezes.

Ele fez uma pausa e lançou de novo aquele sorriso.

– Falando nisso... É com você, Frank!

Arlys fechou os olhos e deu uma risada fraca quando ouviu Frank Sinatra cantando “New York, New York”.

– É isso mesmo, estou “espalhando a notícia”, como diz a música.

– Ele chegou lá. Um cara magrinho, de Hoboken. Ei, eu também sou um cara magrinho. Soa bem, não é mesmo? Hoboken.

O sorriso de Chuck permaneceu, mas ela viu que seu olhar era intenso e sério.

– Sim, eu fiz uma matéria boba lá séculos atrás – respondeu Arlys.

– Podoken Hoboken. Não é nenhuma Park Avenue, mas seu filho número um se saiu bem. Bom, tenho que me retirar. Fiquei hackeando até as três da manhã. É um pouco demais, mesmo para um cara como eu, fale a verdade.

– Concordo, Chuck.

Ela encerrou a chamada, buscou um mapa de ruas de Hoboken.

– Park Avenue... – murmurou. – Aqui. Park Avenue, número 1, será? Ou então... a Park cruza a 1st Street. Esquina da Park com a 1st, às três da manhã, se eu for embora de Manhattan.

Ela se levantou e ficou andando de um lado para outro, tentando absorver tudo o que Chuck lhe contara. Confiava nele: quase tudo o que já lhe dissera até então fora comprovado oficialmente. E o que não fora comprovado entrava na categoria das fontes anônimas.

Dois bilhões de mortos. Mutação. Mais um presidente morto. Ela precisava fazer algumas pesquisas sobre Sally MacBride, a secretária da Agricultura alçada a presidente, segundo Chuck, para estar pronta se e quando a mudança de poder fosse anunciada.

Se ela colocasse essa informação no ar, os militares (ou os homens de preto) certamente invadiriam o estúdio. Eles a levariam para ser interrogada, talvez fechassem a emissora. No mundo de antes, ela teria arriscado ser presa para proteger uma fonte. Mas aquele mundo não existia mais.

Decidiu ficar com as informações oficiais, já apuradas, para a edição daquela manhã, junto com suas próprias observações. Depois, escreveria a matéria com o que Chuck lhe contara. Daria uma vasculhada na internet – Fredinha poderia ajudá-la com isso. Se tivesse outra fonte como álibi, mesmo que fosse da *deep web*, protegeria a si mesma e a Chuck. E a emissora.

Arlys sabia que muitas pessoas dependiam das notícias – como fonte de ajuda, de esperança e de verdade, quando fosse capaz de encontrá-las.

Sentou-se, colocou mais café na caneca, escreveu a matéria, refinou, reescreveu, imprimiu. Pediria a Fredinha que a colocasse no teleprompter.

Levando o texto, foi até o guarda-roupa e pegou um blazer antes de fazer a própria maquiagem e cabelo. Podia até ser o fim do mundo, mas ela noticiaria isso com uma aparência *profissional*.

No estúdio, Arlys encontrou a saltitante e ruiva Fredinha conversando com o cinegrafista de olhos tristes.

– Oi, Arlys! Você estava tão concentrada no trabalho que eu não quis atrapalhar seu ritmo. Trouxe algumas maçãs e laranjas, deixei na copa.

– Onde você encontra essas coisas?

– Ah, é só saber onde procurar.

– Fico feliz que você saiba. Pode colocar isso no teleprompter para mim?

– Claro. – Fredinha baixou a voz: – Steve está tristonho. Ele viu um babaca atirar num cachorro ontem à noite. Quando desceu para a rua, o cara tinha sumido e o cachorro tinha morrido. Por que as pessoas são tão cruéis?

– Não sei. Por outro lado, existem também pessoas como Steve, que vão para a rua tentar ajudar um cão.

– Tem razão. Talvez eu consiga arranjar um cachorro para ele. Há muitos perdidos por aí agora.

Antes mesmo que Arlys pudesse retrucar, Fredinha foi correndo colocar o texto no teleprompter.

A jornalista se instalou à mesa do âncora e colocou o ponto eletrônico no ouvido.

– Minha voz está saindo?

– Está, sim, Arlys.

– Bom dia, Carol. Tenho dez minutos de notícias quentes e mais dez de notícias não tão importantes. Fredinha está carregando o teleprompter.

Elas trataram de produção, acrescentaram matérias que Carol e Jim haviam escrito, elaboraram a matéria de abertura e a de encerramento (a do unicórnio fecharia a edição) e avaliaram que podiam transmitir um noticiário de uns bons trinta minutos.

– Quando tudo isso acabar, Arlys – disse Jim no ponto –, e o mundo recuperar sua saúde e relativa sanidade, você ainda vai ser a âncora do *Evening Spotlight*.

Viraria gente importante, pensou ela. Então se lembrou das informações que recebera de Chuck. Aquilo nunca aconteceria.

– Vou cobrar a promessa.

– Tem minha palavra.

Fredinha deixou sobre a mesa o texto, junto com um copo d’água.

– Obrigada.

O aviso de trinta segundos soou. Arlys deu uma última olhada no rosto, ajeitou os cabelos castanho-escuros e fez alguns exercícios vocais.

Ao aviso de dez segundos, ela exercitou os ombros; ao de cinco, virou-se para a câmera, esperou o sinal de Steve.

– Bom dia. Eu sou Arlys Reid, de Nova York, com as notícias da manhã. A Organização Mundial da Saúde estima que o número de vítimas fatais do H5N1-X ultrapasse um bilhão e meio. Ontem, o presidente Carnegie reuniu-se com autoridades da Organização Mundial da Saúde e do Centro de Controle de Doenças, incluindo os diretores de ambos os órgãos, e com cientistas que estão correndo contra o tempo para criar uma vacina contra o vírus.

Estou mentindo, pensou, enquanto prosseguia. Mentindo porque tenho medo de dizer a verdade.

Mentindo porque tenho medo.

CAPÍTULO 4

Lana ouvia as terríveis notícias narradas por Arlys, uma pior que a outra, olhando pela janela.

Ela adorava aquelas enormes janelas do loft que iam do chão ao teto, adorava contemplar aquele que se tornara seu bairro. Quantas manhãs ela ou Max haviam corrido até a pequena padaria local para comprar bagels fresquinhos? Agora, em vez de uma vitrine repleta de doces e bolos tentadores, tábuas cobriam o vidro e pichações obscenas cobriam as tábuas.

Seu olhar foi para a delicatessen da esquina, onde tantas vezes brincara com a alegre atendente. Doris, lembrou. Ela se chamava Doris. Estava sempre com um chapeuzinho branco sobre os cachos grisalhos e um batom vermelho bem brilhante.

No dia anterior mesmo, Lana olhara por aquela mesma janela e vira a delicatessen de propriedade familiar, antes sempre cheia, ser reduzida a tijolo carbonizado, madeira ainda fumegante e vidros quebrados.

Certamente, por nenhuma razão além de um prazer sádico.

Tantas lojas e restaurantes que ela e Max frequentavam, onde haviam passado bons momentos, tinham sido fechadas ou destruídas por saqueadores e vândalos.

Apartamentos e outros lofts estavam vazios ou completamente trancados. Será que os que estavam trancados guardavam gente viva ou morta?

Ninguém andava nas ruas naquela manhã. Nem mesmo quem às vezes se aventurava a procurar comida e outros suprimentos para logo voltar a se trancar dentro de casa. Nem um único carro passava.

Eles vinham à noite, com a escuridão. Os autodenominados Rapinantes. Existiria outra palavra para descrevê-los?, perguntou-se Lana. Vagavam em bandos como matilhas de lobos raivosos, rugindo pelas ruas em motocicletas. Disparavam armas de fogo, atiravam pedras e bombas pelas janelas alheias. Destruíam, incendiavam, saqueavam, riam.

Na noite anterior, despertada pelos gritos e tiros, Lana se arriscou a uma olhada furtiva. Viu um bando de Rapinantes em vários pontos, menos na porta de seu prédio. Dois deles discutiram, brigaram, empunharam facas, cercados por outros ávidos por sangue. Deixaram no meio da rua o sujeito derrotado – não sem antes chutá-lo e pisoteá-lo.

Max chamou a polícia. Seus crescentes poderes ajudaram a completar a ligação, pois, a essa altura, os sinais de telefonia – tanto a fixa quanto a móvel – raramente funcionavam.

Chegaram uma hora depois, trajados com equipamentos antitím. Ensacaram o corpo e o levaram embora – nem se deram ao trabalho de entrar para fazer perguntas a ela ou a Max.

Pela janela, Lana via o sangue no asfalto.

Como o mundo se tornara tão sombrio, tão cruel? Por outro lado, quando aquela luz havia entrado nela? Ela a sentia florescer, a sentia brilhar, sentia aquela onda de poder sempre que se abria para a luz.

Sabia que o mesmo acontecia com Max, um desabrochar, uma descoberta.

E descobrira outros como eles. A mulher que ela vira pular do alto do edifício em frente. Não por desespero, mas para flutuar alegremente com luminosas asas abertas.

Ou o menino de não mais de 10 anos que vira saltitando pela rua, acendendo e apagando as luzes dos postes só com um movimento dos braços.

Testemunhara a dança de luzes minúsculas, vira algumas tremulando tão perto de sua janela que distinguiu suas silhuetas – masculinas e

femininas.

Maravilhas, pensou. Daquela mesma janela, presenciara maravilhas. E maldade. A crueldade humana atacando com armas, facas e olhos ferozes. O lado negro das magias, que arremessava letais bolas de fogo ou matava com penetrantes espadas negras.

Assim, embora dentro de si a luz se ampliasse, o mundo morria diante de seus olhos.

Com o coração trêmulo, Lana refletiu sobre os números relatados pela mulher na TV. Mais de um bilhão e meio de mortos. Um bilhão e meio de vidas perdidas, não para o terrorismo, não para bombas e tanques nem para um fanatismo louco. Por algum vírus ou germe, algum ser microscópico que os cientistas batizavam friamente com uma sequência de letras, nem eram palavras.

E que as pessoas chamavam – a seu ver, de maneira mais sucinta – de Catástrofe.

Arlys Reid era, no momento, a principal referência de Lana sobre o mundo lá fora. Ela se agarrava às transmissões diárias porque a repórter parecia muito calma, impossivelmente calma, ao falar de horrores.

E de esperança, lembrou-se Lana. O trabalho incessante em busca da cura. No entanto, mesmo quando essa cura chegasse – será que chegaria? –, nada voltaria a ser como antes.

A Catástrofe espalhava seu veneno com extrema rapidez, enquanto as magias, tanto a luz quanto a escuridão, se levantavam para preencher o vazio deixado pela morte.

O que restaria ao fim de tudo?

– Lana, saia daí. Não é seguro.

– Eu criei um escudo na janela. Ninguém consegue ver nada aqui dentro.

– Blindou também? – lembrou ele, puxando-a.

Lana se virou para ele e fechou os olhos com força.

– Ah, Max... como isso pode ser real? Há fumaça a oeste. Quase não dá para ver o céu. Nova York está morrendo.

– Eu sei, meu amor. – Ao abraçá-la, ele olhou por cima da cabeça de Lana e viu a fumaça. Parecia haver pássaros, formas negras contra o cinza, voando em círculos. – Consegui finalmente falar com Eric.

Lana se afastou. Max estava tentando contato com o irmão mais novo fazia dias.

– Graças a Deus! Ele está bem?

– Sim. Também não está encontrando meus pais. Como estavam na França quando isso tudo começou... não há como saber. E eu não consegui fazer o sinal chegar tão longe. Ainda não.

– Eu sei que eles estão bem. Simplesmente sei. Eric está onde?

– Ainda na Universidade da Pensilvânia, mas disse que a situação por lá é ruim e que vai tentar ir embora à noite. Pretende sair da cidade. Ele vai com um grupo de pessoas, e estão armazenando suprimentos. Me passou a localização antes de o sinal cair. Não consegui segurá-lo por mais tempo.

– Mas você fez contato, e ele está bem. – Ela se apoiou nisso, e nas mãos de Max. – Você quer ir até ele.

– Temos que sair de Nova York, Lana. Você mesma disse: a cidade está morrendo.

Ela olhou de novo pela janela.

– Toda a minha vida – explicou. – Toda a minha vida foi aqui. Trabalhei aqui, conheci você aqui. Já não é mais nossa casa. E você precisa encontrar seu irmão. Temos que ir, temos que procurá-lo.

Aliviado por ela ser tão compreensiva, Max descansou o rosto na cabeça dela. Havia encontrado seu lugar ali, naquela cidade, considerava-a seu centro de poder – para a literatura, que ele tanto amava, e para as magias descobertas dentro de si mesmo. Ali ele realmente começara; a estudar, a praticar a Arte, a construir uma carreira satisfatória. Ali ele conhecera Lana e ali começaram uma vida juntos.

Agora a cidade queimava e sangrava. Ele já vira o suficiente para saber que os levaria consigo para o inferno, caso ficassem. E ele arriscaria qualquer coisa, mas não Lana.

– Preciso encontrar Eric, mas você... Proteger você é o mais importante para mim.

Ela virou a cabeça para roçar os lábios no pescoço dele.

– Vamos proteger um ao outro. Talvez um dia possamos voltar, ajudar a reconstruir a cidade.

Ele não respondeu. Tinha saído de casa, vasculhado as ruas em busca de suprimentos. Suas esperanças de voltar já estavam esgotadas.

– A família de uma dessas pessoas do grupo do Eric tem uma casa de férias nos montes Allegheny, é para lá que eles estão indo. Um lugar bastante isolado. – Max continuou a olhar pela janela, onde os pássaros... era impressão sua ou havia mais deles agora?... continuavam a circundar a fumaça ascendente. – Deve ser seguro lá, longe das áreas urbanas. Já tracei a rota no mapa.

– É muito chão até lá. Eu vi no jornal, com a confiável Arlys Reid, que os túneis estão bloqueados. E que os militares montaram barricadas para tentar impedir o fluxo de gente.

– Nós vamos passar. – Puxando-a para si de novo, ele a segurou pelos ombros e correu as mãos pelos seus braços, como se para transmitir a ela sua determinação. – Vamos conseguir. Pegue suas coisas, só o que for necessário. Eu vou sair para procurar suprimentos. Depois, vamos roubar um carro, já que há tantos abandonados. Eu consigo ligá-lo. – Ele olhou para as próprias mãos. – Vou conseguir. Vamos pelo Bronx.

– Pelo Bronx?

– Os maiores problemas são os túneis e as pontes. Vamos ter que atravessar o rio Harlem, mas, pela última notícia que tive, ninguém está sendo impedido de ir ao Bronx.

– Como vamos chegar lá?

– Acho que a ponte da Park Avenue seria o caminho mais rápido. – Ele estava estudando os mapas fazia dias. – É uma rota de trem, mas uma caminhonete ou um SUV dão conta. Não tem nem 100 metros de extensão, vamos sair logo depois de entrar. Depois, vamos continuar indo para o norte, até podermos virar para oeste, para o estado da Pensilvânia. Precisamos sair de Nova York. O pior está por vir, Lana.

– Eu sei. Eu sinto isso. – Segurando com força a mão de Max, ela se virou para a TV. – Ela está dizendo que o governo, os cientistas, os funcionários, todos alegam que estão perto de formular uma vacina, mas eu não sinto isso. Não sinto, Max, por mais que eu queira que seja verdade. – Tomando uma decisão, Lana recuou. – Vou arrumar uma bolsa de viagem para nós dois. Não precisaremos de muito.

– Roupas quentes – lembrou ele. – E vista algo que permita se movimentar, correr, se necessário. Vamos levar comida, não muita, por enquanto, além de lanternas, pilhas extras, uns cobertores. Podemos conseguir mais coisas ao longo da estrada.

Ela olhou para a parede coberta de prateleiras – do chão ao teto, assim como as janelas – e as dezenas e mais dezenas de livros, alguns com o nome dele.

Adivinhando seu pensamento, ele deu de ombros.

– Tudo bem, já li todos. Vou sair e arranjar duas mochilas. Enquanto isso, prepare uma sacola, Lana, só uma para nós dois.

– Não se arrisque.

Max tomou o rosto dela nas mãos e lhe deu um beijo.

– Volto daqui a uma hora.

– Estarei pronta. – Com os nervos à flor da pele, ela o segurou por mais um instante. – Vamos embora agora, Max, juntos. O que for necessário podemos conseguir quando já estivermos fora da cidade.

– Lana – ele a beijou na testa –, muitas pessoas que partiram despreparadas acabaram mortas. Vamos raciocinar com calma, vamos fazer isso direito. Roupas quentes – repetiu ele, e foi vestir um casaco e colocar um gorro. – Uma hora. Tranque a porta.

Quando Max saiu, ela passou a chave nas trancas que ele havia instalado desde que toda aquela loucura começara.

Ele vai voltar, disse ela a si mesma. Max voltaria porque era esperto e ágil, porque havia um poder dentro dele. Porque nunca a deixaria sozinha.

Lana foi para o quarto, ficou olhando para as roupas em seu armário. Nada de levar vestidos elegantes, sapatos finos ou botas sensuais. Sentiu

certo aperto ao pensar isso, e imaginou que Max tivesse a mesma sensação por ter que abrir mão de seus livros.

A necessidade os obrigava a deixar para trás coisas que amavam – mas nunca um ao outro.

Colocou numa bolsa de viagem alguns suéteres, moletoms, leggings grossas, calças de lã, calças jeans, camisas de flanela, meias, roupas de baixo. Um cobertor, um edredom grande e quente, duas toalhas, uma bolsa pequena com artigos básicos de higiene.

No banheiro, suspirou diante de sua coleção de cremes para a pele, produtos para os cabelos, maquiagens, óleos de banho. Convenceu-se de que um, apenas um pote de seu hidratante favorito era uma necessidade.

Voltou à sala no instante em que Arlys Reid encerrava a transmissão com a notícia de que uma mulher nua montando um unicórnio fora vista em Madison.

– Espero que seja verdade – murmurou Lana, desligando a TV pela última vez.

Por sentimentalismo, pegou sua foto favorita com Max: ele de pé, abraçando-a por trás, Lana com as mãos cruzadas sobre as dele. Ele usava calça jeans preta e uma camisa azul com as mangas dobradas até os cotovelos, e ela, um vestido leve, esvoaçante – ao redor, o verde exuberante do Central Park.

Enfiou a foto, com moldura e tudo, entre as toalhas. E também uma cópia do primeiro romance de Max, *O rei feiticeiro*.

Como sinal de esperança, foi ao escritório dele e pegou o pen drive, onde ele guardava o trabalho em andamento. Um dia, quando a sanidade voltasse ao mundo, ele iria querer aquilo.

Separou duas lanternas que guardava no pequeno armário da cozinha, além de pilhas sobressalentes. Pegou o pão que tinha assado no dia anterior, um pacote de macarrão, outro de arroz, saquinhos de ervas que havia desidratado, café e chá. Colocou em uma sacola com isolamento térmico os poucos itens perecíveis: alguns peitos de frango congelados.

Não morreriam de fome – pelo menos por algum tempo.

Desenrolou seu conjunto de facas, as belas lâminas japonesas que comprara depois de muito economizar – meses de penúria, mas que valeram a pena.

Provavelmente não deveria levar todas, mas sentia que deixar uma única delas para trás partiria seu coração mais do que as roupas. Além disso, eram ferramentas.

Enrolou-as de novo e colocou-as de lado. Suas ferramentas, pensou, portanto, iriam para sua mochila. Suas ferramentas, seu peso.

Por mais inútil que fosse, foi ao quarto e arrumou a cama e as almofadas com cuidado.

Vestiu-se: roupas quentes, meias grossas, botas resistentes.

Quando ouviu Max bater à porta (sete vezes: três, três, uma), correu para abrir as trancas e se atirou nos braços dele.

– Eu me proibi de ficar preocupada com você. – Ela o puxou para dentro. – Então veio tudo de uma vez no instante em que ouvi suas batidas.

Lágrimas brotaram em seus olhos, brilharam. Mas ela logo caiu na risada quando ele lhe estendeu uma mochila de cor vinho debruada de cor-de-rosa.

Ele sorriu.

– Você gosta de rosa. Só tinha uma.

– Max... – Piscando para conter as lágrimas, ela pegou a mochila. – Uau, já está pesada.

– Enchi as duas: a sua e a minha, que é de camuflagem, bem viril.

Só não falou que a dele continha uma pistola 9 milímetros e pentes extras, que havia encontrado em um armazém saqueado.

– Eu trouxe um canivete multifuncional para cada um e um kit para filtrar água, além de algumas cordas elásticas. – Ele tirou o gorro, passou os dedos nos cabelos. – Somos nova-iorquinos, Lana. Urbanos. Seremos estranhos em terras estranhas.

– Estaremos juntos.

– Não vou deixar ninguém machucar você.

– Ótimo. Eu também não vou deixar ninguém machucar você.

– Vamos arrumar o restante. Talvez a gente tenha que caminhar um pouco até encontrar algum carro que sirva, mas quero estar longe de Nova York antes que escureça.

Enquanto guardavam mais objetos nas mochilas, ele viu o rolo de facas.

– Todas?

– Não estou levando um único par de Manolo. Isso dói, Max. Dói no coração.

Ele ponderou e, em seguida, escolheu uma garrafa de vinho e o colocou na mochila.

– Estamos quites – declarou.

– Tem uma faca na sua cintura. Isso é a bainha de uma faca, não é?

– É uma ferramenta. E uma precaução – acrescentou, quando ela não disse nada.

Depois de alguns instantes, ele abriu o bolso da frente da mochila e tirou a arma e o coldre.

Genuinamente chocada por ver uma arma na mão dele, Lana recuou.

– Ah, Max... arma, não. Sempre tivemos uma posição firme em relação a armas.

– Terras estranhas, Lana. E perigosas. – Ele prendeu o coldre no cinto.

– Você não sai de casa há quase duas semanas. – Max tomou as mãos dela.

– Acredite, é necessário.

– Eu acredito – concordou ela. – Quero ir logo embora, Max, para algum lugar onde armas não sejam necessárias e facas não sejam uma precaução. Vamos. Vamos logo.

Ela começou a vestir o casaco de caxemira azul como seus olhos, que ele lhe dera no Natal, mas, ao vê-lo balançar a cabeça em reprovação, trocou por uma parca. Pelo menos ele não implicou com o cachecol de caxemira.

Ele a ajudou a colocar a mochila nas costas.

– Está muito pesada?

Ela fechou o punho e dobrou o braço para mostrar o muque.

– Sou uma mulher urbana que malha. Quer dizer, malhava.

Em seguida, pegou a bolsa e a colocou enviesada.

– Lana, você não precisa...

– Vou deixar meu processador, minha panela de ferro, minhas botas Louboutin de cano alto que usei exatamente uma vez, mas não vou embora sem minha bolsa. – Ajeitando a mochila nos ombros, ela lhe lançou um olhar firme e desafiador. – Com ou sem Catástrofe, existem limites, Max. Limites.

– Foram essas botas que você usou quando entrou no meu escritório com... com uma camisa minha?

– Tem razão. Foram duas vezes.

– Vou sentir falta delas tanto quanto você.

Que bom, pensou Lana, que fizeram um ao outro sorrir antes de partirem.

Ele pegou a sacola de viagem. Abriu a porta.

– Não vamos parar – avisou ele. – Seguimos para o norte até encontrarmos uma caminhonete ou um SUV.

Já sem sorrir, ela apenas assentiu.

Dirigiram-se às escadas no fim do corredor. A porta do último apartamento do andar foi entreaberta.

– Não vão lá fora.

– Continue andando – disse Max, quando Lana parou.

A porta se abriu um pouco mais. Através da abertura, Lana viu a mulher que ela conhecia casualmente como Michelle. Trabalhava em publicidade, era de família abastada, divorciada, com uma vida social ativa.

Agora, os cabelos de Michelle, despenteados e emaranhados, flutuavam ao redor de seu rosto como se estivessem sob uma forte ventania.

Atrás dela, pratos, copos, travesseiros e fotos levitavam em círculos.

– Não vão lá fora – repetiu a mulher. – Há morte nas ruas. – Então ela abriu um sorriso largo, terrível, enquanto girava os dedos no ar. – Não posso parar! Não posso! Estamos todos loucos aqui. Todos. Loucos.

Ela bateu a porta.

– Não podemos ajudá-la? – indagou Lana.

Como resposta, Max pegou o braço dela e a puxou na direção das escadas.

– Não pare.

– Ela é uma de nós, Max.

– E alguns de nós não souberam lidar com o que irrompeu dentro deles. Enlouqueceram, como ela. Imunes ao vírus, mas ainda assim condenados. Essa é a realidade, Lana. Continue andando.

Desceram três andares até o estreito saguão.

As caixas de correio estavam abertas, as portinholas arrancadas ou pendendo como línguas. Pichações nas paredes. Lana sentiu cheiro de urina, um fedor inclemente e estagnado.

– Eu não sabia que tinham invadido o prédio.

– Até o segundo andar – revelou Max. – A maioria dos inquilinos fugiu antes disso. Não sei se ainda tem alguém do terceiro para baixo.

Saíram para o sol de inverno e o vento cortante. Lana sentia cheiro de fumaça e cinzas, de comida podre e do que ela sabia ser a morte.

Continuou andando sem dizer nada, enquanto passavam rapidamente por lugares que um dia foram seu pequeno mundo de ruas, lojas e cafés.

Agora, no mesmo lugar, só havia ruína, desolação e ruas desertas, repletas de carros destruídos e abandonados. Um silêncio terrível fazia os passos dos dois ecoarem.

Ela ansiava pelos motores, as buzinas, o vozerio, a música vibrante da cidade. Lamentou-se dolorosamente, enquanto seguia em direção ao norte.

– Meu Deus, Max, tem corpos naquele carro.

– Alguns estavam doentes demais para sair ou ir até o hospital, mas tentaram assim mesmo. Cada vez que saio, vejo mais corpos. Não podemos parar, Lana. Não há nada que possamos fazer.

– É errado deixá-los assim... Isso tudo é errado. Ainda que começassem a distribuir uma vacina amanhã... – Ela ouviu a conclusão no silêncio dele, com tanta nitidez quanto se tivesse falado. – Você não acredita que vai haver uma vacina.

– Acho que houve mais mortos do que o número divulgado, e haverá muitos outros ainda. Duvido que estejam perto de encontrar uma cura.

– Não podemos pensar assim. Max, não podemos...

Enquanto ela falava, uma menina que não devia passar dos 15 anos pulou de uma vitrine quebrada, com uma mochila grande nas costas.

Lana fez menção de abrir a boca, as palavras tranquilizadoras na ponta da língua. A menina sorriu e puxou do cinto uma faca dentada.

– Que tal vocês deixarem as mochilas as sacolas e continuarem andando? Assim eu não furo vocês.

O susto e o medo fizeram Lana dar um passo para trás. Max se colocou na frente dela.

– Faça um favor a todos nós – sugeriu ele. – Vá embora.

A garota, os cabelos claros espetados sob um boné de lã, balançou a faca no ar, provocando um zumbido no silêncio.

– Sua cadela não vai ficar mais tão bonita depois que eu fizer uns buracos no rosto dela. Deixem tudo aí, a menos que queiram sangrar – ameaçou ela.

Quando a menina avançou, brandindo a faca, Lana reagiu instintivamente. Levantou a mão, o medo gritando em sua mente.

Com os olhos arregalados de dor, a menina deu um solavanco para trás e gritou. Max aproveitou esses poucos segundos para puxar a arma que trazia na cintura.

– Para trás. Vá embora.

– Você é um deles. – Os olhos da garota, agora cheios de ódio, se fixaram em Lana. – Você é um dos Incomuns. Foi você. Você causou tudo isso. Sua nojenta imunda!

A menina cuspiu nos pés deles e saiu correndo.

– Max! Meu Deus...

– Corra! Ela pode não estar sozinha.

Lana começou a correr com Max, percebendo que ele mantinha a arma na mão.

– O que ela quis dizer com...?

– Depois a gente fala disso. Ali, aquele SUV prata. Está vendo?

Ela viu o carro, o para-choque amassado por um sedã. Também avistou os corpos na rua, ao lado dos veículos.

Max guardou a arma no coldre e agarrou a mão de Lana. Ela precisou acelerar para não ficar para trás, pois as pernas dele eram mais compridas.

– Max, o sangue...

O sangue encharcava a rua.

– Ignore.

Quando ele conseguiu abrir a porta, o rugido de um motor quebrou o silêncio.

– Entre!

Lana teve que pisar no sangue e passar por cima da morte para se jogar, desajeitadamente, dentro do carro. Não conseguiu conter um grito curto ao ouvir o trovão de tiros e sentou-se, tremendo, enquanto Max se sentava ao volante, arremessando a sacola no banco traseiro. Ela viu quando a sacola bateu no encosto e depois caiu no banco vazio.

Uma série de anéis de plástico coloridos tilintou quando ele colocou a mão na ignição. Uma motocicleta surgiu na esquina em alta velocidade, indo na direção deles. A menina vinha na garupa com o motorista, um homem de cabelos pretos listrados de vermelho que voavam ao vento.

– Peguem os Incomuns! – gritou ela. – Matem eles!

Um grupo de quatro, possivelmente cinco pessoas, investiu atrás deles, atirando no SUV. O suor brilhava no rosto de Max. Ele trincou os dentes.

– Anda, liga – implorava ele ao motor.

Pensando na vida que poderiam ter tido, no mundo que poderia ter sido, Lana fechou os olhos. Pelo menos morreriam juntos, pensou, segurando o braço de Max.

O motor despertou. Max empurrou a alavanca do câmbio e pisou no acelerador.

– Segure-se – alertou ele e, agarrando o volante, saiu cantando pneu.

Lana deu um pulo quando uma bala estilhaçou o retrovisor e o carro esbarrou com força no meio-fio, dando um impulso para trás. Passaram raspando em mais um carro detonado antes de Max derrubá-lo de vez.

Aceleraram pela rua, a moto os perseguindo.

Em vez de reduzir quando surgiram mais destroços, mais carros abandonados, Max desviou a uma velocidade perigosa. Faíscas voaram quando ele deu uma guinada tão perto que metal raspou em metal.

Ela arriscou um olhar para trás.

– Acho que estão se aproximando. Meu Deus, Max, a menina, aquela mesma garota, ela tem uma arma. Ela...

Balas zuniram. Lana ouviu vidro se quebrando.

– A lanterna traseira – comentou Max sombriamente, enquanto entrava na 50th Street, o veículo sacudindo. – Talvez eu tenha que reduzir para atravessar o centro, Lana, por causa dos carros abandonados. A moto tem mais capacidade de manobra. Faça o que você fez lá na rua.

Em pânico, ela pressionou as têmporas.

– Eu *não sei* o que eu fiz! Estava apavorada!

Ele girou o volante para um lado e para outro, bateu em uma bicicleta já destruída.

– Com medo numa hora dessa? Jogue eles longe, Lana. Jogue eles longe, porque eu não sei se vamos conseguir.

Uma bala atingiu a janela traseira, quebrando o vidro. Lana lançou a mão para fora. Lançou fora também o medo.

A moto empinou. Quando girou no ar, a garota foi arremessada longe. Lana a ouviu gritar antes de atingir o capô de um carro. O homem resistia, lutando para retomar o controle, mas a moto tombou de lado, capotou, e então veículo e motorista derraparam e rolaram pela rua.

– Meu Deus, eu matei eles! Eu matei eles?

– Você nos salvou.

Ele diminuiu um pouco a velocidade, serpenteando pela região central da cidade. Teve que pegar a Broadway no sentido contrário à sua rota, pois as carrocerias dos carros bloqueavam o outro lado. Atrás deles, a Times Square, que costumava ser um mundo de caos e multidões, estava mais silenciosa do que um cemitério.

Ele desacelerava em cada cruzamento, verificando se o caminho estava livre.

Quantas vezes, Lana se perguntou, quantas vezes tomara um táxi ou o metrô até ali para fazer compras, almoçar ou ir ao teatro?

Uma liquidação na Barneys, uma garimpada no paraíso dos sapatos que era o oitavo andar da Saks. Um passeio no Central Park com Max.

Tudo se fora, agora eram só lembranças.

Os poucos sinais de vida que ela captou eram de pessoas que se moviam furtivamente, não com aquela pressa assertiva de quem tem muitas coisas a fazer, típica de Nova York. Nenhum turista olhava para o alto, maravilhado com os arranha-céus.

Janelas quebradas, latas de lixo reviradas, postes partidos ao meio, um cachorro tão magro que suas costelas eram visíveis procurando o que comer. Será que ele se tornaria selvagem, ela se perguntou, e passaria a consumir carne humana?

– Nem sei quantos habitantes tem Nova York.

– Estava se aproximando dos nove milhões – informou Max.

– Já percorremos quase cinquenta quarteirões e não vi nem cinquenta pessoas. Não chega a uma por quarteirão. – Ela respirou fundo, tentou se acalmar. – Não acreditei quando você comentou que não estavam divulgando todas as mortes. Agora, sim. Por que aquela garota queria nos matar, Max? Por que vieram atrás de nós daquele jeito, para tentar nos matar?

– Espere até sairmos da cidade, primeiro.

Viraram na Park. A ampla avenida de nada adiantava em termos de caminho mais livre, pelo contrário: só proporcionava mais espaço para mais carros. Ela imaginou o pânico que deviam ter causado os engavetamentos, a fúria que virara ônibus e carros, o medo que levava as pessoas a pregar tábuas de madeira em suas janelas, mesmo as que moravam no sexto ou no sétimo andar.

Um trailer de comida havia sido completamente destruído. Uma limusine incendiada ainda fumegava. Guindastes abandonados balançavam como esqueletos gigantes. Max ziguezagueou por tudo isso, as mãos apertando o volante, os olhos atentos.

– Aqui já está um pouco mais fácil – observou ele. – A maioria deve ter se dirigido aos túneis e às pontes, para sair da cidade, mesmo depois de terem colocado barricadas.

– Ainda é lindo. – Lana sentiu um nó na garganta ao dizer isso. – Os prédios antigos, as mansões.

Mesmo com portas arrancadas e janelas quebradas, a beleza teimosamente se sustentava.

Com olhos vigilantes, Max avançava rápido pela ampla e um dia charmosa avenida.

– Tudo vai voltar – disse ele. – A humanidade é teimosa demais para não reconstruir, não fazer renascer uma cidade como Nova York.

– Nós somos humanos? – indagou ela, de repente.

– É claro que somos. – Para reconfortar a ambos, ele segurou a mão de Lana. – Não deixe o medo e a desconfiança dos brutos e ignorantes fazerem você duvidar de si mesma. Vamos sair de Manhattan e dirigir até encontrar uma maneira de atravessar o rio. Quanto mais longe das áreas urbanas, melhores as nossas chances.

Quando ela apenas assentiu, Max apertou sua mão.

– Se não encontrarmos um jeito de atravessar o rio, acharemos um lugar seguro para nos instalarmos até a primavera. Confie em mim, Lana.

– Eu confio.

– Faltam menos de vinte quarteirões até a ponte. – Ele olhou no retrovisor e não gostou do que viu. – Tem um carro vindo, e depressa.

Max acelerou.

Lana girou o corpo e olhou para trás.

– Acho que é a polícia. As luzes... e agora a sirene. É a polícia, Max, encoste o carro.

Em vez disso, ele afundou o pé no acelerador.

– As antigas regras não valem mais. Alguns policiais estão levando pessoas como nós.

– Não, eu não ouvi nada sobre isso. Max! Você está indo muito rápido.

– Não vou arriscar. Conversei com outros que são como nós e sei que eles nos levam à força quando nos encontram. Aquela garota não é a única

que nos culpa. Estamos quase lá, Lana.

– Mas mesmo quando...

Ela não terminou a frase. Fechou os olhos com força quando ele quase bateu em um caminhão capotado.

– Faça com que eles desacelerem – ordenou Max.

– Eu não...

– Faça o mesmo de antes, mas com menos intensidade. Só para atrasá-los.

Com o coração na boca, ela levantou a mão e tentou imaginar o carro sendo empurrado para trás, apenas recuando.

Viu o carro derrapar e depois, milagrosamente, desacelerar. *Como isso é possível?*, indagou a si mesma. Algumas semanas antes, mal conseguia acender uma vela, e agora... agora ela própria ardia em luz.

– Continue. Não pare. Só por mais alguns minutos.

– Eu tenho que... Pode acontecer igual à moto. Não quero ferir ninguém.

– Segure firme, ali está a ponte. Que droga! Eles içaram o vão. Nem pensei nisso. Eu devia ter pensado nisso.

Perdendo o foco, ela se virou e viu a ponte suspensa. E o fosso separando da estrada.

– Temos que desviar! – gritou ela.

– Não. Temos que baixar a ponte. – Ele pegou a mão dela novamente. – Juntos. Podemos fazer isso juntos. Concentre-se, Lana, você sabe como. Concentre-se em fazer a ponte descer ou estamos perdidos.

Max esperava muito de suas habilidades, de sua força mental. Com as mãos unidas, ela sentiu o poder dele vibrar. E transmitiu a ele tudo que tinha dentro de si.

Ela começou a tremer por conta do esforço, sentiu todo o seu interior se agitar e... expandir. E, com um tranco, como quando acendera a vela, a ponte começou a descer.

– Está funcionando. Mas...

– Mantenha a concentração. Vamos conseguir.

O problema era que estavam indo muito rápido, e a ponte descia tão devagar... Atrás deles, a sirene gritava.

Juntos, pensou ela. *Viver ou morrer*. Fechando os olhos, ela empurrou mais forte.

Ouviu um baque, sentiu o carro saltar e sacudir.

– Levante! – gritou Max.

Com o zumbido nos ouvidos, a eletricidade que atravessava seu corpo, ela empurrou novamente. Abriu os olhos. Por um momento, pensou que estivessem voando.

Girou o corpo para trás e viu a ponte voltando a subir, pouco a pouco, atrás deles. O carro que os perseguia parou de súbito na beirada, cantando pneu.

– Max, de onde está vindo isso? Como podemos fazer essas coisas? Esse poder, esse tipo de poder é assustador, é...

– É incrível, não é? Uma mudança de equilíbrio, uma abertura... não sei. Você não sente isso?

– Sim. Eu sinto.

Uma abertura, pensou, *e muito mais*.

– Conseguimos – Max a tranquilizou, e levou a mão dela aos lábios, mas não diminuiu a velocidade enquanto seguiam em frente. – Vamos encontrar uma maneira de escapar. Pegue um pouco de água da mochila e respire fundo, você está tremendo.

– As pessoas... as pessoas estão tentando nos matar.

– Não vamos permitir. – Quando ele virou a cabeça para Lana, uma determinação feroz queimava em seus olhos. – Temos um longo caminho a percorrer, Lana, mas vamos conseguir.

Ela deixou a cabeça descansar no encosto do assento, fechou os olhos para tentar estabilizar as batidas do coração, dissipar aquela névoa de medo da mente.

– É tão estranho – murmurou ela. – Morei tanto tempo em Nova York e é a primeira vez que venho ao Bronx.

O riso de Max a surpreendeu, tão puro e tão solto.

– E que primeira vez, hein?

CAPÍTULO 5

Jonah Vorhies vagava pelo caos da emergência. As pessoas ainda corriam para lá, como se o edifício em si pudesse fazer milagres. Chegavam tossindo e vomitando, sangrando e morrendo. A maioria por causa da Catástrofe, alguns devido ao seu subproduto: a violência.

Ferimentos por balas e facadas, ossos quebrados, lesões na cabeça.

Alguns ficavam sentados em silêncio, desesperançados, como o homem com um menino de cerca de 7 anos no colo. Ou a mulher de olhos vidrados e febris, rezando com um rosário. A morte chegara até eles com tanta força, com tamanha obscuridade, que Jonah sabia que não resistiriam até o fim do dia.

Outros se enfureciam, gritavam, exigiam, a saliva respingando de suas bocas coléricas. Ele lamentava que o último gesto em vida daquelas pessoas fosse algo tão feio.

Brigas eclodiam regularmente, mas não duravam muito. O vírus destruía o corpo com tal intensidade que até um campeão de boxe cairia depois de apenas alguns socos.

Os funcionários, os poucos que sobravam, faziam o possível. Havia leitos disponíveis, ele sabia. Ah, e como havia... muitos leitos, salas de cirurgia, salas de atendimento. Mas não havia médicos, enfermeiros e residentes suficientes para tratar, fazer curativos e estancar sangramentos.

No necrotério não havia leitos – isso ele sabia também. Estava lotado, corpos amontoados como um nefasto depósito de toras.

A maioria da equipe médica? Morta ou em fuga. Patti, sua parceira na ambulância havia quatro anos. Patti, dois filhos, que adorava heavy metal, filmes de terror (quanto mais apavorantes, melhor) e comida mexicana (sem economizar no Tabasco) tinha fugido com as crianças para a Flórida na segunda semana. Seu pai, um ávido golfista que usufruía de uma vida tranquila em Tampa, morrera e sua mãe, professora aposentada, voluntária de serviços de alfabetização e ardente tricoteira, estava morrendo.

Ele viu a Catástrofe em Patti, junto com seu medo e sua dor, quando se despediram. Logo soube que nunca mais a veria.

Tampouco veria a bela enfermeira que gostava de aventais cirúrgicos com estampa de gatinhos ou cachorrinhos. Ou o servente que costumava mascar chiclete, o residente empenhado que sonhava ser cirurgião e mais dezenas e dezenas de outros.

Morriam aos montes, alguns em casa, outros lutando para trabalhar. Ele mesmo trouxera alguns – agora sozinho, sem Patti. Assim como os funcionários internos do hospital, também os paramédicos, os bombeiros e os policiais viam suas fileiras dizimadas.

Mortos ou em fuga.

Rachel permanecia viva, a bela e dedicada Dra. Hopman. Ele a via lutando contra a maré da Catástrofe. Sobrecarregada, exausta, mas nunca em pânico. Ia procurá-la, ver como ela estava.

Ela lhe dava esperança.

Depois, ele se afastava, trancava-se em casa, no escuro, porque a esperança doía.

Mas voltava, procurando aquela pequena centelha, aquela parca luz em um mundo cruel. E tudo o que via era a morte avançando sobre ele, arranhando-o, zombando dele por conseguir vê-la mas sem poder fazer nada.

Então, atravessou lentamente a ala de emergência, saiu de lá e aceitou a decisão que tomara no escuro. Seria a última vez que procuraria a esperança.

Nas salas de atendimento, ele via a morte. Nos depósitos de material, via a devastação.

Talvez fizesse um passeio, uma última volta por ali.

Do lado de fora da emergência, o hospital ecoava como um túmulo. Talvez fosse adequado, pensou. Talvez fosse um sinal. E Deus sabia que o silêncio era um alívio.

Tudo ficaria em silêncio em breve.

Foi até a sala dos funcionários – havia algumas boas lembranças ali que queria levar consigo. Viu Rachel sentada a uma das mesas, tirando o próprio sangue.

– O que você está fazendo?

Ela olhou para ele. Preocupação, cansaço, ainda sem pânico. Ainda sem a Catástrofe.

– Feche a porta, Jonah. – Ela tampou a amostra de sangue, colocou uma etiqueta e juntou-a a outras, em um suporte. – Estou tirando sangue. Sou imune. Mais de quatro semanas, e estou assintomática. Fui exposta inúmeras vezes e não demonstro nenhum sinal do vírus. Nem você – observou ela. – Sente-se. Quero uma amostra sua.

– Para quê?

Com calma, ela abriu uma seringa nova.

– Porque todos os pacientes que tratei, sem exceção, morreram. Porque acredito que você tenha trazido o paciente zero: Ross MacLeod.

Ao sentir as pernas enfraquecerem, Jonah se sentou.

– Eu...

– Enviei um relatório para o Centro de Controle de Doenças semanas atrás, quando analisei a linha do tempo, mas não obtive resposta. Eles também estão morrendo. Não estou conseguindo entrar em contato, mas vou tentar enviar outro relatório amanhã. Quero ganhar tempo antes que cheguem até nós. Tire o casaco e suba a manga.

– “Cheguem até nós”?

– Estão em Nova York agora. Nova York, Chicago, Washington, Los Angeles, Atlanta, é claro. – Ela esticou o garrote de borracha. – Feche a mão – pediu, antes de passar o álcool no local. – Fazendo varreduras. Procurando imunes como você e eu, levando-os para testes. Queiram eles ou não.

– Como você sabe?

Ela esboçou um sorriso, deslizando a agulha e dando uma leve picada.

– Nós, médicos, trocamos informações. Tenho uma amiga que está fazendo residência em Chicago. Estava. Acho que ela morreu.

Quando sua voz falhou, ela fez uma pausa, respirando fundo até se recuperar.

– Eles apareceram em trajes de proteção química e fizeram testes nos funcionários. Minha amiga não passou, mas os que passaram foram levados. Isso foi há três dias. O irmão dela trabalhava no Sibley Memorial Hospital, em Washington D.C. Eles tomaram conta do local. Uma força-tarefa combinada, gente do Centro de Controle de Doenças, do Instituto Nacional de Saúde, da OMS. Transferiram os doentes para outros hospitais da área e escolheram alguns para observação e testes. Os imunes estão em quarentena. Quarentena militar. O irmão dela conseguiu sair e contatá-la, avisá-la. Ela fez o mesmo por mim.

– Eu tenho ouvido as notícias. – Quando conseguia suportar. – E não ouvi nada disso.

– Se alguém da imprensa sabe, não revela. Ou não pode revelar. Esse é o meu palpite.

Ela tampou e rotulou a amostra de sangue, depois colocou algodão e um curativo na minúscula marca da agulha no braço dele.

Então se recostou, olhou bem nos olhos de Jonah.

– Healy também é imune.

– Não sei quem é Healy.

– Claro, como saberia? Um verdadeiro rato de laboratório. Ele é bom. Está fazendo testes por conta própria. Fizemos vários nos infectados, começando com MacLeod. Agora, nós, quer dizer, ele está testando os imunes. Enquanto pode.

Rachel olhou em volta como se tivesse acabado de emergir de uma piscina bem funda.

– Estamos em um hospital pequeno no Brooklyn, mas eles vão chegar até nós. Se alguém encontrar meu primeiro relatório, vão nos pegar ainda mais depressa e me levar para ser estudada. – Então acrescentou: – A mim

e a você. – Rachel pressionou os olhos exaustos. – É melhor você ficar longe daqui.

– Só vim me despedir.

– Bem pensado. Não estamos ajudando em nada. Você trazendo os doentes, eu tentando tratá-los. Uma taxa de mortalidade de cem por cento, uma vez infectados. Cem por cento.

Ela cobriu o rosto com as mãos e balançou a cabeça quando ele tocou em seu braço.

– Um minuto – murmurou Rachel, dando um longo suspiro antes de abaixar as mãos outra vez.

Seus olhos, de um castanho bem escuro, brilhavam, mas as lágrimas não caíram.

– Toda a minha vida eu quis ser médica. Nunca quis ser princesa, bailarina, cantora de rock ou atriz famosa. Médica. Medicina de emergência. Você está lá quando as pessoas estão doentes, assustadas, machucadas. Você está lá. E agora? Não faz diferença alguma.

– Não. – Ele sentiu a escuridão se fechar ao seu redor. – Não faz.

– Talvez nosso sangue faça. Talvez Healy descubra um milagre. As chances são pequenas, mas quem sabe? Eu vou fazer o que puder, enquanto puder. Você precisa ir embora. – Ela colocou a mão sobre a dele.

– Encontre um lugar seguro. Não volte aqui.

Ele olhou para a mão dela. Sabia que ela tinha mãos fortes, capazes.

– Eu era meio que a fim de você.

– Eu sei. – Rachel sorriu quando ele ergueu o olhar para ela. – Uma pena que nenhum de nós dois tenha tomado a iniciativa. Eu, por várias razões, evito me envolver. Qual é a sua desculpa?

– Falta de coragem.

– Nós dois erramos. Agora é tarde. – Ela puxou a mão, levantou-se e pegou o suporte com as amostras de sangue. – Vou levar isso aqui para Healy e ajudá-lo no laboratório, já que ele é o único que sobrou no departamento. Boa sorte, Jonah.

Ele a observou partir. Nenhuma esperança, pensou. Não vira nenhuma esperança nela. Força, sim, mas aquela centelha de esperança havia

morrido. Compreensível.

Jonah desdobrou a manga da camisa, vestiu o casaco. Não queria voltar à emergência, a toda aquela morte, mas sabia que isso o ajudaria a levar adiante a decisão que havia tomado.

Ignorou os gritos, os sons de vômito, as terríveis tosses, e saiu para o ar livre. Pensara em acabar com tudo lá dentro. Se reunisse coragem suficiente, teria ido ao necrotério para pôr um fim em tudo aquilo. Facilitaria para todos. Só que simplesmente não conseguia encarar algo assim.

Bem aqui, considerou, *na porta da emergência?* Pelo amor de Deus, eles já tinham muito que fazer. Na ambulância? Parecia um bom local de encerramento.

Na cabine ou atrás? Na cabine ou atrás? Por que era tão difícil decidir?

O ato em si? Fácil. Já tivera contato com inúmeros suicídios e tentativas de suicídio para saber qual era a melhor maneira. O velho .32 do avô. Cano na boca, gatilho. Pronto.

Não suportaria viver daquele jeito, vendo a morte por toda parte. Morte implacável, inevitável. Não podia ainda olhar para os vizinhos, colegas de trabalho, amigos, familiares e ver a morte no rosto deles.

Não podia continuar se trancando no escuro para não ver. Não podia continuar a ouvir os gritos, os tiros, os pedidos de ajuda, as risadas enlouquecidas.

Com o tempo, sua depressão e seu desespero se transformariam em loucura. E ele temia, temia intensamente que a loucura o transformasse em um daqueles seres malignos que caçavam os outros e causavam mais sofrimento.

Melhor desistir, acabar logo com tudo e mergulhar no silêncio.

Enfiou a mão no bolso do casaco, sentiu a presença tranquilizadora da arma. Caminhou em direção à ambulância, feliz por ter tido a chance de ver Rachel, de ajudá-la, de dizer adeus. Perguntou-se o que Healy encontraria em seu sangue. Algo maculado por aquela terrível habilidade?

Sangue amaldiçoado.

Virou-se ao ouvir uma buzina, mas continuou andando, mesmo quando a minivan cantou pneu e parou com uma leve pancada no meio-fio. *Mais mortes para a casa da morte*, pensou, ouvindo com tristeza o pedido de ajuda.

Não havia ajuda.

– Por favor, por favor, me ajude.

Chega de mortes, jurou. Ele se recusava a assistir a mais mortes.

– Os bebês estão nascendo! Preciso de ajuda.

Não conseguiu evitar e olhou para trás novamente, viu a mulher se arrastar para fora da van vermelha embalando a barriga.

– Preciso de um médico. Estou em trabalho de parto. Eles vão nascer.

Jonah não viu morte, mas vida. Três vidas. Três centelhas brilhantes.

Consolando a si mesmo ao decidir que se mataria mais tarde, ele foi até a mulher.

– Quantas semanas?

– Trinta e quatro semanas e cinco dias. Gêmeos. Vou ter gêmeos.

– É um bom tempo de gestação para gêmeos.

Ele a amparou.

– Você é médico?

– Não. Paramédico. Não vou levá-la à emergência, está cheio de infectados.

– Acho que sou imune. Todas as pessoas... Mas os bebês. Eles estão vivos. Não estão doentes.

Percebendo o medo na voz da mulher, ele controlou o seu e tentou transmitir confiança.

– Vai ficar tudo bem. Vamos entrar ali. Vou levá-la para a ala da maternidade. Vou chamar um médico para a senhora.

– Eu... Contração!

Ela se agarrou a Jonah, cravando-lhe os dedos como se fossem garras, respirando em sibilos.

– Calma.

– Calma você – retrucou ela, em meio aos sibilos. – Desculpe.

– Tudo bem. Qual é o intervalo?

– Não consegui marcar quando comecei a dirigir, mas estava em cerca de três minutos quando saí. Levei uns, sei lá... dez minutos para chegar aqui. Eu não sabia o que fazer.

Ele a levou para dentro, conduzindo-a aos elevadores.

– Qual é o seu nome?

– Katie.

– O meu é Jonah. Está pronta para ter gêmeos, Katie?

Ela o encarou, olhos verdes enormes, deixou a cabeça cair sobre o peito dele e chorou.

– Está tudo bem, tudo bem. Vai dar tudo certo.

Trazer bebês para aquele mundo sombrio e mortífero? Não tinha pensado nisso. Disse a si mesmo para não pensar em mais nada a não ser em levá-la para a maternidade.

– A bolsa estourou?

Ela balançou a cabeça.

As portas do elevador se abriram para uma sala de espera vazia. Aquele mesmo silêncio ecoante o fez perceber que poderia não encontrar nenhuma ajuda para ela ali.

Levou-a de volta – quartos vazios, recepção vazia. Ninguém mais tinha filho?

Conduziu-a para uma das suítes de parto.

– Acomodações de primeira – comentou, esforçando-se para demonstrar ânimo. – Vamos tirar o casaco e colocá-la na cama. Quem é o seu obstetra?

– Morreu. Nem adianta, ele morreu.

– Vamos tirar seus sapatos.

Ele apertou o botão para chamar o enfermeiro antes de se agachar e tirar os sapatos dela.

Nem se deu ao trabalho de colocar nela uma camisola hospitalar. Não sabia onde encontrar uma e não queria perder tempo procurando. De qualquer forma, ela estava de vestido.

– Vamos deitá-la.

Ele a ajudou a subir na cama, parando quando ela cravou os dedos em seu braço novamente. Apertou de novo o botão.

– Estão todos mortos? – perguntou ela quando a contração passou. – Os médicos, as enfermeiras?

– Não. Eu estava conversando com uma médica lá embaixo, uma amiga minha, antes de sair e você aparecer. Vou ver se encontro alguém da obstetrícia.

– Por favor, não me deixe sozinha.

– Não vou deixá-la. Juro que não vou. Só vou ver se consigo encontrar uma enfermeira e pegar uns berços aquecidos para os bebês. O tempo de gestação está bom – repetiu –, mas eles são prematuros.

– Eu tentei chegar a 36 semanas. Eu tentei, mas...

– Ei. – Pegando a mão dela, ele esperou até aqueles olhos lacrimejantes encontrarem os dele. – Você está com quase 35. Isso é excelente. Me dê dois minutinhos, está bem? Não empurre, Katie. Respire fundo se tiver outra contração antes de eu voltar. Não empurre.

– Depressa. Por favor.

– Prometo.

Logo que saiu para o corredor, ele correu.

Jonah não conhecia aquela ala, estivera ali poucas vezes e só chegara até a recepção. Tentou se animar quando viu três crianças atrás do vidro do berçário, em seus bercinhos. Tinha que haver alguém naquele andar. Alguém devia estar cuidando dos bebês.

Abriu portas duplas e entrou em uma sala de cirurgia. Havia um médico (assim esperava) de avental, luvas e segurando um bisturi. Lá estavam também uma enfermeira e uma mulher grávida sobre a mesa, olhos fechados.

– Estou com uma mulher em trabalho de parto, gêmeos. Eu...

– E eu estou tentando salvar a vida desta mulher e do feto. Saia!

– Eu preciso... Ela precisa de um médico.

– Eu mandei sair! Sou eu mesmo. Só sobrei eu, e estou muito ocupado aqui. Enfermeira!

– Saia! – ordenou ela, enquanto o médico fazia a incisão.

– Avise a Dra. Hopman. Só isso. Avise a ela.

Jonah saiu correndo da sala, pegou dois berços aquecidos e empurrou-os até o quarto onde Katie ofegava, tendo uma contração.

– Continue respirando, continue respirando. Vou ligar esses equipamentos.

– Doutor... – foi só o que ela conseguiu dizer.

Ele ligou os berços, vestiu o avental, dobrou as mangas.

– Vai ter que ser eu, você e os gêmeos. Vamos conseguir.

– Ah, meu Deus, meu Deus... Você já fez algum parto antes?

– Sim, algumas vezes.

– Você diria isso mesmo que não fosse verdade?

– Não. Já fiz parto até de um prematuro. É o meu primeiro múltiplo, mas, ora, quem faz um, faz dois. Vou lavar as mãos e vestir as luvas. E aí vamos ver em que ponto estamos, tudo bem?

– Não tenho opção. – Ela encarou o teto, como fizera quando a mãe estava morrendo. – Se der errado para mim, prometa que vai cuidar deles. Cuide dos meus bebês.

– Não vai dar nada errado, e eu vou cuidar deles. E de você. Juro solenemente.

Ele fez o sinal da cruz sobre o coração e foi ao lavatório higienizar as mãos.

– Que nomes você vai dar a eles? – perguntou Jonah.

– A menina vai se chamar Antonia. Meu marido... ele queria muito uma menina. Antes de sabermos que teríamos gêmeos, ele torcia por uma menina. O menino será Duncan, em homenagem ao meu avô.

– Bonitos nomes. Bem fortes. – Ele vestiu as luvas e tomou fôlego. – Um de cada, hein? Não poderia ser melhor.

– Ele morreu aqui. O meu Tony. Meus pais também, e meu irmão. Quatro pessoas que eu amava morreram neste hospital, mas eu não sabia mais aonde ir.

– Eu sinto muito. Mas seus bebês não vão morrer, e nem você. Ah, eu tenho que tirar a sua calcinha e dar uma olhada nas coisas.

– O recato já foi riscado da lista há tempos. Isso eu tiro de letra.

– Preciso que tire é a calcinha.

Ele sorriu quando ela achou graça.

– Engraçadinho, não é?

– Você devia assistir ao meu show de comédia completo. Vou ter que invadir sua privacidade e sei que é desconfortável. Respire fundo.

Ele inseriu os dedos para medir a dilatação, enquanto ela soprava olhando para o teto.

– Você está totalmente dilatada, Katie. Vou pedir desculpas à Antonia quando ela chegar. Cutuquei a cabeça dela.

– Duncan. Ele é o primeiro. Foi a cabeça?

– Foi.

– Um deles está vindo.

– Força. Você está muito perto mesmo. Você... Pronto. A bolsa estourou.

– Está doendo. Ai, meu Deus do céu, como dói!

– Eu sei.

– Não sabe nada. Você é homem. – Ela virou a cabeça, fechou os olhos, deixou sair uma respiração longa e purificadora. – Tony e eu íamos colocar a música da Adele para tocar durante o parto. E nossas mães estariam conosco. A mãe dele morreu, assim como o pai. Meu irmão, os irmãos de Tony. Os bebês só têm a mim.

– Duncan está nascendo, Katie. Posso ver a cabeça dele. Ele tem cabelo! É escuro. Quer o espelho?

Ela soluçou, cobriu os olhos e levantou a mão, fazendo sinal para ele esperar.

– Eu o amava tanto... Tony. Meus pais, meu irmão, a família dele. Minha família. Todos se foram. Os bebês. Os bebês são tudo o que resta da minha família. E eles só terão a mim. – Ela esfregou os olhos. – Eu quero o espelho, por favor. Quero vê-los nascer.

Ele ajustou o espelho até ela fazer um sinal. Orientou-a durante as contrações seguintes e durante os empurrões.

Ela não falou de perda novamente, mas fez força como uma guerreira em uma batalha.

Duncan veio ao mundo gritando, com seus cabelos escuros e as mãozinhas cerradas. A mãe riu e estendeu os braços.

– Ele está com uma cor boa, e que pulmões! – Jonah limpou o bebê e o colocou nos braços de Katie. – Já vou cortar o cordão.

– Ele é lindo. É perfeito. Por favor, diga que ele é perfeito.

– Vamos pesá-lo e colocá-lo no berço aquecido. Ele parece perfeito, sim.

– Ele... ele está procurando o peito!

– Bem, é um rapaz.

– Os livros dizem, especialmente em caso de prematuros... Ele caiu de boca! Está com fome. E... Meu Deus, ela está vindo. Ela está vindo!

– Antonia não quer ficar para trás. Vou só colocá-lo no berço.

– Não, não, deixe-o comigo, ele está com fome. Preciso fazer força!

– Vamos lá, agora empurre pra valer. Você consegue fazer melhor.

– Estou tentando!

– Ok, espere. Relaxe, relaxe, respire. Vou precisar que faça força mais uma vez. Com vontade. Ela está pronta. Olhe no espelho, Katie. Empurre!

Ela inspirou com força e soltou o ar dando um longo e profundo gemido. Jonah pegou a cabeça, virou os ombros, e Antonia escorregou para suas mãos.

– Prontinho.

– Ela não está chorando, não está chorando... O que houve?

– Dê um segundo a ela. – Jonah aspirou o nariz do bebê, a boca, esfregou o minúsculo peito. – Vamos lá, Antonia. A gente sabe que você não é uma chorona, mas sua mãe quer ouvir sua voz. Ela só está indo com calma. Está ótima. A luz está nela, não a escuridão. Eu vejo vida, não morte.

– O quê...?

– Agora, sim. – Jonah abriu um largo sorriso quando o bebê emitiu um choro agudo, um barulhinho ultrajado, zangado. – Ela está ficando vermelha. Só quis sondar o ambiente, só isso. Ela é uma lindeza, mamãe.

Katie aninhou a menina.

– Olhe como a cabecinha dela é linda – comentou.

– Sim, o irmão ficou com toda a cota de cabelos. Espere só para ver, ela vai ficar mais cabeluda que ele. Estou cortando o cordão. Se Duncan já terminou o lanche, quero limpá-lo, pesá-lo, verificar algumas coisas. Você ainda tem a placenta para expelir.

– Deve ser mais fácil do que parir gêmeos.

Jonah levou Duncan e o limpou com cuidado, verificou seus batimentos cardíacos e reflexos, pesou-o.

– Ele chega com 2 quilos e 800 gramas. É um peso muito bom, mesmo para uma criança única e de nove meses. Muito bem, Katie.

– Ela está olhando para mim. Sei que não deve ser verdade, mas é como se estivesse me observando. Como se me reconhecesse.

– Ela com certeza reconhece você.

Olhando para o bebê em suas mãos, Jonah teve uma sensação de... triunfo, e de um amor calmo e sólido.

– É melhor colocar Duncan no berço aquecido por um tempo. Preciso da garotinha também. Vou tentar achar alguma coisa gelada para você beber – disse ele a Katie, enquanto limpava Antonia. – E comida se conseguir encontrar. Sua garota pesa 2 quilos e meio. Muito bom.

– Contração.

– Ok, vamos expelir o resto. Vai ser tranquilo. Tenho aqui um balde, é só fazer força, campeã.

Quando tudo terminou, Katie ficou deitada sem dizer nada, deixando Jonah limpar o suor de seu rosto. Então, ela pegou na mão dele.

– Você disse que estava vendo vida, não morte. Luz, não escuridão. E quando você disse isso... foi de um jeito diferente. Eu vi algo diferente em você.

– Eu estava um pouco tomado pela emoção.

Jonah fez menção de se afastar, mas ela apertou sua mão com mais força, ainda o encarando.

– Eu vi muitas coisas nas últimas semanas. Coisas que não fazem sentido, que parecem ter saído de livros e filmes de fantasia. Você é um deles? Um daqueles que estão chamando de Incomuns?

– Olha, você está cansada, e eu tenho que...

– Você trouxe meus filhos ao mundo. Você me deu uma nova família. Você me deu... – Lágrimas correram por seu rosto, e a voz dela começou a tremer. – Você me deu uma razão para continuar a viver. Serei grata a você todos os dias, pelo resto da minha vida. A cada vez que olhar para os meus filhos. Eu tenho filhos. E se parte da razão de eu tê-los é o fato de você ter um dom especial, ser especial, então sou grata a isso também.

Quando os olhos de Jonah ficaram marejados, ele se viu agarrando-se à mão dela como a uma tábua de salvação.

– Eu não sei o que eu sou. Não sei. Eu vejo a morte ou um ferimento chegando em alguém. Eu vejo como vai acontecer, mas não consigo impedir.

– Você viu a vida nos meus bebês, e em mim. Você viu a vida. Eu sei o que você é. Você é o meu milagre.

Ele teve que se sentar na beirada da cama para se recompor.

– Eu ia me matar.

– Não... Não, Jonah.

– Se você tivesse aparecido cinco minutos depois, eu estaria morto. Não aguentava ver mais mortes. Então você surgiu, e eu vi tanta vida! Acho que você é o meu milagre também.

Katie afrouxou um pouco o aperto.

– Pode me dar um abraço?

– Claro. É claro que posso.

Ela deitou a cabeça no ombro dele.

Ele ouviu passos se aproximando rápida e vigorosamente. Ouviu Rachel o chamar.

– Aqui! – gritou Jonah. – A médica – disse ele a Katie. – Antes tarde do que nunca.

– Quem precisa de um médico?

Rachel chegou à porta, olhou para ele, viu os berços aquecidos.

– Vejam só. Você fez isso?

– Ela ajudou um pouco – respondeu Jonah.

– Parece que foi um excelente trabalho em equipe. Sou a Dra. Hopman – começou ela, até ver o rosto da paciente. – Katie? Você é Katie Parsoni,

não é?

– Sim, Dra. Hopman. – As lágrimas descera mais depressa. Katie estendeu a mão, sem soltar Jonah. – Você está viva.

– Sim, e você e seus bebês também. Vou dar uma examinada em vocês.

– Duncan, 2 quilos e 800 – disse Jonah. – Antonia, 2 quilos e meio. Esqueci de medi-los.

– Você fez a parte mais importante. Como está se sentindo, mamãe? – perguntou Rachel, enquanto ia até os berços para pegar Duncan.

– Cansada, faminta, grata, triste, feliz. Tudo ao mesmo tempo. A Dra. Hopman estava comigo quando minha mãe morreu – explicou ela a Jonah. – Ela cuidou da minha mãe. E do meu pai, também.

– Foi Jonah quem os trouxe – comentou Rachel, olhando para ele. – Ross e Angela MacLeod.

– MacLeod. – A canja de galinha no fogo. O primeiro. O paciente zero. – É como um círculo se fechando – murmurou.

– Temos aqui dois bebês saudáveis. – Rachel se agachou para examinar as placentas e os cordões umbilicais. – Ótimo. Muito bom.

– Quando eles poderão sair? – Jonah quis saber.

– Preciso dar uma olhada em Katie, e vou tentar encontrar alguém da pediatria para examinar os bebês.

– Ela está bem. Ela e as crianças. Eu vejo isso, assim como vi que a mãe dela não estava bem enquanto você cuidava do pai. Assim como vi que você era imune. Sempre tive uma espécie de sexto sentido antes... antes de tudo isso. Agora está mais forte. Não espero que acreditem em mim, mas...

– Eu acredito – interrompeu Rachel, e esfregou os olhos. – Eu vi coisas. Coisas em que eu não acreditava no início, mas, quando vemos determinadas coisas, é preciso ser um idiota para não acreditar. Só que eu também seria uma péssima médica se não examinasse uma mulher que acabou de dar à luz gêmeos.

– Assim que você terminar, preciso saber quando eles podem sair. E quando você vai estar pronta para sair.

– E aonde eu vou?

– Ainda não sei, mas sei que você é imune. Assim como Katie e os bebês. Você falou que eles estão fazendo varreduras, levando os imunes para áreas de quarentena, fazendo testes.

– O quê? – Katie agarrou o ombro de Jonah. – “Eles”? Você se refere ao governo? Estão prendendo pessoas que não estão doentes?

Rachel suspirou.

– Jonah...

Chega de mentiras, pensou ele. Chega de desespero.

– Ela tem o direito de saber. Precisa pensar nos filhos. Você é médica, e existem pessoas sem o vírus e que mesmo assim precisam de médicos. De médicos inteligentes e adaptáveis. Eles vão tentar levar gente como eu também, e nem ferrando que eu vou virar cobaia de experimento! – Ele repetiu: – É um círculo se fechando. Dos pais dela para mim, de mim para você, de você para Katie, de Katie para mim. E agora os bebês. Isso quer dizer alguma coisa. Quando eles podem ir embora? Quando você pode ir embora?

Completamente exausta, Rachel olhou para os bebês, para a mulher chorando baixinho, para o homem que, de repente, parecia firme como aço.

– Talvez amanhã, dependendo de que tipo de viagem você tem em mente. As estradas estão bloqueadas.

– Eu posso arranjar um barco.

– Um barco?

– Patti... minha parceira na ambulância... ela tinha um barco. Não é nenhuma maravilha, mas serve. Vamos até o barco, entramos no barco, atravessamos o rio de barco. E de lá a gente se dirige para... qualquer lugar que nos parecer melhor. Atravessamos áreas rurais onde for possível. Só vou saber ao certo quando sairmos. Ninguém vai colocar essas crianças em um campo de testes.

– Ninguém vai tocar nos meus filhos. – Como uma torneira que tivesse sido fechada, as lágrimas pararam. – Ninguém. Podemos ir agora mesmo.

Rachel levantou a mão.

– Amanhã. Vou examinar você e vamos ficar de olho nos bebês por 24 horas. Se não houver complicações, podemos partir amanhã. Precisamos providenciar algumas coisas. Fraldas, roupas, cobertores. Podemos vir a precisar de leite para os gêmeos.

– Duncan já pegou peito.

– Jura? – Rachel deu uma risada. – Mais uma boa notícia. Mesmo assim, precisamos nos preparar. Algumas coisas eu posso conseguir aqui. Eu vou, e autorizo a saída deles... caso possam ir, clinicamente falando... pois uma mãe e seus bebês recém-nascidos podem precisar de um médico. Se bem que Jonah saberia lidar com quase tudo. Eu vou porque você tem razão. Isso? – Ela fez um gesto indicando os cinco presentes. – Isso significa alguma coisa. E vou porque talvez lá fora eu volte a me sentir uma médica.

Ela se aproximou da cama.

– Vá procurar algo para a nova mamãe comer. Talvez uma bebida gelada, definitivamente um pouco de água. E encontre alguma roupa limpa para ela. Procure também gorros, e fraldas para prematuros. Vamos ver se você é mesmo despachado, Jonah.

– É pra já. – Ele se levantou. – Eu volto – disse ele a Katie.

– Eu sei.

– Muito bem, Katie, vamos dar uma olhada.

– Dra. Hopman?

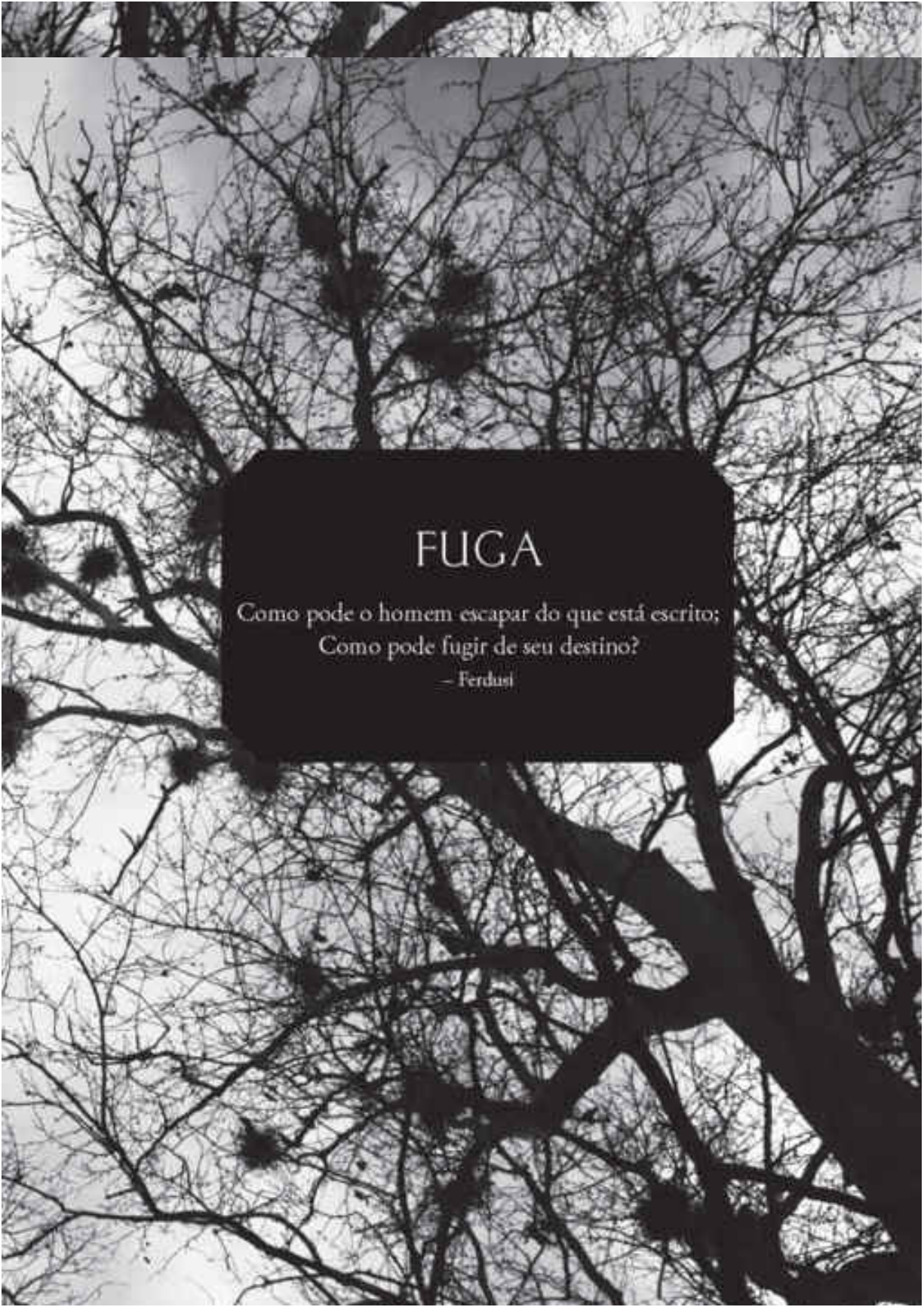
– Rachel. Me chame de Rachel. Parece que formamos uma aliança aqui.

– Rachel, quando você terminar, posso pegar meus bebês no colo?

– É claro que pode.

E a centelha que havia morrido dentro de Rachel ao longo daqueles dias terríveis foi reacesa.





FUGA

Como pode o homem escapar do que está escrito;
Como pode fugir de seu destino?

— Ferdusi



CAPÍTULO 6

Enquanto Katie amamentava a filha pela primeira vez, Arlys Reid decidiu colocar seus planos em ação. Fazia dias que ela dependia de Chuck e do que ela própria conseguia cavar na internet instável, somados às poucas observações obtidas em suas caminhadas rápidas para ir e voltar do estúdio.

Ela não queria ser uma repórter?, disse a si mesma, enquanto verificava as pilhas do gravador. Estava na hora de ir à rua e agir como uma.

Não avisou a seu produtor, seu diretor. O que quer que acontecesse, a decisão cabia a ela – e Arlys sabia que parte dessa decisão se devia a não ter divulgado o pior do que Chuck lhe contara naquela manhã.

Não viria ajuda.

Quando ela se levantou para vestir o casaco, Fredinha, à sua mesa, perguntou:

– Aonde você vai?

– Lá fora. Trabalhar. Preciso que você me dê cobertura, Fredinha. Diga que estou tirando uma soneca ou algo assim. Quero fazer uma externa com “o homem das ruas”. Se eu conseguir encontrar alguém que não queira me roubar, me violentar ou me matar.

– Não vou te dar cobertura. – Fredinha se levantou. – Eu vou também.

– Nem pensar.

Fredinha, do alto de seu 1,55 metro, apenas sorriu.

– É claro que vou. Já passei muito tempo lá fora. Alguém tem que pegar os chocolates e as batatas fritas, certo? E dois é melhor que um – acrescentou, colocando um casaco azul cheio de estrelas cor-de-rosa. – Tem um mercado... quer dizer, é no máximo uma mercearia fuleira. Fica na 6th Street com a 51st. A entrada está fechada com tábuas, mas a gente sabe, alguns de nós, que dá para puxar duas e se espremer para entrar.

Ela colocou por cima dos cachos ruivos um gorro rosa cuja ponta comprida era arrematada por um pompom.

– Ainda tem comida lá, então podemos pegar um pouco. Ninguém leva mais do que precisa. A gente fez um acordo.

– A gente quem?

– Tipo... o pessoal da vizinhança. Os que sobraram. Ninguém pega mais do que precisa, e assim todo mundo consegue ter um pouco.

– Fredinha. – Arlys colocou a bolsa no ombro e observou a ruivinha de rosto alegre e sardento. – Isso é uma matéria. Você é uma matéria.

Os olhos de um verde calmo e tranquilo se anuviaram.

– Você não pode contar essa história, Arlys. Se algumas pessoas descobrirem que tem comida lá, vão pegar tudo. Vão querer estocar tudo para elas.

– Não vou dar o endereço nem mesmo a área. – Arlys jurou cruzando os dedos sobre o peito. – Só a história. Sobre pessoas trabalhando juntas, ajudando umas às outras. Um fio de esperança. Quem não precisa disso agora? Você poderia me dar alguns detalhes... nada de nomes ou locais... só contar como chegaram a esse acordo, como é que funciona.

– Eu vou lhe contar quando sairmos em busca do homem das ruas.

– Tudo bem, mas vamos ficar juntas. – Arlys pensou na arma que trazia na bolsa.

– Combinado. E não se preocupe: tenho uma maneira de ver se alguém é amigo ou babaca. Sabe, tem alguns babacas que não estão querendo nos matar nem nada assim. São babacas porque sempre foram.

– Não posso discordar.

Elas andaram em direção à saída.

– Você sabe que o Jim não vai gostar de saber que você está correndo riscos.

Arlys deu de ombros.

– Ele vai gostar quando souber que eu consegui uma boa história. Há pessoas reais lá fora, apenas tentando sobreviver. Como fazem isso? O que aconteceu com elas? O povo precisa ouvir sobre outros que estão sobrevivendo no dia a dia. Isso os ajuda a sobreviver também.

– Por exemplo, não pegando mais do que precisam do mercado.

– Exato. – Enquanto se dirigiam à saída, Arlys traçou um plano básico.

– Vamos na direção da 6th Avenue, procurando alguém na rua. Se houver um grupo de pessoas, nos afastamos. Grupos podem se transformar em confusão.

– Principalmente à noite – comentou Fredinha. – Mas durante o dia, também.

– Faz três semanas que não saio à noite, exceto para chegar em casa depois da última edição. Eu adorava caminhar.

– Você só precisa saber onde andar, tem que ir nas zonas seguras.

– Zonas seguras?

– Aonde vão mais pessoas boas do que más. Alguns dos maus não são realmente maus. Estão apenas apavorados e desesperados. Mas alguns são maus de assustar, maus de verdade. Você precisa ficar longe desses, saber onde se esconder.

Será, pensou Arlys, que o seu “cara das ruas” estava bem diante de seu nariz?

– Como você sabe sobre essas zonas seguras?

– Conversando com pessoas que já conversaram com outras pessoas – explicou Fredinha. Tinham chegado à saída. – Eu não falei nada antes porque, se noticiarmos isso, talvez as pessoas más encontrem as zonas seguras. Pensei que, se tivermos que encerrar as transmissões, quando isso acontecer, vou contar a todo mundo para que possam tentar encontrar uma zona segura.

– Você é um milagre, Fredinha.

– Às vezes eles conseguem ajudar se alguém quiser sair da cidade. Mas muitos dos que ainda estão aqui não querem desistir, mesmo que tenham que lutar.

Arlys girou a chave na porta.

– Você não vai usar uma máscara? – perguntou Fredinha.

– Elas não servem para nada, não é? Se tiver que pegar o vírus, você pega.

– As máscaras ajudam algumas pessoas a se sentirem seguras. Pensei que acontecesse assim com você.

– Não mais.

Elas saíram, e Arlys trancou a porta.

– Não vamos nos separar, mas, por precaução, você tem a chave? – perguntou Arlys.

– Não se preocupe.

As duas começaram a andar, respirando o ar que carregava o ranço de destruição, sangue e urina.

– Fredinha, quantas pessoas você calcula que viu ou falou nessas zonas seguras? Não vou colocar isso no ar. É confidencial.

– Não sei exatamente. Eles estão tentando manter um controle, mas muda muito. Chega gente, sai gente. As pessoas ainda estão adoecendo. Ainda estão morrendo. Ao amanhecer, nós, quer dizer, eles tentam levar os corpos para áreas verdes, parques. Ainda está bem frio, então, enfim, você sabe.

– Eu sei.

Quando a temperatura subisse, a decomposição seria terrível. E os que haviam morrido dentro de casa...

Ela já sentira o cheiro no próprio prédio. O fedor do apodrecimento.

– Não podemos realizar funerais ou memoriais propriamente ditos. São muitos – acrescentou Fredinha. – Alguém diz algumas palavras, e... é preciso queimar os corpos. Tem ratos, cães, gatos... É da natureza deles, então devemos queimá-los. É uma maneira limpa e respeitosa, eu acho.

– Você já participou dessas... cerimônias?

Fredinha assentiu.

– É tão triste, Arlys. Mas é a coisa certa a fazer. A gente tenta fazer o que é certo, mas são tantos... muito mais do que o que o governo diz.

– Eu sei.

Sob o gorro de pompom, Fredinha olhou de soslaio para Arlys.

– Você sabe?

– Eu tenho uma fonte, mas... É como as zonas seguras, não posso veicular isso. Se eu for ao ar com as informações que ele me conta, os caras vão me impedir de continuar. E podem chegar até ele.

– Você não diria. Você não revelaria uma fonte.

– Claro que não, mas pode haver uma maneira de rastreá-lo partindo de mim. Não posso arriscar. Eu tenho um protocolo, ele me orientou. Sabe o que acontece se um dia eu veicular o que ele me pediu para guardar em segredo? Tenho que destruir meu computador, minhas anotações, tudo. E fugir.

– Fugir para onde?

– Não posso revelar.

– Porque ele lhe contou em confiança.

– Exato. Mas se...

– *Shh!* Ouviu isso? – Enquanto Arlys falava, Fredinha agarrou o braço dela e a puxou para trás da esquina da 6th Avenue. – Aqui dentro.

Enquanto Fredinha a puxava pela vitrine quebrada do que um dia fora uma loja de sapatos, Arlys ouviu o motor.

– Parece uma moto. Será que são os Rapinantes?

– Eles gostam de motos. Dá para desviar dos destroços – explicou Fredinha.

Ela levou o dedo aos lábios, puxando Arlys para longe do vidro quebrado, mergulhando nas sombras.

Arlys fez menção de falar, mas Fredinha balançou a cabeça com força.

Ela ouviu mais vidro se quebrando, risadas selvagens. Em seguida, o motor rugiu e começou a diminuir.

Fredinha ergueu a mão, em sinal de espera, por vários segundos mais.

– Alguns deles têm a audição de um morcego. E às vezes andam em grupos. Não podemos nos arriscar.

Depois de enfim soltar a respiração, Arlys olhou ao redor. As prateleiras vazias preenchiam as paredes de ambos os lados da loja. Se um dia houvera balcões, alguém os tinha levado embora.

Alguns poucos sapatos estavam espalhados pelo chão, uma ou outra bolsa, algumas meias.

– Estou surpresa por terem deixado alguma coisa.

– Os maus levam o que querem e inutilizam o resto. Urinam nas coisas, até defecam. Eles não precisam dos objetos, mas não deixam que mais ninguém os tenha. Esse tipo de coisa se tornou mais frequente nos últimos dias.

Ela saiu com Arlys, foi até a esquina, olhou com atenção para um lado e para o outro antes de atravessar a rua correndo.

– Eles bebem e se drogam – prosseguiu ela. – Ateiam fogo, atiram. Andam por aí à procura de alguém que não se esconda rápido o suficiente ou não corra rápido o suficiente. Eles os machucam. Ou os matam. Mas estão começando a caçar.

– Caçar pessoas?

– Começando a entrar nos prédios onde as pessoas moram. Ou moravam. São os mortos que os mantêm longe de alguns lugares. Mas não vão segurá-los por muito mais tempo. Eles fazem a mesma coisa, destroem os objetos, pegam o que querem e procuram pessoas a quem fazer mal. Rapinantes.

Ela parou ao lado de um carro vazio.

– Isto não estava aqui ontem – constatou. – Veja, eles tentaram passar, mas a rua está quase toda bloqueada. Não levaram as coisas. Está vendo? Eles tentaram pegar coisas demais e não tinham como carregá-las se tivessem que correr. O mercado é logo ali na frente.

– Aqui é uma zona segura?

– Razoavelmente segura, se você não der mole. – Ela sorriu ao dizer isso.

Fredinha parou diante de uma loja com a entrada impedida por tábuas. Arlys estranhou os símbolos pintados na madeira.

– O que significam essas coisas?

– Ah... digamos que é para dar sorte. Tem alguém lá dentro. Está tudo bem – acrescentou rapidamente. – Não é um dos Rapinantes ou dos maus.

– Como você sabe?

Fredinha já havia afastado duas tábuas.

– Bênçãos – explicou ela. – É como uma senha – disse ela a Arlys, e entrou.

As tábuas se fecharam atrás da repórter, lançando-as em escuridão total. Nem uma fresta de luz entrava. Então, uma luz piscou.

– Quem está com você, Fredinha?

– Oi, TJ. Esta é Arlys. Trabalha comigo. Não tem problema. Ela é dos bons.

– Você vai levá-la a uma das zonas?

– Neste exato momento, não. Ela está à procura de uma entrevista, e eu pensei que, já que saímos, eu pudesse pegar algumas latas de sopa para deixar na emissora. Como está Noah?

Como a resposta foi o silêncio, Fredinha deu um passo à frente.

– TJ, você sabe que eu não traria ninguém que quisesse nos fazer mal.

– Nem sempre é preciso querer para fazer mal.

– Você se importa de tirar essa luz da minha cara? – pediu Arlys, com paciência. – Assim posso responder por mim mesma.

Ele a abaixou lentamente.

– Não sei até quando vamos conseguir manter as transmissões. Somos só um punhado de pessoas ainda trabalhando, ainda capazes e dispostas. A comunicação é importante, informações são importantes, mesmo quando poucas. Não sei quantas pessoas ainda conseguem assistir, mas cada um que assiste pode passar a informação adiante. Meu palpite, e espero que seja pessimista, é que temos mais alguns dias, talvez uma semana, antes de encerrar. Quero tentar alcançar as pessoas até lá. Depois, vou encontrar outra maneira de fazer meu trabalho.

– Que baboseira é essa de entrevista?

– Quero contar uma história, uma história pessoal. Quero que as pessoas ouçam não de mim, mas de alguém que está conseguindo

enfrentar tudo isso. Quero mostrar essa história. Porque ela é importante. É tudo o que importa agora.

– Você quer contar uma história?

– Quero que você conte a sua – corrigiu Arlys. – Quero que você fale com todos os outros lá fora, para todos os que ainda estão resistindo. O que você pensa, o que sente, o que fez. Talvez uma pessoa ouça e isso a ajude a seguir em frente.

– Fale com ela, TJ. É a coisa certa a fazer.

– Sem citar nomes – garantiu Arlys. – Vou usar outro nome. Nem localização. Não vou dizer onde conversamos. Tenho um gravador aqui comigo, mas eu desligo se houver qualquer coisa confidencial que você quiser dizer.

– Vai ao ar hoje à noite?

– Vou pedir permissão para botar no ar quando eu voltar, pedir que seja mostrado a cada hora, até o jornal da noite. Amanhã, se eu puder, vou tentar falar com outra pessoa, conseguir sua história e fazer a mesma coisa. Isso não vai ser o fim, porque não vamos deixar que seja o fim. Os Rapinantes não vão nos destruir. Nós vamos resistir. Queria que você me dissesse como conseguiu, como está seguindo em frente.

– Você quer ouvir a minha história? Vou lhe contar a minha história.

– Posso pegar meu gravador? E minha lanterna?

– Tudo bem.

Ela pegou a bolsa, encontrou a lanterna pelo tato e tirou o gravador do bolso antes de ligar a luz, apontando-o na direção da voz de TJ.

Era um cara grandalhão, negro, de ombros largos e olhos pretos e ferozes. Os cabelos muito curtos e espetados indicavam que ele os raspava com frequência até pouco tempo antes.

– Você vai me chamar de Ben.

– Certo, Ben. Estou ligando o gravador. Aqui é Arlys Reid. Estou conversando com Ben. Pedi a ele que me contasse, que contasse a todos nós, a sua história. A pandemia mudou tudo para todo mundo. Como você tem enfrentado isso?

– É levantar de manhã e fazer o que precisa ser feito. A gente acorda pensando, por apenas uma fração de segundo, que está tudo do jeito que era antes. E aí se liga que não. Nunca vai voltar a ser, mas a gente levanta e segue em frente. Três semanas e dois dias atrás, eu perdi meu marido. O melhor homem que já conheci. Policial, condecorado. Quando as coisas começaram a ficar ruins, ele saía todo dia para tentar ajudar as pessoas. Para servir e proteger. Isso lhe custou a vida.

– Ele foi morto no cumprimento do dever?

– Foi. Não por uma bala ou uma faca. Teria sido mais fácil para ele. Pegou a doença. Àquela altura, com os hospitais tão sobrecarregados... Ele se recusou a ir. Disse que não fazia sentido. Queria morrer em casa, na nossa casa. A preocupação dele era ter me infectado, mas eu não fiquei doente.

Ele fez uma pausa, parecia estar se recompondo.

– Eu fiz tudo o que pude por ele durante dois dias terríveis. Dois dias, foi esse o tempo que demoramos para perceber que não podíamos continuar a fingir que era apenas exaustão por trabalhar em excesso, e sim a Catástrofe. Não vou falar sobre esses dois dias. Só vou dizer que ele morreu como queria. Em casa. Depois, eu o levei... para onde ele agora descansa.

– Sinto muito, Ben.

– Todo mundo acha que as próprias perdas são o pior que pode acontecer. E esse... essa maldita praga causou perdas a todo mundo. Todos nós enfrentamos o pior que pode acontecer.

– Mas você seguiu em frente. Está seguindo em frente.

– Eu quis morrer também. Quis ficar doente e morrer, mas não morri. Então pensei em pegar a arma dele, a que ele usava no trabalho. Seria uma forma de morrer. Pensei nisso enquanto as pessoas estavam se amotinando nas ruas, quando começaram a agir como animais. E aí pensei o que ele me diria, como ficaria decepcionado comigo por não valorizar a vida, não fazer algo para ajudar. Mesmo assim eu hesitei.

Ele ficou em silêncio por meio minuto, mas Arlys não falou nada, respeitou seu tempo, seu espaço.

– No lugar onde eu moro – prosseguiu Ben –, no meu prédio, estavam todos morrendo, fugindo ou se juntando aos animais nas ruas. Eu pensei: “Não sobrou nada, só escuridão.” Só que eu ouvia na minha cabeça a voz do meu marido me dizendo: “Não ouse fazer isso. Não ouse desistir.”

– E você não desistiu.

– Eu quase desisti. Um dia, eu saí. Talvez para procurar comida, talvez apenas para continuar andando. Não sabia direito. E havia um garoto sentado na escada. Ele morava no prédio. Eu não sabia o nome dele... não vou dizer o nome dele.

– Vamos chamá-lo de John.

– Está bem. John estava ali sentado, chorando. Os pais e o irmão dele, todos tinham morrido. Ele não podia ficar em casa. Você pode imaginar por quê.

– Sim.

– No início, ele teve medo de mim. Mas não fugiu. Estava disposto a ficar e lutar, aquele garotinho assustado e de luto. Ele estava disposto a enfrentar tudo, e o que eu estava fazendo, além de chafurdar na dor? Então, eu sentei nos degraus com ele e conversamos um pouco. Levei a mãe dele primeiro. Íamos levá-la para o mesmo local onde eu coloquei o meu marido. Quando saímos com ela, uma garota apareceu. Não vou dizer o nome – acrescentou ele, mas Arlys viu quando ele olhou para Fredinha. – Ela perguntou se podia ajudar. Falou que conhecia outros que podiam ajudar. Então, aceitamos a ajuda e colocamos a família do John onde pudessem descansar.

“E ele foi morar comigo – continuou Ben. – Então, de manhã a gente acorda e toma um café. Pratico leitura com ele, ensino matemática, coisas assim. É muito importante que um garoto não deixe de aprender. Também estou ensinando John a lutar, caso ele precise. Jogamos um pouco, porque brincar é tão importante quanto aprender. A gente se levanta e faz o que precisa ser feito, é assim que enfrentamos tudo isso. Quando ele estiver preparado, afinal, faz só duas semanas, vamos embora da cidade. Encontrar algum lugar bom. E, lá, vamos nos levantar de manhã e fazer o

que precisa ser feito. Vamos construir uma vida, porque a morte não pode ser tudo o que existe.”

Ele olhou diretamente para Arlys.

– Isso não vai ser o fim – disse ele, repetindo as palavras dela. – Não vamos deixar que seja o fim.

– Obrigada, Ben. Espero que sua história chegue às pessoas que precisam ouvi-la. Eu mesma precisava. Aqui é Arlys Reid, e agradeço a cada um que está fazendo o que precisa ser feito.

Ela desligou o gravador.

– Não espere até ele estar preparado. Tire John da cidade assim que puder.

– O nome dele é Noah. – Os olhos de TJ foram de uma para a outra, antes de se fixarem novamente em Arlys. – Você sabe alguma coisa que não está revelando.

– Eu sei que as coisas vão piorar por aqui. Sei que, se tivesse um filho que dependesse de mim, eu o levaria embora. Fredinha contou que há pessoas que podem ajudar com isso. Arrume suas coisas e peça ajuda a ela. Vá com eles, Fredinha.

– Eu vou ficar com você – respondeu a garota. – Você sabe quem procurar, TJ. Sério, se Arlys diz que vocês devem ir, vocês devem ir. Por Noah.

– Vou falar com ele. Ele sabe que a hora está chegando. Vou sentir sua falta, Fredinha.

Ele foi até ela e a abraçou, parecendo ainda maior perto da garota.

– Também vou sentir sua falta, e de Noah. Mas você sabe: se for para ser, ainda vamos nos encontrar de novo.

– Eu quero que seja. – Ele estendeu a mão para Arlys. – Pensei que contar minha história fosse me deixar mal. Mas não. Cuide-se.

– Vou tentar. Boa sorte, TJ.

Ele pegou a bolsa com seus suprimentos, deu uma última conferida e saiu pela passagem escondida entre as tábuas.

– Vai ser uma boa entrevista – comentou Fredinha. – Poderosa. Acho que ele estava aqui porque precisava contar sua história, e precisava que

você dissesse a ele para pegar Noah e ir embora.

– Nós dois demos sorte, então.

– Sorte, não. Destino. Tenho uma coisa para lhe dizer... em off.

– Ok, vamos pegar aquela sopa e você me conta no caminho de volta para a emissora. Quero preparar esse material.

– É melhor eu lhe mostrar, e aqui, que é um lugar seguro. Não se assuste, está bem?

– Por que eu...

Arlys parou de falar e ficou boquiaberta quando Fredinha balançou os dedos, fazendo luzes cintilantes dançarem em torno dela.

– Como você...?

– Queria que desse para você enxergar melhor – disse ela, abrindo os braços.

Diante dos olhos deslumbrados de Arlys, asas iridescentes brotaram das costas de Fredinha, cintilando através da jaqueta que ela usava. E ela se elevou alguns centímetros do chão, voando em círculos, movimentando as asas.

– O que é isso? O que *é isso*?

– Eu fiquei um pouco assustada no início. Um dia, simplesmente... aconteceu. Depois, eu fiquei, tipo, isso é absurdamente maneiro. Descobri que sou uma fada!

– Uma o quê? Uma fada? Isso é loucura. Pare com isso!

Fluida como a água, Fredinha desceu ao chão, mas as asas permaneceram.

– Poxa, é tão divertido... mas tudo bem. Você não pode revelar nada sobre isso, Arlys. Sobre mim. Eles nos chamam de Incomuns. Não sei se gosto ou não, mas está acontecendo. Pela forma como você lê as notícias, sei que vai dizer: “Aham, sei.” Mas olhe. – Fredinha flutuou outra vez. – *Aham, sei!*

– Não é possível.

– Não deveria ser possível mais de um bilhão de pessoas morrerem em um mês. Mas *é* possível. E isso? Eu? Os outros que são como eu? Não só é possível, como é tão real quanto qualquer outra coisa. Talvez seja algum

tipo de equilíbrio, não sei. Também não consigo entender, então eu apenas aceito.

– Outros... como você?

– Fadas, elfos, bruxas, ninfas, feiticeiros... e essas são apenas as pessoas que conheci desde que tudo começou.

Como se a ideia a encantasse, Fredinha voou um pouquinho mais alto.

– Precisamos ter cuidado. Gente que possui alguma magia também tem o bem e o mal dentro de si. Então, existem os maus, que querem nos fazer mal... e as pessoas comuns que não aceitam a magia e que também querem fazer o mal.

Ela pousou novamente, tocou o braço de Arlys.

– Estou lhe mostrando e contando isso porque algo dentro de mim me disse que eu deveria. Sempre confiei nesse algo dentro de mim, mesmo quando eu não sabia que existia.

– Talvez eu tenha pegado no sono à minha mesa e isso tudo seja um sonho.

Com uma risada, Fredinha deu um soquinho no braço dela.

– Você sabe que não está dormindo e que isso não é um sonho.

– Eu... A gente realmente precisa conversar sobre isso.

– Sim, claro. Temos que voltar, preparar a matéria. Talvez depois da edição da noite, quando fecharmos a emissora. Podemos beber um vinho e falar sobre isso. Eu tenho um pouco de vinho escondido.

– Acho que eu vou precisar de *muito* vinho.

– Ok, mas vamos pegar aquela sopa. Você devia retocar a maquiagem e ajeitar o cabelo antes de ir ao ar.

– Certo.

– Você está assustada?

– Muito.

Fredinha sorriu.

– Mas você vai fazer o que precisa ser feito. Não vai me trair, assim como não vai trair sua fonte, nem TJ e Noah. Eu sei porque você tem integridade.

De volta à emissora, Jim deu outro nome à integridade de Arlys. Chamou-a de imprudência e, exaltado, deu uma bronca nas duas. Uma bronca que teria irritado Arlys até o último fio de cabelo se ela não tivesse visto a preocupação no rosto dele, se não a tivesse ouvido sob toda aquela raiva.

Só que ele não pôde criticar a entrevista. Ouviu duas vezes, depois se recostou na cadeira.

– É sensacional. Você o deixou narrar sua história, deixou que ele falasse com o coração. Muitos repórteres o teriam cortado com perguntas, tentado guiá-lo. Você não fez nada disso.

– A história era dele, não minha.

Ele se virou na cadeira, olhou para fora da janela da sala, que raramente usava. Havia chamado as duas até ali, para lhes passar um sermão, levado pela irritação e pelo medo.

– O foco jamais deve ser você. Antes que tudo virasse esse inferno, muitos jornalistas esqueciam isso. Eu mesmo me deixei levar por essa tendência e não enxerguei essa qualidade em você.

Ele girou na cadeira outra vez, voltando a ficar de frente para elas.

– Vamos colocar isso no ar. Você precisa de um texto de introdução.

– Já tenho tudo na cabeça. Eu gostaria de passar essa matéria de hora em hora até o jornal da noite.

– É o que vamos fazer. Não faça nada assim novamente sem me consultar antes. E não leve essa menina. Desculpe, Fredinha, mas você não é exatamente a Mulher-Maravilha.

– Está mais para Sininho – murmurou Arlys, fazendo Fredinha rir.

– É isso aí. Agora, vamos fazer o nosso trabalho.

Arlys ditou a introdução para Fredinha, enquanto ajeitava a maquiagem e o cabelo. Já à mesa do estúdio, esperou a luz verde e o sinal para começar.

– Aqui é Arlys Reid. Hoje estamos trazendo uma história que esperamos que inspire muitas outras. Todos os dias, apesar da tragédia e do desespero, as pessoas seguem em frente. Cada um que segue em frente lida com perdas, vive em meio à incerteza. Cada um tem uma história para

contar, de uma vida que se perdeu, uma vida que agora existe. Esta é a história de Ben.

A entrevista foi ao ar.

Ela ouviu aquelas palavras novamente com a mesma emoção da primeira vez. Pensando naquele grandalhão e no jovem rapaz, torceu para que tivessem encontrado um lugar decente para viver.

– Vamos repetir a história de Ben daqui a uma hora, para nos ajudar a lembrar que existe esperança e humanidade. Aqui é Arlys Reid, finalizando por agora.

Fredinha aplaudiu. Com um suspiro de satisfação, Arlys se levantou e acenou para Fredinha enquanto ia para a redação.

– Vou convencer Jim a nos deixar sair com uma câmera portátil amanhã.

– Beleza!

– Não vamos mostrar o rosto de ninguém que não queira, mas podemos usar o recurso de *B-roll*. Se mais alguém que você conhece quiser falar comigo, diga que eu vou fazer acontecer. E aquele vinho, Fredinha? Vamos levá-lo para minha casa hoje à noite, depois do trabalho. Você pode dormir por lá. Acho que vamos precisar conversar, e muito.

– Tipo uma festa do pijama! Adoro.

Arlys não conseguia entender como alguém podia ser tão alegre, considerando o estado em que a raça humana se encontrava. Então se lembrou: uma fada. Fadas eram sempre alegres? Como uma mulher que ela conhecia havia quase um ano podia ser algo que teoricamente não existia?

Esse pensamento fez sua cabeça girar.

Ela precisava fazer seu trabalho, ver o que conseguia descobrir para a edição da noite.

Não encontrou muita coisa, mas sabia que, quando relatasse a história de uma mulher que fora vista fazendo flores brotarem na neve em Wisconsin, não o faria com um tom irônico.

Optou por trocar de casaco para a edição da noite, tirar os brincos, prender os cabelos. Não queria entediar as pessoas com o mesmo visual.

Como já bebera sua cota de café do dia – *pegue apenas o que precisar*, lembrou-se –, optou por água.

Instalou-se novamente à mesa do estúdio, revisou o texto, rotacionou os ombros. Estaria pronta para aquele vinho.

Assumiu sua expressão séria e profissional e esperou o sinal. Durante a primeira matéria, ouviu um pequeno tumulto perto dali. A voz de Jim surgiu em seu ouvido:

– Bob Barrett acabou de entrar no estúdio. Acho que está bêbado. Vou descer para ver se consigo distraí-lo.

Ela prosseguiu, mas viu uma movimentação pelo canto do olho.

De repente, a voz de Carol surgiu no ponto:

– Jim não vai chegar aqui a tempo. Posso cortar para outra cena.

– Arlys Reid! – A voz forte de barítono de Bob arrastava as palavras.

Ele caminhava, ou melhor, cambaleava na direção dela.

– Está tudo bem, Carol. Este lugar é do Bob.

– Pois é mesmo. – Ele subiu no tablado, mas caiu ao lado dela.

Ele cheirava a... gim e suor envelhecido. Seu rosto sulcado, brilhando com mais suor, mostrava-se pálido sob as luzes do estúdio.

Seus olhos vermelhos transmitiam ressentimento.

– Passei doze anos nessa bancada.

– E firme como uma rocha. Quer terminar o jornal desta noite?

– Que se dane o jornal! O mundo foi para o inferno e todo mundo sabe disso. A história do Ben? – Ele deu uma risada enojada. – Não venha querer me impressionar, novata. Vou dar a eles uma boa história.

Arlys ficou paralisada quando ele puxou uma arma e a apontou para Jim, que vinha correndo na direção da mesa.

– É melhor você ficar aí, Jim. Todos para trás. E você, Carol, eu vou saber se você cortar a transmissão, meu bem. Corte e eu enfio uma bala na cabeça dessa mocinha bonita.

Arlys não conseguiu sequer engolir em seco.

– A mesa é sua, Bob – repetiu ela.

CAPÍTULO 7

Quando era uma repórter iniciante, com sonhos de conduzir entrevistas contundentes e perspicazes com chefes de Estado, Arlys se imaginara em situações de vida ou morte e pensara em como suas reportagens corajosas feitas *in loco* impactariam a nação.

Agora, enfrentando um colega bêbado e potencialmente louco com uma arma na mão, sua mente deu branco. O suor do pânico escorria como óleo por sua coluna.

– Foi logo sentando esse seu belo traseiro jovem na *minha* cadeira, hein? Vadia traidora.

Ela ouviu a própria voz: metálica, indistinta, como se saísse de uma ligação ruim.

– Todos aqui e todos em casa sabem que eu só estava substituindo você até sua volta.

– Não tente enganar um enganador de primeira, garotinha.

O “garotinha” a despertou, a irritação a tirando do transe. Mais tarde, ao analisar o ocorrido, ela admitiria como foi tola sua reação, como foi impensada, mas a fez tomar uma atitude.

– Você é melhor que isso, Bob. Você é bom demais, experiente demais, para apelar para insultos machistas e acusações sem fundamento.

Acrescentou a isso o equivalente visual a um “que lamentável”: a cabeça inclinada, o sutil franzir de sobancelhas.

– Você criticou a história do Ben e a minha matéria, falou que contaria a sua própria história. Aposto que todos os telespectadores gostariam de

ouvi-la, assim como eu.

– Você quer ouvir a minha história?

– Quero muito.

Mantenha-o falando, mantenha-o falando. Talvez ele desmaiasse.

Ou ela se afogaria na poça do próprio suor antes de levar um tiro.

– Estou nesse ofício há 26 anos. Doze nesta bancada. Sabe por que o *Evening Spotlight* é o melhor noticiário da TV?

– Sei. Porque as pessoas sabem que podem confiar em você. Porque você é uma mão firme, uma voz calma.

– Eu não apenas lia as notícias, eu corria atrás, lutava por elas. Eu fiz por merecer. – Ele deu um soco na mesa, tão forte que fez os papéis saltarem. – Eu fiz por merecer todos os dias. Noite após noite, eu mostrei a verdade ao mundo. E esta noite eu vou dar a verdade ao mundo... ao que resta dele.

Balançando a arma na mão, ele se voltou para a câmera.

– Acabou! Estão me ouvindo? Acabou! A raça humana já era, e em nosso lugar vêm as aberrações, os anormais, os demônios do inferno. Se você não morrer engasgado com a própria bile, eles vão caçar você. Eu os vi, saindo das sombras, rastejando pela escuridão. É capaz até de você ser um deles.

Quando ele balançou a arma mais uma vez na direção de Arlys, ela sentiu um entorpecimento se instalar dentro de si. Ele não ia desmaiar. Ela não conseguiria fugir.

– Você está falando dos que foram denominados *Incomuns*.

– Que se dane o nome! São seres malignos. O que você acha que causou essa praga? Eles! Não um maldito pássaro, não um vírus mutante. Eles armaram para nós, e estão assistindo à nossa morte como cães doentes. Eles tomaram o poder, destruíram governos e mandam jornalistas de terceira categoria como você repetirem essa enganação de uma cura que nunca vai chegar. Eles vão escravizar os imunes.

Em um movimento espasmódico, ele girou de volta para a câmera.

– Fugam! Fugam se puderem! Escondam-se. Lutem para conseguir passar seus últimos dias na terra em liberdade. Matem quantos deles vocês

conseguirem!

– Bob. – Arlys estendeu a mão, mas, ao ver algo brilhar nos olhos dele, deixou-a cair na mesa. – Você é um jornalista experiente, sabe que precisa fornecer provas, trazer fatos para...

– Cadáveres apodrecendo nas ruas! Essa é a sua prova. Demônios arranhando as janelas – sussurrou ele. – Sorrindo enquanto flutuam. Olhos vermelhos a nos encarar. Eu apaguei as luzes, mas ainda via os olhos. Eles vão envenenar a água. Vão nos matar de fome. E você aí sentada vomitando as mentiras deles. Você aí sentada fingindo que vai aparecer uma cura milagrosa, que existe algum tipo de esperança patética só porque um homem resolveu cuidar de um garoto e brinca com ele. As pessoas precisam ouvir o que *eu* digo! Destruam todos eles enquanto puderem. Fugam enquanto puderem. – Ele fez uma breve pausa. – Vocês, aqui, podem ser demônios também. Todos vocês. Acho que precisamos de uma demonstração. Você, ruiva! Como é mesmo a porcaria do seu nome?

– Fred. Não sou nenhum demônio.

Ele riu como uma hiena. Arlys não podia pensar em nenhuma outra descrição para o som molhado e doentio daquela risada.

– Ela diz que não é um demônio. É claro. Eu acho que eles não sangram. Não é um sangue vermelho, como os humanos. Podemos testar isso agora mesmo.

– Não a machuque, Bob. – Dessa vez, Arlys de fato colocou a mão no braço dele. – Você não é assim.

– O público tem o direito de saber! É nosso trabalho contar a eles, mostrar a verdade.

– Sim, sim, claro. Mas não machucando uma estagiária inocente, que vem trabalhar todos os dias, mesmo com tudo o que está acontecendo, para nos ajudar a fazer exatamente isso. Ela poderia ter saído da cidade semanas atrás, mas ficou e veio trabalhar. Jim é o editor-chefe. Ele perdeu a esposa para essa doença, Bob, mas está aqui, operando a sala de controle. Todos os dias. Steve está na câmera, todos os dias. Carol está na sala de controle, todos os dias. Todos nós estamos tentando manter a emissora funcionando para que possamos informar e comunicar.

Os olhos de Bob se encheram de lágrimas.

– Não faz mais sentido. Não adianta. Falsas esperanças não passam de mentiras dissimuladas. Você mente quando suaviza a realidade. Tenho duas ex-mulheres mortas agora, e meu filho... meu filho está morto. Está tudo acabado, e eles estão vindo buscar o resto de nós, por isso não faz sentido. Eu estaria lhe fazendo um favor.

Ele voltou a apontar a arma para Arlys, inclinando a cabeça.

– Pense no que os demônios podem fazer com uma jovem bonita como você. Quer correr esse risco?

– Eu não acredito em demônios.

– Vai acreditar. – Ele se virou para a câmera. – Todos vocês vão acreditar quando for tarde demais. Já é tarde demais. Aqui é Bob Barrett, e esta foi a sua edição da noite.

Ele colocou a arma debaixo do queixo e puxou o gatilho.

O sangue jorrou para todo lado, um choque morno e úmido no rosto de Arlys, enquanto Bob caía para trás, na cadeira do segundo âncora.

Ela ouviu – aquela mesma ligação ruim – o grito de Fredinha, dos outros. Por três dolorosos segundos, sua visão se anuviou.

Levantou a mão trêmula.

– Não corte a transmissão.

Sentiu Jim segurá-la.

– Venha comigo, Arlys. Venha comigo.

– Não, não, por favor. – Ela inclinou o rosto para o dele, viu lágrimas deslizando pelo seu rosto. – Eu preciso... Em mim, Steve – disse ela ao cinegrafista. – Por favor. Bob Barrett construiu uma ilustre e admirável carreira como jornalista, graças a sua ética, sua integridade, seu estilo direto, honesto, sua dedicação em se pautar pelo sistema de crenças da imprensa, em servir à verdade. Seu filho Marshall tinha... 17 anos.

– Dezoito – corrigiu Jim.

– Dezoito. Eu não sabia que Marshall havia morrido e só posso imaginar quanto Bob sofreu com sua grande perda pessoal nos últimos dias. Hoje, ele sucumbiu à sua dor, e nós, que tentamos servir à verdade, que tentamos espelhar sua ética e integridade, sofremos uma grande perda

pessoal. Ele não deve ser lembrado pelos seus últimos momentos de desespero. E mesmo neles, mesmo neles, Bob me mostrou que ainda tenho um longo caminho a percorrer para chegar a seu nível. Em honra a ele, eu vou servir à verdade.

Ela limpou uma lágrima, viu a mancha vermelha de sangue, deixou escapar um suspiro que saiu quase como um gemido.

– Eu preciso fazer isto. – Ela olhou diretamente para a câmera, torcendo, rezando, para que Chuck estivesse assistindo. – Tenho informações de uma fonte que considero totalmente confiável. Obtive esta hoje de manhã e não a divulguei. Eu a omiti do meu chefe, dos meus colegas de trabalho e de todos vocês. Peço desculpas e não tenho justificativas. Ao contrário das informações repassadas à mídia pela OMS, em conjunto com os Centros de Controle e Prevenção de Doenças e os Institutos Nacionais de Saúde, o número de mortes em decorrência do H5N1-X passava de dois bilhões esta manhã. Isso corresponde a um terço da população mundial, e não inclui mortes por homicídio, suicídio ou acidentes ligados indiretamente ao vírus.

Sob a mesa, ela teve que forçar as mãos a se abrirem, ainda olhando fixo para a câmera.

– Uma outra verdade contrária ao que está sendo relatado oficialmente é de que o progresso na formulação de uma vacina está estagnado, pois o vírus sofreu mais uma mutação. Neste momento, não há nenhuma vacina. Além disso, o próprio vírus ainda não foi identificado. Relatórios anteriores que categorizavam o H5N1-X como uma nova cepa da gripe aviária são falsos.

Ela fez uma pausa, lutou para encontrar seu centro.

– Todas as evidências indicam que apenas os seres humanos são afetados pelo vírus. O recém-empossado presidente Ronald Carnegie contraiu o H5N1-X e sucumbiu à doença ontem. Sally MacBride, ex-secretária da Agricultura, assumiu o cargo. MacBride tem 44 anos, é formada em Yale, e, antes de aceitar tomar posse, cumpriu dois mandatos no Senado, pelo estado do Kansas. A presidente MacBride perdeu o marido, Peter Laster, com quem estava casada havia 16 anos, na segunda

semana da pandemia. Segundo relatos, seus dois filhos, Julian, de 14 anos, e Sarah, de 12, estão vivos, em um local seguro. Neste momento, não tenho como verificar a veracidade dessa informação.

Ela esticou a mão para a garrafa de água, que colocara fora do enquadramento, e tomou um longo gole. Viu Carol chorando em silêncio, o braço de Jim ao redor dela. Fredinha estava ao lado deles, acariciando as costas de Carol enquanto assentia para Arlys.

– Também tenho a informação de que as forças militares, não cheguei a verificar sob qual autoridade, começaram a fazer buscas por pessoas que parecem ser imunes, para isolá-las em locais não especificados e submetê-las a testes. Isso não será voluntário. Será, em essência, um estado de Lei Marcial.

“Eu não acredito em demônios, isso não é mentira. Mas eu vi o que antes julgava inacreditável. Eu vi a beleza e o assombro dessas manifestações. Acredito que, entre aqueles que denominamos Incomuns, há luz e escuridão, da mesma maneira que há luz e escuridão em todos nós. Acredito que os Incomuns também serão levados, confinados e submetidos a testes. E temo que as consequências diretas do H5N1-X não nos destruirão, não a todos nós, mas o medo e a violência que ele alimenta naqueles que cedem a ele, assim como as restrições à liberdade, isso, sim, pode nos destruir.”

Ela fez uma pausa, tomou fôlego, olhou para Jim e lhe deu um sinal para encerrar a transmissão. Ele assentiu e murmurou algo para Carol. Ela fez que não.

– Eu faço – murmurou Carol, voltando para a sala de controle.

– Eu não divulguei antes essas informações, pois sabia que, se as revelasse, provavelmente estaria encerrando as atividades desta emissora. Sabia que estaria colocando em perigo meus colegas de trabalho. E mais: eu me permiti baixar minhas expectativas em relação à raça humana. Disse a mim mesma que não faria diferença se vocês soubessem a verdade ou se eu contasse a verdade. Peço desculpas por isso. E cumprimento a cada um que está comigo aqui neste estúdio por arriscar tudo em nome da

verdade. A todos vocês, não se entreguem ao medo, à dor, ao desespero. Sobrevivam.

“Vou encontrar uma maneira de alcançá-los novamente, sempre com a verdade. Por enquanto, aqui é Arlys Reid, e esta foi a sua edição da noite.”

Ela relaxou na cadeira e tomou fôlego.

– Sinto muito, Jim.

– Não, esqueça isso. – Ele se aproximou de Arlys quando ela olhou para Bob, caído em sua cadeira, a camisa encharcada de sangue.

– Meu Deus, meu Deus...

– Vão embora agora. Eu cuido dele. Eu cuido dele.

– Eu tive que fazer isso. – Com o corpo sacudindo, tremendo, ela permitiu que ele a afastasse dali. – Bob se matou. Ele estava errado, estava errado, mas estava certo sobre as mentiras. Eu tomei parte nas mentiras. Só que não podia continuar a mentir depois de... Agora, eles vão fechar a emissora. Você fez tanto para nos manter de pé e...

– Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Você contou a verdade antes de sermos fechados. Você precisa ir, Arlys. Se for para casa, provavelmente irão atrás de você lá.

– Eu... eu tenho um lugar que ninguém conhece.

– Tudo bem. Do que você precisa?

– Preciso destruir o computador que tenho usado. Minha fonte me disse como fazer.

– Tudo bem. Faça isso. Fredinha, providencie alguns suprimentos para Arlys.

– Eu vou com ela.

– Então pegue o suficiente para duas pessoas – ordenou Jim, sem perder um segundo. – Ah, pegue também umas roupas do estúdio para vocês duas. – Enquanto falava, Jim desabotoava o blazer de Arlys, agora salpicado de sangue. – Eu cuido do resto. Acredito que não temos muito tempo.

Arlys foi direto para o computador, as mãos tremendo. Não podia destruir suas anotações, simplesmente não podia, então as enfiou na bolsa antes de seguir os passos que Chuck lhe havia ensinado.

Basicamente, segundo ele lhe explicara, ela colocaria no computador um vírus que destruiria tudo contido ali. Em seguida, ela deveria remover o disco rígido e, com um martelo... “quebrar a porra toda”, nas palavras dele.

Mesmo depois de tudo isso, algum gênio cibernético infeliz ainda poderia arrancar alguma coisa dali, mas, de acordo com Chuck, até lá não teria mais importância.

Ela teve que trocar a camisa também (mais sangue de Bob), limpar do rosto o sangue e a maquiagem. Fredinha correu lá dentro e pegou alguns delineadores, batons e rímeis.

– Ninguém vai usar essas coisas por aqui, então podemos levar também.

– Está falando sério? Acho que beleza vai ser nossa última preocupação.

– Beleza é sempre importante. – Fredinha colocou a maquiagem nos bolsos. – Jim falou que precisamos nos apressar, precisamos ir logo.

Ela agarrou o casaco enquanto saía e encontrou Steve à espera das duas. Ele trazia duas mochilas.

– Essas aqui ficaram abandonadas quando as pessoas pararam de retornar.

– Obrigada. – Arlys colocou a sua no ombro. – Venham com a gente – disse ela, dirigindo-se a Jim e Carol. – Todos vocês deviam vir com a gente.

– Eu tenho coisas para fazer aqui. Se eles chegarem antes de eu terminar, sei como fugir.

– Estou com Jim – decidiu Carol. – Vamos fechar tudo direito.

– Preciso ir para casa. Vou dar uma ajuda a vocês e depois vou para casa. Boa sorte – disse Steve, estendendo a mão.

Arlys a ignorou e o abraçou, depois abraçou os outros.

– Nós vamos...

– Não diga – interrompeu Jim. – Não podemos contar a ninguém o que não sabemos. Tenham cuidado.

– Teremos. Vou encontrar uma maneira – prometeu.

– Se alguém puder, será você.

Pegaram o corredor e desceram a escada.

– Você foi muito corajosa. Com o Bob. Ele... enfim, ele surtou, e você foi muito corajosa – elogiou Fredinha.

– Que nada. Foi principalmente o estado de choque. E também a vergonha por ele dizer que eu estava mentindo, e eu estava mesmo. Embora ele não soubesse sobre o quê, eu estava mentindo.

– Acho que você precisa se dar um desconto nesse aspecto.

– Uma jornalista não...

– Estamos no meio de um apocalipse – Fredinha a lembrou. – Então todo mundo tem direito a ter falhas.

Quando chegaram à entrada, a escuridão da noite já havia caído. Arlys se dirigiu à porta e parou.

– Eu não questionei por que ninguém foi preso aqui na emissora. Só fiquei feliz por não ter acontecido. Você fez alguma coisa? Como no mercado?

– Eu tive ajuda. É muito maior do que o mercado. Provavelmente você não viu os símbolos no alto. Não vai durar para sempre, mas está aguentando até agora.

– Você é cheia de surpresas, Fredinha. Será que isso vai impedir os policiais, os militares, quem quer que tente entrar?

– Não tinha pensado nisso! – Com uma rápida dancinha, Fredinha socou de leve o braço de Arlys. – Acho que sim. Não posso garantir que será cem por cento, mas, sim, eles fariam maldades, certo? Talvez alguns deles estejam cumprindo ordens e tal, mas mesmo assim... Acho que noventa por cento. Não, 85.

– Está ótimo. Vamos.

– Para onde, exatamente?

– Hoboken.

– É mesmo? Fui a uma feira de arte lá, uma vez. Como é que vamos chegar?

– Vamos pegar a rede de trens que passa por baixo do rio Hudson.

– Mas nem o metrô nem os trens estão funcionando.

– Os trilhos continuam lá. Vamos a pé. Vamos entrar na estação da 33rd Street e seguir os trilhos. Vai demorar um pouco. – Elas saíram, tentando se manter fora do foco de luz dos poucos postes ainda funcionando. – Mas temos tempo. Minha fonte só vai nos encontrar às três da manhã.

– Vamos nos encontrar com a sua fonte? Excelente! Nunca me encontrei com uma fonte.

– Não fique muito animada. Estou torcendo para ter decifrado o código dele sobre onde e quando, e para que tenha assistido à transmissão, porque só assim vai saber que estou indo. E se alguma dessas coisas não tiver dado certo? Teremos que continuar. Preciso chegar a Ohio.

– Nunca estive em Ohio. – Fredinha abriu um sorriso radiante para Arlys. – Aposto que é maneiro.

Lana chorava em seus sonhos. Estava sentada sob uma árvore morta, com ramos esqueléticos projetando-se em direção a um céu sem estrelas. Tudo estava escuro e morto, seu corpo e sua mente doíam, exaustos.

Não há para onde ir, pensou, em um mundo tão cheio de ódio e morte, tão repleto de tristeza.

Estava cansada demais para continuar fingindo, para dar mais um passo. Perdera tudo, e o ódio iria caçá-la até o túmulo. Que sentido havia em resistir?

– Você não tem tempo para isso.

Lana olhou para cima.

Era uma jovem de pé, mãos em punho na cintura. Cabelos muito pretos, bem curtos e espetados formavam um halo escuro ao redor de sua cabeça. Embora usasse preto, ela era luminosa. Na escuridão da noite sem lua, ela irradiava luz.

Era magra, com a postura ereta, uma espingarda no ombro, uma aljava nas costas, uma bainha de faca no cinto.

Além de tudo isso, ela trazia uma força palpável e uma beleza quase descuidada.

– Estou cansada – disse Lana.

– Então pare de desperdiçar sua energia com essas lágrimas. Levante-se. Mexa-se.

– Para quê? Para onde?

– Por sua vida, pelo mundo. Para o seu destino.

– Não *existe* mais mundo.

A mulher se agachou, para que ficassem na mesma altura.

– Eu estou aqui? Você está? Uma pessoa pode fazer um mundo, e nós somos duas. Há outros mais. Você tem poder dentro de si.

– Eu não quero poder!

– Não importa o que você quer. Você tem a chave, Lana Bingham. Levante-se, vá para o norte. Siga os sinais. Confie neles. Confie no que você tem e no que você é, Lana Bingham. – A mulher sorriu ao pronunciar seu nome, e Lana sentiu um lampejo de conhecimento, de reconhecimento, que foi se ampliando. – Você tem tudo de que precisa. Use-o.

– Eu... Eu conheço você? Conheço?

– Vai conhecer. Agora, levante-se. Você precisa se levantar!

– Lana, você precisa acordar. – Max sacudiu os ombros dela. – Temos que continuar.

– Eu... Está bem.

Ela se sentou na cama de colchão empelotado, no quarto cheirando a mofo. Havia encontrado um hotel de beira de estrada, bem longe da via principal, que Max considerou razoavelmente seguro para fazerem uma parada e dormirem por algumas horas.

Só Deus sabia quanto estavam precisando.

– Tem um café horroroso, típico dessas espeluncas. – Ele apontou para a garrafa térmica no rack da TV. – É melhor que nada... só um pouquinho melhor. – Ele tomou o rosto dela em suas mãos. – Ainda não amanheceu. Vou sair para ver se encontro alguma coisa nas máquinas de venda automática. Dez minutos. Está bem?

– Dez minutos.

Ela levou o café para o banheiro e jogou água no rosto. A água tinha um cheiro metálico; assim como o café, era melhor que nada.

No espelho, viu os olhos fundos, a pele pálida. Fez um feitiço bem sutil – não por vaidade, dessa vez, mas por Max. Se parecesse muito cansada, muito fraca, ele reduziria o ritmo.

Depois do dia anterior, ela entendeu que não tinham tempo a perder.

Finalmente, haviam cruzado o rio pela Rota 202, logo depois da quase vazia cidade de Peekskill. Largada à própria sorte, como ela descobriu, pois não tinham sido os únicos a tentar atravessá-la.

Carros destruídos, veículos abandonados, alguns com cadáver ao volante.

Tiveram que deixar o SUV a menos de metade do caminho da ponte e carregar seus pertences para passar por um semirreboque capotado que bloqueava a passagem. Ela percebeu que, enquanto alguns tinham fugido para oeste – ou tentado –, outros correram para o lado leste.

As barricadas erguidas ao leste estavam esmagadas. Alguém conseguira passar, pensou. Mas para quê?

Demoraram oito horas desde Chelsea até aquela travessia final do rio Hudson.

Pegaram outro carro – com pneus carecas, mas meio tanque de gasolina – e começaram a ir para oeste, depois para o norte, dando preferência a estradas secundárias, evitando áreas povoadas – ou que um dia haviam sido povoadas.

Quando ela insistiu que ele precisava parar, descansar e comer, dirigiram-se ao que parecia uma casa vazia em uma área com uma estrada sinuosa de duas pistas. As janelas cobertas por tábuas, neve acumulada. Quando pegaram a entrada esburacada, o carro pulando, uma mulher de olhos arregalados e armada com uma espingarda saiu para o alpendre vergado.

Seguiram caminho.

Só pararam quando escureceu por completo, em um posto de gasolina com duas bombas, ao lado de um hotelzinho sombrio chamado Hidden Rest.

Lana preparou frango e arroz na chapa elétrica que havia na área administrativa do hotel. A poeira e a fuligem no balcão da recepção

revelavam que eles eram os primeiros hóspedes, por assim dizer, em várias semanas.

Comeram e dormiram.

Agora, seguiriam viagem. Encontrariam Eric, e então Max pensaria o que fazer a seguir.

Ao ouvir o código de sete batidas à porta, pegou a bolsa de viagem. Max abriu a porta.

– Estou pronta.

– Peguei batatas fritas e refrigerantes, algumas barras de chocolate – disse ele. – E temos outro carro. Está em melhores condições que o último, só que sem gasolina. Consegui fazer uma das bombas funcionar, então podemos encher o tanque, é só empurrarmos o carro até lá.

– Ok. Mas você precisa comer algo além de salgadinhos e doces. – Ela tirou uma laranja da sacola.

– Vamos dividir – disse Max.

– Combinado.

– Antes, vamos colocar as coisas no carro e abastecer. Você parece descansada.

Lana sorriu, satisfeita por ter feito o feitiço.

– Quem não ficaria bem depois de uma noite neste palácio?

Ela saiu com Max, tremendo de frio, apesar do casaco.

– Estou achando que vai nevar.

– É bem possível. Se virmos algum 4x4, a gente troca mais uma vez, mesmo sem gasolina.

– Quanto você calcula que ainda temos que percorrer?

– Uns 550 quilômetros. Se pudermos usar as estradas principais, conseguiremos ir a uma boa velocidade. Se não pudermos...

Ele deixou a frase no ar, pegou um galão vermelho em que se lia *gasolina* e conduziu Lana alguns metros adiante na estrada, onde um carro estava parado enviesado no pequeno acostamento.

– Eles quase conseguiram – murmurou Lana.

– Não teria feito nenhuma diferença se as bombas estivessem desligadas. Eu consegui movê-lo, usando magia, por cerca de 10 metros,

mas foi tudo o que pude fazer. Provavelmente nós dois teríamos feito melhor juntos, mas daria na mesma.

Ela não disse nada, pois sabia que ele exigia demais dos próprios poderes. Um poder que, ambos entendiam, não vinha sem custo.

Max colocou a gasolina no tanque e guardou o galão no porta-malas.

– Eu posso dirigir um pouco – ofereceu Lana.

Ele a olhou de soslaio.

– Nós tentamos isso ontem.

Até o dia anterior, ela jamais havia dirigido um automóvel. Afinal, morava em Nova York.

– Preciso praticar.

Ele riu e a beijou.

– Sem dúvida. Pratique dirigindo de volta para o posto.

Eles entraram no carro e Max acenou com a cabeça para o botão de ignição.

– Faça isso. Você precisa praticar isso também.

Ela havia deixado a cargo dele a magia para ligar motores, bombas de gás e eletricidade. Mas ele tinha razão: precisava praticar.

Lana colocou a mão sobre a ignição, concentrada. Lançou seu poder. O motor ligou.

Empolgada com o lampejo de poder, ela sorriu para Max.

– Quem precisa de prática?

Ele riu de novo, e, ah, como o som daquela risada lhe dava segurança!

– Dirija.

Ela agarrou o volante como uma mulher em queda livre agarraria uma corda, e seguiu para o posto bem devagar, com algumas cantadas de pneu, alguns solavancos e bamboleios.

– Cuidado para não acertar as bombas – alertou Max. – Devagar. Um pouco mais para a esquerda. Pare!

Ela enfiou o pé no freio com tanta força que o carro deu um solavanco, mas conseguiu.

– Ponto morto. Desligue o motor.

Os dois saíram do carro. Max encaixou o bocal da mangueira na abertura do tanque e ligou. Quando ouviu a bomba funcionando, ele passou o braço em volta de Lana.

– Estamos prontos para seguir.

– Nunca imaginei que ficaria emocionada ao sentir cheiro de gasolina, mas... – Ela tocou o peito dele. – Você ouviu...?

Ela nem terminou a frase e ele já girou o corpo, puxando-a para trás de si e pegando a arma da cintura.

Um cão jovem, pouco maior que um filhotinho, saltitava pelo local, a língua para fora alegremente, um brilho no olhar.

– Ah, Max!

Ela começou a se agachar para fazer carinho no cão, mas Max gritou:

– Eu sei que você está aí! Saia com as mãos para cima.

Lana ficou completamente paralisada, mesmo quando o animal colocou as patas dianteiras em suas pernas, abanando o rabo e latindo.

– Não atire. Meu Deus! O que é isso, cara, não me mate.

Ao som daquela voz – masculina, com um sotaque anasalado –, o cão voltou correndo e ficou andando ao redor do homem que saiu de trás dos arbustos na extremidade do estacionamento.

– Estou com as mãos para cima, amigo. Bem para cima. Somos só dois companheiros de viagem. Não queremos fazer mal. Não machuque o cachorrinho, ok? Sério, cara, não precisa atirar.

– Por que você estava se escondendo?

– Eu ouvi o carro, entendeu? Queria dar uma olhada. Da última vez que eu quis dar uma olhada quando ouvi um carro, o idiota tentou nos atropelar. Foi por pouco que consegui pegar Joe e salvar nossa pele.

– Foi isso que aconteceu com seu rosto?

O rosto fino do tal sujeito trazia hematomas amarelados sob o olho esquerdo, alguns ainda roxos em volta da barba desalinhada.

– Não. Algumas semanas atrás, eu me juntei a um grupo. Parecia gente bacana. Acampamos, tomamos umas. Na segunda noite, eles me encheram de porrada e roubaram tudo que eu tinha. Eram coisas de primeira, cara, e eu *dividi* com eles. Mas eles queriam tudo. Me deixaram no chão, pegaram

minha mochila, minha água, tudo. Quando eles foram embora, o Joe aqui apareceu, então ficamos juntos. Esse aí nunca vai me agredir. Por favor, só não machuque o bichinho.

– Ninguém vai machucá-lo. – Lana se agachou, e Joe correu para ela, enchendo seu rosto de lambidas. – Ninguém vai machucar o Joe. Você é tão fofo!

– É um bom cão, esse Joe. Não deve ter mais do que 3 meses. Ele tem um quê de labrador. Não sei do que mais. Você podia não apontar a arma para mim? Eu não gosto muito de armas. Elas matam, não importa o que diga a Associação Nacional de Rifles. Ou dizia.

– Coloque a mochila no chão – ordenou Max. – Tire tudo de dentro. E tire o casaco, vire os bolsos do avesso.

– Puxa, cara, acabei de abastecer.

– Não vamos levar nada seu, mas quero ter certeza de que você não tem nenhuma arma.

– Ah, sem problemas! Eu tenho uma faca. – Com os braços ainda para cima, ele apontou para a bainha em seu cinto. – É necessário quando a gente vai acampar e sair por aí. Eu tinha uma barraca, mas os filhos da mãe levaram. Vou ter que abaixar as mãos para esvaziar a mochila, ok?

Quando Max assentiu, o homem tirou a mochila do ombro e abriu o zíper. Tirou um cobertor espacial, um par de meias, um casaco de moletom, uma gaita, um saquinho de ração, duas latas de comida, alguns pacotes de biscoito, água, dois livros de bolso.

– Espero encontrar outro saco de dormir, talvez uma caminhonete, uma 4x4. Não achei nenhum carro que conseguisse ligar. Vai nevar. Meu nome é Eddie – disse ele, enquanto continuava a tirar os pertences da mochila. – Eddie Clawson. Isso é o que eu tenho – acrescentou. – Posso vestir meu casaco de novo? Está um frio do cacete aqui fora.

Ele era magro como um palito. Um rapaz comprido e ossudo, não devia ter mais do que 22 ou 23 anos, avaliou Lana. Seus cabelos, louros e sujos, caíam em mechas emaranhadas de um gorro laranja.

Todos os instintos dela lhe diziam que ele era tão inofensivo quanto o cão.

– Vista seu casaco, Eddie. Meu nome é Lana. Este é Max – disse ela, aproximando-se do rapaz.

– Lana...

– Em algum momento temos que confiar em alguém. – Ela se abaixou para ajudá-lo a recolher suas coisas. – Para onde você está indo, Eddie?

– Não faço a menor ideia. Eu tinha uma bússola, mas eles levaram também. Acho que estou só à procura de gente, sabe? Gente que não esteja morta nem tentando me matar, e que não vá me espancar por um punhado de maconha. E vocês?

Ele ergueu os olhos quando Max se aproximou para observá-lo com mais atenção.

– Cara, você tem uns 20 quilos a mais que eu, fácil, fácil. E parece que é tudo músculo. Sem contar a arma. Não vou tentar nada, só quero chegar a algum lugar legal. Onde as pessoas não sejam loucas. Para onde vocês estão indo?

– Pensilvânia – respondeu Max.

– Talvez vocês tenham espaço para mais dois. Posso ajudá-los a chegar lá.

– Como?

– Bem, para começar... – Eddie colocou a mochila nas costas e apontou com o queixo para o carro deles. – Essa aí é uma máquina legal e tudo mais, mas não tem tração nas quatro rodas, e vai vir neve por aí. As estradas principais estão quase todas bloqueadas e as secundárias, não são limpas desde a última neve, boa parte delas. Aposto que a gente encontra algumas correntes lá dentro do posto.

– Correntes? – perguntou Lana.

Eddie sorriu.

– Você é da cidade, não é? Correntes para neve. Vocês podem precisar no caminho. E algumas pás não fariam nenhum mal. Areia, de repente. Ou alguns baldes desse cascalho, talvez. Eu tenho jeito com as coisas – explicou. – E vou ser franco com vocês: não quero viajar sozinho. A situação está cada vez mais esquisita. Quanto mais pessoas viajando juntas, melhor, eu acho.

Max olhou para Lana e recebeu um sorriso em resposta.

– Vamos ver se encontramos as correntes.

– Jura? – O rosto de Eddie se iluminou. – Legal.

CAPÍTULO 8

Eddie encontrou correntes, algumas ferramentas – o antigo proprietário do posto havia deixado para trás uma caixa de ferramentas bem abastecida.

Encontrou também um galão e o encheu de combustível.

– Normalmente, eu não gosto de levar gasolina – disse ele, enquanto o colocava no porta-malas –, mas, sabe como é, nessas circunstâncias... Escute, tudo bem se eu e Joe formos nos aliviar antes de pegarmos a estrada?

– Vá em frente – respondeu Max.

– Ele é boa gente, Max – disse Lana. – Não sinto nenhum mal nele.

– Tenho a mesma sensação. Nós dois ainda estamos nos acostumando a ter mais do que tínhamos. E, pelo menos por enquanto, vamos ter que lidar com estranhos. Mas esse cara se associou a um grupo de estranhos, e eu acho que é verdade que se voltaram contra ele, bateram nele e levaram tudo o que possuía. Vamos precisar aperfeiçoar isso que temos, esse sexto sentido que começamos a desenvolver. Porque ele não será o único a cruzar o nosso caminho.

– Você está preocupado com o Eric porque não sabe com quem ele está.

– Ele vai se juntar a nós em breve. Entre no carro, está frio. E quero dar partida antes que Eddie volte. Não é bom que ele nem ninguém saiba, no atual estado de coisas, o dom que nós temos.

Entraram. Max olhou pelo retrovisor e colocou a mão sobre a ignição para dar a partida quando viu Eddie e o cão voltando.

– Pule para dentro, Joe. – Eddie se instalou no banco de trás depois de o cachorro entrar. – Quero agradecer de novo. Vai ser muito bom percorrer alguns quilômetros sentado, em vez de a pé.

Enquanto Max manobrava para sair do estacionamento, Lana se virou para Eddie.

– Quanto você caminhou?

– Não sei exatamente. Eu estava nas Catskills. Um amigo meu conseguiu um emprego de zelador fora da temporada por lá, num resort meio caído. Parecia coisa de filme... Sabe *Dirty Dancing*, com aqueles chalés e tudo mais?

– O musical?

– Esse mesmo. O tal lugar não era tão bom quanto o do filme. Meio acabado, entende? Mas eu fui lá para ajudar meu amigo. Estávamos fazendo alguns reparos, também. Não víamos muita TV, e a internet era bem capenga, mas soubemos da doença quando fomos uma noite à cidade vizinha para tomar cerveja.

Joe se espichou no colo de Eddie, que o acariciou com seus dedos compridos e ossudos.

– Acho que isso foi cerca de três semanas atrás, nem sei mais. Liguei para casa no dia seguinte. Tive que ir à tal cidade de novo para fazer isso, porque não consegui completar a ligação naquela noite. O sinal do celular estava uma droga no resort, e os donos desligavam os telefones fixos no inverno. Uns mãos de vaca. Não consegui contato com a minha mãe, e aí fiquei ainda mais preocupado. Depois, falei com a minha irmã. Ela disse que mamãe estava muito doente no hospital, e, meu Deus, notei pela voz da Sarri que ela também estava mal.

Ele continuou acariciando o cão, mas desviou o olhar para a janela.

– Voltei para fazer as malas e contar ao Bud, esse meu amigo, e percebi que ele não estava se sentindo bem. Uma tosse horrorosa. De qualquer forma, pegamos nossas coisas e partimos antes de anoitecer. Deixamos a caminhonete dele lá, porque ele já não estava em condições de

dirigir. No caminho, ele piorou. Piorou tanto que fomos procurar um hospital.

Ele se voltou novamente para Lana.

– Foi bizarro, cara, bizarro mesmo. Um fim de mundo e todos tentando sair da cidade de qualquer jeito. Eu vi casas e lojas tapadas com madeira, algumas invadidas, mas tinha um hospital, então levei Bud para lá.

Ele tomou fôlego, devagar.

– Eu não podia deixar meu amigo lá, naquele estado, mas minha mãe e Sarri... Não conseguia falar com nenhuma das duas daquele lugar. Liguei para meia dúzia de pessoas antes de finalmente alguém me atender. Mason, um primo meu de segundo grau. Ele me contou... meu Deus, a voz dele também estava péssima... ele me contou que a minha mãe e a dele tinham morrido, que Sarri estava no hospital e que não parecia nada bem. Ele não podia sair, disse para eu não voltar para casa, que a situação era muito ruim lá. Eu não podia fazer nada. Nem valia a pena tentar falar com meu pai, ele saiu de casa pouco depois que minha irmã nasceu, e eu nem saberia onde... Enfim... Bud não sobreviveu. Nem Sarri nem Mason.

– Eu sinto muito, Eddie.

Depois de secar os olhos úmidos, ele voltou a acariciar Joe.

– Eu saí dirigindo por aí, não estava pensando direito. Cheguei a um lugar na estrada, tudo bloqueado com carros. Não consegui passar. Dei meia-volta, fui em outra direção. Eu só ia dar em estradas bloqueadas, até que a caminhonete quebrou. Estou a pé há mais de duas semanas, eu acho. Aprendi a ficar longe das cidades grandes. Muita confusão acontecendo, cara, uns troços sérios. As estradas secundárias são melhores. Eu penso em ir para casa. Moro num lugar pequenininho chamado Fiddler's Creek, perto de Louisville. Se bem que eu não conseguiria voltar agora que perdi minha mãe e minha irmã. Como é que eu ia aguentar, sabendo que elas não estão mais lá? Vocês perderam alguém?

– Perdi meus pais já faz alguns anos – relatou Lana. – Não tenho irmãos. Max não consegue falar com os pais. Estão na Europa. Estamos indo encontrar o irmão dele.

– Peço a Deus que ele esteja bem – comentou Eddie. – Não sou muito bom em rezar, embora minha mãe tenha tentado me fazer ir à igreja, temer a Deus. Mas eu tenho praticado nos últimos tempos, então vou rezar para que ele esteja bem.

Max lançou-lhe um olhar rápido pelo retrovisor.

– Obrigado.

– Acho que temos que tentar cuidar uns dos outros agora. – Eddie esfregou a mandíbula machucada. – Tem quem não enxergue dessa maneira. Ainda bem que vocês concordam comigo. Vocês são da cidade, está na cara. De que cidade?

– Nova York – respondeu Max.

– Sério? Ouvi dizer que a situação lá está um caos. Quando vocês saíram?

– Ontem de manhã, e está *mesmo* um caos.

– Todo lugar está um caos – acrescentou Lana. – Mais de um bilhão de pessoas mortas pelo vírus. Os jornais continuam dizendo que a vacina está vindo, mas...

– Você não soube?

Ela se virou novamente para Eddie. Ele estava de olhos arregalados, como uma coruja.

– Não soube o quê?

– Direto de Nova York, também. Eu encontrei uma casinha de campo para mim e para Joe ontem. Minhas costelas estavam me matando e achei que talvez me deixassem dormir no celeiro ou coisa parecida, mas não tinha ninguém. A casa estava abandonada, então ficamos por lá. Tinha um gerador. Liguei o troço e tomei meu primeiro banho quente em uma semana. Caramba, foi bom demais. Tinha uma TV, e eu pensei em ver alguns dos DVDs que tinha por lá... deixaram tudo. Quando eu liguei a TV, quase morri de susto quando vi o noticiário. A moça do jornal era uma tal de... Um nome esquisito.

– Arlys? Arlys Reid? – indagou Lana.

– Isso mesmo. Pensei: vou ver um pouquinho, ver como andam as coisas. Fora que ela é uma gata. Aí, enquanto ela falava, apareceu um cara

e sentou. Caindo de bêbado. Eu já tinha visto o sujeito antes. Bob Alguma Coisa.

– Bob Barrett? Ele é o âncora, o editor do jornal – explicou Max.

– Entendi. Então esse cara principal, de porre, foi lá e puxou uma arma.

– Meu Deus! – Lana se virou o máximo que pôde. – O que aconteceu?

– Bem, foi assim. – Eddie se ajeitou para contar a história. – Ele ficou apontando a arma para todo lado e começou a falar um monte de besteiras, ameaçou atirar na bonitona. Umas coisas pesadas sobre a Catástrofe, sabe? Parecia um filme, um troço assustador, mas não dava para *não* ver, certo? Ela deixou o cara falar as besteiras todas. A garota foi corajosa, cara. Parecia até que ela ia conseguir acalmar o cara. Então ele pegou a arma...

– Eddie colocou o dedo indicador sob a barba desgrenhada. – E *bum*. Ao vivo. O sujeito explodiu metade da cabeça dele para o país inteiro ver, na televisão.

A neve começou a cair, deslizando pelo para-brisa. Max ligou os limpadores.

– E isso não foi o pior – continuou Eddie. – A gatinha... Arlys? Ela mandou não cortarem e fecharem a câmera nela. Acho que foi para as pessoas se concentrarem nela, e não no cara morto. Tinha sangue no rosto dela, mas ela começou a falar mesmo assim. Contou que não estava dizendo toda a verdade, então resolvera falar. Porque ela tinha uma... como se chama? Uma fonte. E que não é um bilhão de mortos, são mais de dois bilhões.

– Mais de dois bilhões? – Lana sentiu o coração dar um pulo e levou a mão ao peito. – Não pode ser verdade.

– Se você tivesse visto, você acreditaria. Mais de dois bilhões, ela disse, e falou que não existe nenhuma vacina porque esse troço, a Catástrofe, toda hora acontece alguma mutação. E sabe o cara que virou presidente depois que o outro morreu? Ela falou que esse cara morreu também, e que agora é uma mulher, a secretária da Agricultura, a nova presidente. E que estão começando a levar à força as pessoas que são... bem, como nós.

Os olhos de Max se estreitaram no espelho.

– “Como nós”?

– Que não estão doentes. Que não ficam doentes. Eles estão reunindo gente como nós, levando para lugares para nos testar e só Deus sabe o que mais. Mesmo que a gente não queira. Uma tal de Lei Marcial, cara, e toda essa confusão aí. Eu vi isso acontecer algumas vezes essa semana. Uns tanques que iam para o leste, uns comboios de caminhões militares e o caramba. Foi por isso que eu comecei a ir para oeste. Enfim, ela revelou tudo aquilo e disse que provavelmente não haveria mais noticiário porque iam ter que fechar a emissora por ela ter contado essas coisas, ter confessado o jogo. E quando ela terminou, o canal não passou mais nada. Não sei se as pessoas que ainda estavam trabalhando desligaram, se foram os militares ou sei lá quem. Mas ainda estava fora do ar quando eu liguei de novo mais tarde. Pensei em ficar na casa, escondido mesmo, mas fiquei muito nervoso. Eu e Joe não aguentamos e fomos embora hoje de manhã. Começamos a andar, e aí encontramos vocês.

– Dois bilhões de pessoas. – A voz de Lana não passava de um sussurro trêmulo. – Como alguma coisa pode matar tanta gente tão depressa?

– É a globalização – afirmou Max categoricamente. – Vivemos num mundo globalizado. As pessoas viajam, ou pelo menos viajavam, pelo mundo inteiro todos os dias. Uma pessoa passa a doença para outra, e aí essa outra a espalha aonde quer que vá. Um punhado de infectados, talvez não sabendo que estão doentes, entram em um avião para a China ou para o Kansas e os outros passageiros são expostos ao vírus, assim como a tripulação, os funcionários dos aeroportos, das lojas e dos restaurantes dos aeroportos. E todos eles espalham a doença. Não levaria muito tempo, de fato.

– Você está dizendo que vai continuar se espalhando, continuar matando até... até não sobrar ninguém além de pessoas como nós. Imunes – falou Lana.

– Era essa a palavra que eu não conseguia lembrar – disse Eddie. – *Imunes*. Só posso concluir que eu sou imune, porque estive com Bud o

tempo todo. Antes de ele adoecer e depois. E o hospital para onde o levei tinha mais um monte de gente doente. Só que eu não fiquei. Ainda não.

– Pelo que eu li e ouvi – interveio Max –, os sintomas começam a aparecer entre 12 e 24 horas após a exposição ao vírus.

– Acho que eu deveria ficar aliviado por isso. Acho que *estou* aliviado – prosseguiu Eddie. – Mesmo assim é dureza.

– E agora, o que vai acontecer? – Lana se virou para Max. – Você é bom nisso.

– Dessa vez é real, não é ficção.

– Você é bom em prever o que vai acontecer – repetiu ela. – Eu não estava preparada para o pior. Imaginei que passaríamos algumas semanas nas montanhas até que as coisas voltassem ao normal, ou ao mais normal possível. Mas agora... Nunca mais vai haver nada nem perto de normal, e eu preciso saber o que esperar.

– Se a doença continuar a se espalhar, podem morrer mais dois bilhões – afirmou Max categoricamente. – É impossível dizer quantos serão poupados. Metade da população mundial? Um quarto? Dez por cento? É possível especular que, como já vimos começar a acontecer, a infraestrutura vai desmoronar. Redes de comunicação, eletricidade, estradas. Hospitais repletos de pacientes com o vírus vão ter muita dificuldade para tratá-los, e aos outros pacientes: pessoas com ferimentos, câncer ou outros problemas de saúde. Mais saques e assassinatos, como os que vimos em Nova York. O governo vai cair ou se transformar em algo que não sabemos.

Ele tirou uma das mãos do volante para apertar a dela.

– Sair de Nova York foi a decisão certa. As grandes cidades vão ser os primeiros lugares a cair. É onde há uma maior concentração de pessoas espalhando o vírus, fazendo pilhagens e cometendo atos violentos. Mais infraestruturas vão desmoronar. Mais pessoas vão entrar em pânico, e as forças militares vão chegar para tentar manter a ordem. E o comando militar vai desmoronar à medida que as autoridades forem abatidas pelo vírus.

– É o velho “salve-se quem puder” – comentou Eddie.

Max assentiu.

– Você não está errado. A saída é encontrar um lugar, um local seguro, ou o mais seguro possível, coletar provisões, manter esse lugar e defendê-lo.

– Defendê-lo de quem?

Max apertou de novo a mão de Lana.

– De quem tentar tomá-lo. É torcer para que pessoas de espírito semelhante se reúnam, construam comunidades e uma nova infraestrutura, criem leis e ordem. Buscar alimentos, plantar, caçar. Viver.

Se Lana esperava que Max fosse oferecer um cenário menos terrível, foi obrigada a admitir que o que ele descreveu soava bem real.

– E se a pessoa for como nós dois, e não tiver a mínima ideia de como caçar ou plantar? – indagou ela.

– Ela encontra outras maneiras de contribuir, e também pode aprender. Nós chegamos até aqui. Vamos sobreviver ao resto.

– Minha mãe tinha uma horta – disse Eddie. – Todo ano dava uns belos legumes. Eu sei plantar algumas coisas, acho, e posso ensinar como se faz. Também saía para caçar quando era criança, mas isso já faz um tempão. Sou um daqueles raros rapazes do campo que não gostam muito de pegar em armas. Mas sei usar.

– Talvez ainda descubram uma vacina – insistiu Lana.

– Sim – concordou Max. – Mas, se já há dois bilhões de mortos, mais pessoas vão sucumbir antes que possam preparar e distribuir uma vacina, mesmo que a descoberta ocorra amanhã. A estrutura não aguenta, Lana. Já está se esfacelando. Caramba, a secretária da Agricultura virou presidente. Nem sei quem é essa mulher.

– Desculpe interromper – disse Eddie –, mas é melhor pararmos e colocarmos as correntes antes que a neve engrosse.

Max parou no acostamento. A neve continuava a cair.

– Você vai ter que me mostrar como se faz isso.

– E a mim – acrescentou Lana. – Se vou ter que aprender, é bom começar de uma vez.

– Claro, é muito fácil.

Eddie mostrou ao casal como soltar o emaranhado de correntes, uma tarefa simples apesar do frio, da neve e do vento. Em seguida, ele ensinou como prendê-las na parte superior do pneu. Lana insistiu em fazer um pneu sozinha, mesmo com os dedos dormentes dentro das luvas.

Tinha que aprender.

Ficou fora do carro para observar quando Max entrou para avançar um pouco e expor o restante do pneu. Em seguida, depois de observar Eddie, e ouvindo suas orientações passo a passo, conectou as correntes, usando o elo mais próximo para apertá-las.

– Está certo?

Eddie verificou.

– De primeira. Terminou antes de você, Max.

Max olhou para ele e sorriu, enquanto terminava outro pneu.

– Ela começou antes.

Com uma gargalhada, Eddie deu a volta no carro para fixar a corrente no último pneu.

– Pronto – disse ele, olhando para o cãozinho, que estava agachado no acostamento. – Terminou aí, Joe? – Logo que ele abriu a porta, o filhote pulou para dentro. – Eu posso dirigir se você quiser descansar.

Max balançou a cabeça.

– Estou bem.

– Me avise quando quiser fazer um rodízio. Até lá, vou tirar um cochilo aqui atrás com o Joe. Não dormi muito bem ontem, depois de ver o noticiário.

Ele começou a puxar o cobertor espacial da mochila, mas Lana pegou um dos dela.

– Use este. É macio.

Por um momento, Eddie apenas olhou para o cobertor. Então entrou e esperou Lana se sentar e fechar a porta.

– Por alguns minutos, lá atrás, eu pensei que vocês fossem atirar em mim, pegar minhas coisas. Talvez machucar o Joe também. Logo percebi que tinha me enganado. Vi que vocês não eram desse tipo.

– Você também não é desse tipo – retrucou Lana.

– Não, senhora, não sou. Mas podemos dizer que nos arriscamos. Estou muito feliz por termos feito isso. É um ótimo cobertor.

Ele se deitou, as pernas compridas e finas dobradas sobre o banco, o cachorro aninhado a ele.

– Muito obrigado – disse Eddie, fechando os olhos.

Lana não dormiu. Em vez disso, lembrou-se de que tinha aprendido a colocar correntes de neve nos pneus. Preparara uma refeição decente com recursos mínimos: na chapa elétrica, no escritório de um hotel barato. Era capaz de fazer fogo, para obter claridade ou calor, apenas soprando. Era capaz de ligar um carro com seu poder.

E, com aquela determinação, com o poder que crescia em seu interior, estava aprendendo a mover objetos – pequenos, por enquanto, mas isso iria mudar. Com Max, levantara uma ponte – e tivera poder suficiente para desacelerar carros, até mesmo para derrubar aqueles que quiseram lhes fazer mal.

Tinha aprendido tudo isso, e aprenderia o que mais fosse necessário.

Se a previsão de Max se tornasse realidade, ela usaria seu poder, sua esperteza, sua magia e sua mente para fazer o que fosse preciso para proteger a si e aos outros.

Além disso, pensou, enquanto o rapaz e o cachorrinho ressonavam de leve e quase em uníssono no banco de trás, já haviam começado a formar uma comunidade.

– Eu te amo, Max.

– Também te amo. Durma um pouco. Ainda temos um longo caminho pela frente.

– Só vou dormir quando você dormir. Você pode precisar de mim.

– Quando encontrarmos o nosso cantinho, e sei que vamos encontrar, você aceita se casar comigo?

Ela tocou o rosto dele.

– Sim.

Lana viu o sol nascer, afugentando a escuridão, e permitiu que a enchesse de esperança.

Demoraram mais para chegar à estação da 33rd Street do que Arlys calculara. Durante o percurso elas tiveram que parar e procurar algum lugar para se esconderem. E reconhecia que mais de uma vez só conseguiram escapar porque Fredinha ouvia motores, passos e tiros antes dela.

Ouvidos de fada, imaginou.

Na saída da estação da Times Square, antes repleta de gente, movimento e luzes, as enormes telas e propagandas digitais as espreitavam como portais negros para o desconhecido. Um lampejo repentino, um ataque explosivo de raios horizontais, atingiu o sul da Herald Square, fazendo com que a loucura ficasse assustadoramente visível.

Cadáveres, cães de olhos selvagens banquetando, escombros de lojas, emaranhados de carros, ônibus e vans espalhavam-se pela Herald Square – como se uma mão furiosa tivesse arremessado tudo junto, de uma vez, nas ruas e calçadas.

Alguém, alguma coisa riu.

Alguém, alguma coisa gritou.

Arlys pegou a mão de Fredinha e, sob o lume misterioso do clarão, saiu correndo. Ao alcançar a entrada para a escuridão subterrânea, ela parou e tomou fôlego, lutando contra o pânico.

Mantenha a cabeça no lugar, ordenou a si mesma. *Mantenha-se viva*.

Fredinha podia ter asas e uma audição melhor que a de um cão schnauzer, mas ainda lhe dava a sensação de ser animada de mais e cautelosa de menos.

– Escute, não sabemos quem ou o que pode estar aqui embaixo. No terminal, nos túneis. Temos uma longa caminhada pela frente, sem uma rota de fuga definida. Eu tenho uma arma, mas nunca a usei.

– Acho que é melhor você não usar essa arma.

O grito soou novamente, e Arlys sentiu o pavor lhe descer pela espinha.

– Vamos nos defender se precisarmos. Vamos andar o mais rápido possível, com o maior cuidado possível, e você trate de manter ligados esses seus ouvidos insanamente sensíveis.

– Eu também enxergo no escuro.

– Outra vantagem. Vamos ficar juntas, assim como fizemos no caminho para cá.

Arlys pegou a lanterna e a apontou para os degraus. Olhou ao redor. Estavam na esquina da Macy's.

Ela pensou que nunca mais haveria uma parada de Ação de Graças, nunca mais haveria uma liquidação.

Nunca haverá outro “Milagre da Rua 34”, nem de qualquer outra rua.

– Vamos.

Teve que preparar os próprios nervos para descer. Cada passo fazia seu coração bater mais rápido e mais alto.

O que ela estava fazendo ali? O que qualquer pessoa sã estaria fazendo ali?

– Está ouvindo alguma coisa? – sussurrou ela para Fredinha.

– Nada. Está tudo bem.

Atravessaram a escuridão da estação seguindo aquele único feixe de luz. Pularam as catracas.

– Eu sempre quis fazer isso. – A voz de Fredinha ecoou, mesmo baixa.

– Só pela diversão, nem era para não pagar.

Arlys levou o dedo aos lábios, jogando o fecho de luz em todas as direções temendo ver mais cadáveres no chão, nos trilhos.

Ou pior: gente viva pronta para atacar.

Com a ajuda da lanterna, ela seguiu a sinalização que indicava onde pegar o trem para Hoboken.

Direcionou a luz para a plataforma, os trilhos e a plataforma do outro lado. Seus batimentos cardíacos se acalmaram um pouco – até lembrar que precisariam descer ainda mais e atravessar os túneis.

Não tem como voltar atrás, pensou. Uma vez que entrassem no túnel, não haveria volta.

– É por aqui.

Ela se sentou na beira da plataforma e saltou para os trilhos. A descida a fez perder um pouco o fôlego.

Fredinha abriu as asas e desceu flutuando como uma pena.

– Talvez eu consiga carregar você por curtas distâncias. Nunca tentei com uma pessoa – admitiu ela –, mas já carreguei alguns cães até aquele abrigo que começamos a construir. Queria ter passado lá primeiro, para trazer um com a gente.

Como um dos medos de Arlys eram os animais de estimação que se tornavam ferozes, como aqueles que roíam os corpos na rua, ela preferia não ter a companhia de um cachorro.

– Você sabe que existe o terceiro trilho, não sabe?

– Arlys, eu posso ser uma fada bastante inexperiente, mas tenho 21 anos, não 2. Pare de se preocupar tanto.

– Eu me sinto responsável.

– Por agir certo? Você é responsável. Eu fiquei muito orgulhosa do que você fez. Foi quando eu soube, quando tive certeza de que viria com você. Ouvi alguns rumores.

– Rumores?

– Nós... os humanos como eu, os que possuem magia... ainda não estamos bem organizados. Muitos estão apenas começando a descobrir o que são. E alguns, quando descobrem, ficam um pouco malucos ou se tornam maus. Então, temos tentado, a maioria de nós, criar aquelas zonas seguras e ajudar as pessoas, ajudar cães, gatos e outros animais domésticos que ficaram para trás ou se perderam quando seus donos adoeceram. Mas alguns de nós estão trabalhando com espelhos reveladores ou bolas de cristal, e eles tentam outros feitiços para descobrir o que realmente está acontecendo.

Arlys não tinha ideia do que era um *espelho revelador*.

– Bolas de cristal? Como adivinhos e cartomantes?

– Alguns deles provavelmente possuíam algum poder latente, mas, sim, como os adivinhos, só que também de outras maneiras. Descobrimos que era pior do que o que estava sendo divulgado, mas é difícil saber quanto pior, uma vez que há um monte de relatos conflitantes, entende?

Muita conversa. Mas descobrimos que era pior e que vai piorar ainda mais. É por isso que temos tentado ajudar as pessoas a saírem da cidade enquanto podem. E hoje, quando você revelou a todos tudo que sabia, tive certeza de que eu iria ajudá-la.

Ela parou e deu um tapinha no braço da amiga. Arlys desligou a lanterna e deixou Fredinha guiá-la através da escuridão, até sentir que ela empurrava suas costas contra azulejos frios.

Não falou nada, não perguntou nada, mas levou a mão à coronha da arma.

Ouviu uma risada masculina em meio a outras, com um tom maldoso o suficiente para revelar que não eram amigáveis.

– Você viu aquele idiota se contorcer? – disse uma das vozes.

Então Arlys viu a luz: dois feixes cortando a escuridão, cada vez mais próximos, mais fortes.

De vez em quando, as luzes deslizavam pelas paredes. Se passassem por ela ou por Fredinha, será que conseguiria usar a arma? Seria capaz de mirar e atirar em outro ser humano?

– O cara se mijou. O filho da mãe se mijou todo!

– Não sei por que não podemos caçar outro aqui embaixo. Está cheio de desgraçados neste túnel.

– Ah, a maioria é maluca. É mais divertido *deixar* os idiotas loucos e depois matar. Vamos pegar uma mulher dessa vez, e não uma dessas horrorosas daqui. A gente come a desgraçada algumas vezes, depois joga nos trilhos, come de novo e arranca as tripas.

– Seu doente!

Mais risadas. Ela ouvia os passos de botas dos homens. Viu suas silhuetas atrás dos feixes de luz.

Será que podiam ver a dela?

– Vamos pegar duas. Não quero ficar com as suas sobras.

Um feixe de luz subiu e desceu pela parede a 1 centímetro do rosto de Arlys; ela apertou ainda mais a coronha da arma.

Se não estivessem tão ocupados em rir de seus planos de estupros, torturas e assassinatos, eles a teriam visto.

Mas os dois sujeitos seguiram em frente, passando tão perto que poderiam estender a mão e tocá-las. Continuaram pelos trilhos, discutindo sobre qual era o melhor local para caçar.

Ao lado de Arlys, Fredinha estremeceu.

– Eu não sei o suficiente para impedi-los – sussurrou ela. – Ainda não tenho poder suficiente. Espero que alguém saiba. Eles não podem nos ouvir agora, nem ver a luz.

Confiando nela, Arlys ligou a lanterna.

Começou a contar os passos que davam. Cinquenta. Cem. Cento e cinquenta.

Dessa vez, Fredinha a segurou pelo braço, seus dedos se cravando com força na pele.

– Está sentindo esse cheiro?

– Sinto um cheiro de almíscar, urina e cerveja vomitada – constatou Arlys.

– Sangue. Muito sangue. E... morte. Mas nenhum som, nenhum movimento.

Vinte passos adiante, Arlys sentiu o cheiro. Só o reconheceu porque ele se espalhara em seu rosto, até em seus cabelos – o sangue de Bob Barrett.

Então a luz revelou algo nos trilhos. Ao seu lado, Fredinha soltou um soluço abafado, mas continuou andando.

Um corpo, percebeu Arlys quando se aproximaram. Um corpo preso ao chão pelos pés e pelas mãos. A boca, pendendo de um rosto espancado, revelava dentes quebrados. E todo aquele sangue, que jorrara de um corte na barriga, formava uma poça escura e reluzente.

Quando Fredinha se ajoelhou, Arlys engoliu sua raiva crescente e a puxou.

– Temos que ir. Ele está morto, Fredinha. Você não pode fazer nada por ele.

– Posso. Posso rezar para que a alma dele encontre paz. Posso fazer isso por ele.

Arlys esperou – agora, com a arma na mão.

Não precisou se perguntar novamente se seria capaz de apontar a arma ou atirar em outro ser humano, não depois de ver o que os seres humanos tinham feito a um rapaz que não devia ter nem 20 anos.

É claro que seria.

CAPÍTULO 9

Fredinha se levantou, soltando o ar, as lágrimas a fazendo tremer.

– Ele era mais novo do que eu.

– Eu queria... – Arlys não terminou a frase. Desejar não resolvia nada.

– Temos que continuar.

– Eu sei, e sei que não faz diferença para ele agora, mas eu também queria não ter que deixá-lo sozinho aqui. Era isso que você ia dizer.

– É preciso. Fique com a lanterna. – A partir de agora, Arlys pretendia manter a arma na mão o tempo todo. – É provável que aqueles dois não sejam os únicos. Se você detectar alguma coisa, vamos nos esconder. Se não funcionar, fugimos. Se não funcionar, lutamos.

Ela manteve a mão no braço de Fredinha enquanto caminhavam.

– Se lutar não funcionar para mim e você puder fugir...

Mesmo no escuro, o choque de Fredinha transpareceu.

– Eu não vou deixar você para trás!

– Se apenas uma de nós puder escapar, que uma de nós escape. Preciso que você vá até a Park e a 1st Street, em Hoboken. Esteja lá às três da manhã. O nome da minha fonte é Chuck. Encontre-o e conte a ele o que aconteceu.

– Eu posso fazer algumas coisas. Ainda estou aprendendo, mas sei que posso fazer algumas coisas.

– Faça o que puder para encontrar Chuck. Se ele não aparecer até as cinco, vá para um lugar seguro. Encontre outras pessoas como você, Fredinha, e saia da cidade.

– Você me deixaria para trás?

– Sim.

– Mentira. Consigo ouvir isso na sua voz. Nós duas vamos encontrar o Chuck. Temos que pensar positivo, pensar na luz, senão a escuridão nos domina.

Temos que nos preparar para o pior, pensou Arlys, o infinitamente pior, senão morreremos na escuridão.

Elas continuaram andando, seguindo o feixe de luz pelo zigue-zague de trilhos. O cheiro almiscarado ficou mais forte, assim como o de urina e o súbito e sufocante fedor de vômito. E, mais uma vez, de sangue.

Arlys sentiu que estava se acostumando com o cheiro quando a luz revelou uma mancha, uma poça, um rastro. E, pior ainda, quando Fredinha direcionou a luz para a parede.

NOVA YORK É NOSSA!

OS RAPINANTES

Escritas com sangue, aquelas palavras serviam como aviso e exultação, assim como o crânio pingando sangue abaixo delas.

– Como os dois que vimos lá atrás – sussurrou Fredinha. – Eles gostam de matar. Alguns deles seguem os Incomuns Sombrios. São os bruxos que caçam humanos, e a nós. Não sei por quê.

– Não existe um porquê. É apenas...

Arlys soltou um grito abafado e deu um passo repentino para trás.

– É só um rato – explicou Fredinha, enquanto o bicho fugia da luz. – Tem muitos aqui embaixo. Mas não se preocupe. Não precisa ter medo dos ratos.

– É apenas uma fobia minha. – Que fazia sua pele congelar e seu estômago se retorcer. O rapaz nos trilhos: os ratos o encontrariam. – Não podemos parar.

Só que elas pararam quando, alguns metros adiante, encontraram um vagão do metrô. O exterior estava coberto de pichações, como um mural

obsceno. Havia o símbolo do crânio, palavras de ordem como MATEM! e ESTUPREM AS CADELAS! E o desenho de um homem com um pênis gigantesco arrastando uma mulher nua pelos cabelos.

Pior que isso, muito pior, era o fedor. Através de uma porta aberta do vagão, Arlys viu de onde vinha o cheiro. Havia cadáveres em decomposição espalhados.

E ratos.

Ela puxou Fredinha para longe dali.

– É tarde demais para rezar pelas almas deles.

Dessa vez, Fredinha deixou escapar um grito quando um ser – Arlys mal pôde identificá-lo como um homem – surgiu no vão da porta. Havia manchas de sangue em seu rosto e em sua barba grossa e imunda, espetada no queixo. Ele usava óculos sujos sobre olhos furiosos e, cobrindo seu corpo esquelético, um casaco longo coberto de sangue.

Segurava uma faca, manchada como o casaco. E sorria, mostrando os dentes.

– Este lugar é meu. Vocês não podem ficar com ele. Esses são os meus mortos. Vocês não podem ficar com eles. Vou tacar fogo em vocês! – bradou o sujeito.

Arlys levantou a arma com a mão trêmula e agarrou o braço de Fredinha com a outra.

– Não queremos o seu lugar. Estamos indo para o outro lado.

– Não existe *outro lado*! Só existe o fim do mundo! Primeiro, a impertinência. Depois, o fogo. Estão vendo?

Ele levantou a mão imunda, mostrando unhas que se curvavam como garras. Ele segurava uma bola de golfe em chamas.

– Eu sou o fim do mundo!

Sua risada, tão selvagem quanto os olhos, explodiu quando ele arremessou a bola.

Arlys sentiu o calor intenso passar voando perto de seu rosto e ouviu um chiado quando a bola atingiu a parede atrás delas.

– Não existe outro lado! – gritou ele, quando Arlys, a mão apertando o braço de Fredinha, saiu correndo. – Só existe o inferno.

Outra bola zumbiu e bateu no chão ao lado dela. Arlys continuou correndo. E tropeçou em algo nos trilhos.

Ficou enlouquecida por um momento, perdeu a cabeça diante da fetidez e da constatação de que o corpo apodrecido *cedia* debaixo dela; ao sentir ratos subindo por suas costas, suas mãos.

– Tire! Tire-os de cima de mim!

Ela rolou, enfiou a mão em algo que um dia fora outro ser humano e se jogou de volta no chão, usando as palmas das mãos e os pés.

– Eles estão em cima de mim!

Ela se debateu, dando tapas nos próprios braços, torso e pernas, lutando, quando sentiu os braços de Fredinha.

– Está tudo bem. Não tem nenhum rato em você. Está tudo bem.

Sua cabeça girava, e, rolando novamente, ela vomitou, enquanto Fredinha segurava seus cabelos, tentando acalmá-la.

– Ah, meu Deus, meu Deus, meu Deus, isso não pode ser real. Como isso pode ser real? – exclamou Arlys, conseguindo se colocar de joelhos e começando a limpar o rosto.

E, ao perceber o que cobria suas mãos, teve ânsia de vômito e tirou as luvas.

Rastejou até sentir a parede, sentou-se, apoiando as costas. Seu coração martelava no peito, sentia uma pressão terrível.

– Você está respirando muito rápido. Acho que está hiperventilando. Você precisa se acalmar, Arlys. É sério.

Ela engoliu o ar – com força demais, depressa demais –, sentiu a cabeça se inclinar e forçou-se a expeli-lo. Respirou fundo de novo, porém mais lentamente dessa vez.

– Eu não posso perder o controle. Não posso. Não aqui. Não agora.

– Eu devia ter apontado a luz para o chão. A culpa é minha.

– Não. – Embora sua cabeça ainda girasse, a pressão horrível no peito diminuiu um pouco. – Ninguém tem culpa. Precisamos ir embora, mas eu deixei a arma cair. Temos que encontrá-la. Precisamos da arma. Temos que...

– Eu vou encontrá-la. Fique aqui. Continue respirando fundo, eu vou encontrá-la.

Arlys assentiu. Ela seria inútil enquanto não parasse de tremer, enquanto seus ouvidos não parassem de zumbir. Então, fechou os olhos, ordenou a si mesma que parasse de pensar e apenas inspirasse e expirasse o ar.

Ao ouvir a angústia de Fredinha, começou a forçar as pernas trêmulas a se levantar.

– Tudo bem. Achei. Fique aí. Estou vendo você. Eu enxergo muito bem no escuro, lembra? Achei a lanterna também. Eu a tinha deixado cair, mas já achei.

E deu um tapinha no rosto de Arlys ao dizer a última frase.

– Podemos descansar um pouco – sugeriu Fredinha.

– Não. – Arlys balançou a cabeça, cerrou os dentes e se levantou. Teve que se apoiar na parede por um momento, pois sua cabeça e seu estômago giravam. – Temos que continuar. Temos que sair daqui. Preciso da arma.

Com cuidado, Fredinha a colocou na mão de Arlys.

– Estou coberta de...

– Talvez eu possa resolver isso. Posso tentar.

– Primeiro precisamos nos afastar mais daquele louco com as bolas de fogo. Eu aguento se você também aguentar.

Concentrou-se em colocar um pé na frente do outro. Pensou em se livrar do casaco (talvez o pior tivesse ficado no casaco), mas primeiro queria distância.

– Tem algo vindo – disse Fredinha, em um sussurro baixíssimo, no ouvido de Arlys. – Algo ruim.

Ela desligou a lanterna e, na escuridão, puxou Arlys ao longo da parede para dentro de uma das estreitas fendas.

– O que você está fazendo?

– É algo ruim, isso que está vindo. Tem magia e é sombrio. Estou usando um marcador, tentando escrever os símbolos na parede. Tentando lembrar quais são os corretos. Não fale. Tente não respirar. Não se mexa. Reze.

Enquanto estavam aninhadas, Arlys viu a luz se aproximando. Mas não era uma luz, pensou. Luzes não eram pretas.

Aquela era: preta e, mesmo assim, luminosa. E vinha ao longo do teto do túnel.

Agora, havia também algo se movendo, uma silhueta se formando.

Um homem, cabelos pretos esvoaçando ao vento, um casaco preto aberto como asas. Ele voava próximo ao teto do túnel.

Levava nos braços uma mulher desfalecida – braços, pernas, cabeça balançando.

Arranhões, talhos, até marcas de dentes se sobressaíam em seu corpo nu.

Quando ele se aproximou, Arlys viu que seus olhos eram vermelhos como fogo.

Depois que ele passou, ela quase se permitiu um tremor, mas o homem parou, girou no ar. Pairando, perscrutou a escuridão com aqueles olhos vermelhos.

A mulher em seus braços gemeu. Ele sorriu para ela.

– Ainda tem alguma vida em você. Melhor.

Ele seguiu em frente, voando, até que aquela luz negra desapareceu no meio da escuridão.

Arlys tomou fôlego para falar algo, mas Fredinha cobriu sua boca com a mão. Ficaram ali paradas no escuro, em silêncio, por mais um minuto inteiro.

– Não sei a que distância ele pode ouvir ou ver.

– O que... o que era aquilo?

– Acho que era um feiticeiro. Não sei. O mal. O verdadeiro mal. Ela estava viva, Arlys. Não pude ajudá-la. Não sou forte o suficiente.

Quem seria?, perguntou Arlys a si mesma. O que poderia ser aquilo?

– Por que ele não nos viu, não sentiu nossa presença? Foram os símbolos?

– Acho que eles ajudaram. Vamos logo embora. Acho que eles ajudaram a nos proteger, e você está com cheiro de...

– Morte.

– Sim. Isso também funciona como um escudo.

– Então vamos manter o cheiro. Ah, graças a Deus: os trilhos estão descendo. Vamos passar por baixo do rio.

Era um caminho íngreme e difícil, que as fez avançarem ainda mais devagar.

Antes de entrar na estação, ela dissera que não tinham como saber quem ou o que as esperava nos túneis. Mas não acreditara plenamente nas próprias palavras.

Agora, tinha medo.

Tudo que importava era acabar com aquilo, voltar para onde houvesse algum ar que não carregasse o ranço da morte.

– Estamos perto. Estamos quase lá. – Curiosamente, saber disso fez o medo de Arlys aumentar. – Estamos chegando àquele grande retorno que tem nos trilhos antes da saída para Hoboken. Vamos dar meia-volta, está vendo? E temos que começar a prestar atenção nas plataformas, procurar...

Eles vieram do nada.

Ela ouviu Fredinha gritar quando alguém, ou alguma criatura, as separou. Outro alguém agarrou Arlys por trás, levantando-a do chão.

– A cadela está fedendo! Mas tem uns bons peitos.

Ela segurou a arma com vontade quando sentiu apertarem seu seio.

– Vamos levar as duas e arrancar as roupas delas!

Arlys deu uma cotovelada no sujeito e já ia chutá-lo, mas congelou quando sentiu uma faca na garganta, um filete de sangue escorrendo da lâmina pressionando sua pele.

– Prefiro comer você enquanto ainda está respirando, mas não faço questão. Como vai querer, piranha?

Arlys fechou os olhos.

– Você vai gostar mais se eu estiver respirando.

Ele riu, lambeu a orelha dela.

– Boa escolha.

Ela se deixou levar.

Fredinha gritou, um som alto e brilhante, de alguma forma até musical. Quando seu grito ecoou, junto com a gargalhada dos agressores, Arlys forçou uma breve risada e se virou, como se fosse se jogar nos braços do homem.

Então, com a arma na virilha dele, disparou, e disparou novamente.

Ele gritou e caiu para trás. A faca rasgou a manga do casaco dela.

– Que merda é essa? Vou matar você! Vou matar as duas.

Arlys apontou a arma na direção da voz, mas teve medo de atingir Fredinha se atirasse.

– Ela atirou nas minhas bolas! Mate essas duas!

Com chutes, Fredinha desvencilhou o tornozelo da mão que o agarrava e, pisando nela, fez outro grito ecoar nos túneis.

– Fuja, Arlys! Fuja!

Ela ouviu o som terrível de um soco atingindo carne e osso, o gemido ofegante de Fredinha.

Não podia atirar, mas podia lutar. Quando tomou impulso para correr até lá, o túnel se encheu de uma luz ofuscante, magnífica.

Arlys teve que tapar o rosto. Com os olhos lacrimejantes, viu Fredinha tentando rastejar e o homem, de pé acima dela, dando facadas no ar. Pegando a arma no cinto.

Ela não pensou, simplesmente atirou. De novo e de novo e de novo, mesmo depois que ele caiu, mesmo quando o pente se esvaziou.

– Pare, Arlys, pare! Você vai machucá-las. Pare, pare! Isso me machuca!

Com o rosto branco como um lençol sob uma marca de soco, Fredinha foi rastejando até ela.

– Por favor, me ajude.

Aquelas palavras fizeram efeito. Arlys baixou a arma, correndo em direção à amiga.

– O que eu posso fazer?

– Eu estou bem. Estou bem. A luz é muito forte, muito forte.

Enquanto Fredinha falava, a luz se reduziu. Abrandou-se, pensou Arlys, e viu dezenas de minúsculos pontinhos de luz dançando acima

delas.

– O que... o que é isso?

– São como eu. Só que minúsculas. – Fredinha se apoiou em Arlys. – Eu as chamei. Não sabia que podia fazer isso, mas fiz. Elas vieram ajudar.

Atrás delas, o primeiro homem gemeu e esticou a mão ilesa para tentar pegar a faca. Arlys se aproximou dele, tomou a faca e limpou o próprio sangue que estava na lâmina.

Quis matá-lo, e esse desejo a enojou. Em vez disso, pisou, sem remorso, na mão dele.

Deixou-o gritando enquanto foi até o outro agressor, morto. Pegou a faca e a arma dele e enfiou tudo nos bolsos laterais da mochila.

– Você consegue andar? – perguntou ela a Fredinha.

– Sim.

– Consegue correr?

– O problema é no meu rosto, não nas minhas pernas.

– Pode haver mais gente desse tipo ou coisa ainda pior. Não deve faltar muito para chegarmos, acho que devemos correr. Precisamos da luz da lanterna.

Fredinha a pegou, mas a enfiou no bolso lateral da mochila.

– Por enquanto ainda não. Ela pode ficar com a gente.

– Melhor ainda. Vamos embora, o mais rápido possível.

Arlys se adaptou ao ritmo mais lento de Fredinha, cujas pernas eram mais curtas, mas as duas conseguiram manter uma boa velocidade.

– Você não me deixou para trás. Você disse que me deixaria.

Para conter o medo, Arlys mantinha o olhar à frente, fixo na luz das fadas.

– Acho que você tinha razão. Eu estava mentindo.

– Você me salvou. E teve que tirar uma vida para me salvar.

Arlys continuou correndo e pensou em uma luz brilhante, cintilante, sobre os feitos obscuros.

Na estação de Hoboken, escalou com esforço até a plataforma, enquanto Fredinha subiu flutuando.

Arlys queria esfregar as mãos, o rosto, tirar o casaco maltrapilho. A pontada que sentia no braço lhe dizia que a faca tinha feito mais do que rasgar a pele.

Mais do que tudo, porém, queria voltar à superfície.

Ouviu ecos de vozes, mas não podia se arriscar a descobrir se eram de amigos ou inimigos. Então, fez Fredinha acelerar na subida das escadas que levavam para a rua.

As luzes dançantes as circularam e, em seguida, foram embora.

– Elas vão voltar ou outras virão – disse Fredinha – se precisarmos delas.

– Melhor ajuda, impossível. – Então, lágrimas queimaram sua garganta. – Preciso de algum lugar, algum lugar onde possa lavar as mãos, o rosto. Meu... Preciso de algum lugar onde possa desmoronar por alguns minutos.

– Vamos encontrar. Apoie-se em mim agora. – Fredinha passou um braço em torno da cintura de Arlys.

– Você está ferida. Temos que arranjar gelo, um pacote de ervilhas congeladas ou um bife cru. Será que isso realmente funciona?

– Não sei. Nunca levei um murro na cara antes. Dói muito. Dói muito no momento em que acontece, agora não está mais tão ruim.

Elas seguiram mancando pela rua, e Arlys rezou para que não fossem obrigadas a lutar novamente. Não sabia se lhe sobrara alguma energia para isso.

Pararam em frente a uma loja com as vitrines cobertas por tábuas e tranca na porta. Chamava-se Cassidy's Closet.

– Aposto que tem um banheiro para funcionários. – Fredinha observou a porta. – Talvez algumas roupas. Talvez um casaco para você.

– Está bem trancada. Se tivéssemos algumas ferramentas, talvez...

– As fadas... as experientes... conseguem entrar em lugares trancados. Talvez eu também consiga. Só tenho que encontrá-lo, segurá-lo e...

Fredinha fechou os olhos e uniu as mãos em concha, como se fosse colher água da chuva. Suas asas surgiram. Ela começou a brilhar.

– Encontrá-lo, dentro de mim – murmurou. – Segurá-lo. Trazê-lo. Oferecê-lo. Estejam comigo, filhos da luz e do ar, das florestas e das flores. Abram fechaduras para que possamos entrar.

Quase entorpecida diante de tudo aquilo, Arlys ouviu cliques de fechaduras e trincos.

Machucada, imunda, triunfante, Fredinha flutuou com suas asas e deu voltas no ar.

– Consegui! É a primeira vez que faço isso sozinha!

– Você é um milagre, Fredinha. Um verdadeiro milagre. – Cautelosamente, Arlys alcançou a porta. – Mas fique atrás de mim, só por precaução.

Arlys entrou na frente, empunhando a arma, e Fredinha lançou um pouco de luz no ambiente.

Era uma loja de artigos de segunda mão. Sem dúvida, havia sido remexida, mas não parecia ter sido saqueada nem vandalizada.

– Não tem ninguém aqui. – Fredinha fechou a porta com cuidado, trancando-a novamente. – Eu saberia. Não senti os dois... aqueles dois últimos, porque nós duas, bem, estávamos fedendo, e isso me deixou um pouco enjoada. Entende?

– Claro, entendo. Vamos ver se a gente consegue se limpar em algum lugar.

Enquanto exploravam o ambiente, Fredinha olhou em volta, sem tocar em nada porque suas mãos estavam imundas.

– Ninguém invadiu isso aqui.

– Talvez as pessoas sejam mais civilizadas em Hoboken. Ou talvez tenham ido embora logo ou estejam escondidas. Chuck deve estar escondido.

– Quase me esqueci dele.

– Vamos torcer para que ele não tenha se esquecido de assistir ao noticiário. Aqui! Tem um pequeno banheiro aqui atrás.

– Oba! Estou louca para fazer xixi.

Fredinha abaixou as calças e se sentou depressa na privada.

Antes de se aproximar da pequena pia, Arlys tomou coragem. Então se olhou no espelhinho ornamentado.

Pior, bem pior do que imaginara. Sangue no rosto, mais sangue coagulado nos cabelos e no casaco. Teve ânsia de vômito novamente, precisou segurar a bÍlis que teimava em lhe subir pela garganta. Tirou a mochila do ombro, depois se livrou do casaco.

– Talvez eu consiga ajeitar esse casaco – ofereceu Fredinha.

– Mesmo que você consiga, eu...

– Entendi. Vou levá-lo embora, encontrar algo quente para você vestir. Acho que consigo me limpar sem sabão e água. Se não conseguir, eu volto para fazer isso quando você terminar. E, hã... suas calças também, Arlys.

– Eu sei.

– Vou levar o casaco lá para fora, para... Arlys, seu braço está sangrando. Você está ferida!

Arlys se obrigou a olhar e tirou a blusa arruinada.

– Não está tão ruim assim.

– Eu não consigo curar. Com magia, quero dizer. Temos que encontrar um antisséptico e um curativo.

– Não está tão ruim – repetiu Arlys, e, apesar de seu queixo tremer, conseguiu forçar um sorriso. – De verdade.

– É só um arranhão?

– Sim. Só uma ferida superficial.

Ela abriu a torneira, sentindo um grande alívio quando saiu água, e, pegando um pouco do sabão líquido com aroma de limão, começou a se limpar.

Esfregou as mãos, os braços – embora o corte fino no antebraço ardesse. Então se despiu, ficando só de calcinha e sutiã, e lavou as pernas. Em seguida, enfiou a cabeça na pequenina pia para molhar os cabelos. Ensaboou, enxaguou, ensaboou, enxaguou de novo, até ver a água sair limpa.

Por fim, sentou-se no chão frio, os cabelos pingando, e chorou, chorou muito.

– Desculpe ter demorado tanto, é que eu... Ah, Arlys!

Limpa e cheirando a primavera, Fredinha deixou cair a roupa que trazia e se ajoelhou para abraçar a amiga.

– Eu matei um homem. Matei. Talvez tenha matado os dois. Eu...

– Você me salvou. Você salvou a nós duas.

– Eu não conheço este mundo. Não sei como viver nele.

– Acho que ninguém sabe, na verdade. É por isso que precisamos uma da outra. Você é forte e valente. Acho que este mundo precisa de pessoas como você. E como eu.

– Estou apenas cansada. Tão cansada...

– Eu também. O que você acha de se vestir e a gente descansar um pouco? Acho que esta área é como se fosse uma zona segura, e temos muito tempo antes das três.

– Tudo bem.

– Antes disso, vamos fazer um curativo no seu braço. Encontrei um kit de primeiros socorros.

– Você precisa de gelo.

– Não achei nenhum, nem ervilhas congeladas. Talvez Chuck tenha. Peguei um pouco de Motrin que encontrei na mesa do escritório minúsculo desta loja. É um remédio que pode ajudar.

Com o curativo do braço pronto, Arlys vestiu uma grossa calça leggings preta. Dobrou a calça jeans que Fredinha havia trazido e a guardou na mochila como alternativa. Não faria mal ter uma peça sobressalente.

Optou por uma camiseta de mangas compridas com um capuz preto.

Sentindo-se quase humana, Arlys avaliou as opções de casaco ou jaqueta.

– Esse é muito gostoso. É caxemira – disse Arlys, segurando um casaco preto, de estilo caban.

– Vai ficar ótimo em você.

– Estou mesmo muito preocupada com a moda.

– Quando você começar a fazer reportagens, vai querer parecer bonita no vídeo.

– Eu amo o seu otimismo. – Arlys experimentou o casaco e achou que lhe caía bem.

Em seguida, dobrou-o, sentou-se sobre ele, bebeu um dos refrigerantes que Fredinha havia trazido e comeu uma maçã.

– O que você está fazendo? – perguntou ela a Fredinha.

– Deixando um bilhete para Cassidy caso ela volte. Quero avisar a ela o que pegamos, deixar as etiquetas e explicar que, se o mundo voltar ao normal, vamos pagar pelo que levamos. Assinado: Arlys e Fredinha, com muita gratidão.

– Você é mesmo um milagre. – Arlys se deitou no chão, usando o casaco dobrado como travesseiro. – Meia hora e vamos embora. – Ativou seu alarme interno. – Se Chuck não aparecer, podemos voltar aqui e pensar no que fazer.

– Meia hora, combinado.

Arlys não a ouviu, pois já tinha pegado no sono.

Dormiu meia hora e acordou sentindo-se pior do que antes. Mesmo assim, quarenta minutos depois as duas estavam lá fora, seguindo o mapa que ela desenhara.

– Não tão civilizados assim – comentou Arlys, apontando para uma loja, um restaurante e um mercado, todos claramente saqueados.

– Acho que não sobraram muitas pessoas. O ar quase não se mexe. Espero que tenham encontrado algum lugar seguro.

Mas Arlys imaginou que pelo menos algumas das casas e dos apartamentos, trancados e selados com tábuas, guardavam mortos.

Chegaram ao ponto de encontro vinte minutos antes das três.

– Acho melhor não esperarmos a céu aberto – comentou Arlys.

– Tarde demais.

Ao ouvir a voz que veio da escuridão, ela girou o corpo e puxou a arma.

– Calma, calma, pistoleira. É o Chuck.

Ela reconheceu a voz e ele saiu das sombras, mãos para cima, com aquele sorriso bobo e maravilhosamente elástico.

– Chuck. – Arlys baixou a arma, fazendo força para conter as lágrimas.

– Você chegou adiantado.

– Você também. E trouxe companhia.

– Essa é a Fredinha. – Arlys colocou um braço protetor em volta da amiga. – Eu não teria chegado sem ela.

– Quero saber tudo sobre isso. Vamos entrar. As coisas aqui nunca estiveram tão silenciosas quanto na última semana, mas nunca se sabe.

– Há muita coisa que nunca se sabe.

– Muito prazer em conhecer você – disse Fredinha, estendendo a mão.

– Você fez a previsão do tempo em algumas dessas últimas semanas. Você é boa nisso. Bem, não vamos para muito longe.

Ele começou a andar depressa, com suas pernas compridas.

– Eu teria combinado em algum lugar mais perto, mas resolvi aproveitar aquele momento Frank Sinatra.

– Funcionou.

– Eu sabia que você entenderia. Mas não imaginei que tudo fosse explodir na mesma noite.

– Desculpe.

– Ei, relaxe. Você fez o que tinha que fazer, e foi real. E como foi real! Enfim, estou feliz que tenha vindo. Eu gosto do silêncio, mas até para mim as coisas andam mortas demais. Perdão pelo trocadilho.

– Temos que ir embora daqui, Chuck. Para longe. Eles estão muito perto. Aquelas criaturas dos túneis.

– Vocês vieram pelo túnel do metrô? – Ele teve que parar e olhar para elas, abismado. – Meu Deus, vocês têm nervos de aço. Acho que eu não conseguiria.

– Não sei se eu teria feito essa escolha se soubesse o que havia lá, mas agora sei que não podemos ficar.

– Imaginei. Há algum tempo eu venho bolando um plano para dar o fora. Faltam só mais alguns detalhes. Acho que até amanhã à tarde está tudo pronto. Você está com uma cara de que precisa dormir. Chegamos.

Ele parou em um prédio de esquina de quatro andares, a fachada de tijolinho. Antigo e distinto.

– O porão é nosso.

– Eu sabia que você só poderia viver no porão. Mais alguém ainda vive aqui?

Chuck balançou a cabeça. Pegou as chaves e abriu uma série de fechaduras. Entrou em um corredor e introduziu um código em um painel de parede.

– Todos morreram ou fugiram. Esse apartamento é do meu tio, uma das suas propriedades. Ele tem uma casa de arrasar em Long Island. Tinha. Morreu na primeira semana.

– Sinto muito. – Fredinha afagou o braço de Chuck.

– Cara muito gente fina. Luz – ordenou ele, e as luzes se acenderam. – Adoro os meus brinquedinhos.

– Imagino.

Arlys ficou boquiaberta. O enorme e bem-acabado espaço parecia uma espécie de quartel-general de alta tecnologia. Computadores, monitores, estações transmissoras, algum tipo de sistema de comunicação. Algumas bancadas e cadeiras giratórias, o maior telão que ela já tinha visto e uma poltrona reclinável de couro.

Em um canto havia uma cozinha: eletrodomésticos de aço inoxidável, bancadas entulhadas.

– O quarto é por ali. Não tenho usado muito, podem ficar com ele. Tem um banheiro anexo, mas há outro ali.

Fredinha andou pelo quarto olhando para todo lado, os olhos em deslumbramento.

– Você deve ser muito rico.

– Meu tio era. Quem é rico hoje em dia? Acho que uma pessoa é rica quando tem suprimentos e um teto sobre a cabeça. Nesse caso, somos milionários. Vocês querem comer?

– Não, eu não. – Arlys pressionou os olhos com as palmas das mãos.

– Quer tomar uma cerveja e conversar?

– Agora, não. Acho que não consigo no momento. Gostaria de dormir um pouco antes.

Ele apontou para o quarto.

Arlys entrou. Então se virou.

– Obrigada, Chuck.

– Ora, não existem amigos melhores do que os virtuais. Vá dormir e a gente se fala mais tarde.

– Ela precisa de algumas horas de sono e de silêncio. – Então, sorriu para Chuck. – Eu aceitaria uma cerveja.

– Claro!

– E eu posso lhe contar um pouco do que aconteceu. Para que ela não precise contar. A não ser que queira.

– Meu sofá fica ali. Sente-se. Tenho algumas tortilhas com molho picante para acompanhar a cerveja.

Fredinha largou a mochila e o casaco, sentou-se no grande sofá de couro e suspirou.

– Ela realmente gosta de você, e confia em você. Posso ver por quê. Hum... por acaso você teria um pouco de gelo? Havia uns homens no túnel, e eles tentaram... Um deles me deu um soco.

Ela tocou o hematoma na mandíbula. Chuck a encarou com atenção sem dizer nada.

– Tem muita gente ruim por aí. É por isso que gosto do sossego – comentou ele.

– Muitos não gostam.

– Pois é. Vou buscar as coisas, Fredinha Ruivinha. Gelo, cerveja, tortilhas e molho picante.

– É picante de verdade?

– Põe fogo na boca.

– Meu preferido.

CAPÍTULO 10

Com Max ao volante, eles atravessaram o rio Susquehanna. As correntes dos pneus perfuravam a neve – a camada no chão só crescia – enquanto seguiam na direção oeste.

Pegaram a Estrada 414, mantendo-se nas áreas rurais, passando por uma dispersão de casas e pequenas fazendas à medida que as colinas se tornavam mais sinuosas e as florestas mais densas. Algumas vezes, aproveitando que Eddie ainda dormia, ele e Lana usaram de magia para empurrar para o acostamento da sinuosa estrada de duas pistas um carro abandonado ou destruído.

– Talvez devêssemos parar em algum lugar. Você está dirigindo há mais de três horas, e as estradas estão ficando cada vez piores.

– Não fizemos nem 200 quilômetros hoje. Eu quero rodar mais antes de pararmos.

No banco de trás, Eddie se mexeu, esfregou os olhos e se sentou.

– O tempo não dá trégua, não é? Parece que vem uma tempestade do oeste, então o negócio ainda vai piorar para o nosso lado. Quer que eu pegue o volante para você descansar um pouco?

– Ainda não.

Max dirigiu por mais uns 30 quilômetros, até se ver forçado a parar diante de um engavetamento de três carros.

– Bem... – Eddie coçou a barba. – Parece que temos trabalho a fazer. Lana, você se importa de levar Joe para fazer suas necessidades enquanto eu e o Max empurramos essa confusão para fora do caminho?

Um olhar de advertência de Max sinalizou que ele ainda preferia não contar ao novo companheiro de viagem as coisas que eram capazes de fazer.

Ela levou o cão, deslocando-se com dificuldade pela neve, até algumas árvores.

Max e Eddie foram até os carros destruídos.

Atrás do volante de um deles, havia o corpo de um homem.

– Isso aqui no para-brisa é um buraco de bala, e pegou nele, eu acho. – Apesar de ter empalidecido um pouco, Eddie se aproximou. – Não sou nenhum especialista no assunto, mas sei que esse cara não está morto há muito tempo. Não deve fazer nem dois dias.

– Alguém mandou bala nesse Subaru também. E tem sangue no assento.

Puxando levemente sua barba rala, Eddie suspirou.

– Tem um porta-arma nessa caminhonete aqui. Mas sem as armas. Não sou detetive nem nada, mas eu vejo programas na TV, e está me parecendo que o cara da caminhonete atirou nesses dois aqui, matando um e ferindo outro. E destruiu o veículo para que ele não pudesse dirigir.

– Eu diria que foi isso mesmo.

– Então, bem... – Eddie olhou em volta, procurando rastros, mas com medo de encontrá-los. – É melhor a gente tirar essa bagunça do caminho o mais rápido possível e dar o fora daqui. Vai que...

O carro comum deslizou com facilidade quando colocado em ponto morto, com Eddie girando o volante e Max empurrando por trás.

Quando Lana voltou, estavam empurrando o Subaru.

– O pneu está furado. E parece que a roda está amassada. – Eddie alongou os ombros. – Vai precisar de mais força.

– Eu ajudo.

– Não vá distender um músculo – advertiu Eddie.

Dessa vez, ele girou o volante, deixou a porta aberta e apoiou as costas nela.

À primeira tentativa, Lana percebeu que apenas força não seria suficiente. Resolveu dar um tipo diferente de empurrão. Embora tentasse

ser discreta, o carro deu um solavanco para a frente.

– Conseguimos! – gritou Eddie. – Só um pouquinho mais.

Max, os cabelos cobertos de neve, riu baixinho.

– Devagar, minha Rainha das Amazonas.

Empurraram novamente, e conseguiram levar o carro para o acostamento, deixando-o totalmente torto em um pequeno barranco.

Eddie lançou um sorriso largo para Lana.

– Você é mais forte do que aparenta – comentou ele.

Ela apenas sorriu, flexionando os músculos.

– Dá para passar desviando da caminhonete – disse Max.

– Sim. Com jeito, dá para manobrar. Me dê um minuto.

Eddie desceu até o barranco, tirou as chaves do Subaru e, andando na neve, foi até o porta-malas para abri-lo.

– Pode ter alguma coisa útil. É bom dar uma olhada no outro carro também.

– Vou fazer isso. – Max se lembrou do morto lá dentro. Lana não precisava ver aquilo. – Você pode ajudar o Eddie.

Ela desceu até lá. Abriu uma maleta que encontrou, enquanto Eddie tentava abrir uma grande caixa de papelão.

– Comida – disse ele. – Parece que alguém assaltou a despensa.

– Leve a caixa. Há roupas aqui, roupas masculinas. E...

Ela encontrou uma foto emoldurada de um homem com uns 30 anos e uma mulher da mesma idade. Ele usava um smoking com uma rosa branca na lapela; ela, um vestido branco de saia armada.

– É uma foto de casamento – murmurou Lana. – Mas aqui só estão as roupas masculinas. Ele deve tê-la perdido para o vírus.

– Vamos levar a maleta também.

– Sim.

Ela guardou de volta a foto. Não iria deixá-la para desbotar na traseira de um automóvel.

Juntos, conseguiram transportar a caixa de provisões para a estrada, enquanto empurravam e arrastavam a maleta. Max chegou trazendo uma bolsa de viagem e uma espingarda.

– Achei no porta-malas. Na sacola tem munição, algumas roupas de frio e um rolo de dinheiro numa bota. Não serve para mais nada, agora.

– Vou verificar a caminhonete.

Eddie correu até o último veículo, enquanto Lana e Max se puseram a guardar no carro os novos achados. Ele voltou com uma garrafa de Jack Daniel's pela metade e três latas de Budweiser.

– Minha suspeita é de que alguém estava dirigindo alcoolizado e causou o acidente. – Ele enfiou as bebidas no carro e se virou. – Belo lugar. Bem bonito mesmo – comentou ele. – Encontre um riacho, construa sua casa. A vida até que não seria ruim. – Ele sorriu para o cão, que saiu pulando pela neve e rolou no chão. – Ele gostou daqui.

Max abriu a porta do motorista e se inclinou para ligar o carro, enquanto Eddie chamava o cachorro.

– Você dirige – disse ele a Eddie. – Eu vou indicando o caminho.

– Beleza. Você devia tirar uma soneca, Lana. Parece cansada.

O feitiço está perdendo o efeito, pensou ela. E a verdade era que estava mesmo bastante cansada. As novas provisões tomaram algum espaço no banco de trás, mas ela conseguiu se ajeitar ali e adormeceu quase imediatamente.

Enquanto dirigia (um bom motorista, para alívio de Max), Eddie puxou conversa:

– Vocês estão juntos há muito tempo?

– Faz cerca de um ano que nos conhecemos. Alguns meses depois resolvemos morar juntos.

– Quando é para ser, acontece. Ainda não encontrei a mulher certa para mim. Não estou procurando, mas gosto da companhia feminina, se é que você me entende. Ela dormiu?

Max olhou para trás.

– Sim. Você tinha razão, ela está cansada. Fizemos bastante esforço.

– Provavelmente vão ter que continuar fazendo. Aquilo que a gente viu lá atrás? É assim que as coisas estão. Matam você assim que olham para a sua cara. Não entendo o motivo, porque é agora que precisamos mais uns

dos outros, mas algumas pessoas são assim. Você deve ter visto muito disso na cidade.

– Mais do que você imagina. As pessoas estão assustadas, tensas, desesperadas.

– E algumas já não são flor que se cheire – acrescentou Eddie.

– Exatamente.

Passaram por uma cidadezinha cuja rua principal estava deserta a não ser pelos carros estacionados. As lojas todas fechadas, ou com as portas escancaradas.

– Me avise quando quiser encontrar um posto para completar o tanque.

– Temos o suficiente por enquanto. Vamos sair desta estrada quando ela for para o sul. Vamos pegar o caminho para o norte, em direção à Rota 6. Se não estiver bloqueada, seguimos para oeste. Se estiver, há estradas vicinais.

Eddie olhou para Max com expressão de espanto.

– Você já tem tudo traçado na cabeça?

– Tenho. E está anotado, caso alguma coisa aconteça comigo. Aliás, se alguma coisa acontecer, tenho que confiá-la a você. Vou confiar em você para cuidar dela.

Sob o hematoma e a barba, Eddie trincou o maxilar.

– Não vai acontecer nada. Estamos juntos agora. Mas pode confiar em mim para cuidar dela, se for preciso. Não tenho mais família, cara. Você podia ter me deixado lá atrás. Acho que posso dizer que vocês são minha família agora.

– Pegue a 15 para o norte quando chegarmos nela. Vamos tentar percorrer pelo menos mais 80 ou 90 quilômetros antes de parar e procurar um posto. É bom escolher uma das cidades pequenas, nada muito grande.

– Entendi.

Max desceu o encosto do banco e fechou os olhos. Quando ia pegando no sono, ouviu Eddie cantando uma música country. Seria *bluegrass*? Não conhecia o suficiente para saber. A voz limpa e afinada cantava sobre anjos, o que ajudou Max a adormecer.

Acordou com um sobressalto, ao sentir a redução na velocidade. Ergueu-se com dificuldade, e imaginou que havia outro acidente bloqueando a passagem, mas não: viu uma estrada coberta de neve, algumas casas e um minimercado com bombas de gasolina.

– A Rota 6 não tinha passagem – explicou Eddie. – Tive que voltar e pegar estradas menores. Só temos um quarto de tanque. É melhor abastecer.

Ele entrou no estacionamento.

Os três saíram do veículo.

– Parece que a neve diminuiu. Vou ver o que consigo preparar para a gente comer – disse Lana.

– Bem que estou precisando comer. – Eddie olhou ao redor, enquanto Max se dirigia para uma bomba. – Está muito quieto por aqui. Talvez todos tenham ido embora.

– Talvez. As bombas ainda estão funcionando. – Max colocou o bocal no tanque.

– Antes da comida, eu vou entrar – disse Lana. – Quero usar um banheiro de verdade.

– Deve estar trancado – comentou Eddie.

– Vamos ver.

Isso ela podia resolver fácil.

– Joe e eu vamos usar esse grande espaço ao ar livre.

– Não demore – pediu Max. – E tome cuidado.

Ele observou a rua – havia outros rastros na neve além dos deles – e os edifícios próximos. Nada se mexia além de um trio de cervos, do outro lado da estrada, mordiscando sementes derramadas de um alimentador de pássaros destruído.

Pensou em procurar outro SUV. A neve estava mais branda, mas um veículo com tração nas quatro rodas seria melhor, especialmente para chegar aonde queriam.

Talvez, depois de abastecer, eles fossem em busca de um e enchessem o tanque de novo. Pelo menos deixariam um tanque cheio para outro

viajante. Ele relaxou um pouco quando Lana retornou, carregando uma sacola.

– Eu ainda me sinto mal por simplesmente pegar as coisas, mas, enfim, foi o que eu fiz. Não sobrou muito lá, mas encontrei alguns pãozinhos de batata no freezer. Quando descongelarem, posso fazer uns sanduíches.

– É bom que assim dá tempo de irmos para algum lugar mais isolado.
– Max recolocou a mangueira na bomba e fechou o tanque. – É tudo muito aberto por aqui.

– Parece que tem algo errado, não é? Mais como uma fotografia do que vida real.

Ela se abaixou para acariciar a cabeça do cãozinho quando ele voltou, correndo.

– Entre no carro, Joe.

Ele pulou para o banco de trás quando viu Eddie voltando. Eddie olhou para trás.

– Tive a impressão de ter ouvido um...

O tiro que soou estilhaçou o silêncio, como um martelo contra vidro.

Ela viu o corpo de Eddie receber o impacto, seu rosto ficar branco e o sangue brotar em seu casaco verde de camuflagem. Antes que pudesse correr para ajudá-lo, Max a empurrou para o banco do passageiro.

– Entre, entre!

Ele agarrou Eddie quando o rapaz tombou para a frente, e o enfiou no carro quase o jogando lá dentro.

O tiro seguinte quebrou a luz traseira direita do carro.

– Abaixе-se. Lana, abaixе-se!

Max deu a volta no carro abaixado.

Dois homens se aproximaram correndo, vindo dos fundos, ainda atirando.

Enfurecida, Lana usou seu poder, lançando-o contra eles, enquanto Max puxava a arma da cintura e disparava de volta. Os dois homens voaram para trás, atirando para o alto.

Max puxou com força a porta do motorista, e alcançou a ignição e o acelerador antes mesmo de fechar a porta. Ele girou todo o volante,

derrapando nas rodas traseiras; teve medo de fazer o maldito carro virar, mas as correntes o mantiveram firme.

Pelo retrovisor, viu os homens se levantarem com dificuldade e fazerem mira, mas suas balas atingiram a neve.

Outros saíram de algumas casas, armados, seus olhos frios observando-os se afastarem.

– Você está ferida? Lana?

– Não, não. Você está?

– Não. E você, Eddie? Muito ruim?

– Levei um tiro! – Ele fez pressão com os dedos em um ponto entre a clavícula e o ombro direito. – Levei um maldito tiro. Meu Deus, meu Deus, está doendo demais!

– Lana, coloque a droga do cinto de segurança – ordenou Max quando ela começou a passar entre os assentos.

– Tenho que ver como ele está. Se posso ajudar.

– Eu não posso parar ainda. Não posso parar enquanto não tivermos certeza de que eles não estão vindo atrás de nós.

Lana se enfiou no espaço entre os bancos e puxou o cão, que não parava de ganir e lambear o rosto de Eddie. Jogou Joe no banco da frente. Quando o animal logo tentou voltar para trás, Max gritou:

– Sentado!

Em vez de se sentar, Joe se encolheu e começou a chorar.

– Preciso ver, preciso ver – disse Lana, desabotoando o casaco de Eddie.

– Você vai ver que eu levei um tiro! Que diabos, cara, não estávamos fazendo mal a ninguém!

– Quietos, fique quietos. – Lana rasgou a camisa dele, surpresa com a firmeza das próprias mãos. Em seguida, arrancou o próprio cachecol e o usou para fazer pressão. – Vou estancar o sangramento, isso é o primeiro passo. Você vai ficar bem. Assim que estivermos longe o suficiente, Max vai encontrar um local onde possamos parar, e vamos cuidar de você. Acho que posso ajudar.

– Como você ajudou lá atrás, jogando aqueles filhos da mãe no chão com a sua mente ou sei lá como? Você é um daqueles, daqueles outros? Vocês dois?

Lana olhou no fundo de seus olhos em choque.

– Não vamos machucar você.

– O quê? Você acabou de salvar minha vida. Quer dizer, se eu não estiver morrendo.

– Você não está morrendo. Eu... Max, eu sinto que posso ajudar.

Eddie gemeu, rangeu os dentes.

– Se você pegasse aquele Jack... o uísque... já seria de grande ajuda – pediu ele.

– Boa ideia. Você vai ter que pressionar enquanto eu pego a garrafa. Mesmo que doa. – Ela pôs a mão dele no cachecol ensanguentado, pressionando-o. – Assim.

Então se virou, pegou a garrafa que estava acomodada no assoalho e abriu a sacola de viagem para procurar uma camiseta. Levantando-se um pouco, pegou o canivete que Max tinha lhe dado, cortou a camiseta até conseguir rasgá-la com as mãos e fez dois chumaços grossos.

Abriu o Jack Daniel's e afastou a mão de Eddie e o cachecol.

– Vai arder – avisou ela, derramando o uísque na pequena ferida aberta.

Ele fez um som que rasgou seu coração, mas ela embebeu a ferida e a pressionou com um dos chumaços, enquanto Eddie, olhos vidrados, lutava para respirar.

– Desculpe, desculpe.

– Eu estava pensando em beber isso – retrucou ele.

Ela colocou a garrafa na mão trêmula dele.

– Eu gritei feito uma menininha.

– Você gritou como um homem que teve uísque derramado no seu ferimento. – Ela enfiou a mão debaixo dele, sentiu o buraco nas costas do casaco; estava molhado. – Não solte, mantenha a pressão. – Ao mesmo tempo, ela pressionou o segundo chumaço nas costas de Eddie. – Atravessou. A bala atravessou. Acho que isso é bom.

– Porque não foi em você. O buraco da saída deve ser ainda maior. Aposto.

– Vamos cuidar disso. Max?

– Estou procurando. Eles não estão nos seguindo, mas ainda estou procurando onde parar.

Lana respirou fundo e encarou Eddie mais uma vez.

– Eu acho que posso ajudar, posso reduzir o sangramento. Só que nunca fiz nada parecido com isso.

– Nem eu – disse Eddie, agarrando a mão dela. – Provavelmente vai doer.

– Eu não sei.

– Vamos descobrir. – Ele fechou os olhos.

Lana não soube dizer o que se mexeu dentro dela, mas algo subiu pelo seu corpo e saiu, fazendo-a estremecer. Manteve uma das mãos apertando a dele, enquanto a outra pressionava a ferida de saída da bala. E deixou o poder fluir.

Doeu. Ela ouviu a dor, sentiu-a, enxergou-a, negra e pulsante. Abriu-se para o que quer que estivesse subindo, agitando-se e fluindo – branco e frio contra negro e quente.

– Pare. – Eddie agarrou o braço de Lana, apertou, sacudiu. – Pare!

Com um estremecimento, ela voltou. Aquilo que fluía e se mexia dentro dela se acalmou.

– Pare – repetiu ele. – Você está parecendo tão mal quanto eu. Melhorou. Não sei o que você fez, mas melhorou. Não estou mais tremendo tanto. Dói... só Deus sabe quanto... mas já não dói tanto.

– Eu vou tentar...

– Lana. – Max falou com calma, mas com firmeza. – Você não pode se forçar tanto. E nem tão depressa. Precisa dar um tempo para se recuperar. – Ele desacelerou o carro. – Estou vendo uma casa... não é bem uma casa, mas... parece vazia. Vamos tentar.

Ele entrou no terreno devagar, parou, esperou.

– Vou dar uma olhada. Lana, venha para o volante. Se acontecer alguma coisa, vá embora. Eu encontro você. – Ele se virou para repetir

olhando para ela: – Eu encontro você.

Lana assentiu, mas, mesmo depois que ele saiu e foi até a casa, ficou onde estava.

– Até parece que vamos deixá-lo para trás – disse Eddie.

– Não mesmo.

– Então... Que coisa, vocês são deuses ou o quê?

– Não. – Com suavidade, ela afastou o cabelo de Eddie do rosto. – Bruxos.

– Bruxos? Hum.

Max voltou.

– Não tem ninguém. Parece que está vazia há pelos menos algumas semanas. Está um lixo, mas serve.

Ele dirigiu até os fundos, atravessando a neve, até ter certeza de que o carro não seria visto da estrada.

Em seguida, foi ajudar Eddie a sair, mas, quando viu que as pernas do rapaz cederam, levou-o no colo para dentro da casa. Ao entrar, a primeira coisa que Lana notou foi que a cozinha era um pequeno pesadelo de sujeira, lixo, insetos e fezes de rato.

Eles dariam um jeito.

A sala não era melhor, tampouco o quarto em que Max entrou.

– Espere, não o deite aí. Temos que manter a ferida limpa. – Ela tirou o cobertor roído, os lençóis manchados. – Espere um pouco.

Lana foi correndo buscar os lençóis e toalhas que havia trazido. Ao voltar, arrancou os lençóis sujos do colchão e esticou um novo, colocando uma toalha por cima.

– Temos que tirar o casaco e a camisa dele.

– Ajude-o a ficar de pé – pediu Max.

Juntos, eles conseguiram tirar a roupa de Eddie.

– Muito bem. – Ela pressionou uma toalha dobrada sobre o ferimento de saída da bala, enquanto Max deitava Eddie. – O sangramento quase parou, isso é bom. Talvez haja algum antisséptico ou álcool por aqui. Precisamos ter certeza de que as feridas estejam limpas. Eu acho que elas

precisam ser fechadas, mas não tenho poder suficiente, Max. Não tenho o suficiente para fazer isso. Não posso encontrar isso em mim.

– Vamos costurá-lo. Vou encontrar alguma coisa.

– Meu Deus... – foi tudo o que Eddie conseguiu dizer.

– Você vai sobreviver – afirmou Lana, energicamente, enquanto percorria um corredor estreito que levava a um banheiro repugnante.

Ignorou o cheiro, as manchas – também ficariam para mais tarde – e abriu o enferrujado armário de medicamentos.

– Álcool, água oxigenada, bandagem... Nenhum esparadrapo. Não tem sabão aqui. Do jeito que este lugar está, não deve haver sabão em nenhuma parte da casa.

– Achei tesoura, agulhas e linha! – avisou Max de algum outro cômodo. – Alguém costurava. Tem muitos retalhos de pano, se precisarmos. Vou encontrar sabão.

– Tem na maleta, se você não encontrar.

Eles remexeram em tudo para encontrar o material de que precisavam. Max limpou uma bandeja para colocar os itens que haviam separado. Lana quase esfolou as mãos de tanto que as lavou.

Na cama, Eddie estava quieto, o cão aninhado à lateral de seu corpo. Seu rosto brilhava, pálido e úmido, mas frio ao toque. *Sem infecção*, pensou Lana. *Pelo menos ainda não*.

Ela sabia que lhe causara dor ao limpar a ferida e usar o álcool sem medida até sentir, simplesmente sentir, que estava limpa. Então, olhou para a agulha e a linha e tomou coragem.

– Eu faço essa parte – disse Max, tocando no ombro dela. – Deixe comigo. Vamos precisar comer alguma coisa quando terminarmos.

– Não posso usar aquela cozinha enquanto não estiver limpa e higienizada.

– Eu cuido dele, enquanto você começa a ajeitar as coisas por lá.

– Tudo bem. Agente firme, Eddie.

Ele conseguiu abrir um débil sorriso para Lana, mas que desapareceu assim que ela saiu.

– Tem algum jeito de pular essa parte?

– Acho que não.
– Foi o que pensei. Você por acaso tem um baseado?
– Não, lamento. Mas vou colocar você em transe. Você pode sentir alguma coisa, mas, se funcionar, deverá ser como se estivesse flutuando acima do corpo.

– Você pode fazer isso?
– Acredito que sim. Vai ser mais rápido se você confiar em mim.
– Cara, não posso negar que prefiro o baseado, mas se eu não confiar em você agora é porque minha mãe criou um completo idiota. Não insulte minha mãe.

– Ok. Olhe para mim. Basta olhar para mim.

Uma hora depois, Max voltou à cozinha. Lana havia tirado o lixo e limpado os balcões, o fogão e o chão. A porta da geladeira, completamente aberta, revelava um interior limpo, embora gasto.

E ela estava ali, em pé, os cabelos presos, com grossas luvas de borracha amarelas que iam quase até os cotovelos, descartando água suja na pia.

O amor, com toda a sua força, o manteve firme.

– Como ele está? – perguntou Lana.

– Dormindo. Vai se recuperar, em grande parte graças a você.

Com luvas e tudo, ela se jogou nos braços dele.

– Pensei que ele tivesse morrido. Quando o vi levar o tiro, pensei que tivesse morrido. Mal o conhecemos, mas... ele é parte de nós agora. Ele é parte de nós.

– Ele é parte de nós. Você devia descansar um pouco. Eu termino de limpar isso aqui.

– Você termina a limpeza, isso mesmo – concordou ela, com entusiasmo, tirando as luvas. – Havia um rato morto, ainda na armadilha, debaixo da pia.

– Vou me livrar dele.

– Já me livrei. O cheiro... – Ela estremeceu. – Joguei lá fora, com armadilha e tudo. Você termina de limpar. Já desinfetei uma área e o fogão, com água sanitária, para começar a cozinhar. Vou preparar uma

sopa com os alimentos que achamos naquele carro, e uma sopa bem reforçada.

– Eu pensei que amasse você antes de irmos embora de Nova York.

– Pensou?

– Eu pensei que a amasse tanto quanto um homem pode amar uma mulher, mas estava enganado. A cada hora, Lana, esse amor cresce.

– Eu sinto o mesmo. – Ela colou o corpo ao dele novamente. – Sinto em você e por você. Acho que uma parte do que continua a crescer dentro de mim é isso. É amor, Max.

Ela colocou as mãos no rosto dele, deixou-se mergulhar no beijo, no amor.

– Estou assustada, muito assustada – disse ela. – Mesmo assim há essa parte de mim, dentro de mim, se abrindo e se alongando, e ela não... ela não tem medo.

– Vamos encontrar o nosso lugar.

– Qualquer lugar onde estejamos juntos. Quer dizer... – Ela recuou, sorriu para ele. – Talvez não aqui. Pode me fazer um favor?

– Não há nada que eu não faria por você.

– Eu deveria ter pensado em algo mais difícil, mas você pode ir buscar nossa última garrafa de vinho? Seria tão bom.

Mais tarde, com a sopa fervendo e a cozinha e o banheiro limpos de acordo com as especificações dela, Max arrastou para um pequeno depósito o lixo que Lana deixara na porta dos fundos.

Queria poupá-la de ir lá fora, onde poderia dar de cara com um rato ou qualquer outro bicho que roesse o lixo. Se precisassem ficar mais um dia, para que Eddie tivesse mais tempo de recuperação, ela provavelmente insistiria em limpar o resto da maldita pocilga.

Compreensível.

As dobradiças enferrujadas fizeram a porta do galpão guinchar.

Max encontrou o dono da casa.

Devia ter morrido fazia algumas semanas, e os vermes também o acharam.

Lana não precisava ver nem saber. Embora sentisse uma pontada no coração, ele arrastou o lixo para dentro e fechou a porta. Colocando a mão sobre a madeira, ofereceu uma bênção e um agradecimento pelo abrigo.

– Max!

Ele fechou a tranca do galpão, virou-se e sorriu, pois ouvira prazer e não medo na voz dela.

– Eddie acordou. E com fome! Sem febre e sem infecção.

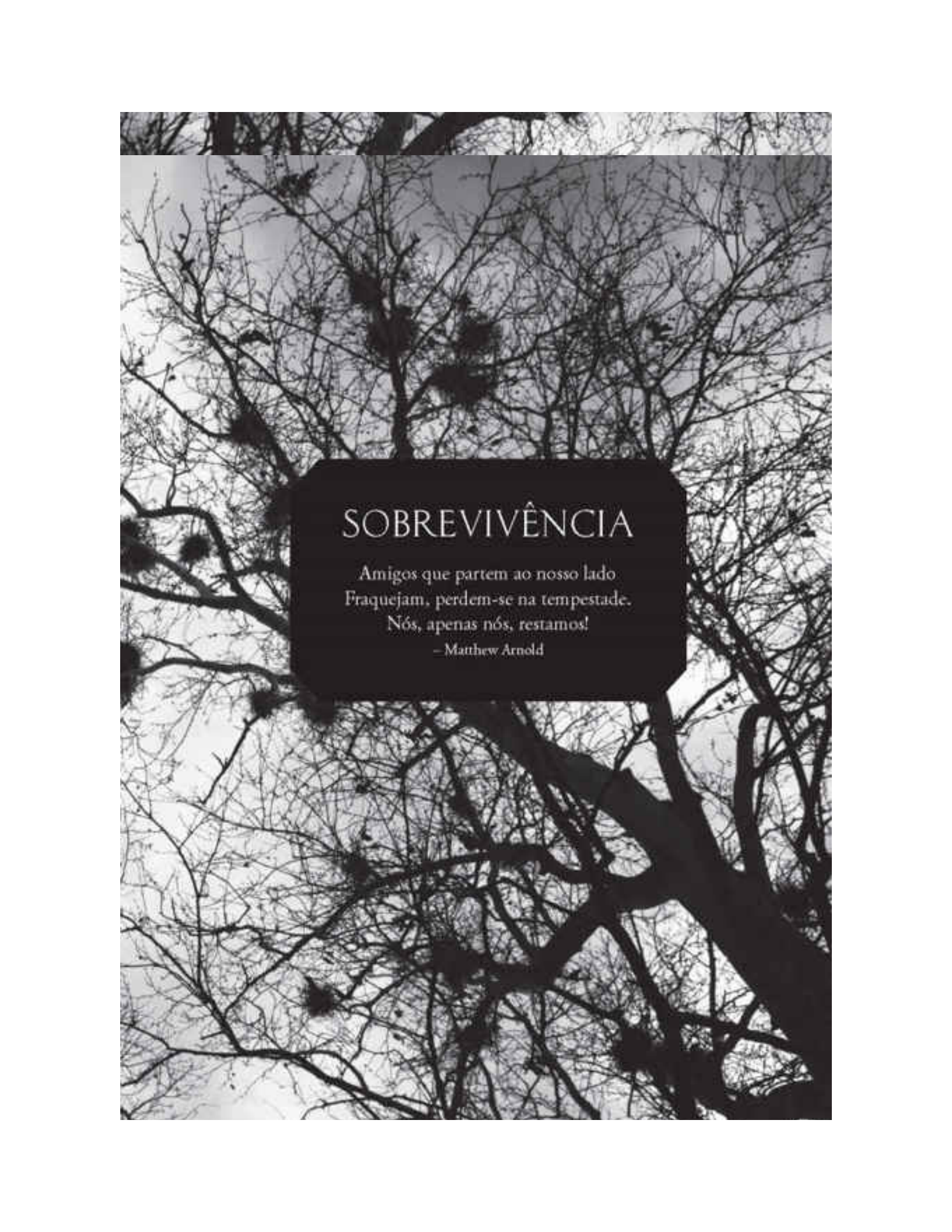
– Vou já para aí.

Ele agradeceu mais uma vez. Partiriam pela manhã e percorreriam o restante do caminho até onde Eric os esperava.

Encontrariam seu lugar, pensou novamente.

Criariam um.





SOBREVIVÊNCIA

Amigos que partem ao nosso lado
Fraquejam, perdem-se na tempestade.
Nós, apenas nós, restamos!

– Matthew Arnold



CAPÍTULO 11

Jonah Vorhies trabalhou quase sem parar, usando as horas do alvorecer para entrar escondido na marina e no barco de sua colega morta.

Sentiu-se mal por tomar sem permissão algo que pertencera a Patti, e foi doloroso ver objetos dela espalhados pela velha lancha que ela tanto amava. Por outro lado, isso lhe deu esperança, além de um propósito.

Guarneceu o barco de cobertores, suprimentos médicos e comida.

Planejava um percurso curto e direto através dos estreitos e até o rio Hudson, mas estava preparado para complicações. A bordo, teria recém-nascidos e uma mulher que tinha acabado de dar à luz gêmeos. Uma médica também.

Rachel.

Ela também lhe dera esperança quando ele acreditava não haver mais nenhuma. Não hesitara em fazer tudo o que podia para garantir a saúde e a segurança de Katie e dos bebês.

Será que aquelas novas vidas, em meio a tantas mortes, também tinham dado esperança e propósito a Rachel?

Será que a tinham deixado disposta, como ele, a assumir riscos?

Eles levariam recém-nascidos, com apenas 2 dias de vida, para cruzar um rio em pleno inverno. Para longe de Nova York e da crescente violência, para longe de potenciais obstáculos.

Mas para onde iriam? Nenhum deles sabia.

Ainda assim, quando atravessou o hospital pela última vez, como bem sabia que seria, ele entendeu que não tinham escolha.

Com seu dom amaldiçoado, enxergou a morte em muitos pelos quais passou. E havia menos funcionários e menos pacientes do que no dia anterior.

Mais deles no necrotério.

Quando entrou no quarto de Katie e ela o encarou com absoluta confiança, Jonah soube que a levaria, e a seus filhos, para um local seguro.

A qualquer custo.

– Onde está Rachel?

– Foi ver se encontra mais suprimentos.

Vestida com roupas que ele havia trazido, a sacola que ele embalara colocada a seus pés, ela se levantou.

– Jonah, só tem um bebê no berçário. A mãe dele... ela estava sendo submetida a uma cesariana de emergência quando você fez o meu parto... Ela morreu. E a enfermeira... está doente. Mas é uma criança saudável. Rachel a examinou. Já se passaram dois dias, então a esta altura ela teria mostrado sintomas se tivesse o vírus.

– Você quer levá-la.

– Ela não tem ninguém.

– Está bem.

Katie fechou os olhos; quando os abriu, derramou uma lágrima.

– Rachel tinha certeza de que você diria isso. Ela foi pegar alguns suplementos alimentares, mas eu posso amamentá-la. Tenho muito leite.

– Ela já tem nome?

– O nome da mãe era Hannah. Acho que ela deveria se chamar Hannah.

– Bonito. – Ele sorriu, ignorando o medo de agora ter três bebês para salvar. – Como estão esses dois?

Ele se aproximou do berço de rodinhas onde os gêmeos, embrulhados, dormiam.

– Acabei de alimentá-los, cerca de meia hora atrás. Rachel disse que eles são bem saudáveis, tanto quanto os que nascem na época certa.

– Vamos levá-los bem agasalhados. Você também.

Jonah enfiou os bracinhos de Duncan no suéter, enquanto Katie vestia Antonia. A pele do bebê, tão rosada e branca em contraste com seus dedos,

parecia impossivelmente macia. Como paramédico, ele raramente trabalhava com lactantes, mas possuía o treinamento, e embrulhou Duncan de novo em um dos cobertores que pegara no apartamento de Katie.

Quando ouviu os passos de Rachel – conhecia o caminhar dela –, os nós em seu estômago se desfizeram. Ela entrou, uma maleta de medicamentos em um braço, uma criança no outro.

– Tem lugar para mais um?

– Com certeza. Peguem seus casacos. Eu levo o garotão.

Ele pegou a bolsa de Katie e a maleta de medicamentos, enquanto Rachel tirou do armário sua bolsa de viagem.

– Temos alguns problemas nas ruas, mas já esteve pior. Não vamos demorar muito para chegar à marina. Vamos sair e ir direto para a ambulância. Vocês duas e os bebês vão atrás.

– O gerador de emergência entrou duas vezes hoje – revelou Rachel. – Não sei até quando teremos energia. E, desde o noticiário da TV, quase não há pessoal. Nunca lhe perguntei aonde estamos indo. Acho que nunca acreditei que teríamos que sair da cidade de barco.

– É o único jeito. Mesmo se pudéssemos passar por uma ponte para Manhattan, e estão todas bloqueadas, teríamos que atravessar outra para chegar a Nova Jersey. Patti deixava o barco o ano inteiro na marina. Morava nele desde o divórcio, cerca de oito anos atrás. Dizia que era mais barato que um apartamento. E adorava.

– Na minha escola tinha uma garota que morava em um barco. – Katie balançava Antonia. – Fui a uma festa lá, uma vez.

– Direto para a saída – lembrou Jonah assim que alcançaram o térreo. – Direto para a saída, e direto para a ambulância. Tem dois daqueles cangurus para carregar bebês lá atrás, foi o melhor que pude encontrar. Não sabia que levaríamos Hannah de carona.

Ninguém os deteve. Lá fora, a noite estava estranhamente silenciosa. Katie disse a si mesma que os sons ao longe eram de canos de escapamento de automóveis, não tiros. Apenas escapamento de carros.

– Coloquem dois nos cangurus e levem o terceiro no colo. – Jonah abriu as portas traseiras. – Vou dirigir depressa e posso ter que fazer

manobras bruscas.

– Não se preocupe. Precisa de ajuda, Katie? – indagou Rachel.

– Não, pode deixar.

Assim que Katie colocou o canguru com o bebê, Jonah lhe passou Duncan.

– Não vamos demorar – repetiu ele, fechando as portas.

Ele se sentou ao volante e levou a mão à arma que carregava na cintura.

A qualquer custo.

Quando a ambulância partiu, um dos bebês acordou e deu alguns gritos agitados, porém o próprio movimento acabou por acalmá-lo, imaginou Jonah. Ele dirigia rápido, evitando a via expressa. Já havia feito alguns testes e sabia que não havia como atravessar pelas estradas principais.

Quando era possível, desacelerava para fazer as curvas, mas sabia muito bem o que eram os sons que ouvia. Não arriscaria que uma bala atingisse a ambulância ou um de seus passageiros.

Ouviu a sirene, viu as luzes piscando, movendo-se depressa em sua direção, e seu coração acelerou. A viatura passou em uma velocidade maior que a dele, quase arranhando a lateral da ambulância.

Não eram policiais, ele viu. Assim como viu, em sua mente, os destroços, o sangue e os ossos quebrados segundos antes de o motorista perder o controle e capotar ao tentar fazer uma curva.

Não parou. Tinha um propósito. Apenas um propósito.

Deu uma guinada para desviar quando um homem correu para o meio da rua e tentou alcançar a porta lateral. E viu a morte, uma morte terrível, antes de surgir um lobo enorme e cravar os dentes brilhantes na garganta do tal homem. O grito, único e agudo, se extinguiu como uma lâmpada que se apaga.

– Jonah!

– Não podemos parar. – Ele olhou rapidamente para Rachel. – Estamos quase lá.

A ambulância entrou na marina cantando pneu, sacolejando pelo cais.

– Deixei o barco já na posição, hoje mais cedo. Muitos deles se foram, alguns estão destruídos. O esquema aqui vai ser o mesmo: vamos sair direto para o barco, e, entrando lá, direto para a cabine. É mais quente.

E, assim esperava, mais seguro.

Freou e parou a ambulância, saiu depressa, abriu as portas. Agarrou as malas, pegou Duncan.

– Depressa!

Ele foi na frente, mostrando o caminho através da quase escuridão.

– Ali. O branco com letras vermelhas: *Patti's Pride*.

Ele jogou as bolsas no barco e depois, pegando Katie no colo, a ajudou a entrar.

– Pegue Duncan e vá direto lá para baixo.

– Eu me encarrego das cordas – disse Rachel, antes que ele pudesse pegá-la no colo também. – Meu pai tinha um barco. Vai ser mais rápido.

Ele assentiu, tirou um bebê do canguru (não lembrava mais quem era quem) e entrou.

– Solte a corda, solte a corda.

Rachel desatracou o barco pela proa e correu de volta para a popa. Ouviu passos correndo em sua direção, uma risada rápida. Girou o corpo, preparada para lutar, mas lá estava Jonah, uma criança em um braço e uma arma na outra mão.

– Para trás – ordenou ele.

O homem, com os cabelos esvoaçando ao vento sob um chapéu de pirata, abriu um sorriso malicioso.

– Pare! Só quero ter um gostinho.

– Toque nessa mulher e você vai descobrir o gostinho de uma .32 na sua garganta. Rachel!

Rapidamente, ela desenganchou a corda e entrou no barco. Em seguida, pegou o bebê e disse calmamente:

– Vou desatracar.

Ela correu para o leme, enquanto Jonah ficou parado. O homem provocava fingindo que ia atacar o barco.

– Você não precisa de duas sereias! Divida os peixes, companheiro! Divida os peixes.

Quando o barco se afastou, ele simulou outro ataque, mas perdeu o equilíbrio e caiu do cais. Emergiu gargalhando e tentando nadar atrás deles.

Jonah viu a morte naquele homem, mas não por afogamento. Ele se virou e foi até Rachel.

– Leve o bebê para a cabine – pediu.

– Você sabe pilotar, ainda mais em águas tão agitadas?

– Andei neste barco muitas vezes. Patti me deixou pilotá-lo em algumas ocasiões.

Rachel mantinha a firmeza nas pernas para não ceder ao balanço do barco.

– Leve o bebê para Katie – ordenou ela. – Eu fico no leme, você me dá as coordenadas. Mantenha a arma à mão.

Ele não tinha como discutir, não diante da habilidade dela com o barco.

– Vamos atravessar os estreitos, contornar a ponta oeste e pegar o Hudson.

– Certo. – O barco avançava mar adentro, mas ela se mantinha firme. – Para onde vamos?

– Não tenho certeza ainda. Digamos que o mais longe possível. Está abastecido, então vamos até onde der.

Ele desceu até a cabine, onde Katie estava sentada na cama estreita de Patti, embalando duas crianças. Colocou a terceira ao lado dela.

– Você tem três bebês para cuidar. Vou subir com Rachel, mas, se precisar de ajuda, chame.

– Vamos ficar bem.

Sob seus pés, o barco balançou.

– Sabe o percurso que fizemos de ambulância até aqui? Esta viagem pode ser do mesmo jeito.

– Vamos ficar bem – repetiu ela.

Ele voltou para o deque e se colocou ao lado de Rachel.

– Os rios estão sendo patrulhados? – indagou ela.

– Não sei. Não vejo por que fazer isso neste momento, mas nunca se sabe. O mundo enlouqueceu. – Rajadas geladas de vento batiam no rosto dele, agitando a água escura. – Podem aparecer mais idiotas como aquele, mas em barcos. Vamos ter que desviar deles, e se não conseguirmos desviar, vamos acelerar.

Como não gostava da sensação de ter a arma na mão, guardou-a de volta na cintura.

– Conheço a marina de Hoboken. Meu pai... Ele teve um barco lá por alguns anos.

– Ok, Hoboken.

– Não conseguiríamos fugir de um barco-patrolha neste aqui. Se... Quem sabe eu paro em algum lugar para Katie e os bebês saírem um pouco?

Ele colocou a mão sobre a dela.

– Hoboken. Esse é o nosso objetivo.

Em Hoboken, Chuck embrulhou todo o equipamento que calculou ser capaz de carregar. Odiou ter que deixar algumas coisas para trás, mas sempre soube que esse dia chegaria.

Não junto com um apocalipse, mas algum dia.

Já tinha planos sobre o que poderia levar, mas teve que fazer ajustes, agora que Fredinha estava com eles.

Ela era uma gracinha. Não foi por isso que ele concordou em levá-la junto, mas também não faria mal.

Deu algum tempo para as *suas damas*, como as chamava, descansarem. Arlys dormira por doze horas, e a gracinha de ruiva tinha apagado, depois de duas cervejas, por um tempo quase igual.

Isso já era esperado se a experiência que viveram nos túneis realmente tivesse sido tão *excruciante* quanto Fredinha contara.

E ele acreditava em cada palavra. Por que não acreditaria, quando havia escutado conversas de civis assustados e militares apavorados?

Além disso, ele também vira coisas bizarras quando invadira o sistema das câmeras de rua.

Coisas bizarras, de tempos bem esquisitos.

E então, como não tinha ouvido nada que o fizesse pensar que os militares – e eles estavam tentando retomar o controle e mandando em tudo no momento – o haviam identificado ou que sabiam sua localização, também resolveu dormir.

Parecia um bom momento para se poupar.

Tinha definido que teriam um dia para relaxar e fazer as malas, e, no caso dele, para sintonizar os ouvidos no ar cibernético.

Chegara a hora de dizer adeus à sua Batcaverna e a alguns de seus brinquedos fantásticos.

Arlys saiu do quarto vestida, os cabelos presos em um rabo de cavalo. Ela era muito bonita, pensou Chuck, mas, a essa altura, ele a via como a uma irmã.

Não conseguia sequer fantasiar que estava com ela sem sentir certa náusea.

– Fredinha está quase pronta também. Eu posso ajudar você com tudo isso, Chuck.

– Prefiro que ninguém mexa nas minhas coisas. Além do mais, já estou terminando. Nós três vamos colocar tudo isso no nosso motor. Tenho que resolver essa parte, aliás. Vocês podiam embrulhar alguma comida e o que sobrou da cerveja.

– Vamos cuidar disso.

– Beleza. Vou buscar o motor.

– Chuck, não sabemos como estão as coisas lá fora. É melhor eu ir com você.

– Não se preocupe. Eu tenho o meu jeito. – Tocando a têmpora com um dedo, ele fez uma saudação. – Volto em dez minutos.

– Pelo menos leve uma das armas.

– Não precisa – respondeu ele e, com uma piscadela, saiu.

Depois de pressionar os olhos, Arlys deixou cair as mãos. Ele estava bem até agora, pensou. Só teria que torcer para que continuasse assim.

Pelo menos ele tinha estocado um café decente, por isso ela decidiu tomar mais uma xícara antes de deixarem aquele porão amplo e peculiar. Antes de deixarem a segurança, pensou. Era como um abrigo antiaéreo, enquanto o mundo explodia do lado de fora daquelas paredes.

– Quer café? – ofereceu a Fredinha quando a viu, os cabelos ruivos limpos e sedosos, a maquiagem perfeita.

– Chuck ainda tem Coca-Cola. Cadê ele?

– Foi buscar o carro. Precisamos separar um pouco de comida para levar.

– Ok.

Fredinha pegou uma caixa de bolinhos.

– Eu estava pensando em itens mais essenciais.

– Por que não podemos comer umas besteiras enquanto é possível? – Ela pegou uma Coca e bebeu enquanto enchia uma caixa com alimentos. – Ele vai levar tudo aquilo?

– É o que parece.

– Espero que tenha um carro grande, senão vai ficar apertado.

– Espero que ele tenha um carro capaz de nos tirar daqui.

– Não se preocupe tanto. Chegamos até aqui, certo? Vamos chegar lá também.

– Estou nervosa, acabo ficando rabugenta. – Arlys pegou algumas latas e perguntou a si mesma se, além de Chuck, alguma pessoa com mais de 12 anos ainda comia sopa de letrinhas; então se lembrou de ser grata por isso.

– Você está preocupada com Jim e os outros. Acredito que eles conseguiram fugir, porque não temos certeza de que não conseguiram. Ainda há bondade no mundo, Arlys. Eu sinto o bem assim como sinto o mal.

Arlys pousou a xícara na mesa e pegou uma pilha de tortinhas.

– Maçã ou cereja?

– Por que não as duas? – Fredinha abriu a mochila e as enfiou lá dentro. – Cabe.

– Você me faz bem, Fredinha.

Pouco antes dos dez minutos combinados, Chuck abriu as trancas e entrou.

– Vamos pegar as coisas e cair fora.

Arlys vestiu o casaco, colocou um boné e pegou a caixa de comida. Quando saiu à rua, parou. Piscou.

– Isso é um...

– Um blindado militar. Mas não militarizado – explicou Chuck, enquanto guardava no veículo uma caixa de equipamentos. – Sou um hacker, não um soldado. Maneiro, não é? Mais maneiro, impossível.

– É incrível!

Fredinha enfiou sacolas e mochilas lá dentro, enquanto Chuck voltava ao apartamento para buscar mais.

– Quem... quem possui um blindado?

– Eu. – Chuck guardou mais objetos no veículo. – Sempre imaginei que fosse dar alguma merda muito grande no mundo, então por que não ter um carro-monstro para usar na hora de fugir para as colinas? Só mais algumas coisas e podemos partir.

Arlys voltou ao apartamento e pegou o engradado de água. Chuck pegou os equipamentos que faltavam e lançou um olhar sentimental ao redor.

Por fim, fechou a porta, trancou-a e virou as costas para seu antigo lar.

Elas não ficariam esmagadas (era um carro-monstro), mas o equipamento e os suprimentos tomavam muito espaço. Arlys fez Fredinha ir na frente com Chuck, ajeitou-se atrás e, enquanto partiam, o veículo rugindo, pegou o bloco e o lápis que Chuck lhe dera.

Arlys anotara todos os detalhes dos quais se lembrava sobre a última transmissão e o percurso pelos túneis. Escrevera até seus dedos ficarem doloridos. Agora, começaria a escrever sobre o início daquela jornada.

Talvez ninguém jamais viesse a ler ou ouvir. Talvez, no futuro, ninguém se importasse ou talvez não sobrasse ninguém para se importar. Mas ela precisava deixar um registro.

– Vou entrar na 9th Street – avisou Chuck – e ver se podemos pegar a Oitenta. Imagino que esteja bloqueada, mas esse danado aqui tem

músculos, acho que conseguimos passar por cima.

Arlys pegou os mapas que Chuck imprimira a seu pedido.

– Pensei em algumas alternativas se precisarmos.

– Sempre preparada. Não se preocupe, boneca. Vamos levá-la para Ohio. Esse foi o combinado.

Foi só em Ridgefield, em Nova Jersey, que se depararam com um grave bloqueio na estrada. Um SUV com o para-choque traseiro amassado recuava lentamente de um engavetamento de cinco carros que impedia a passagem.

Arlys levou a mão à arma, sob o casaco.

– Eles são do bem. Sinto isso – Fredinha se apressou em avisar. – Não são maus. – Ela se virou para trás. – Provavelmente só querem fugir, como nós.

Tendo confiado em Fredinha no túnel, Arlys confiou nela agora. Desceu o vidro da janela e colocou as duas mãos para fora, erguendo os braços.

– Estamos tentando passar! – gritou ela. – Não queremos problema. Meu nome é Arlys, e meus amigos são Fredinha e Chuck. Chuck acha que consegue empurrar os carros e liberar o caminho.

– Positivo – confirmou ele.

Por vários segundos, o SUV não se moveu; então começou a recuar novamente, virando para o lado até a janela do motorista ficar de frente para Arlys e Fredinha.

– Também não queremos problemas. Posso ajudar a mover os carros acidentados.

– Deixem comigo.

– Chuck dá conta – repetiu Arlys. – Se ele conseguir, vocês podem nos seguir.

Uma mulher no banco do passageiro inclinou-se para a frente.

– Arlys Reid?

– Sim.

A mulher assentiu para o motorista, que deu um suspiro profundo.

– Ok. Vamos esperar aqui.

Chuck esfregou as mãos.

– Vamos fazer uma limpezinha!

Ele foi com calma. Arlys temia que ele resolvesse amontoar os cinco carros cuspidos fogo, mas ele avançou devagar, atento à estabilidade do veículo, manobrando com cuidado.

Com um barulho estridente, ele empurrou dois carros para trás, o suficiente para se posicionar e empurrar um para o acostamento.

Fredinha aplaudiu.

– Videogames – disse Chuck, dando ré para obter outro ângulo. – Além disso, durante alguns anos, dirigi um limpa-neve, um dos negócios do meu tio.

Ele só teve que empurrar os outros carros por alguns metros.

– Se conseguirmos passar, eles também conseguem. O blindado é mais largo.

Chuck passou pelos carros destruídos. Ao fim, desacelerou e parou de vez.

Dessa vez, o SUV parou ao lado dele.

– Muito obrigado.

– Sem problema, nós dois queríamos passar.

– Eu sou Rachel – disse ela. – Jonah e Katie estão lá atrás. Temos três bebês conosco.

– Bebês! – Fredinha abriu a porta com força e saltou para fora.

– Fredinha!

– Quero ver os bebês. – Ela acenou com a mão para Arlys, saltou e colocou o rosto na janela traseira. – Meu Deus! São lindos! São todos seus? Ah, bebês são tão cheios de luz... Quais são os nomes deles?

Lentamente, Katie desceu a janela alguns centímetros.

– Duncan, Antonia e Hannah.

– Você é abençoada. Chuck, eles têm três bebês. Eles precisam de ajuda. Temos que ajudar. Estamos indo para Ohio – continuou, antes que outra pessoa pudesse abrir a boca. – Se vocês quiserem, podem nos seguir até nossos caminhos se separarem. Chuck pode continuar tirando obstáculos da estrada.

– Jonah?

Jonah olhou para Katie, depois de volta para Rachel e, em seguida, assentiu.

– Ficaríamos agradecidos. Não temos nenhum destino em mente. Vamos seguir vocês.

– Depois de quanto tempo vocês querem fazer uma parada? – indagou Chuck.

– Temos quase um tanque cheio. Saímos agorinha de Hoboken.

– Ei! – Chuck enfiou o dedo no próprio peito. – Eu sou de Hoboken. Devíamos estar bem atrás de vocês. Que tal tentarmos a fronteira da Pensilvânia? Se precisarem parar antes, pisquem os faróis ou, quando o sol nascer, buzinem.

– É mais seguro viajar em grupo – comentou Rachel.

– É isso aí. Mal não faz.

Enquanto Chuck partia, Arlys anotava os nomes no bloco.

Não apenas mais seguro, pensou. Juntos somos mais fortes.

Com engavetamentos e amontoados de carros abandonados que nem o blindado conseguia remover, a viagem através de Nova Jersey envolveu manobras, retornos e desvios.

Quando finalmente chegaram à Pensilvânia, Chuck deu um soco no ar e gritou:

– Vitória! Cruzamos mais uma fronteira estadual, senhoras. Vou procurar um lugar para parar. Este grandalhão está ficando com sede.

Viraram em uma rua que provou ser a principal de um local que Arlys chamou de vilarejo: pequeno demais para ser uma cidade. Silencioso como um túmulo, debaixo de neve. *Um cartão de Natal*, pensou, *daqueles bem tradicionais*. Sua visão do vilarejo se aguçou quando ela viu um pequeno rebanho de corças perambulando perto do que era anunciado como o salão de beleza Arnette's, como se estivessem passeando pela floresta.

Os antigos moradores ali conheciam seus vizinhos, pensou. Fofocavam com eles e sobre eles. Arnette certamente comia no Billy's Dine In or Out.

Uma torta sentada ao balcão?, imaginou. Tinha que ter um balcão e uma garçonete petulante servindo tortas.

Onde estaria Arnette agora? E Billy? E a garçonete petulante?

Seguiram viagem, deixando tudo para as corças.

Menos de 1 quilômetro adiante, Chuck entrou em um posto de gasolina, onde havia uma loja de conveniência.

– Deve haver banheiros lá dentro. – Ele olhou com cuidado pela vitrine e pelas portas de vidro. – Tudo parece intacto... A população por aqui é pequena. Vai estar trancada, mas...

– Vamos entrar.

Arlys saiu do carro para a neve imaculada. Foi andando até o SUV, enquanto Fredinha ia correndo.

– Posso pegar um? Pegar no colo, quero dizer.

– Ela está ficando agitada – alertou Katie, colocando um bebê nos braços de Fredinha. – Preciso amamentá-la.

– Não faz mal. Ah, que linda! Qual é o nome dela?

– Hannah.

– Hannah Lindinha. Vou entrar com ela. Hannah está com fome – cantarolou Fredinha, enquanto o bebê choramingava. – Talvez não esteja trancada. Está tudo bem, Hannah – disse ela, acalmando a menina enquanto andava. – Sua mãe já vai lhe dar de mamar.

– Muito prazer – disse Arlys, estendendo a mão para Rachel.

– É muito bom encontrar alguém com um... Isso é um Humvee?

– É do Chuck.

– Está aberto! – exclamou Fredinha, olhando para trás com um sorriso cintilante.

Fadas conseguiam entrar em locais trancados, lembrou-se Arlys.

Quando Rachel se curvou para pegar um dos bebês do colo de Katie, Jonah gritou:

– Não entre! Espere. – Ele correu na direção de Fredinha. – Deixe-me dar uma olhada primeiro.

– Ele tem razão. – Arlys se aproximou. – Espere, Fredinha. Só por precaução.

Jonah olhou longamente para a jornalista quando ela tirou a arma de dentro do casaco. Em seguida, assentiu.

– Eu vou pela esquerda, você pela direita.

Eles entraram, passaram por baixo de prateleiras pouco abastecidas, um balcão com a caixa registradora aberta e vazia. Por um acordo tácito, ela abriu a porta do banheiro feminino e ele, a do masculino.

Uma vez tranquilizado, Jonah mudou a arma para a mão esquerda e estendeu a direita, sinalizando que estava tudo bem.

– Jonah! – gritou.

Arlys fez o mesmo. E acrescentou:

– Pode vir, Fredinha!

– Chuck disse que as bombas de combustível estão funcionando. – Fredinha beijou o bebê, agora contente em seu colo. – Ele está abastecendo o blindado.

– Acho que este é um ótimo lugar para nos conhecermos. – Jonah guardou a arma quando Rachel e Katie entraram. – Vou encher nosso tanque.

– Precisamos arranjar uma cadeira para Katie. – Fredinha estava radiante. – Para ela alimentar Hannah.

– Tem uma ali atrás. – Arlys guardou a arma no coldre. – Vou buscar.

– Eu posso segurar o... a... Quem é esse aí?

– É o Duncan.

– Eu posso segurá-lo enquanto Hannah mama.

Fredinha fez a troca tranquilamente e, pegando Duncan, o cobriu de beijinhos.

– Você tem jeito – comentou Katie.

– Vou ter meia dúzia, um dia. Duncan está bem acordado. Olá, Duncan! Ele está avisando que precisa trocar a fralda.

– Não me surpreende.

– Eu posso trocar.

– Seria ótimo – Rachel adiantou-se em responder, no lugar de Katie, e entregou uma sacola de fraldas para Fredinha. – Está tudo aí dentro.

– Tem uma mesa para trocar fraldas no banheiro. – Arlys veio empurrando uma cadeira com rodinhas. – Não vi se tem água, mas luz deve ter, já que as bombas de combustível estão funcionando.

– Espero que sim, porque a nossa nova mamãe precisa de uma refeição quente. Não diga que não faz questão, Katie. Você tem três bocas para alimentar e precisa se manter saudável e forte. Acredito que haja um micro-ondas por ali – disse Arlys, apontando para o local.

– Ótimo. Será que você pode preparar algo para ela? Quero verificar se eles deixaram algum medicamento. Eu sou médica.

– Agora estou ainda mais feliz em conhecer você. Vou ver se esquento umas latas de picadinho de carne que vi lá dentro.

– Perfeito. Vou aproveitar e ver se acho também mais produtos infantis. Com três bebês, nada é suficiente.

Arlys pegou o que pôde das prateleiras. Não tinha por que usar os suprimentos que haviam trazido. Usando pratinhos de papel descartáveis, aqueceu no micro-ondas o picadinho, uma lata de ravióli e uma de sopa de galinha com macarrão. Enquanto fazia isso, viu os homens entrarem nos veículos e os estacionarem longe das bombas.

Para que não possam ser vistos por quem passar pela estrada, concluiu.

Só por precaução.

Colocou as várias opções de comida no balcão e levou um pouco do picadinho para Katie.

– Obrigada. Hanna está diminuindo o ritmo, então já deve terminar de mamar.

– Onde está Fredinha?

– Foi trocar a fralda de Antonia. – Com um olhar exausto, Katie sorriu.

– Ela é maravilhosa.

– Você nem imagina. Preciso dizer que você está incrivelmente bonita para quem teve trigêmeos há poucos dias.

Katie olhou para Hannah.

– Gêmeos. Hannah ficou órfã. A mãe dela morreu ao dar à luz. Ela ficou sozinha no hospital, pois todos estavam doentes ou mortos, então

resolvemos trazê-la. Ela é minha filha também agora.

Katie olhou para Arlys, transmitindo força em seu olhar exausto.

– Tão minha quanto os outros dois.

– Vamos ajudar você a proteger os bebês – disse Fredinha, trazendo Antonia de volta. – Todos eles.

– Não estaríamos aqui se não fosse por Jonah e Rachel. Parte de mim acreditava que eles eram as últimas pessoas decentes que restavam na Terra. Acho que estávamos destinados a conhecer vocês. Tudo é tão horrível, e mesmo assim os encontramos. Pessoas que protegem bebês e ajudam desconhecidos. Também vamos ajudá-los.

– Sim, vamos. – Rachel voltou com um saco bem cheio. – Medicamentos básicos, vitaminas e primeiros socorros. Venham ver, peguem o que precisarem. Menos os produtos infantis.

Passando a mão pelos cabelos cacheados, Rachel viu a comida sobre o balcão.

– Pode pegar?

– Claro.

– Estou morrendo de fome.

– Arlys sofreu um corte no braço – disse Fredinha, balançando o bebê.

– Você pode dar uma olhada?

Rachel sorriu.

– Claro.

Arlys sentou-se em um balcão, enquanto Rachel limpava e refazia seu curativo.

– Seria melhor se isso tivesse levado alguns pontos. Você vai ficar com uma cicatriz.

– Essa é a menor das minhas preocupações.

– Está sarando direitinho.

– Que tipo de médica você é?

– Sou da emergência.

– Não tinha como ser melhor. – Testando o movimento do braço, Arlys olhou para Katie, que amamentava um bebê e comia o picadinho ao

mesmo tempo, enquanto Fredinha, sentada no chão, ninava as outras crianças. – Foi você quem fez o parto dos gêmeos?

– Não, foi o Jonah. Ele encontrou Katie em trabalho de parto em frente ao hospital e a levou para dentro. O atendimento estava crítico: o único obstetra que tínhamos estava tentando salvar Hannah e a mãe, então Jonah acabou tendo que fazer o parto dos gêmeos. Ele é paramédico.

– Tiramos a sorte grande!

– Nós também. – Rachel pegou um prato de sopa. Os homens haviam retornado e pegado os de ravióli. – Não teríamos chegado tão longe hoje se vocês não houvessem liberado o caminho. Precisamos ficar juntos.

– Concordo plenamente. Esta noite vamos ter que encontrar um abrigo de verdade. – Como Rachel, ela olhou de novo para Katie e o bebê em seus braços. – Algum lugar quente.

– A cidade que acabamos de atravessar parecia promissora, mas vocês querem seguir em frente... Por que Ohio?

– Meus pais e meu irmão. Tenho esperanças.

Assentindo, Rachel comeu mais sopa.

– Vamos seguir em frente.

CAPÍTULO 12

Lana acordou com um tremor, prestes a gritar. Levou o punho ao coração, que parecia querer saltar para fora, abandoná-la e deixar um buraco no peito.

A imensa angústia que sentia, que a fazia transpirar, era maior até do que o medo.

Um sonho, um sonho terrível do qual não se lembrava. Mas lembrava-se da sensação que ele provocara: sofrimento, medo. E... corvos voando em círculos. Corvos voando e gritando. Sangue em suas mãos, em seu rosto.

Olhou para as mãos. Embora tremessem, não tinham sangue.

Estresse, concluiu. Pesadelos decorrentes do estresse, agravados pelo fato de acordar sozinha.

Tinha se encolhido na cama, procurando convencer a si mesma de que estava tudo bem. Mais do que bem: a cama era quente e macia, e o quarto tinha uma lareira ainda acesa. Janelas amplas davam vista para uma floresta coberta de neve, tranquila e pacífica como uma igreja, em um terreno elevado.

Encontraram Eric, e nenhum pesadelo poderia manchar a alegria de ver de Max saltando do carro e abraçando o irmão.

Eric estava vivo e com saúde. E havia um abrigo além de qualquer coisa que ela acreditava ainda existir na ampla casa de montanha no meio dos montes Allegheny.

Comida quente, bom vinho, um grupo de sobreviventes unido.

Pela primeira vez em semanas, ela se sentia segura. Pela primeira vez em semanas, ela e Max se amaram com alegria, em vez de desespero.

Não, não deixaria que um sonho dragado de seu inconsciente enfraquecido e nervoso estragasse isso. Apesar de ainda se sentir fatigada, levantou-se. Permitiu-se um delicioso banho de chuveiro – ah, aqueles gloriosos jatos no corpo, sabão com aroma suave e xampu – e lembrou quem eram seus novos companheiros.

Eric era oito anos mais novo que Max. Bonito, impulsivo, olhos mais azuis que os do irmão, que eram acinzentados, o sorriso mais rápido, mais aberto. E meio atordoado por ter descoberto o poder dentro de si.

Seria genético?, perguntou-se ela, uma vez que Eric nunca demonstrara nenhum interesse nem talento pela Arte.

O vírus, pensou. Por algum motivo, o poder crescera a partir do vírus – ou preencheria o vazio deixado por ele.

Além de Eric, havia Shaun, desajeitado e nerd, as lentes grossas sobre os olhos castanhos, os cabelos despenteados.

O grupo da faculdade incluía Kim, uma garota deslumbrante, com uma linda pele dourada, cor de caramelo. Distante e desconfiada, na opinião de Lana, mas quem poderia culpá-la? Um gênio, de acordo com Eric.

Poe, um grande jogador de futebol, já cercado de olheiros. Cara de durão, corpo de durão. Foi ele quem trouxe um prato de espaguete quando ela e Max encontraram a casa em meio à neve escura.

E Allegra, com sua aparência de Rainha de Gelo: pele muito clara, cabelos muito louros, olhos de um azul gélido. Suas maneiras contradiziam sua aparência, pensou Lana: calorosa, acolhedora e gentil.

Porém...

Chega de poréns, ordenou Lana a si mesma quando desligou o chuveiro. Allegra e Eric dividiam um quarto, e o relacionamento dos dois tinha aquele frescor e brilho do novo, portanto ela também se mostrara afetuosa e acolhedora.

Lana se vestiu, olhou-se no espelho e avaliou que, embora ainda não estivesse totalmente descansada, parecia estar. Então, foi ao encontro dos outros.

Eles deviam a Shaun – ou a seus pais – a casa grande e bonita. Uma casa de veraneio, onde não haviam economizado no luxo: um lindo piso de madeira, quartos espaçosos, várias janelas para deixar a floresta e as montanhas entrarem, deques generosos. Uma pequena academia era como um sonho delicioso, depois dos rigores da estrada. Mas a parte preferida de Lana era a enorme e fabulosa cozinha.

Encontrou Max e Eric na ampla sala, tomando café juntos.

Foi até Eric e o abraçou com força. Só o vira duas vezes antes: a primeira, em um casamento de família; a segunda, quando ele passou um fim de semana prolongado com eles em Nova York, no último verão. Mas tinham se entendido muito bem.

Depois, ela foi até Max e se curvou para lhe dar um beijo.

– Quer café? – ofereceu ele.

– Na verdade, não sei por quê, vou preferir um chá. Tudo bem, Eric, se eu mexer na cozinha para procurar chá?

– Eu sei que tem porque Kim gosta muito. E não precisa pedir permissão. Estamos todos juntos nisso.

– Vamos ter que começar a pensar em fazer um inventário da comida – observou Max, e Eric revirou os olhos.

– Cara, você acabou de chegar. Relaxe um pouco.

– Agora somos oito – observou Max.

Como sabia que Eric poderia ficar na defensiva quando Max assumisse seu papel de irmão mais velho, Lana entrou na conversa:

– Por falar nisso, onde estão os outros?

– Poe está na academia, ele malha todo dia de manhã. Allegra ainda está dormindo. Os outros também, provavelmente. Em geral, não acordamos tão cedo. Exceto o Poe. E seu amigo Eddie saiu com o cão.

– Que tal se eu preparar o café da manhã? – sugeriu Lana. – Para oito.

– Seria ótimo. – Eric sorriu para ela. – Até agora estamos mais na base do cada um por si, a não ser quando Poe cozinha. Ele não é ruim, mas não chega nem perto de você. Pegamos alguns suprimentos no caminho, quando conseguimos. E tem um grande freezer naquela despensa. Shaun

disse que seus pais tinham acabado de fazer compras antes de... antes de tudo virar um inferno.

Eric perdeu a alegria fácil do rosto e baixou a voz:

– Eles sempre vinham aqui depois das festas de fim de ano e ficavam um mês. Recebiam alguns amigos e tal.

Ele olhou de relance para a porta do corredor.

– Pelo jeito, não sobreviveram.

– Deve ser difícil para ele – murmurou Lana.

Ela encontrou o freezer e a despensa bem abastecidos. A geladeira, nem tanto. Sabia que Max tinha razão sobre o inventário.

Os ovos e o leite não durariam muito – e o leite estragaria, de qualquer maneira. Como havia mirtilos congelados, ela começou a reunir os ingredientes para massa de panqueca.

– Que combustível o gerador usa? – perguntou Max.

Eric, pés sobre a mesa, deu de ombros.

– Acho que Shaun disse que era propano.

– Ele deve saber onde os pais compravam. Se conseguirmos trazer um caminhão de propano para manter o gerador cheio, teremos sempre aquecimento e luz. Não deveríamos usar mais energia do que o necessário.

– Meu Deus, você está parecendo a Kim.

– Isso faz dela uma moça sensata – retrucou Max.

– Olha, com o que eu tenho agora... – Eric mexeu os dedos – ... posso manter esta casa funcionando perfeitamente.

– Pode ser, mas é importante se preocupar com as coisas básicas. Manter o aquecimento ligado, cortar mais lenha à medida que usarmos, sair para buscar alimentos frescos, ter bastante água potável...

– Vamos ter que aprender a caçar – disse Poe, sua pele escura brilhando após os exercícios físicos.

– Você também vai entrar nessa?

Eric balançou a cabeça e se levantou para pegar mais café.

– Temos oito pessoas e um cão para alimentar – prosseguiu Poe. – E pode ser que mais pessoas nos encontrem e precisem de um lugar para ficar.

– Esta não é a única casa por aqui. Que arranjem outra.

– Eric!

Surpresa e decepcionada, Lana cutucou o braço dele.

– É sério. Shaun disse que tem cerca de 2 hectares e meio aqui, mas há outras casas. De alto nível, como esta, mas também outras mais... como foi mesmo que ele chamou? Mais *básicas*.

– Alguém explorou essas outras casas? – indagou Max. – Para ver se há gente lá ou se há mais suprimentos que possamos trazer?

Poe se virou para Max:

– Kim e eu tínhamos pensado em fazer isso hoje.

– É uma boa ideia. Eu vou com vocês – ofereceu Max. – E você tem razão sobre aprender a caçar.

– Caçar o quê? – Shaun entrou na sala, ajeitando os óculos de um jeito sonolento. – Você quer dizer matar animais? Não, de jeito nenhum. Eu não vou matar nenhum animal.

– Então você pode ser vegetariano. – Poe deu de ombros. – Mas o resto de nós vai precisar de carne fresca, e temos que aprender a caçar, temperar e cozinhar. Precisamos aprender a plantar também, quando a primavera chegar. Bem, vou tomar um banho.

– Poe e Kim são muito pessimistas – resmungou Eric.

– Para mim, eles são realistas. Eric, o que tem naquele congelador não vai nos sustentar por muito tempo – disse Max, pacientemente. – A verdade é que talvez nem consigamos ficar nesta casa por muito tempo.

Eric deu de ombros novamente, agora demonstrando irritação.

– Vou ver se Allegra já acordou.

– Dê um tempo a ele, Max – sussurrou Lana quando Eric saiu da sala. – Eles também não estão aqui há muito tempo, por isso é natural que queiram se agarrar ao alívio que sentem. O resto? É muita coisa para assimilar, muita coisa à qual se adaptar.

– Assimilar e se adaptar, é isso que vai nos manter vivos.

– Eu não quero ver sangue. – Shaun sentou-se pesadamente. – Talvez eu pudesse pescar. Eu sempre ia pescar com meu pai no verão.

Ele ajustou os óculos para disfarçar as lágrimas. Então Joe entrou correndo, vindo da despensa, seguido por Eddie, e Shaun se alegrou, batendo na coxa para convidar o cachorro a subir em seu colo.

Depois do café da manhã, Eric e Allegra se candidataram para a limpeza, enquanto Max, Kim e Poe saíram para explorar o local. Lana pediu que Eddie ficasse para verificar suas feridas, trocar os curativos.

– Acho que está cicatrizando muito bem, mas ainda não podemos tirar os pontos.

– Alguns estão começando a se soltar. Isso é bom, eu acho. A ferida deve ter começado a se fechar.

– Continue a tomar aquele antibiótico que pegamos na farmácia, e eu vou dar outra olhada amanhã.

– Sim, senhora, Dra. Lana. – Ele vestiu de novo a camisa. Olhou em volta, observando o banheiro com piso de pedra. – Que beleza de lugar. Nunca entrei numa casa como esta. Sofisticada. Somos oito, contando com o Joe, e não nos sentimos apertados. Mas...

– Os alimentos não se regeneram sozinhos – completou Lana. – Max vai encontrar mais.

– Tem um monte de cervos na floresta. Coelhos também. Alguns córregos por perto, onde deve dar para pescar bastante.

– Não gosto da ideia de atirar em uma corça ou em um coelho, o que é hipócrita da minha parte, considerando que já cozinhei os dois.

– Eu também não gosto da ideia, mas você tem que fazer o que precisa ser feito. Aqui é um bom lugar para ficarmos, por enquanto, mas é fato que seria melhor encontrarmos uma área onde pudéssemos plantar, ter umas vacas leiteiras e algumas galinhas. E mais pessoas. Quanto mais mãos para trabalhar, mais mãos para defender a todos.

– Eu sei que Max pensa isso também.

– E... Lana? – Ele foi até a porta, olhou para fora e a fechou. – Há mais coisas lá fora além de veados e coelhos.

– Como assim?

– A gente andou bastante, sabe? Eu e Joe. Foi bom estar ao ar livre. E, de volta à floresta, eu me deparei com um bagulho que era tipo um círculo de pedras. Não como uma fogueira, exatamente, mas foi o que pensei no início. O chão ali era preto e queimado, só que sem cinzas, sem lenha carbonizada. Joe começou a tremer e não queria chegar perto daquilo. Eu também tremi, admito. – Ele falava baixinho, esfregando distraidamente a ferida. – Sabe quando o cabelo da nuca se arrepia e vem aquele frio na espinha?

– Sei.

Foi exatamente o que ela sentiu quando ele descreveu o que vira.

– Pois é. Minha boca ficou seca. A gente foi logo embora, porque, cara, tem alguma coisa errada ali. Não era... bem... normal. Podem me chamar de cagão, mas eu não volto lá.

– Você acha que é magia. Magia negra.

– Eu não sei nada sobre essas coisas, mas senti que não era coisa boa. Não queria dizer nada na frente dos outros porque ainda não os conheço direito, sabe?

– Conte ao Max. Só a ele. Vou com ele até lá.

– Eu preferia que vocês não fossem. Cara, eu bem que queria que vocês não fossem, mas acho que vocês têm que ir. E, se vocês têm que ir... – ele suspirou – ... eu também tenho.

– Quando ele voltar, então. Até lá, me diga: você sabe usar uma máquina de lavar?

– Eu me viro.

Ela deu um tapinha no rosto dele.

– Eu estava pensando que você poderia lavar as roupas que usamos na estrada, aproveitar enquanto temos sabão, água e uma máquina. Uma bela máquina, em uma bela lavanderia. Pendure as roupas para secar em vez de na máquina secadora, para economizarmos a energia do gerador.

Ele deixou sair um sopro de ar.

– Sim, está bem. Acho que posso fazer a minha parte.

Enquanto ele cumpria suas tarefas, Lana resolveu fazer uma lista do que tinham em estoque. Anotou categorias, quantidades, pesos, número de

latas. Em seguida, sentou-se para calcular quantas refeições, porções, dias e semanas tudo aquilo duraria.

Ela ergueu os olhos e sorriu quando Allegra entrou.

– Você e Eric sabem mesmo como fazer uma cozinha brilhar.

Graciosa, Allegra só faltava flutuar na calça jeans e no suéter bem vermelho que usava.

– É o mínimo que podemos fazer depois daquele café da manhã incrível. Talvez eu tenha que ir malhar com Poe se você continuar cozinhando assim. – Allegra foi até uma janela. – Eles ainda não voltaram?

– Não. – Lana olhou pela janela. – Ainda não.

– Tenho certeza de que estão bem. Não faz tanto tempo que saíram. Confesso que estou feliz por não estar lá fora, andando na neve. O que você está fazendo?

– Um inventário. Começando pela comida. Depois vou fazer uma lista dos outros itens básicos, como papel higiênico, sabonete, lâmpadas, tudo que eu conseguir lembrar.

– Ah, nós temos muita coisa, você não acha? – Ao voltar, Allegra deu uma batidinha em uma das latas. – Afinal, não vamos ficar aqui para sempre. Por enquanto, tudo bem. Estamos em pleno inverno. Mas é tão isolado. Acabaríamos enlouquecendo. Vou abrir uma garrafa de vinho... também temos muitas. Afinal, já são cinco horas em algum lugar no mundo. Você viu a adega?

– Não.

– Por falar em inventário... Vou pegar uma garrafa para nós duas, e assim podemos nos conhecer melhor. Afinal, eu estou com Eric e você, com o Max. Somos como irmãs.

– Tem razão. Eles vão chegar com fome. Deixei um pouco de frango descongelando. Pensei em fazer uma sopa de tortilhas para o jantar.

– Fantástico!

Allegra jogou os cabelos para trás e se dirigiu ao porão.

Sopas e ensopados, pensou Lana, quando Allegra se levantou. Uma boa maneira de fazer render os suprimentos.

Ela pegou os ingredientes e começou a preparar a receita de cor, usando uma panela bem grande.

– Uau. Já está com um cheiro bom. – Brandindo o vinho, Allegra pegou um saca-rolhas. – Eric disse que você é chef de verdade. Profissional.

– Isso mesmo. O que você estava estudando?

– Artes liberais. Eu ainda não tinha decidido que caminho seguir, mas acho que agora não importa muito.

– Espero que isso não seja verdade.

– Tudo mudou. – Com um puxão, Allegra tirou a rolha. – Acho que o certo é tirar o melhor da situação. Afinal, o que mais podemos fazer? Você não se pergunta por que não ficamos doentes? O que isso significa para nós? Para outros como nós?

– Sim. Sim, penso nisso o tempo todo. – Lana lavou os feijões na pia. – Mas não sei as respostas.

– Eric contou a vocês que ele mudou. Sei que ele contou que pode... fazer coisas. Ele me revelou, mesmo antes de vocês chegarem, que Max também pode fazer coisas. E você também, um pouco. Deve ser mais do que um pouco, agora. É mais do que um pouco para Eric.

– Não vamos machucar ninguém.

– Ah, claro! – Ela tocou no braço de Lana, serviu o vinho. – Eu não vou contar aos outros se você não quiser. Eric só me falou porque estamos juntos. Eddie é como vocês?

– Não.

– Está vendo? – Sentando-se em um banco ao balcão, Allegra tomou um gole de vinho. – A gente tem que se perguntar, certo? Por que alguns são e outros não? O que isso significa? É como... Não sei. O vírus, matando tantas pessoas, *ainda* se espalhando, eu acho. Seria, tipo, uma espécie de limpeza?

– Limpeza? – A palavra, a ideia, deixou Lana horrorizada.

– Sei lá. Eric e eu conversamos sobre isso às vezes, quando estamos sozinhos. E com os outros também, porque a gente precisa pensar nisso, refletir. Estou deixando você nervosa. Posso perceber. Desculpe.

– Não é culpa sua. Eu já pensei sobre isso, mas é que tudo aconteceu tão rápido... Tem sido um dia de cada vez. Em alguns dias, uma hora de cada vez.

Lana mexeu a sopa, desejando ter ervas frescas. Será que um dia voltaria a tê-las?

Resignada, pegou o frango – lembrou-se de que suas facas ainda estavam embrulhadas e escondidas. Escolheu uma do conjunto sobre a mesa. Testando o fio, concluiu que serviria bem.

Então se sentou ao balcão (mais sociável) com faca, frango e tábua.

– Eu acho que, sim, o vírus liberou alguma coisa. Não pode ser coincidência que tudo tenha acontecido ao mesmo tempo. Mas por quê? Não sei se algum dia entenderemos isso.

– Ouvimos coisas no campus, mesmo depois que saímos. Por exemplo, pessoas, algumas pessoas, estavam caçando os que são como vocês. E alguns de vocês estavam caçando pessoas, e também os que são como vocês.

– Não entendo, agora que tanta coisa se acabou, por que nos viraríamos uns contra os outros.

– É a natureza humana. – Com uma sacudidela dos cabelos, Allegra deu de ombros. – É terrível, mas é isso mesmo. Você esqueceu o seu vinho. – Allegra se levantou para pegá-lo e se sentou. – Vamos mudar de assunto. Não sei por que entrei nesse clima. Ficar presa aqui, eu acho. É uma bela casa, sem dúvida, mas não deixamos de estar presos.

E seguros, pensou Lana.

Ela pegou o vinho, começou a beber. O cheiro revirou seu estômago. Colocou-o de volta no balcão rapidamente.

– Está com um cheiro esquisito.

– Sério? – Com as sobrancelhas franzidas, Allegra cheirou sua taça, depois a de Lana. – Você acha?

– Sim. Bem, preciso refogar as tiras de frango.

Quando ela empurrou o banquinho, a cozinha girou.

– Lana!

Allegra se levantou de um salto e tentou alcançá-la. Max veio correndo da despensa.

– O que aconteceu? O que houve?

– Nada. Não foi nada, eu só me levantei depressa demais.

– Ela ficou tonta. Achei que fosse desmaiar. Você está bem?

– Sim, sim, de verdade. Foi só um segundo. – Lana respirou fundo, analisou a si mesma. – Totalmente bem.

– A culpa foi minha. – Claramente angustiada, Allegra torceu as mãos.

– Eu estava falando sobre tudo o que aconteceu e a deixei perturbada.

– Não foi nada disso. Na verdade, eu apenas me levantei rápido demais. Minha pressão caiu. Está tudo bem agora. – Ela deu um selinho em Max. – Que boca gelada! – E riu. – Estou fazendo sopa. Você pode me ajudar vendo se tem tequila.

Ele acariciou o rosto dela.

– Sopa de tortilha? Engraçado você perguntar isso. Ei, Poe, cadê a tequila? Encontramos algumas garrafas na casa que visitamos.

– Como num passe de mágica – disse Allegra, rindo.

Com a sopa no fogo, para ferver, Lana acrescentou à sua lista as coisas que o grupo de buscas havia trazido e mostrou o inventário a Max, enquanto ele acendia a lareira na sala.

– Se tivermos cuidado, o que temos deve durar duas ou três semanas.

Max assentiu.

– De acordo com Kim, Shaun disse que há duas cidades pequenas, bem pequenas mesmo, a alguns quilômetros daqui. Talvez encontremos mais coisas lá. O maior problema é o propano. Sem o gerador, não temos aquecimento, luz nem meios de cozinhar. Poe verificou o medidor quando eles chegaram aqui, e estava cheio. Agora, está abaixo de quinze por cento. Eles têm desperdiçado muito combustível.

Ele se endireitou, olhou para ela.

– Temos que fechar todos os cômodos que não estivermos ocupando e usar mais as lareiras para reduzir o sistema de aquecimento. Kim disse que tem um bom estoque de velas e óleo para lamparinas.

– Eu incluí na lista.

– Então, vamos limitar o uso da luz elétrica. E da água quente. Precisamos criar horários para o uso do chuveiro. Cada banho não poderá durar mais do que cinco minutos.

– Eu não pensei na água. Pedi ao Eddie que lavasse umas roupas.

– Vamos ter que racionar isso também.

– Eu sei que você está certo, mas também sei que alguns deles não vão gostar. É provável que não fiquem felizes por terem que cumprir determinadas funções e tarefas. Vou assumir a comida, pois é o que eu sei fazer bem, mas também precisamos limpar, cortar lenha, buscar suprimentos... e notícias, Max. Estamos muito isolados aqui, Allegra estava certa em dizer isso. O isolamento traz mais segurança, mas como vamos nos informar sobre o que está acontecendo lá fora? Não temos internet, TV nem rádio.

Enquanto conversavam, ele caminhava de um lado para outro. Caminhava, pensou ela, e considerava opções e direções.

– Vamos tentar uma das cidades vizinhas e verificar se existe a possibilidade de algum tipo de comunicação. Ou pessoas. Examinamos três casas, Lana, e não encontramos nenhum sinal de vida. Primeiro, precisamos descobrir como nos sustentar e, sim, você tem razão, precisamos saber o que está acontecendo.

– Eddie encontrou algo. – Lana baixou a voz e olhou para trás, para ter certeza de que estavam sozinhos. – Quando ele saiu com Joe hoje de manhã, encontrou um tipo de círculo de pedras na floresta, e a terra no centro estava queimada. Não parecia ter sido uma fogueira. Havia algo estranho ali, segundo ele. Joe não quis se aproximar do tal círculo e Eddie sentiu... bem, ele disse que era estranho, não era normal.

– É fácil ficar assustado – especulou Max –, mas não custa nada darmos uma olhada.

– Eu não falei nada com os outros. Não tem por que assustá-los.

Ele afagou o braço dela distraidamente.

– Tem certeza de que está se sentindo bem?

– Juro. Na verdade, eu me sinto menos cansada do que de manhã. Fazer sopa é terapêutico.

– Então, vamos chamar o Eddie e verificar isso que ele contou. Se alguém perguntar, fomos tomar um pouco de ar.

– Pegar mais lenha – sugeriu Lana.

– Melhor ainda.

Lana nunca fora grande entusiasta do inverno, muito menos de caminhar pela neve, e não se envergonhava de admitir que preferia fazer passeios urbanos em Chelsea ou nos bairros elegantes de Nova York a percorrer uma floresta montanhosa.

Mas havia algo surpreendente em andar por um local onde o ar era animador e frio, cheirava a pinho e neve e era tomado por um silêncio majestoso, enquanto um cachorrinho cheio de energia saltitava e corria.

Quando um veado enorme saiu das árvores para encará-los sem temor, Lana arquejou de susto.

– Isso aí é uma montanha de carne – comentou Max, acabando com a magia do momento. – Desculpe, mas temos que ser pragmáticos. Encontramos um rifle e uma espingarda, ambos com munição, nas casas que visitamos. Kim sugeriu deixá-los no galpão do jardim, por enquanto. Me pareceu uma boa.

– Temos comida suficiente para duas ou três semanas – foi tudo o que Lana disse.

– Vocês podem ver que foi aqui onde eu e Joe saímos da trilha – disse Eddie, mostrando o lugar. – Os pais do Shaun têm uma bela propriedade. O caminho fica consideravelmente íngreme por ali, e eu não achei que valia a pena subir tanto, então viemos por aqui. Ei, Joe! Ô, rapaz! Volte aqui.

O cão voltou, arrastando a barriga pela neve para se manter ao lado de Eddie.

– Joe percebeu que vamos voltar àquele lugar esquisito. Isso também me arrepiou.

– Fica bem fora da visão da casa – observou Max. – Você viu pegadas?

– Não, mas estava nevando muito quando chegamos, então, se havia alguém aqui, essa pessoa veio antes disso, certo? – disse Eddie, abrindo as

mãos. Então baixou uma das mãos para acariciar a cabeça de Joe. – Não vou deixar nenhum bicho-papão pegar você, amiguinho. – Murmurando para Joe, Eddie continuou a afagá-lo e acalmá-lo. – Ele está tremendo um pouco.

– É por aqui?

– Sim, subindo e virando aquela curva. Está vendo o lugar por onde passamos?

– Sim. Por que você não espera aqui com o Joe?

– Eu não me importaria de usar meu amigo aqui como desculpa para não me arriscar. Mas, se precisar de ajuda, dê um grito e vamos até lá.

– Fique com o Eddie – disse Max a Lana. – Eu vou dar uma olhada.

– *Nós* vamos dar uma olhada. – Ela pegou a mão dele. – Se for magia, dois bruxos é melhor que um.

Quando ela avançou um passo, ele não discutiu.

Ao se aproximarem da curva, ela apertou a mão de Max.

– Esfriou. Está percebendo?

– Sim. E o ar parece mais fino.

Então, ele viu. Esperava encontrar algum tipo de fogueira feita por amadores. Algo que um sobrevivente tão inexperiente quanto ele teria tentado fazer. Mas sabia, agora, que o que havia à sua frente não era resultado de uma tentativa amadora de fornecer calor e luz.

O que havia à sua frente era frio, obscuro e proposital.

– É obscuro. – O murmúrio de Lana ecoou seus pensamentos. – Max, que ritual sombrio teria feito isso?

– Não sabemos o suficiente. Não sabemos o suficiente nem sobre o que mudou em nós, o que está crescendo em nós. Só que alguém sabe sobre a obscuridade e está distorcendo a Arte para o mal.

– Fora da visão da casa, mas ainda bem perto – comentou Lana, sentindo a pele arrepiar quando se aproximaram do local.

As pedras estavam dispostas em um círculo perfeito, como se seguissem uma linha desenhada por um compasso. No centro, o chão era preto e liso como piche. E esse material também estava espalhado em um

círculo perfeito, sem nenhum sinal de neve sobre a superfície nem nas pedras.

– Eu... Está sentindo cheiro de sangue?

– Sim – respondeu Max, segurando firme a mão dela.

– Você acha que isso foi um sacrifício de sangue?

– Sim. Mas com que objetivo? Para qual poder? Lana!

Ele tentou detê-la, mas ela já estava agachada, tocando uma pedra.

O poder obscuro e intenso a percorreu com violência. Ela sentiu dor nos dedos, mesmo com as luvas. E, naquele flash de intensidade, ela viu sangue se derramar no círculo, ouviu uma voz erguida em triunfo gritar.

– Um veado – constatou. – Um veado jovem. Sua garganta foi cortada.

– Ela se colocou entre os braços de Max quando ele a puxou. – Eu vi, e vi como o sangue se acumulava no círculo. Então veio o fogo... frio como o gelo, consumindo tudo. E ouvi...

– O quê? – Ele a segurou com mais força, enquanto ela se recostava nele. – O que você ouviu?

– Não identifiquei... Foi mais um rugido do que uma voz. Mas chamava por Eris.

– A deusa da discórdia. Precisamos tentar purificar isto. O ritual está feito, e não podemos revertê-lo, mas essa *coisa* ainda tem poder.

– E está atraindo mais, eu acho. Ou vai atrair, quando a escuridão descer sobre nós.

Ele abriu a sacola onde haviam trazido alguns itens: três velas brancas, o punhal de dois gumes de Max, um pequeno recipiente de sal, um punhado de cristais.

– Não sei se é suficiente, ou mesmo se nós somos suficientes – afirmou Max.

– Até agora a gente se saiu muito bem – lembrou Lana.

Ele apoiou as velas na neve fora do círculo, enquanto Lana espalhava os cristais entre elas.

– Não sabemos o que dizer.

Ainda assim, ela derramou sal na palma da mão dele e na própria.

– Acho que precisamos invocar os poderes da luz, pedir a ajuda deles para uma purificação elementar.

– Isso aqui não tem nada de elementar.

Enquanto falava, ela ouviu gritos, e olhou para cima.

Corvos voavam em círculos no pesado céu de inverno. Algo pulsava dentro dela, algo que era, ao mesmo tempo, medo e reconhecimento.

– Eu sonhei com corvos. Você os está vendo? Um bando de corvos veio se alegrar com a desgraça alheia; outros, para se alimentar.

– Lana...

– Acenda as velas. A luz branca e brilhante e as chamas vão resolver isso. Que se inflamem os cristais, limpos e puros, e seu poder persistirá. Convoque o norte, o sul, o leste, o oeste, unidos contra o poder do mal que extirpamos.

O vento soprava forte enquanto ela anunciava, fazendo seus cabelos esvoaçarem. Seus olhos estavam opacos quando ela se virou para Max, levantando os braços.

– Invoque!

Ele sentiu o poder dela – seu súbito ímpeto de poder – queimar dentro de si. Levantou o punhal. Norte, sul, leste, oeste.

Acima deles, os corvos gritavam. Ao redor deles, o ar pulsava.

Eddie veio correndo, sem fôlego, pressionando a ferida quase curada.

– Caraca!

– Acendam-se, velas. – Lana estendeu a mão, e as três velas se acenderam. – Brilhem, cristais. – Levantou a mão de novo, e os cristais brilharam, como se iluminados por dentro.

– Aqui está luz contra a escuridão. – Dobrando o corpo, ela pegou uma vela acesa. – Pegue uma – ordenou a Eddie.

– Mas eu não...

– Pegue uma. Você é um filho da humanidade. Você é da luz. A luz queima através da escuridão.

Ela lançou a vela dentro círculo. O chão se levantou, se contorceu.

Com a mão tremendo, Eddie jogou sua vela. Sangue subiu à superfície borbulhando, sujando o ar. Max atirou a dele.

– E aqui está a fé contra o medo.

Lana pegou os cristais, queimando contra a neve, e os derramou lá dentro.

Uma fumaça subiu.

Engolindo em seco de maneira audível, Eddie arrancou alguns cristais do chão e os deixou cair dentro do círculo. Max fez o mesmo.

– Ele luta, ferve, rosna, e suas criaturas clamam por sangue. Ele terá sangue, bom e mau. Mas nunca vencerá. Agora, sal para abafar o que o mal tentou libertar.

Ela se aproximou e derramou um pouco na mão de Eddie.

– Como eu. – Ela jogou sal no meio do círculo. – Como você – disse ela para Eddie. – Como nós. – Ela olhou para Max. – Que assim seja.

Três escassos punhados de sal se expandiram e se espalharam sobre o preto, formando uma camada branca. Um trovão explodiu no céu e sob a terra. Em seguida, um clarão branco preencheu todo o círculo.

Quando tudo acabou, o solo dentro do círculo estava nu, e sua terra ferida, em paz. Acima deles, um único cardeal voava, desaparecendo em seguida, com sua cor escarlate, floresta adentro.

– Não fui eu, exatamente – Lana conseguiu dizer.

– Foi você. – Max se aproximou dela e a puxou para si. – Eu senti você. Senti você dentro de mim, em cima de mim. Por toda parte. O poder despertou.

Ela balançou a cabeça, mas não sabia como explicar. Agora que o que crescera dentro dela havia se abrandado, não enxergava nenhuma resposta.

– Hã... Ei, amigos? – Eddie sentou-se no chão nevado, puxando Joe para perto. – Eu sou... tipo assim... um bruxo?

Lana descobriu que tinha uma resposta, afinal. Afastando-se de Max, ela se agachou, acariciou Joe com uma das mãos, puxando o rosto de Eddie com a outra.

– Não. Você é um genuíno homem bom.

– Mas, tipo, um cara normal?

– Eu diria especial, mas, sim, você é um cara normal, Eddie.

– Ufa! – Ele soltou um suspiro aliviado. – Esse lance foi bem maneiro, mas quero dar o fora daqui.

– O que está feito, está feito. – Max olhou para a terra morta. – Só que não será feito aqui novamente. Vamos voltar. Demoramos mais do que pretendíamos. Vamos recolher alguns galhos caídos no caminho.

– Para despistar. – Eddie aceitou a mão estendida de Max para se levantar. – Porque talvez um deles...

– Não vale a pena arriscar.

CAPÍTULO 13

A casa da infância de Arlys Reid erguia-se, resistente, em um terreno de pouco mais de 4 mil metros quadrados, em uma área a sudeste de Columbus. As pessoas eram proprietárias de suas casas naquela região – as grandes e rústicas, de tijolinho, em estilo antigo, com dois níveis, os bangalôs típicos e as menores, em estilo colonial.

Era um bairro com alpendres protegidos e cercas de tela de arame.

Embora a maioria das casas houvesse sido construída após a expansão econômica do pós-guerra, as gerações seguintes de proprietários fizeram diversas mudanças. Um deck, um quarto a mais, um segundo andar com dormitórios, salão de jogos e amplos cômodos.

Ela cresceu andando de bicicleta nas calçadas congeladas e brincando no gramado do parque margeado de árvores.

Até sair de sua cidade para cursar a faculdade, aquela tinha sido a única casa que conhecera, no tranquilo bairro de classe média que beirava o maçante.

Quando o minicomboio de dois veículos virou em sua antiga rua, nostalgia e esperança apertaram seu coração com mãos brutais.

– Eu nunca pensaria em você como a senhora do Meio-Oeste – comentou Chuck.

Ela olhava pela janela, pensando nos vizinhos que conhecera. Os Minnows, os Clarkstons, os Andersons, os Malleys.

Lembrava-se como se fosse ontem do dia em que chegou da escola e encontrou a mãe sentada na cozinha com uma chorosa Sra. Malley –

e recebeu a ordem de se retirar.

O Sr. Malley, pai de três crianças, gerente do banco local, verdadeiro rei do churrasco de quintal, caíra de amores por sua dentista e saíra de casa naquela mesma manhã, depois de pedir o divórcio.

Pouco importava agora, ela pensou, enquanto passavam por casas com janelas escuras e cortinas fechadas, uma rua onde nenhum limpa-neve passava fazia semanas.

Ela se virou para responder a Chuck:

– Era um bom lugar para crescer. – Algo a que só dera valor ao deixar tudo para trás. – Ali, à direita. A casa de tijolinho com dormentes e a varanda coberta.

– É muito bonita – disse Fredinha, no banco de trás. – Um jardim bem grande. Eu sempre quis ter um jardim bem grande.

Dentro de Arlys, o baixo nível de estresse que ela experimentara na última parte da viagem, com seus desvios e progresso lento, aumentou vertiginosamente. O enorme jardim admirado por Fredinha formava um cobertor branco até a calçada, acumulando-se em cerca de 30 centímetros na frente das portas fechadas da garagem.

Ninguém limpava a entrada para carros, os degraus da frente, o caminho até a porta.

As janelas frontais revelavam a escuridão, com cortinas firmemente fechadas. As azaleias que sua mãe tanto amava formavam protuberâncias brancas disformes.

Chuck entrou primeiro, para que Jonah pudesse vir atrás. Arlys saiu depressa, a neve quase na altura dos joelhos. Com o coração martelando, o rosto queimando, ela avançou com dificuldade.

– Espere, Arlys. – Chuck a seguiu, com suas pernas compridas. – Espere um pouco.

– Eu tenho que ver. Minha mãe... Eu tenho que ver.

– Sim, mas não sozinha. – Ele passou o braço em volta dos ombros dela para fazê-la parar. – Você se lembra do acordo que fizemos? Ninguém vai a lugar algum sem um companheiro. Nós somos seus companheiros.

– Eles não têm tirado a neve da varanda, da entrada, do caminho. Alguém sempre limpava a neve. Por que não limparam os arbustos? Ela nunca deixaria acumular neve sobre as azaleias. Eu preciso ver.

Ela passou por um dos arbustos de flores cor-de-rosa, que seu pai plantara quando os bordos vermelhos foram danificados por uma tempestade.

– Parem aí mesmo!

Arlys ouviu algo sendo puxado e um *clique*. Chuck a soltou para erguer os braços.

– Calma, senhor.

– Mantenham as mãos para o alto. Os dois! Mãos para o alto.

Um pouco atordoada, Arlys virou-se e olhou bem para o homem de botas e casaco de flanela que segurava uma espingarda enquanto os óculos escorregavam pelo nariz.

– Sr. Anderson?

Por trás dos óculos de aro prateado, ele piscou, e seus olhos passearam de Chuck para Arlys. Um brilho de reconhecimento.

– Arlys? Você é Arlys Reid?

– Sim, senhor.

Ele abaixou a arma e atravessou a neve, com dificuldade, para alcançá-la.

– Não reconheci você – disse ele, a voz falhando quando a envolveu em um grande abraço. – Não esperava vê-la.

– Eu fiz de tudo para vir, para... Meus pais.

Como ela sabia, já pressentira, sua garganta se afunilou de dor e depois se fechou de vez.

Ele afagava suas costas, para reconfortá-la.

– Sinto muito ter que lhe contar, querida. Eu sinto muito.

Ela já sabia, mas mesmo assim a notícia a atingiu como um golpe no coração. Por um momento, ela apenas descansou o rosto no ombro amigo do vizinho. Sentiu um leve cheiro de tabaco.

Lembrou-se de como ele gostava de ficar sentado na varanda de casa, depois do jantar, para fumar um charuto e beber uísque. Lembrava-se de

vê-lo sempre, da janela de seu quarto, fizesse frio ou calor, chovesse ou não.

– Quando?

– Acho que já se passaram duas semanas. Quase três, para seu pai. Sua mãe foi alguns dias depois. Ela mandou seu irmão trazer seu pai do hospital. Ele não queria ir para lá. E ela, bem, ela nem chegou a ir. Espero que seja algum consolo para você, já que eles faleceram em casa, como queriam. Ajudei Theo a enterrá-los no quintal, entre aquelas cerejeiras pendentes que sua mãe amava tanto.

– Theo...

– Querida, eu... eu mesmo o enterrei, menos de uma semana depois. Gostaria muito de poder lhe dar notícias boas.

Ela recuou, olhou nos olhos dele, cheios de tristeza e comiseração.

– Eu preciso...

– É claro. Ouça, querida, a energia está desligada há algum tempo, então não há aquecimento nem luz, mas eu tenho as chaves aqui se você quiser entrar.

– Sim, sim, mas eu preciso ir lá atrás. Preciso ver.

– Vá, sim.

– Estamos num sistema de companheirismo – explicou Chuck quando Arlys começou a dar a volta até o quintal. – Será que eu devo...?

– Não precisa – respondeu Fredinha. – Eu vou lá daqui a pouco, mas primeiro ela precisa ficar sozinha. Eu sou a Fred – apresentou-se a estagiária ao senhor. – Trabalhei com Arlys em Nova York. Este é Chuck.

– Bill Anderson. Moramos em frente à casa de Arlys e sua família há mais de trinta anos.

– Estes são nossos amigos – prosseguiu Fredinha. – Rachel, Katie, Jonah e os bebês.

– Bebês? – O rosto do Sr. Anderson se iluminou enquanto ele ajustava os óculos. – Não acredito, três? Vamos levá-los para dentro, não é bom ficar aqui fora por muito tempo.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou um enorme molho com dezenas de chaves.

– Vocês tiveram problemas? Com... violência? – perguntou Jonah.

– Tivemos alguns no início, e outros aqui e ali, de vez em quando. Agora não tem quase ninguém mais – continuou ele, enquanto abria caminho para a varanda. – Van Thompson, no final da rua, ficou meio maluco. Ele atira nas sombras, dentro e fora da casa. Incendiou o próprio carro alguns dias atrás, gritando que havia demônios dentro.

Ele procurou entre as chaves – todas estavam rotuladas –, tirou as que tinham a palavra *Reid* e abriu a porta.

– Parece mais frio dentro do que fora, mas é melhor ficar aqui dentro.

A casa se abria para uma sala de estar tradicional, imaculada.

Bill deu um breve suspiro.

– Eu peguei a maioria dos suprimentos. Não tinha por que deixar. Se estiverem com fome, tenho comida, um fogareiro e outras coisas lá em casa. Posso trazer tudo para cá.

– Não precisa – respondeu Rachel, tirando o boné.

– Eu vou lá no quintal agora, falar com Arlys – disse Fredinha. – Obrigada por nos deixar entrar, Sr. Anderson.

– Bill. – Ele sorriu para ela. – Apesar das dificuldades, é bom ter pessoas por perto.

Do lado de fora, sob os ramos esqueléticos das cerejeiras, Arlys olhava para três sepulturas. Marcadas com cruces feitas de sobras de madeira. Teria o Sr. Anderson usado o antigo kit de pirografia de Theo para escrever os nomes?

Robert Reid
Carolyn Reid
Theodore Reid

Mas... mas... o pai sempre fora uma pessoa forte; a mãe, vibrante; o irmão, tão jovem. Como poderiam ter partido? Como suas vidas poderiam ter simplesmente chegado ao fim?

Quanto sofreram? Quanto medo sentiram, enquanto ela estava em Nova York contando mentiras e meias-verdades para uma câmera?

– Me perdoem. Ah, Deus... Me perdoem por não ter estado aqui.

Arlys fechou os olhos com força quando Fredinha passou um braço em torno de sua cintura.

– Eu sei que você está triste. Sinto muito.

– Eu devia ter voltado para casa. Eu devia ter voltado.

– Você teria conseguido salvá-los?

– Não, mas eles teriam a mim. Eu teria cuidado deles, traria conforto. Teria me despedido.

– Arlys, você está se despedindo agora. E o que você fez em Nova York deu conforto a não sabemos quantas pessoas, que puderam ouvi-la e vê-la todos os dias. E, no final, o que você fez? Quantas pessoas você não deve ter salvo? Você salvou a mim – insistiu Fredinha, quando Arlys balançou a cabeça. – Se não fosse por você, eu não teria fugido, e talvez tivessem me levado para algum lugar de testes, me trancado num laboratório. O Chuck também. Katie e os bebês, todos eles. Você salvou pessoas que de fato poderiam ser salvas. Isso é importante.

– Minha família...

– Eles devem ter sentido orgulho de você. Aposto que estão orgulhosos por você ter dado um jeito de sair de Nova York, de chegar até aqui para estar com eles agora. Isso demonstra que você os amava, e o amor é importante.

– Eu sabia que eles tinham morrido. – Ela teve que tomar fôlego várias vezes para conseguir colocar as palavras para fora. – Eu sabia, lá no fundo, mesmo antes de irmos embora de Nova York.

– Mas você veio porque os amava. Tudo bem se eu rezar para que suas almas encontrem paz? Sinto que eles encontraram, mas gostaria de rezar mesmo assim.

Devastada, Arlys afundou o rosto nos cabelos de Fredinha.

– Eles teriam gostado de você.

Ela chorou um pouco, e sabia que ainda choraria mais, mas precisava decidir – todos eles precisavam – o que fazer. Não pensara em mais nada

além de voltar para casa.

Elas entraram. Arlys sentiu o estômago se retorcer quando foi até a cozinha, viu as colheres de madeira de sua mãe no jarro branco, a moderna cafeteira que ela dera de presente ao pai no Natal, a foto dos quatro naquele dia, que Theo tirara com um bastão de selfie, presa no quadro de cortiça.

Apertou os olhos e, em seguida, deixou as mãos caírem.

– Tem coisas que podemos usar. Vamos ter que arranjar espaço no carro.

– Você não precisa pensar nisso agora.

– Preciso, sim, Fredinha. – Ela tirou a foto e a guardou no bolso do casaco. – Todos nós devemos pensar nisso.

Foi até a sala. Katie estava no sofá, com um bebê em cada seio. O terceiro dormia no colo de Bill Anderson. Chuck observava a rua por uma fresta entre as cortinas.

– Onde estão Rachel e Jonah? – perguntou Arlys.

Chuck se virou para ela por um momento.

– Lá fora. Alguém pode passar e pegar nossas coisas. Sinto muito, Arlys. Quero que saiba que todos nós sentimos muito.

– Eu sei. Sr. Anderson...

– Me chame de Bill.

– Bill, eu não perguntei sobre a Sra. Anderson, nem sobre Masie e Will.

– Theo me ajudou a enterrar Ava antes de adoecer. Masie... ela está com a mãe agora, junto com seu marido e nossos dois netos.

– Ah, senhor... Ah, Bill...

– Tem sido um inverno difícil. Tem sido... uma época terrível. Will estava na Flórida a trabalho, e eu preciso acreditar, preciso ter esperança de que esteja bem. A última vez que tive notícias, ele estava bem, tentando voltar para casa.

Arlys sentou-se na beirada da cadeira, ao lado dele.

– Sinto muito.

– Há muito para nos lamentarmos ultimamente. E, de repente, aparece isso. – Ele passou o dedo na bochecha do bebê. – É nisso que você deve se apoiar.

– Quantas pessoas ainda estão na vizinhança?

– Quatro, pela minha última contagem, mas Karyn Bickles ficou doente há uns dias. Eu estava justamente indo vê-la quando você apareceu. Alguns morreram, outros partiram.

Rachel entrou, trazendo uma onda de ar frio.

– Vamos nos revezar para proteger nossos suprimentos. Sinto muito pela sua família, Arlys.

– Obrigada. – Mais tarde haveria tempo, muito tempo, para o luto. – Bill disse que restam apenas quatro pessoas no bairro, uma delas doente. Bill, Rachel é médica.

– Ela me contou. O grande problema é que um médico não pode fazer nada por Karyn. Ela contraiu o vírus. Já vi isso o suficiente para saber.

– Talvez eu consiga dar algum alívio a ela.

– Bem, eu tenho a chave da casa. Posso levá-la até lá.

Questões práticas, pensou Arlys. Próximos passos.

– Enquanto isso, vamos dar uma olhada pela casa e ver o que podemos usar. E o que caberia nos carros. Não podemos ficar aqui sem aquecimento nem água.

– Jonah e eu estávamos falando sobre isso. Pensamos em seguir, talvez, para o sul, quem sabe Kentucky ou Virgínia? – sugeriu Rachel.

Arlys assentiu. A direção não importava para ela, mas fazia sentido irem para o sul. Evitar a época mais difícil do inverno durante as semanas que ainda restavam.

– Podemos traçar uma rota... e alternativas. Bill, venha com a gente.

– Meu filho pode estar tentando voltar. Eu tenho que estar aqui quando Will chegar.

– O senhor não pode ficar aqui sozinho.

– Também acho – disse Katie, e, olhando para Rachel, passou-lhe um bebê para que ela o fizesse arrotar, enquanto fazia o mesmo com o outro. – Venha com a gente.

– Podemos deixar anotada a rota para o seu filho – sugeriu Fredinha. – Deixar um aviso bem grande, ou sinal, dizendo a ele para onde estamos indo. E, se tivermos que fazer algum desvio, podemos deixar sinais. Aposto que ele é muito inteligente, não é?

A sombra de um sorriso formou-se no rosto de Bill.

– Ele é. Inteligente e forte.

– Ele vai seguir os sinais – afirmou Fredinha. – Garanto que ele gostaria que o senhor viesse com a gente, e ele vai seguir os sinais.

Bill mudou de posição para olhar pela janela para sua casa, sua varanda, seu jardim.

– Compramos essa casa quando Ava estava esperando Masie. A compra nos deixou quebrados, mas sabíamos o que queríamos para nossa família. Tivemos uma boa vida aqui. Uma boa vida.

– Eu sei como é difícil – consolou-o Arlys –, mas precisamos encontrar um novo lugar, e aqui estamos longe de uma fonte de água, e muito expostos quando a neve derreter. Eu vi muitas coisas, Bill. Não é apenas o vírus que está matando as pessoas.

Ela se levantou.

– Vou começar pelo segundo andar. Sei que tem cobertores, lençóis e...

Só que ela não terminou a frase. Compreendendo a súbita angústia de Arlys, Bill também se levantou, passando o bebê para Fredinha.

– Theo e eu limpamos tudo aqui, e ele me ajudou a fazer isso na minha casa. Sua mãe e minha Ava teriam desejado isso.

Lágrimas encheram os olhos de Arlys e rolaram antes que ela pudesse evitar. Bill simplesmente a abraçou.

– Está tudo bem, querida. As lágrimas levam embora um pouco da nossa tristeza.



Depois de chorar tudo o que podia, Arlys foi ao quarto dos pais. Cobertores, lençóis, toalhas. Talvez fosse uma boa ideia arranjar mais um carro para levar suprimentos. Ela poderia dirigir.

Ataduras, antissépticos, mais aspirina infantil, mais ibuprofeno, calmantes naturais. Sabonetes, xampus, giletes, artigos para cuidar da pele.

Colocou no bolso um dos batons de sua mãe, junto com a foto da família, como lembrança.

Tesouras, material de costura.

Apesar das circunstâncias, ela se viu mais do que levemente mortificada quando encontrou lubrificante e Viagra na gaveta da mesinha de cabeceira dos pais. Rachel entrou quando Arlys estava com o frasco na mão, olhando.

– Achou algum medicamento para o meu estoque?

– Isto é... hã... Viagra.

– Também usado no tratamento de hipertensão pulmonar.

– Ah. Bem. Aposto que ele não estava usando para isso. – Ela riu um pouco. – Eles levavam uma boa vida aqui. Como o Sr. e a Sra. Anderson. Bill precisa vir conosco, Rachel.

– Acho que agora ele está mais inclinado a isso. Sabe a tal mulher, Karyn? Já estava morta. Outra mulher, que não lembro como se chamava, também. Essa se enforcou. Há um homem bem mais adiante na rua, mas não conseguimos chegar perto da casa, muito menos entrar. Mesmo quando Bill se identificou, ele ameaçou atirar se não tirássemos nossas patas imundas do seu gramado. Palavras dele.

– Você acha que Bill vai com a gente?

– É uma decisão difícil, mas acho que vai, sim. Ele tem uma caminhonete 4×4. Jonah o está ajudando a instalar uma cobertura de lona na traseira. Insiste no argumento de que tê-lo conosco, além de mais um veículo, seria de grande ajuda para nós. E os bebês também têm um grande poder de convencimento.

– Boa estratégia, além de ser verdade que nos ajudaria. E, de fato, os bebês podem ter um peso na decisão dele. Uma preocupação a menos, então. Devemos ir às outras casas, ver o que podemos pegar. Vamos encontrar mais armas e levá-las.

– Há alguma aqui?

– Não, não que eu saiba, mas lá em cima pode haver um arco composto. Meu irmão...

A dor a esmagou novamente, toda aquela perda, quase lhe tirando o fôlego.

– Theo – conseguiu continuar. – Ele entrou numa onda de caçar, quando era adolescente. Não durou muito, mas ele tinha uma balestra. E, se conseguirmos mais um veículo com tração nas quatro rodas, devemos levá-lo. Podemos nos revezar para dirigi-lo.

Quando Rachel não respondeu, Arlys jogou o frasco de remédios na cama, junto com os outros suprimentos que pegara.

– Eu me sinto melhor simplesmente me concentrando nas questões práticas.

– Eu entendo. Não perdi ninguém para o vírus. Sou filha única, minha mãe morreu há dois anos, e não via nem falava com meu pai desde os 18. Isso não significa que eu não entenda como é difícil vir aqui, não encontrar sua família e ainda ter cabeça para as questões práticas.

Lágrimas nublaram de novo os olhos de Arlys, mas ela suspirou e as segurou.

– Isso não parece real, nem um pouco real. Mas é.

Ao cair da noite, eles tinham alimentos secos, enlatados e congelados em duas caixas térmicas cheias de neve. Levavam também cobertores, sacos de dormir, utensílios de cozinha, quatro facas de caça, oito revólveres, três rifles, um fuzil AR-15, duas espingardas, além da de Bill, e três bestas.

Rachel arrumou duas caixas cheias de medicamentos e material médico. Outra caixa guardava uma variedade de pilhas e baterias. Reuniram roupas, botas, vestuário e equipamentos de inverno, walkie-talkies – inclusive um de brinquedo. Fredinha juntou uma caixa com apetrechos para bebês e crianças um pouco maiores. Com um sifão, Jonah e Chuck extraíram gasolina de outros tanques para encher seus veículos – e a novíssima caminhonete Pathfinder que adicionaram ao seu comboio.

Trouxeram dois aquecedores a querosene para dentro da casa, cozinharam no fogareiro de Bill e traçaram a rota para o sul.

Ao amanhecer, levaram tudo para os automóveis. Chuck ia na frente com Fredinha, seguidos pelo grupo de Jonah. Depois deles, Arlys, a foto do Natal dobrada no visor do Pathfinder.

Após uma última olhada para sua casa, para o aviso que deixara para o filho, Bill seguiu atrás dela.



Depois de uma semana inteira, Lana fez um novo inventário dos suprimentos e descobriu que haviam consumido mais do que o previsto por seus cálculos. Quando ela cozinhava – com a ajuda ocasional de Poe ou Kim –, sabia muito bem quanto de cada item deveria ter ficado nas prateleiras, nos armários, no freezer.

Faltavam várias latas de sopa, ravióli, dois pacotes de preparado para macarrão com queijo – por mais deplorável que o considerasse – e alguns congelados. Sacos de batatas fritas e lanches, também.

Refez o inventário, e estava na cozinha fervendo de raiva quando chegaram Max e Eddie, com Joe, que foi correndo até ela com o focinho coberto de neve.

– Estão faltando muitas coisas, segundo o inventário que fiz – afirmou ela categoricamente. – Alguém está quebrando o acordo e roubando comida. Talvez mais de uma pessoa.

Em vez de perguntar se ela tinha certeza, Max suspirou, soltando o ar devagar.

– Isso combina com o fato de que o nível do propano está abaixo do que deveria. Vamos ter que tentar trazer aquele caminhão. Estamos abaixo de quinze por cento. Segundo os cálculos de Kim, deveríamos estar bem acima disso.

– Como você prefere resolver essa situação? – indagou Eddie.

– Talvez chutando alguns traseiros.

Lana sorriu levemente para Max.

– Estou bem no clima para chutar traseiros.

– De quem? – indagou Poe quando entrou, ainda suado, voltando de seu treino matinal.

– De quem quer que esteja furtando a comida e usando o propano.

– Propano? Quanto ainda temos?

– Menos da metade.

– Kim disse que só chegaríamos à metade daqui a uns cinco dias. Ela nunca se engana. O que está faltando de comida?

– Um pouco de cada coisa. Congelados, enlatados, secos, biscoitos e outros itens.

Poe esfregou a mão no rosto e se sentou em um banquinho.

– Não fui eu, mas todo mundo provavelmente vai dizer a mesma coisa.

– Não foi você. – Lana descartou essa ideia com um movimento irritado do pulso. – Eu cozinhei com você. Vi o cuidado com que mede tudo e depois anota na lista.

– Não foi Kim. E não é só porque eu gosto dela. É porque ela não é desse tipo. Ela não faria isso.

– Kimzinha, jamais – concordou Eddie. – Ela sempre deixa um pouquinho de comida no prato para dar para o Joe. Ninguém não faz isso para depois roubar. Porque, cara, isso aí é roubar.

Com as mãos na cintura, Lana olhou com desconfiança para os armários.

– Vou ter que recalcular as refeições e porções.

– Vamos ver como podemos conseguir mais suprimentos quando pegarmos a caminhonete – disse Max.

– Eu vou com você – ofereceu-se Poe. – É preciso pelo menos dois para dirigir, e três é ainda melhor.

Eles se viraram todos ao mesmo tempo quando Shaun entrou. Ele colocou os óculos.

– O que foi?

– A comida e o propano estão em um nível muito baixo – explicou Poe.

– É mesmo? Bem, estamos comendo e vivendo, é natural que o estoque diminua. – Ele foi até a despensa e saiu com uma lata de Coca. – Isto aqui

é da minha cota, e eu não bebo café nem chá.

– Quantas outras coisas você tirou de lá?

– Por que eu, Poe? – rebateu ele.

– Porque, meu irmão, você está exalando culpa.

– Não vem com essa. Se alguém está pegando alguma coisa, deve ser você, para não perder os malditos músculos. E sabe o que mais? Eu não tenho que aturar esse falatório de você, nem de ninguém. A casa é minha, cacete.

– Em primeiro lugar, você não teria chegado aqui sem nós – retrucou Poe, ficando de pé, impondo-se com sua altura e seu físico impressionantes. – A droga da casa é de todo mundo agora. Os suprimentos são de todo mundo. E ninguém pega mais do que lhe cabe.

– Vão se ferrar.

Mas os olhos de Shaun tinham um brilho mais do que desafiador. Percebendo isso, e sentindo a raiva crescer em Poe, Max deu um passo à frente.

– Calma – murmurou ele para Poe, virando-se, em seguida, para Shaun. – Se eu for ao seu quarto, vou encontrar comida escondida?

– Você não tem o direito de entrar no meu quarto. Aliás, quem foi que o nomeou capitão do maldito navio? Você só está aqui porque eu fiz um favor ao Eric.

– Cara... – Eddie suspirou. – Você só pode estar de brincadeira. E acabou de confessar.

– E daí? Então eu peguei uma droga de um saco de Doritos. Fiquei com fome.

– Só isso já seria errado, mas teve mais – disse Lana. – Faltam muitas outras coisas.

– Tudo bem, eu fiz um maldito macarrão com queijo uma noite dessas. Não conseguia dormir. Me processe.

– E a massa em lata, o ensopado, a sopa? – perguntou Lana.

– Isso aí não fui eu! – Agora, lágrimas brilhavam em seus cílios, atrás dos óculos. – Ensopado em lata é nojento. Peguei o Doritos, o macarrão e,

ok, uns dois bolinhos. Só isso. Eu fico nervoso à noite. E como quando estou nervoso.

– O que está acontecendo?

As vozes alteradas fizeram Kim vir correndo, com Eric e Allegra atrás.

– Eles surtaram só porque eu comi alguns Doritos.

– Porque você pegou além da sua cota – corrigiu Lana.

– O que mais você faz quando está nervoso de noite? – Poe exigiu saber. – Dorme com as luzes acesas, liga o aquecedor no seu quarto?

– Eu *leio*. Ok, eu leio, mas eu tenho uma lanterna de leitura. Eu uso a minha lanterna. E eu gosto do quarto fresco para dormir. Você poderia perguntar isso ao meu colega de quarto se ele não estivesse morto.

Lágrimas rolaram pelo rosto dele, que se deixou cair em um banquinho.

– Ei, calma, vamos todos ficar calmos. – Abrindo um leve sorriso, Eddie estendeu as mãos. – Não é assim tão sério. Shaun ficou com fome.

– Ele pegou mais do que lhe cabia – disse Max, a voz mais ríspida. – Mais do que todos nós combinamos. Precisamos pensar no grupo, não apenas em nós mesmos. Se estamos com um estoque baixo de comida e propano, é porque alguém resolveu ser egoísta.

– Nem tudo é culpa minha! Eu não peguei nenhum ensopado nojento.

– Gente, deixem o cara em paz. – Eric deu um tapinha no joelho de Shaun. – Não é o fim do mundo, afinal de contas, o mundo já acabou mesmo.

Com os punhos cerrados, Max deu um passo à frente. Ele conhecia o irmão. Reconhecia aquela postura.

– Você também pegou coisas, Eric?

– E se peguei? Vão me levar para o paredão? Quem coroou você o rei por aqui? Você traz esse cara, que nem foi convidado, junto com esse cachorro imbecil. Sem eles, teríamos mais comida.

– Essa foi forte, cara – comentou Eddie.

Lana lutou contra a explosão de raiva dentro de si. Gritar, ela pensou, acusar, xingar, nada disso resolveria o problema.

– Tínhamos o suficiente para duas semanas e agora não temos mais. É simples assim.

– Então, arranjem mais. – Com uma atitude claramente desafiadora, Eric apontou para Lana. – É você quem está preparando toda a comida. Talvez tenha sido negligente. É bem capaz que esteja comendo enquanto mexe as panelas e vigia a cozinha como se fosse a maldita dona do lugar.

Max apertou o ombro de Eric.

– Tome cuidado com o que diz.

Eric afastou a mão de Max com um safanão e se aproximou mais.

No cunhado, Lana viu mais do que indignação. Ela se chocou ao perceber algo mais parecido com fúria.

– O que você vai fazer? – Eric levantou a mão. Pequenas faíscas azuis estalaram das pontas de seus dedos. – Quer tentar mandar em mim, como sempre fez? Experimente. Experimente fazer isso agora e veja o que acontece.

– Que diabos há com você?

– Todo mundo está estressado. – Allegra agarrou o braço de Eric e o puxou. – Vamos, Eric, chega. Estamos todos tensos de tanto ficarmos presos aqui. Vamos dar uma volta, está bem? Eu realmente gostaria de sair um pouquinho.

– Claro, amor. – Os olhos de Eric estavam fixos em Max, brilhando de raiva, mesmo enquanto se permitia levar por Allegra. – Vamos dar o fora daqui. Cambada de babacas.

Allegra se virou rapidamente para lançar um olhar de desculpas e então levou Eric na direção da despensa.

– O cara está usando alguma coisa. – Eddie suspirou. – Quem me dera ter um pouco também.

– Meus pais não teriam drogas em casa. E não trouxemos nada.

– Shaun tem razão. Vou fazer um chá, está bem? – Kim esperou pela aprovação de Lana. – Poe trata o corpo como um templo, e nós saberíamos se Eric tivesse alguma coisa. Ficamos dias na estrada.

– Não são drogas, não como vocês pensam. É o poder – afirmou Max.
– Ele está embriagado de poder. Eric nunca foi assim.

– Talvez sim, talvez não. Desculpe – acrescentou Kim. – Ele é seu irmão. Mas o fato é que Shaun fez uma asneira e está arrependido.

– Eu fico com medo à noite. Ouço coisas. E como quando estou nervoso. Eu não queria vacilar desse jeito.

– Bem, mas vacilou – disse Kim categoricamente –, e vai ter que compensar isso. Eric também vacilou e, se ele fez isso, Allegra provavelmente sabia e acobertou. Só que ele não dá a mínima. Isso vai ser um problema.

– Vou falar com Allegra. – Lana esfregou a testa. – Acho que consigo conversar com ela. Talvez ela consiga acalmá-lo, e ele precisa se acalmar.

– Ele não está sabendo lidar com o poder – disse Max, em voz baixa. – Não sabe como lidar, e isso é mais um problema. Vou ver o que faço. Por enquanto, vamos tratar dos problemas mais imediatos e tentar trazer o caminhão de propano. E buscar mais suprimentos.

– Vou só tomar um banho – disse Poe, acrescentando: – Levo só noventa segundos.

– Você seria de grande ajuda – comentou Max –, mas... acho que me sentiria mais tranquilo se você ficasse aqui enquanto estamos fora.

Assentindo, Poe olhou de relance para a janela.

– Pode deixar comigo.

– Eu comecei a fazer uma lista do que precisamos, vou lá em cima buscar – disse Lana, fazendo um sinal para Eddie segui-la antes de sair.

Ela não falou nada até chegar a seu quarto e fechar a porta.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Eddie.

– Sim. Você me faria um favor? Se vir uma farmácia, sempre é bom ter mais material de primeiros socorros ou suprimentos médicos.

– Moleza.

– E eu preciso... preciso de um teste de gravidez.

Ele fez um gesto cômico de colocar as mãos para cima e dar um passo para trás.

– Epa!

– Por favor, não comente nada com Max. Não quero dizer nada até ter certeza, seja positivo ou negativo.

– Uau. Isso é sério. Está se sentindo bem? Você está, tipo, vomitando de manhã?

– Não, são outras coisas. Não me preocupei muito com o fato de estar atrasada, por causa de tudo o que anda acontecendo. Só pensei nisso faz alguns dias. – Ela pegou a lista e a entregou a ele. – Quando essa possibilidade me veio à cabeça, me lembrei de outras coisas que podem ter a ver com isso. Mas um teste realmente ajudaria se você encontrar um.

– Pode contar com isso. Ah, fique perto de Poe e Kim, ok? Eles são gente boa. Confiáveis. Dá para perceber. Shaun, bem, ele é meio que um sonso, meio que um idiota. Já fui bem sonso, por isso sei reconhecer o tipo. Por outro lado, eu sei que Eric é seu cunhado, mas tem alguma coisa errada ali.

– Não se preocupe. Só voltem a salvo, os dois.

Quando ela estava descendo a escada para se despedir, as palavras de Eddie ecoaram em sua mente. *Tem alguma coisa errada ali.*

Ele dissera o mesmo sobre o círculo negro na floresta.

CAPÍTULO 14

A descida pela sinuosa colina foi bastante complicada em alguns pontos, provocando em Eddie saudades dos dias de veículos limpa-neve e sal na estrada. Saudades dos dias em que ficava em seu apartamento caindo aos pedaços, com vários centímetros de neve do lado de fora, ouvindo Kid Cudi, talvez Pink Floyd, chapando até cozinhar os miolos e comendo Cheetos.

De modo geral, ele preferia aquela viagem escorregadia e deslizante, passando por algumas casas de aparência fantasmagórica até chegar a um local que ele imaginava ter servido de centro de abastecimento para o pessoal que faz trilha, turistas e talvez alguns poucos moradores locais.

Viu uma mercearia bem grande, com uma placa mostrando um urso de um lado, um cervo com um traseiro gigantesco do outro, e, no meio, as palavras FARMÁCIA STANLEY.

Talvez ele pudesse fazer aquele favor a Lana, ajudá-la a descobrir se havia um bebê a caminho.

Se tivesse, seria uma notícia e tanto. Ele deu uma olhada de soslaio em Max antes de avaliar o resto da cidadezinha sem graça.

Uma construção que mais parecia uma cabana, feita de toras de madeira, ficava do outro lado da rua de pista dupla. Rouparia Stanley. Ao lado, uma lojinha estreita, com vitrines. Depósito de Bebidas Stanley.

Cerveja, velho! Por favor, que haja cerveja!

– Acho que esse tal de Stanley é o mandachuva por aqui. Vou dar um pulo ali no depósito antes de voltarmos, para ver se sobrou alguma

cerveja.

– Não seria nada mau.

– Vamos tomar uma gelada graças ao camarada Stanley. Ei, tem algo diferente: Hamburgueria & Lanchonete Ma Bea. Vai ver é a mãe do Stanley.

Max parou na frente do mercado, mas não saiu do carro de imediato. Ficou alguns instantes observando o terreno em volta.

– Somos as primeiras marcas de pneus desde a última nevasca, mas estou vendo algumas pegadas, então alguém está por aqui, ou esteve nos últimos dias.

– Esse silêncio me assusta, cara. Juro por Deus, não quero levar um tiro outra vez. – Eddie apontou com o queixo para o mercado. – Acho que é a nossa primeira parada. Comida antes da cerveja.

– Comida, cerveja e propano. – Max saiu do carro e jogou o rifle no ombro. – Vamos ver o que sobrou no mercado.

A porta, destrancada, abriu sem problemas. Duas fileiras de carrinhos estavam formadas na frente de quatro caixas. Cestas de metal empilhadas formavam uma pirâmide, como se esperassem pacientemente por clientes que só precisariam de poucos itens. Enquanto esquadrihava a loja, Max manteve a mão na arma que levava na cintura.

O chão estava limpo. Ele viu várias prateleiras vazias nos corredores, mas o que restava parecia organizado.

– Estranho. – Ao lado dele, Eddie se inquietou. – É como se eles estivessem abertos para funcionar e esperassem o caminhão chegar para reabastecer as prateleiras. Como se tudo estivesse, tipo, normal.

– Stanley é linha-dura – comentou Max.

Eddie riu.

– Acho que precisamos fazer umas compras. – Dizendo isso, ele puxou um carrinho. – Vou pegar algumas coisas para o Joe. Aposto que eles têm biscoitos para cachorros.

– Vá pela esquerda, eu vou pela direita. A gente se encontra no centro.

Esquisito era uma boa palavra para descrever a situação, pensou Max, ao passar pela seção de verduras. Não restava nem uma única folha de

alface, mas as prateleiras estavam limpas e brilhantes. Não havia leite nem creme de leite no setor de laticínios, mas, para sua surpresa, encontrou manteiga e alguns queijos.

Colocou no carrinho o que julgou ser mais necessário e prático. As etiquetas mostravam o que não havia. Nada perecível. Não havia frutas frescas, tampouco legumes frescos, mas ele encontrou farinha, açúcar, sal, bicarbonato de sódio, fermento e temperos secos.

Os enlatados praticamente desapareceram, mas ainda achou sopas, feijão, massa de tomate e molhos. Pegou uma lata de apresuntado, sorrindo quando a acrescentou ao carrinho, pois sabia que faria Lana rir.

Ela precisava de uma boa risada.

Passava pelas prateleiras de macarrão e arroz quando ouviu a voz de Eddie.

– Opa! Como é que vai?

Max puxou a arma da cintura, sentiu o peso do rifle no ombro. Seguiu, rápido e silencioso, em direção ao som da voz de Eddie.

– Legal, porque eu não quero problemas. Incrível, esse seu cachorro. Talvez ele queira um biscoito. Acabei de pegar um aqui para o meu.

Max ouviu um rosnado baixo e a risada nervosa de Eddie.

– Ok, talvez não.

Max deu a volta por trás do corredor e viu as costas de um homem – um menino, corrigiu-se – e um grande cão cinzento ao seu lado. Embora não tivesse feito nenhum barulho, tanto o cão quanto o menino se viraram.

– E também não tenho medo de você – disse o garoto.

Quinze, talvez 16 anos, calculou Max, com cabelos castanhos fartos e desgrehados, olhos muito verdes e destemidos.

Quando seu companheiro canino rosnou novamente, o menino colocou a mão na cabeça dele.

Agindo por instinto, Max guardou a arma no coldre.

– Nem precisa ter, pois não queremos causar nenhum mal. Precisamos de suprimentos. Não queremos ferir ninguém nem levar nada de que outros precisem.

– Você é que está armado – comentou o rapaz.

– Só por cautela – retrucou Eddie, antes que Max pudesse responder. – Eu fui baleado um tempo atrás só por passear com meu cão.

O rapaz olhou para Eddie.

– Onde?

– Foi lá em... Ah, você quer saber onde eu fui atingido. – Ele percebeu o engano e tocou a clavícula. – Coisa de um minuto, Joe e eu fomos fazer xixi, sabe? Aí estávamos voltando para o carro e *bum!* Eu estaria ferrado se Max e Lana, que é a garota do Max, não tivessem me costurado com agulha e linha. Eles cuidaram de mim, e mal me conheciam.

Ele mexeu o ombro cautelosamente, sentindo-o latejar ao relembrar o episódio.

– Quero ver.

– Quer ver? – Sentindo-se obrigado, Eddie abriu o zíper do casaco, desabotoou a camisa, abaixou-a e puxou-a para baixo, expondo o ferimento. – Não parece tão ruim agora porque Lana tirou os pontos ontem. Ainda dói um pouco. Aqui atrás, também. – Ele apontou para as próprias costas com o polegar. – Porque a bala atravessou.

Sem demonstrar emoção, o menino analisou a ferida.

– Está quase cicatrizada. Você atirou em alguém? – perguntou ele.

– Não. Espero nunca ter que fazer isso. A gente... tipo, a gente veio em paz.

– Cadê seu cachorro?

– Joe? Ele ficou lá na... – Ele se interrompeu e olhou para Max. – Posso contar a ele, não posso?

– Eu não estou falando com ele ainda – disse o menino. – Vou conversar com ele depois.

– Ok. Bem, o irmão do Max tinha um amigo que morava em uma casa na floresta, então Max, Lana e eu... e o Joe... fomos para lá.

– Quem é o tal amigo?

– Shaun... Droga, Max, não me lembro do sobrenome dele.

– Iseler – respondeu Max.

– Eu conheço os Iselers. Eles fazem compras aqui. Estocamos a casa deles, como fazemos todos os anos. – Obviamente decidindo quealaria

com Max agora, o garoto se virou para ele: – Eles estão lá na casa?

– Não sobreviveram – comentou Max. – Shaun, sim. Nós também. Somos oito pessoas.

– E Joe – acrescentou Eddie. – Como se chama o seu cachorro?

– Lupa – disse o menino, com um sorriso. – Ele bem que gostaria de um biscoito.

– Claro.

Eddie procurou na cesta e abriu a caixa.

– Ah, ele não vai arrancar a minha mão, vai?

– Só se eu mandar.

– Ha, ha. Não mande, está bem? Tome, Lupa. Nada como um biscoitinho, hein?

Lupa avaliou Eddie com olhos firmes, cor de ouro polido. Em seguida, abocanhou o biscoito e o tirou da mão de Eddie.

– Cachorro bonitão. Posso...? – Eddie fez menção de acariciar o animal.

– Ele é que decide.

Com cautela, Eddie estendeu a mão para a cabeça de Lupa. Quando o cão não rosnou, Eddie se arriscou e passou a mão em seu pelo.

– Muito bem! Que maneiro que você é, cara.

– E você tem nome? – indagou Max.

O rapaz respondeu:

– Sim. – E nada mais.

– Este mercado é seu?

– Acho que agora é. Era do meu tio. Ele morreu.

– Sinto muito.

O garoto deu de ombros.

– Ele era um idiota. Me batia sempre que via oportunidade.

– Então eu sinto muito por isso. Podemos pagar por pelo menos alguns dos produtos.

– Vou colocar na conta dos Iselers – disse o menino, com um sorriso malicioso. – Dinheiro não vale mais porcaria nenhuma.

– Não. De repente podemos fazer uma troca.

– Você não tem nada que eu possa querer. Pode levar o que quiser.

– Você está sozinho aqui?

– Não. Estamos bem.

– A loja está muito limpa – comentou Eddie.

– Minha tia e eu limpamos tudo depois... depois. Só que ela também morreu. Fez o melhor que pôde. Vocês não vieram vandalizar. Se fosse assim, Lupa e eu não seríamos tão amigáveis. Podem pegar o que quiserem.

– Ficamos gratos – disse Max. – Uma coisa de que precisamos é propano. Existe alguma chance de levarmos um caminhão até a casa dos Iselers para abastecer o gerador?

As sobrancelhas do menino se levantaram, juntando-se à franja que caía sobre a testa.

– Seria um risco levar um caminhão lá em cima por essas estradas.

– Damos um jeito se conseguirmos um.

O menino observou Max por um momento e assentiu.

– Está bem. Coloquem no carro o que vocês vão levar e eu lhe mostro.

– Algum problema se eu for lá do outro lado da rua e tomar uma cerveja, se houver alguma?

– Cerveja tem gosto ruim. Se você encontrar, pode pegar.

Pensando no menino, e em quem quer que pudesse estar com ele, Max pegou, de cada coisa, uma quantidade menor do que pretendia.

– Você devia vir com a gente – disse ele ao garoto, enquanto guardavam as coisas no veículo. – É uma casa grande, e temos comida, aquecimento e luz.

– Não. Eu gosto do silêncio. – Ele parou por um instante. – Mas foi bom você ter oferecido. Vou me lembrar disso.

– Se mudar de ideia, já sabe onde nos encontrar.

– Eu sei. Vocês vão dirigir para o outro lado da cidade, pegar a primeira curva à esquerda. Não dá para não ver o maldito Posto Stanley. Tem três caminhões de propano no estacionamento dos fundos. Pegue o primeiro à esquerda, que está cheio até mais da metade. – Ele completou, com um meio-sorriso: – Não vão se explodir.

– Obrigado. – Eddie se abaixou para fazer outro carinho entusiasmado em Lupa. – A gente se vê por aí, rapaz, até logo. Apareça um dia para brincar com o Joe. Valeu, cara.

– Se precisarem de alguma coisa ou se houver algum problema, nos procure – disse Max. – Mesmo que só queira uma refeição quente. Minha namorada é uma cozinheira e tanto.

– A gente se vira.

O menino colocou a mão na cabeça de Lupa e recuou. Max se sentou ao volante.

– Não gosto de deixá-lo para trás – disse Eddie.

– Não podemos obrigá-lo a vir. Vamos voltar na próxima semana, ver como ele está, trazer-lhe uma refeição quente, um pouco do pão feito por Lana. Achei bastante fermento.

Max olhou pelo retrovisor, viu o garoto parado no meio da rua, observando-os.

Viu a luz brilhar ao redor do menino, ouviu a voz clara e tranquila em sua mente.

Meu nome é Flynn.

– Ele se chama Flynn.

– Hã? Como você sabe?

– Ele acabou de me dizer. Tem sangue de elfo.

– Ele tem... Ele é um elfo? – Boquiaberto, Eddie girou o corpo para olhar para trás. – Igual a, tipo, Will Ferrell naquele filme?

Com um prazer que já esquecera, Max riu.

– Meu Deus, Eddie, você e suas ideias... Não, não é assim. Ele tem magia e eu tenho um forte pressentimento de que, se tivéssemos alguma intenção de causar problemas, não estaríamos indo embora com suprimentos e propano.

– Que coisa, cara! Conheci um elfo. Bem, então acho que ele vai ficar bem. E ele tem aquele cachorro grandalhão.

– Aquilo não é um cachorro. O nome diz o que ele é. *Lupa*. Lobo.

– Agora você está de brincadeira comigo. Está me zoando. Eu dei um biscoito para um *lobo*? Eu passei a mão na cabeça de um lobo? Muito

bizarro, cara!

– É um admirável mundo novo, Eddie. – Max fez a curva. – Um admirável mundo novo, se é.

Na casa, Lana se mantinha ocupada adaptando sua receita de frango à Toscana para os ingredientes que tinha em mãos. Enquanto ela cozinhava, Kim e Poe passavam o tempo jogando Scrabble, já que ela havia recusado suas ofertas de ajuda.

– Cavilha? Não me venha com essa. – Não pela primeira vez no jogo, Poe duvidou da palavra escrita por Kim. – O que é isso, uma caverna cercada de água por todos os lados?

Os longos cílios de Kim tremularam sobre seus singulares olhos asiáticos.

– Isso é um desafio? De novo?

– Você está blefando desta vez. Usando todas as sete malditas letras de uma vez, e ainda ganha pontuação em dobro? Eu duvido que exista essa palavra.

– A porcaria do dicionário está ali. Me desafie. Vai perder uma rodada.

Ele se levantou e andou de um lado para outro, o que distraiu Lana de seu mau humor e irritação, fazendo-a rir.

– Quantos desafios você já perdeu? – indagou Lana.

– Três, mas... Caraca, você está mentindo, tenho certeza. Vamos conferir.

– Vai perder de novo. – Kim pegou o dicionário e procurou a palavra. – Cavilha: pequena peça cilíndrica, geralmente de madeira, usada para...

Ela parou a leitura, sem se incomodar, nem mesmo com ar arrogante, quando Poe arrancou o dicionário de sua mão.

– Que filha da mãe!

Quando ele se sentou de novo, Kim tirou sete letras do saquinho e as alinhou.

– Agora, vamos ver... – disse ela, esfregando as mãos.

O jogo parou quando a porta da despensa se abriu e se fechou novamente. Poe se aprumou na cadeira e, desfazendo a expressão

contrariada, assumiu um olhar firme.

Eric entrou, de mãos dadas com Allegra.

– Calma – disse ele ao ver Poe. – Na boa – acrescentou, quando Poe se levantou lentamente. – Eu fui um cretino. Um idiota completo. Desculpe. Lana, peço desculpas especialmente a você, mas também a todos. Não tenho justificativas. Fui um cretino, e, se isso ajudar, eu me sinto idiota.

– Ele está realmente arrependido, e eu também. Em parte, é minha culpa.

– Não é. – Eric soltou a mão de Allegra e passou o braço ao redor dela.

– É, sim. Eu fiquei me queixando de que estava entediada, me sentindo presa. Fui uma chata. Deixei o Eric zangado e ele descontou em vocês. E ele... ele só pegou um pouco da comida para mim, para me animar. A gente sabia que era uma atitude ridícula e errada. Não vamos fazer isso de novo.

– Você pode diminuir minhas porções até descontar tudo que pegamos.

– As minhas também – disse Allegra.

– Não. – Eric se inclinou para beijar os cabelos de Allegra. – Eu peguei a comida, eu liguei o aquecimento.

– Eu falei que estava com frio. Eu... – Ela suspirou. – Eu fiquei reclamando.

– Mas fui eu quem ligou.

– Vamos deixar isso para lá – disse Lana, ouvindo uma aspereza fria na própria voz, mas sem conseguir evitar.

Eles haviam se comportado como crianças egoístas roubando biscoitos de um pote.

Quando percebeu o que Lana sentia, Eric encurvou os ombros.

– Eu sei que é preciso mais do que palavras, mas é o que eu tenho para começar. Onde está Shaun? Eu quero pedir desculpas a ele também.

– Está lá em cima. – Em vez de olhar para eles, Kim continuou mudando suas letras sobre o tabuleiro. – Estava muito chateado. Levou o cachorro e foi lá para cima.

– Ok, vou esperar até que ele melhore. Ah, e Max e Eddie?

– Foram buscar suprimentos e tentar trazer propano – respondeu Lana.

Lá estava de novo, pensou ela. Aquele tom. Mãe irritada falando com criança idiota.

Em uma demonstração de repulsa por si mesmo, Eric esfregou as mãos no rosto.

– Que droga! Eu devia ter ido com eles, devia ter ido ajudar. Mais um para a minha lista de erros. Você está preocupada, estou vendo. Vou até lá para ver se eles estão bem.

– Eric, é meio longe – disse Allegra.

– Não muito mais do que 8 quilômetros – afirmou Poe. – De acordo com Shaun.

– Eu vou andando até lá. Talvez eles precisem de uma mão.

– Não. Eles não saíram há tanto tempo. – Lana adicionou um pouco de vinho à panela. – Vamos pensar nisso caso eles não voltem em uma hora.

– Me dê alguma tarefa – insistiu Eric. – Ações falam mais alto que palavras.

– Você ficou de trazer mais lenha para a lareira hoje – lembrou Lana. – E alimentar o fogo.

– Certo. Vou fazer isso agora. E vou assumir a limpeza da cozinha esta noite, no lugar de quem quer que seja.

Ele voltou para a despensa. Allegra mordeu o lábio, depois se aproximou de Lana quando ouviu a porta externa se abrir e se fechar.

– De verdade, Eric está se sentindo péssimo. Nós dois.

– E devem. Se Max e Eddie não encontrarem suprimentos, vou ter que reduzir as porções e, mesmo assim, só teremos o suficiente para uma semana, no máximo.

– Eu gostaria que pudéssemos desfazer nosso erro, mas não podemos. Quer ajuda?

– Não, obrigada – respondeu Lana.

– Tem alguma coisa que...

Lana se virou do fogão e olhou Allegra nos olhos.

– Você pode subir e trazer de volta o que você e Eric esconderam no quarto.

– É claro.

Visivelmente prostrada, ela se afastou.

– Eu sei que fui dura, mas...

– Eu teria sido mais – interrompeu Kim. – Sei que todos nós estamos encontrando maneiras de sobreviver. Você cozinha, Poe levanta ferro. Eu chuto o pobre do traseiro de Poe no Scrabble.

– Ei.

– Eu deveria ter dito um belo e torneado traseiro. Eddie tem Joe; Max faz planos e cálculos.

– Planos e cálculos? – repetiu Lana.

– Sobre o que fazer, quando e como. O próximo passo, o que é necessário. É por isso que ele está no comando. É por isso que estamos felizes que ele esteja no comando. Shaun... Eu sei que ele errou, mas ele está meio confuso com a morte dos pais e não quer demonstrar. Está com medo. Ele lê, monta quebra-cabeças e faz piadas porque não pode jogar videogame. Se pudesse...

– O quê?

– Eu sei que não é essencial nem prático, mas é terapêutico. – Kim sorriu. – Como o Scrabble. Se Shaun pudesse ter uma hora por dia para jogar Xbox, poderíamos economizar combustível em alguma outra coisa. Se você pudesse conversar com o Max...

Lana levantou a mão para interromper Kim. Não podia nem deveria ser só sacrifício, pensou. Era preciso haver vida, também.

– Não temos que consultar Max para tudo, mas vou dizer a ele que eu acho que é um bom uso de energia.

– Beleza. Ótimo. Só para concluir: todos nós damos nosso jeito, mas Eric e Allegra estão agindo, na maior parte do tempo, como se estivessem numa festa e meio entediados, com a festa e com a gente. Então eles bebem, transam, ignoram as tarefas, transam mais.

– Eles têm feito isso?

– Transar? – indagou Poe. – De dar inveja aos coelhos.

– Não, ignorar as tarefas.

– Olhe, eu não sou dedo-duro – disse Kim.

– Fale por você – retrucou Poe, cutucando Kim com o dedo. – Sim, quase tudo. Um de nós acaba fazendo as coisas por eles, para não se aborrecer.

– A festa acabou – anunciou Lana. – Todo mundo faz a sua parte, todo mundo segue as regras. E ninguém vai me fazer sentir como se eu fosse uma babá.

Allegra voltou, os olhos úmidos, o rosto corado de vergonha. Colocou sobre o balcão sacos abertos de batatas fritas, biscoitos, alguns refrigerantes e uma garrafa de vinho.

– Pode conferir nosso quarto. Eu juro que isso é tudo, mas pode conferir.

Lana não falou nada, apenas começou a anotar os itens na lista de inventário.

– Eu sei que foi estúpido e egoísta de nossa parte. Foi infantil. Mil desculpas. Estou com medo. Eu sei que reclamo de estar entediada. Não sei como posso estar entediada e assustada ao mesmo tempo, mas estou.

– Todos nós estamos com medo. – O tom na voz de Kim não oferecia muita benevolência. – A gente se livra do tédio fazendo alguma atividade.

– É mais fácil para você. É, sim! Você é mais forte, mais inteligente ou apenas mais capaz. Estou tentando. Eu juro, estou tentando. Mas é difícil, entendeu?

Ela pressionou os olhos com os dedos e limpou as poucas lágrimas.

– Acho que estou apaixonada pelo Eric, mas ele também me assusta. Ele assusta a si mesmo. O que está acontecendo com ele... é demais. É demais e muito assustador. Vocês não conseguem compreender isso?

Lana pensou no incidente da ponte, em Nova York; lembrou-se daquele surto de poder e abrandou um pouco.

– Eu compreendo. Max e eu podemos ajudar o Eric.

– Eu sei. – Allegra virou-se para Lana, encarando-a como se ela tivesse todas as respostas. – Eric sabe disso. Ele... Tudo bem, ele tem um pouco de ciúme e ressentimento em relação ao Max, mas ele está tentando. E, honestamente, juro, eu o estou ajudando também. Eu o faço rir ou pensar em outra coisa ou apenas deixo que ele desabafe. É só que, às vezes, é

demais para mim, sabe? E juro que estou fazendo de tudo para manter o Eric, bem, controlado. Eu sei que pegar a comida foi errado, mas isso o distraiu. E foi divertido. Tenho vergonha de admitir, mas foi divertido e me distraiu também. É muita coisa para lidar, é tudo tão intenso, e eu nunca tive que lidar com... Tudo que aconteceu, estar aqui, nos isolarmos dessa maneira, o que está ocorrendo com o Eric, como eu me sinto sobre isso. Tudo. Eu só estou com medo, e estou tentando.

Allegra sufocou um soluço, cobriu o rosto com as mãos.

– Não me odeiem. Talvez eu simplesmente não seja uma boa pessoa, talvez eu não saiba fazer as coisas como vocês todos, mas estou tentando.

– Está bem. – Lana se aproximou dela. – Não tem problema. Só que todos nós tentamos juntos. E ninguém odeia você.

Soluçando, Allegra abraçou Lana com força.

– Você me irrita – disse Kim. Dessa vez, ela deu de ombros, mas manteve a voz calma. – Mas eu não a odeio. Não muito.

Com uma risada lacrimejante, Allegra soltou Lana e expirou.

– Obrigada, do fundo do coração. Eu só vou subir, me recompor, depois desço e faço alguma coisa, como Kim falou. Vou fazer alguma coisa.

Quando Allegra saiu, Lana voltou para a bancada da cozinha.

– É difícil – disse ela. – Tudo isso é muito difícil. Acho que precisamos dar uma segunda chance uns aos outros de vez em quando.

– Pedidos de desculpas são importantes – acrescentou Poe. – E acho que eu realmente não pensei sobre como deve ser possuir todo aquele poder e tal. Você deve saber mais sobre isso.

– É muita coisa para processar. Tanto para nós, que possuímos algum poder, quanto para os outros.

Eric entrou correndo com uma braçada de madeira.

– São eles. Estão chegando, eu ouvi. E parece que conseguiram o caminhão. O barulho não é só de um carro.

– Graças a Deus! – exclamou Lana, pegando um casaco e saindo às pressas.

Eddie dirigia o SUV, tentando compactar mais a neve do caminho, para dar melhor tração a Max, no caminhão. Haviam pegado alguns sacos de areia no local onde encontraram o propano e os colocados sobre a bagageira do SUV para derramá-la – com uma mãozinha da magia de Max – ao longo da estrada.

Mas não foi um trajeto fácil.

Eddie sabia que Max o empurrava – com sua Arte –, mas mesmo assim o caminhão resistia. Quando a inclinação aumentou, ele começou a ranger os dentes como se estivesse empurrando o veículo fisicamente. O suor descia por suas têmporas e nuca.

– Vamos lá, Max, vamos.

Quando alcançou o topo do aclive, a casa surgiu em seu campo de visão. Sentiu um clarão de esperança quando viu Lana vir correndo lá de dentro. Alguns dos outros saíram também.

– Vamos conseguir. – Então, pelo retrovisor, viu o caminhão escorregar alguns metros. – Merda!

Lana buscou seu poder, imaginou-o como um gancho e uma corrente agarrando o caminhão, puxando-o colina acima. Seu coração martelava como se estivesse em um violento e cruel cabo de guerra, até sentir a corrente ser apertada com força e começar a puxar.

– Ajude – pediu ela a Eric. – Você pode ajudar.

– Estou tentando. – O rosto dele ficou branco, os olhos escuros. – É pesado pra cacete.

– Puxe mais forte. Força!

Mais 1 centímetro, mais outro, então Lana sentiu, finalmente sentiu, o poder de Max unir-se ao dela. Concentrou tudo o que tinha no caminhão azul-bebê equipado com um grande tanque branco, que trazia o homem que ela amava.

– Ele vai conseguir! Falta pouco.

Poe foi correndo até lá, escorregando e deslizando pelo acesso que tinham cavado na neve.

– Não solte ainda – disse Lana a Eric. – Não o solte.

– Conseguimos. – Eric apertou seu ombro. – Olhe, olhe, ele está chegando, está no gerador.

Quando viu que Max estava bem, ela relaxou e foi correndo até ele.

Eric olhou para trás, viu Allegra na casa e mandou um beijo. Acenou com entusiasmo para Shaun, à janela de seu quarto.

Lana pulou para os braços de Max.

– Você conseguiu!

– Foi por pouco. – Com a respiração ofegante pelo esforço, ele descansou a testa sobre a dela. – O seu toque ajudou.

– Cara, trazer aquele monstro até aqui não deve ter sido moleza – comentou Poe, dando um soquinho no ombro de Max e fingindo um soco no de Eddie. Quando viu tudo que traziam no SUV, ele ficou boquiaberto. – O que é isso? Encontraram um Sam's Club?

– Uma mercearia.

– E eles tinham tudo isso?

– É uma longa história – respondeu Eddie, limpando o rosto suado. – Agora temos que descobrir como levar o gás do caminhão para dentro do gerador.

– Max vai dar um jeito. – Eric deu um sorriso de desculpas para o irmão. – Afinal, ele trouxe o caminhão. Desculpe, mano. Muitas, muitas desculpas.

– Depois falamos sobre isso. – Max colocou a mão no ombro de Eric e deu um aperto de camaradagem. – E, sim, vamos descobrir como abastecer o gerador.

– Eu sei como se faz.

Shaun perdeu o equilíbrio no acesso escavado na neve e caiu sentado no chão. Os óculos quicaram em seu nariz.

Poe foi até ele, pegou seu braço e o ajudou a se levantar.

– Como um bom nerd.

Apesar do traseiro molhado, Shaun conseguiu sorrir.

– Pois é, eu ficava olhando quando o cara do gás vinha abastecer. Gosto de ver como as coisas funcionam.

– Então mostre como se faz. – Eddie se afastou, enquanto Joe cheirava loucamente suas botas e calças. – Vou pegar os suprimentos e levar para dentro. Lana, por que não vem comigo? Venha dar uma olhada no que trouxemos.

Ela percebeu o revirar de olhos exagerado, deu mais um abraço em Max e entrou no veículo.

– Vocês encontraram a nascente principal de suprimentos.

– Pior que foi mesmo. Havia uma farmácia também. Coloquei na minha mochila o que você pediu, sem que Max visse. Para ele não fazer perguntas.

– Obrigada, Eddie.

– Só vou desejar boa sorte, porque não sei o que você prefere que dê no resultado. Está no bolso da frente.

– Vou levar sua mochila para o meu quarto, temos que descarregar primeiro. Preciso fazer o inventário, manter um controle. Depois disso eu subo.

– Vá logo agora, enquanto estão todo aqui embaixo. Não demora muito, certo? Teve uma garota, uma vez, que pensou que podia estar... Não estava, ufa!, mas eu lembro que não demora muito. Pode deixar. Vou dizer que você subiu para vestir umas meias, porque molhou os sapatos aqui fora.

– Boa. Muito boa ideia.

Ela jogou a mochila no ombro, desceu do carro, foi até a traseira e pegou um pacote para levar para dentro.

– Eu tinha tirado minhas botas, por isso não vim logo – justificou-se Allegra, carregando uma das caixas para levar para dentro. – Tive que calçá-las de volta.

– Isso aí está muito pesado. É melhor você pegar uma daquelas sacolas – instruiu Eddie. – Você também, Lana. E tire esses sapatos molhados, vá esquentar os pés. Não queremos ninguém doente aqui.

– Tem razão. Vão guardando as coisas por categorias: enlatados, secos etc. Eu volto já.

Ela subiu correndo, fechou a porta. Disparou para o banheiro e trancou a porta. Já sabia o resultado, mas queria ter certeza, precisava disso.

Sabia até quando tinha acontecido, pensava enquanto abria a caixa do teste e seguia as instruções. Na noite em que voltara do trabalho e beberam vinho. Na noite, antes que tudo enlouquecesse, quando fizeram amor intenso e maravilhoso. Depois disso, sentira o brilho se espalhar, aquela centelha, aquela explosão absurda e fantástica em seu corpo.

Vida, entendia agora. Luz.

Promessa e potencial.

Colocou a tira na cômoda, tirou os sapatos molhados, as meias, as calças jeans molhadas até os joelhos.

Ofegou quando a tira brilhou, cintilou.

Pegou-a, ergueu-a, viu o flash brilhante do sinal de positivo.

O que ela sentiu? Medo, sim, medo – tantas mortes, tanta violência, tantas coisas desconhecidas... Dúvida, também. Seria forte o suficiente, seria capaz? E choque, mesmo já sabendo.

E, acima de tudo isso, por baixo de tudo isso, no meio de tudo isso, o que ela sentiu?

Alegria. Depois de tanto sofrimento, sentia alegria.

Com o sinal cintilante em uma das mãos, ela levou a outra à barriga, àquilo que ela e o homem que amava haviam plantado em seu ventre.

E quanta alegria sentiu.

CAPÍTULO 15

Também viu alegria quando contou a Max.

Esperou. Organizar e anotar os suprimentos era o primeiro item na lista de prioridades. E, para se manter ciente do que possuíam, tinha que terminar de preparar o jantar. Quando tinha em mãos tudo de que precisava, aproveitou a oportunidades para ensinar Poe – o mais interessado – a fazer a massa básica de pão.

Durante todo esse tempo, guardou para si o segredo.

Não contou a Eddie de imediato, mas, quando ele chamou sua atenção com uma pergunta nos olhos, ela sorriu e deu um tapinha na barriga. E recebeu de volta um sorriso largo e bobo.

Um dia feliz, pensou, enquanto Poe colocava os pães no forno. Um dia especial.

Enquanto Lana celebrava a notícia dentro de si, Max sentou-se com Eric em frente à lareira, na sala de estar, e dividiram uma das cervejas que Eddie pegara no depósito de bebidas.

– Vou encontrar uma maneira de reparar meus erros com todo mundo. Estou me sentindo um lixo. Sei que isso não é suficiente, então vou fazer algo para me redimir.

Embora a raiva da manhã tivesse passado, a decepção permanecia, mas Max viu no irmão tanto constrangimento quanto culpa.

Então se lembrou de que Eric era jovem e tinha sido mimado pelos pais, pois fora uma surpresa na vida deles, em um momento em que já não esperavam uma segunda gravidez.

– Espero mesmo que você faça isso, mas a questão mais importante é o poder que está crescendo dentro de você, como você lida, o que faz com ele. É algo novo, e é excitante.

– Sim. É só que... Nossa, é bizarro. Talvez eu meio que sentisse certa inveja por você ter algo que eu não tinha. Agora que também tenho, eu me deixei levar. Sei disso.

– Não é nenhuma surpresa. Mesmo porque você nunca estudou a Arte, seus princípios, nunca fez parte de um grupo ou de uma irmandade.

– Eu não tinha nenhum poder antes.

– Você não sabia que tinha – corrigiu Max. – Isso deve ter sempre existido dentro de você. Eu preciso que você entenda, Eric. – Ele se inclinou para a frente, determinado a deixar clara a energia, a importância daquilo. – Essa excitação, essa euforia, é natural, principalmente porque o seu poder se manifestou muito de repente. Mas esse dom exige extremo respeito e responsabilidade. E prática. O mantra dos bruxos, “sem fazer mal a ninguém”, é mais do que uma filosofia. É o fundamento.

– Entendo. – A empolgação foi ultrapassando a vergonha. – Eu entendo, Max, de verdade.

Com a maior parte de seus receios aliviados, Max assentiu.

– É tudo muito novo para você, sei disso. Você precisa de orientação, e Lana e eu estamos aqui para ajudá-lo. Nenhum de nós tem como saber até onde vão nossos poderes, e precisamos ter certeza absoluta de que os controlamos. Não são eles que nos controlam.

– É adrenalina pura. Você tem que admitir. – Eric apontou para a lareira, fazendo as chamas saltarem. – Tipo... uau.

– É adrenalina pura – concordou Max –, mas, se você não estudar, praticar e controlar, o fogo pode sair do controle. Destruir um edifício, queimar pessoas.

– Meu Deus, agora virei um incendiário. – Eric revirou os olhos, tomou um longo gole de cerveja. – Me dê algum crédito.

– Não é preciso ter a intenção para fazer mal. O que eu tinha antes era pequeno e maravilhoso. O que cresceu desde então, é aí que está a adrenalina. Mas eu levei anos para construir essa base, para estudar e

praticar. E, ainda assim, há muito mais para saber, para aprender. Por que, com tanta escuridão, tanta luz floresceu? Ou seria essa a própria razão?

– Estamos preenchendo um vácuo. – Ao dizer isso, Eric se inclinou para a frente, a ânsia transparecendo em seu rosto. – Tenho pensado nisso. Cara, não tem muito que fazer por aqui, então passei um bom tempo pensando nisso. Pessoas como nós estão se libertando porque o vírus levou embora todo o ruído, a mentalidade resistente, a massa.

– Essa massa eram pessoas. Eu não acredito, me recuso a acreditar que algo que é uma celebração de luz, amor e vida tenha florescido a partir de morte e sofrimento.

– É uma teoria. – Eric deu de ombros. – Não causamos o vírus. Não causamos o mal, a morte. Pense nisso como se o poder tivesse perfurado alguma membrana.

– Eu pensei nisso também – disse Max, secamente. – Penso nisso como uma espécie de equilíbrio. Ou nos deram mais ou o que já possuíamos emergiu para que possamos equilibrar a escuridão e a morte. Ajudar a reconstruir, ajudar a reestruturar um mundo com mais luz. Mais bondade, mais tolerância.

– É quase a mesma coisa.

– Com prática e estudo, acho que você vai perceber a diferença.

Quando se recostou de novo na cadeira, Eric parecia emburrado.

– Quer dizer que agora eu vou à escola e você vai ser meu professor?

– É uma maneira de começar a se redimir com todos pelo que você fez.

Eric teve que sorrir, até brindou com Max.

– Aí você me pegou. Está certo. Quando começamos?

– Acabamos de começar.

Com um aceno de cabeça, Eric encarou a garrafa de cerveja.

– Eu não levantei este assunto antes porque... Me diga: você acha que mamãe e papai estão vivos?

– Espero que sim. Espero que estejam bem e em um lugar seguro.

– Talvez eles sejam como nós. É possível.

– É possível. – Max nunca vira o menor sinal em nenhum dos dois. Mas também não vira nada em Eric. – O que eu sei é que você é meu

irmão. Você é minha família, e estamos juntos nessa.

– Fui um babaca com você hoje de manhã.

– Já passou. Começamos aqui. – Aproximando-se, Max colocou a mão sobre a de Eric.

– Está bem.

Lana esperou até Max se recostar na cadeira. Ouvir Eric perguntar sobre os pais a ajudou a dissolver um pouco do ressentimento que ela ainda sentia. Além disso, ele era tio de seu filho. Laços de sangue.

– Alguém está com fome?

Eric se levantou depressa.

– Eu posso arrumar a mesa.

– Kim já arrumou, mas você pode lavar a louça.

– Fechado. Eu sinto muito, Lana.

– Eu sei. Por que não vai chamar Allegra para jantar? Comer juntos, como um grupo, uma família, pode aliviar o clima.

– Tem razão. Temos que agir como uma equipe, cooperar. Vou chamar Allegra.

Max se levantou quando Eric saiu.

– Você ainda está um pouco chateada com ele, e não posso culpá-la.

– Não tanto quanto antes. Vou superar, especialmente se ele não fizer nada parecido de novo.

– Vamos garantir que não faça. Ele precisa de orientação, e está disposto a aceitá-la.

– Ótimo. Sei perfeitamente que ele não poderia ter um mentor melhor do que você.

– Ele vai ficar irritado e ressentido, eu vou ficar impaciente, mas... – Max foi até ela. – É assim mesmo. Você parece feliz.

– Eu estou. – *Imensamente feliz*, pensou ela, quando se inclinou para ele, *e um pouco apavorada*. – E vou ficar ainda mais se pudermos ter um tempo a sós depois do jantar.

– Eu sinto falta de um tempo só para nós dois. Podemos caminhar um pouco lá fora.

– Eu estava pensando mais numa noite a sós, no nosso quarto.

– Ah, é?

Ele a beijou na testa, no rosto, na boca.

– Sim. Vamos lá para cima depois do jantar, Max, fechar a porta e nos desligarmos de tudo que não seja nós dois.

– Então vamos logo jantar. – Ele a puxou para si e demorou-se no beijo seguinte. – Depressa.

O ambiente durante o jantar estava bem diferente da manhã. Ainda que o passado não estivesse totalmente esquecido, o grupo parecia se encaminhar para isso. Talvez uma boa refeição, o orgulho de Poe pelo pão fresco que preparara e a fartura de suprimentos pudessem apagar aquela montanha de ressentimentos. E Eric, por certo, se esforçou bastante.

Ele brincou com Shaun até o rosto sombrio do colega se iluminar, conversou com Poe sobre cortar lenha, desafiou o grupo para um torneio de jogo de tabuleiro.

– O jantar estava ótimo – elogiou ele. – Obrigado. E parabéns pelo pão, Poe. A louça é comigo. Kim pode criar as regras e os termos para o torneio, já que ela é a mais esperta de todos.

– Enquanto isso, Joe e eu podemos dar um passeio. Vamos lá, amigão.

Eddie bateu na coxa quando se levantou. Joe rolou no chão e saiu de debaixo da mesa.

– Lana e eu vamos ter que recusar a noite de jogos. – Max pegou a mão dela ao se levantar. – Tenho um plano de curso para elaborar.

– Ah, qual é! – queixou-se Eric, mas soltando uma risada.

– As coisas estão bem – comentou Lana com Max, olhando de relance para trás enquanto subia a escada. – Parece que todos já superamos o problema. Talvez estivéssemos precisando de uma explosão para limpar o ar, produzir unidade.

– Eles são jovens.

– E nós somos muito velhos.

Ele riu.

– *Mais* jovens. Vai ser bom para eles, ter uma noite para sacanear uns aos outros, jogar, falar umas besteiras.

Ele a puxou para o quarto, para seus braços.

– E para nós vai ser bom isto aqui – acrescentou ele, com um beijo.
– Tenho algumas coisas para lhe contar.
– Temos a noite inteira para conversar. Senti sua falta, Lana. – Ele tirou os grampos que ela usava para prender os cabelos enquanto cozinhava. – Senti falta de fechar o mundo lá fora e ficarmos a sós.

Isso primeiro, então, pensou ela. *Sim, isso primeiro*. O mundo lá fora, restando entre eles apenas o amor.

Ele acendeu o fogo; ela, as velas. E o brilho da magia juntou-se ao amor.

A alguns passos de distância da cama, ela arrancou o edredom com um gesto, fazendo-o rir.

– Uma coisinha que eu vinha praticando.

– Estou vendo. Bem, para não ser humilhado...

Ele ergueu as mãos, fazendo as roupas dela deslizarem até o chão.

Encantada, ela olhou para o próprio corpo.

– Isso não é adequado para um bruxo sério e respeitável.

– É adequado para um homem que deseja a mulher. Minha linda Lana. Não tenho tido tempo para apenas ficar olhando para você.

– Vamos fazer isso agora – disse ela, abrindo os braços.

Sim, isso mesmo, pensou ela. Dessa vez, com as mãos um no outro, as bocas unidas. Ela tirou o suéter dele para sentir seu corpo, agora mais magro do que antes, mais firme. *Muito estresse*, pensou. *Muito trabalho e preocupação*.

Ela lhe daria mais do que isso naquela noite. Muito mais.

Lana se deliciou com a maneira como ele a segurou, a envolveu em seus braços enquanto permaneciam deitados nos lençóis frios. Ele levou a mão dela ao coração, depois aos lábios. Ela o puxou para si, fez seus lábios se encontrarem. Abençoada, pensou Lana, ela fora abençoada por ser tão amada, por ter tanto amor dentro de si.

As mãos de Max, agora mais ásperas, percorreram seu corpo. Ele sabia, sabia onde ela ansiava ser tocada, sabia os movimentos certos para acelerar as batidas de seu coração. Sabia onde lambe para fazer seu sangue nadar sob a pele.

Entorpecida de amor, ela se entregou. Tonta de desejo, mudou de posição para cobrir de beijos o peito dele. Sentia o coração de Max batendo, tão forte, tão vivo. O dela galopava no mesmo ritmo que o dele.

Ela se abriu, o recebeu, o manteve dentro de si.

– Assim – sussurrou. – Fique só assim por um momento.

Nenhum movimento, nenhuma urgência. Apenas juntos, como se fossem um só. Apenas um momento de ter os olhos dele, aquela bruma abundante, presos aos dela.

Então ela arqueou o corpo e se levantou sobre o dele. Subiu e desceu com ele, e permitiu que aquele momento e o seguinte, e o seguinte, e o seguinte levassem os dois embora.

Ela se lembrou daquela noite algumas semanas antes, a uma vida de distância, quando se entrelaçaram como agora, plenos. Quando a luz dentro dela fora acesa.

Com o fogo em ebulição, as velas piscando, ela passou os dedos pelos cabelos do amado. Um pouco desgrehados, pensou, com um sorriso, devido à sua tentativa amadora de apará-los. Passou os dedos no rosto dele – áspero, com a barba por fazer havia vários dias.

Tantas mudanças, pensou, pequenas e gigantescas para ambos.

E a maior, ela ainda estava para revelar.

– Max.

Ela rolou de lado para se sentar e percebeu que ele não estava apenas saciado, mas semiadormecido. O dia, cheio de estresse, desgaste, tensão emocional, física e mágica, o deixara exausto.

Ela considerou esperar até de manhã, mas então decidiu que não, agora, antes de apagar as velas. Agora, enquanto o ato de amor ainda dançava no ar.

– Max – repetiu. – Eu preciso lhe contar uma coisa. É importante.

– Humm.

– Muito importante.

Ele abriu os olhos imediatamente. Sentou-se na cama.

– O que houve? Aconteceu algum problema enquanto estive fora hoje?

– Não tem problema nenhum. – Ela pegou a mão dele e, olhando no fundo de seus olhos, levou-a à sua barriga. – Max, a gente vai ter um filho.

– Um fi...

Ela enxergou com clareza todas as camadas: confusão, surpresa, cautela.

– Tem certeza?

Lana se levantou sem dizer nada, foi até a cômoda, pegou o teste de gravidez, que escondera. Brilhava na mão dela. E na dele, quando ela o entregou.

– É o que fizemos juntos. Você. Eu.

Ele a encarou, e foi quando ela viu aquilo pelo que mais ansiava. A alegria.

– Lana!

Max a puxou para si, pressionando o rosto entre os seios dela, inspirando-a, inalando o milagre do momento.

– Um filho. Nosso filho. Você está bem? Tem sentido enjoos? Você...?

– Me sinto mais forte do que nunca. Estou carregando o que fizemos juntos. Nosso amor, nossa luz, nossa magia. E você está feliz.

– Não tenho palavras. Eu trabalho com as palavras, mas não tenho nenhuma para expressar o que sinto. – Ele colocou uma mão protetora sobre a barriga de Lana. – Nosso.

– Nosso – repetiu ela, pressionando a mão dele. – Quero manter isto apenas entre nós, por enquanto. Não quero contar aos outros. Quer dizer, Eddie sabe. Eu não queria falar com você enquanto não tivesse certeza, por isso pedi a ele que me trouxesse um teste de farmácia. Mas não quero contar a mais ninguém.

– Por quê? É fabuloso. É maravilhoso.

– Nosso – disse ela novamente. – Como esta noite. Só nossa. Talvez, em parte, seja mera superstição. Acho que dizem que é melhor não contar a ninguém até completar um trimestre. E isso é tudo o que sei sobre estar grávida. Meu Deus.

Ela se sentou ao lado dele, mas logo se levantou.

– E nada de álcool. Isso está fora de cogitação. Deve ser por isso que estranhei o cheiro do vinho que Allegra me deu. Enfim. Meu Deus! E eu nem posso procurar no Google o que devo fazer ou não, o que esperar. Essa parte me deixa nervosa, não saber nada. E talvez eu esteja sendo egoísta e supersticiosa por não querer que saibam.

– Então não vamos contar a ninguém enquanto você não estiver pronta. E vamos descobrir... o que for preciso.

– Como?

– Vamos encontrar um livro. Deve haver uma biblioteca ou uma livraria em algum lugar. Enquanto isso, usaremos o bom senso. Descanse quando precisar descansar, alimente-se bem.

– Acho que eu precisaria tomar algumas vitaminas especiais.

– Talvez a gente consiga achar isso também. Mas as mulheres passaram milênios tendo filhos sem isso.

Com um princípio de risada, ela lhe lançou um olhar de repreensão.

– É fácil para você dizer isso.

– É, tem razão. – Ele pegou a mão dela. – Vou cuidar de vocês, juro. Era para ser, Lana. Do jeito que aconteceu, sendo que tomamos todas as precauções... E justo agora. Este sinal – acrescentou ele, olhando para o brilho. – Esta criança era para ser. Vamos aprender o que precisa ser feito para trazê-la ao mundo, e para tornar o mundo um lugar seguro para ela.

Ela se sentou ao lado dele novamente.

– Você sempre sabe como me manter calma, me transmitir confiança. Eu acredito em você. Era para ser. Vamos encontrar uma maneira.

Ele virou o rosto dela e a beijou.

– Eu te amo. Já amo vocês dois.

– Ah, Max... eu sinto o mesmo.

Ele pegou as mãos dela.

– Eu ofereço a você tudo o que sou, tudo o que tenho ou terei. Vou proteger, defender e amar você com todas as forças do meu ser. Seja minha parceira, minha esposa, minha companheira, a partir deste momento.

O coração de Lana cresceu.

– Eu serei. Sou. Ofereço a você tudo o que sou, tudo o que tenho ou terei. Vou proteger, defender e amar você com todas as forças do meu ser. Seja meu parceiro, meu marido, meu companheiro, a partir deste momento.

– Eu serei. Sou.

Max beijou suas mãos unidas e selou a promessa colando seus lábios aos dela.

– Isso é tudo de que precisamos, mas eu quero lhe dar um anel. Quero esse símbolo para nós.

– Nós dois – disse ela. – O círculo, o símbolo.

– Para nós dois. – Eles se deitaram novamente, um de frente para o outro, e Max acariciou-a. – Não perguntei: com quanto tempo você está?

– Quase sete semanas.

Ela viu a compreensão atravessar os olhos de Max.

– É claro. Era para ser – murmurou ele, abraçando esposa e filho.

A atmosfera na casa se manteve excelente, um exemplo de cooperação, por duas semanas completas.

Max conhecia a si mesmo e a seu irmão. Como já imaginava, eles entraram em conflito mais de uma vez durante a prática e o estudo. Mas estavam fazendo progressos, segundo Max relatou a Lana.

Discussões aconteciam, mas em níveis normais, com altos e baixos, como era de esperar com qualquer grupo vivendo em isolamento.

No início de março, uma elevação na temperatura derreteu um pouco da neve. Apesar de tudo bastante molhado e escorregadio, o sinal de que a primavera voltaria algum dia atraía a todos para caminhadas mais longas.

Poe encontrou um arco de caça e agora passava uma hora praticando todos os dias. Muitas vezes, Lana o observava pela janela da cozinha, vendo-o atirar flechas em um alvo que desenhara em um quadrado de compensado.

Ele estava melhorando. Para alívio de Lana, ainda não havia apontado nenhuma flecha para os cervos que vagueavam livremente pela floresta.

Shaun e Eddie pescavam e jogavam Xbox juntos.

Poe foi até a cidade com Max e informou que o Menino-Lobo – como se referia a Flynn – continuava não interessado em se juntar ao grupo.

Sem que ninguém visse, Max deu a Lana algumas vitaminas pré-natais que encontrou na farmácia.

Quando entrou na nona semana de gravidez, Lana se sentia saudável e forte. Cozinha, juntava-se a atividades com Max e Eric, fazia longos passeios com Max ou com Eddie e Joe, e participava (geralmente perdendo) da noite de jogos, que passou a acontecer três vezes na semana.

Ela sabia que Max se debruçava sobre mapas e rotas, procurando a melhor direção para tomarem na primavera. Embora tivesse começado a se adaptar ao local e estivesse até mesmo satisfeita naquele novo e estranho lar, ela entendia seu raciocínio.

Eles precisavam encontrar mais pessoas, um local que pudessem defender, em vez de uma casa com apenas uma estrada para entrar ou sair. Além disso, mesmo com o que acharam na pequena aldeia, os suprimentos não durariam para sempre.

– Por que esperar? – perguntou Allegra, durante uma discussão em grupo. – Por que não ir logo agora?

– Porque temos abrigo e suprimentos. Temos aquecimento e luz – lembrou Max. – Não queremos sair em viagem sem isso e nos arriscar a sermos atingidos por uma nevasca. Mais um mês e esse perigo já não existirá mais.

– Mais um mês. – Allegra pousou a cabeça entre as mãos e a sacudiu. – Eu sei que estou sendo chata, mas que saco! Já estamos aqui há *séculos*. Não vimos mais ninguém, a não ser aquele garoto estranho que vocês encontraram. Se o objetivo é entrar em contato com mais gente, somos um fracasso total.

– E se encontrarmos o tipo errado de pessoas? – indagou Kim. – Quando não estivermos preparados?

– Ok, eu sei que as coisas estavam loucas lá na faculdade, e até mesmo durante a viagem até aqui. Mas isso já faz semanas. Não sabemos de nada, é bem capaz de tudo estar voltando ao normal. Já devem ter encontrado

uma vacina a essa altura. E não sabemos de nada porque estamos no meio do nada.

– Nisso ela tem razão – comentou Eric.

– Sim, estamos presos nesta caixa e não sabemos o que há fora dela – argumentou Shaun, parecendo desconfortável –, mas Max está certo sobre a neve, que cai de março até o início de abril. A temperatura subiu um pouco e nos deixou impacientes de novo, mas daqui a pouco vai voltar a cair.

– Desde quando você é meteorologista? – retrucou Allegra.

Ele ficou um pouco ruborizado, mas se manteve firme em seu posicionamento. A amizade com Eddie havia desenvolvido nele uma boa dose de autoconfiança, refletiu Lana.

– Eu passei muito mais tempo nesta casa do que você. Mais do que qualquer um de vocês. Tivemos muita sorte de chegar aqui. É melhor esperarmos até abril, para termos maiores chances de sair da caixa sem ficarmos presos ou congelados, e descobrir o que está acontecendo lá fora.

– Diga a eles o que você me contou – pediu Poe a Kim. – Por favor – insistiu ele, quando a garota apenas o encarou. – Precisamos pensar nisso também.

– Está bem, seu estraga-prazeres. – Ela se ajeitou na cadeira e tamborilou na mesa com os dedos. – Em fevereiro, vimos na TV... Eddie também viu... um noticiário de Nova York. Segundo eles, não havia nenhum progresso em relação à vacina, o governo estava em frangalhos e havia mais de dois bilhões de mortos.

– Não sabemos se tudo isso é verdade – objetou Allegra. – Ou alguma parte disso.

– Evidências empíricas sustentam essas informações. O que vimos com os nossos próprios olhos. Você pode tentar ser otimista, torcer para que tenha havido progresso em relação à vacina a partir daquele ponto, imaginar que descobriram uma cura uma semana depois. Mesmo assim, a vacina deveria ter sido produzida em grandes quantidades e ainda distribuída, sendo que o sistema de transporte também estava precário. Mas, mantendo o otimismo, digamos que a vacina tenha sido criada,

produzida e distribuída. Isso leva tempo – observou Kim. – As pessoas estavam caindo mortas feito moscas. Será que essa vacina imuniza ou cura? Será que curaria quem já estava morrendo? Considerando a rapidez com que os infectados e os não imunizados morriam, poderíamos estimar, realisticamente, mais um bilhão de mortes. Então poderíamos estimar, realisticamente, que quase metade da população mundial foi dizimada. E isso se formos otimistas.

– Agora a versão pessimista – pediu Poe.

– Nenhuma vacina foi descoberta. Tomando como referência o nosso próprio campus, poderíamos ter uma taxa de mortalidade de setenta por cento, que são cerca de cinco bilhões de pessoas.

– Eu me recuso a acreditar nisso. – A voz de Allegra demonstrava hesitação, e ela buscou a mão de Eric. – Não acredito nisso.

– Vejamos o meio-termo entre otimista e pessimista. – Kim fez uma pausa, mas Poe acenou para que seguisse em frente. – Mesmo se assumirmos essa visão, vai estar uma bagunça dos infernos lá fora. Corpos não enterrados de forma adequada espalharão outras doenças. Pânico e imbecis violentos causarão mais mortes. O desespero levará a suicídios. Some a isso falta de infraestrutura, comida estragada, falta de energia elétrica e queda dos sistemas de comunicação. Alguns meses presos aqui vai parecer o paraíso.

– E qual é a solução que você propõe? – Eric exigiu saber. – Ficar aqui para sempre?

– Não, não podemos fazer isso. Não teremos combustível suficiente para passar outro inverno. Não temos defesas suficientes, caso alguém queira levar o que temos. E precisamos ter notícias do mundo exterior – acrescentou Kim. – Precisamos de pessoas, e é melhor torcer para que alguns dos sobreviventes sejam médicos, cientistas, engenheiros, carpinteiros, soldados, agricultores. É melhor torcer para que as pessoas ainda queiram se reproduzir. Precisamos formar comunidades, abrigos seguros.

Kim fez uma pausa.

– Sabe quantas armas deve haver apenas neste estado? – prosseguiu ela. – Não seremos os únicos armados. Meu Deus, pensem nas armas nucleares, nas armas biológicas que algum maluco pode pegar. Por isso, temos que sair, sim, tentar reconstruir a sociedade antes que outra pessoa faça tudo ir pelos ares.

– Eu... – Allegra pressionou as têmporas. – Estou com dor de cabeça. Posso...?

Lana se levantou e foi até seu estoque de medicamentos.

– Numa escala de um a dez? – perguntou.

– Oito. Talvez nove.

– Tome dois.

Lana lhe entregou dois comprimidos de Advil.

– Obrigada. – Allegra os engoliu com água. – Eu não estou me sentindo muito bem. Vou me deitar.

– Desculpe – disse Kim, mas Allegra balançou a cabeça.

– Não. – E balançou a cabeça novamente. – Não.

– Você acha mesmo que é tão ruim assim? – perguntou Eric.

– Acho que precisamos estar preparados para isso.

– Deus do céu! – Ele fechou os olhos e suspirou com força. – Vou ver se ela está bem. – Ele começou a subir a escada, fez uma pausa e olhou para Max. – E as pessoas como nós?

– São boas e más, como qualquer um.

– Entendi.

Eddie permaneceu sentado, acariciando a cabeça de Joe.

– Quando partirmos, acho que podíamos pensar em ir para o sul, em direção a Kentucky, para começar. É um estado que conheço. Como Poe disse uma vez, precisamos encontrar um lugar onde dê para caçar, pescar, plantar alguma coisa.

– Somos bons na pesca – comentou Shaun.

Eddie sorriu para ele.

– Somos mesmo.

Respirando fundo, Lana perguntou a Kim:

– Você acredita na versão otimista ou na pessimista? Diga a verdade – acrescentou, quando viu Kim começando a se esquivar.

– Pessimista. Veja bem, a repórter não era nenhuma louca. Eu estava vendo esse jornal a semana inteira, antes dessa última transmissão. Ela se controlou, mesmo quando tinha uma arma apontada para a cabeça, mesmo quando aquele sujeito disparou na própria cara, ao lado dela. Ela revelou o que sabia, o que ela acreditava ser verdade e o que sentia que as pessoas precisavam saber. Os números naquele momento, o desmoronamento do governo... a Lei Marcial, tudo isso sem nenhuma vacina no horizonte... setenta por cento, talvez mais... Ora, se chegamos a tal ponto em quantidade de baixas, não importa o que veio depois, já estamos completamente ferrados.

– Muito bem. – Lana se comprometeu consigo mesma a encarar a realidade. Por seu filho. – Cada um de nós tem nossos pontos fortes. Poe está ficando muito bom com o arco.

– Todos nós precisamos treinar a usar armas – disse Max. – Todos nós temos que aprender a nos defender, a caçar, a pescar. E a cozinhar.

Lana deu um sorriso fraco.

– Estou disposta a ensinar. Aceito aulas de direção em troca.

– Eu sou boa motorista.

Poe deu um sorrisinho para Kim.

– Bem, temos um mês para aprender tudo.

– Sul, então. – Max assentiu para Eddie. – Clima mais quente, mais meses de uso da terra.

– E energia. Do vento ou da água – disse Kim. – Vamos construir uma estufa para poder plantar por ainda mais tempo. E deve haver muito gado por aí. Vamos criar vacas, galinhas, porcos.

– Vamos construir um mundo para nós? – sugeriu Eddie.

Kim deu de ombros.

– É o que temos para hoje.

Lana dormiu muito mal, perseguida por sonhos.

Corvos voando em círculos, como vira naquele círculo negro. E o clarão de algo mais, algo mais escuro, a encobrir o céu. Raios escorrendo sangue ardendo nesse poder obscuro, seguidos por trovões.

Ela corria, um braço segurando a barriga pesada, a respiração falhando, suor e sangue escorrendo. Quando não pôde mais correr, escondeu-se, agachando-se nas sombras, enquanto o que a perseguia a cercava, corria, movia-se sorratamente e se arrastava como uma cobra.

Quando a terrível noite de pesadelos terminou, ela se levantou, sentindo o coração partido chorar no peito. Resolveu caminhar, armada com uma faca e um revólver, alguém que a mulher que um dia ela fora em Nova York jamais reconheceria.

Andou por 1 quilômetro, 2, 3, com apenas um objetivo: proteger a criança que carregava dentro de si a qualquer custo.

CAPÍTULO 16

Durante duas semanas, o tempo foi dividido entre conspirações, planos, rotas, alternativas e o tipo de aprendizado no qual Lana nunca se imaginara envolvida.

Ela sequer segurara uma arma, e agora sabia disparar um revólver, uma semiautomática, um rifle e uma espingarda de cano duplo. Sua mira melhorou – ainda precisava de treino –, mas ela duvidava que algum dia conseguisse vencer a aversão visceral pelo choque que percorria seu corpo quando puxava o gatilho.

Puxá-lo disparava um míssil cujo objetivo era atravessar carne. Ela esperava, de todo o coração, jamais ter que apontar uma arma para algum ser vivo e fazer um projétil penetrar na sua carne.

Mas já não estremecia a cada vez que disparava.

Preferia ser a instrutora: demonstrar, explicar, ensinar outra pessoa a preparar uma sopa simples, a produzir uma refeição palatável combinando poucos ingredientes sem ter que pensar muito.

Lana também praticava o arco e flecha, embora, assim como todos os outros, se considerasse um fracasso retumbante nesse quesito. Aprendeu a trocar pneu e a extrair gás com um sifão, além de ter aulas diárias de direção. Era sua parte preferida do dia: uma hora ao volante com apenas Max a seu lado.

Uma hora aprendendo algo que ela realmente gostava de desenvolver, e ainda podiam conversar sobre o bebê.

As aulas eram adiadas quando a neve caía densa e rapidamente. O gelo derretia sob o céu ensolarado, voltava a se formar quando as temperaturas da noite caíam, deixando blocos escorregadios sob e sobre a neve restante. Eles espalhavam as cinzas que escavavam das lareiras para manter os acessos limpos.

Lana sentia que todos, assim como ela, ansiavam pela primavera. E temiam o desconhecido que viria com o retorno do verde.

Quando Max e Poe saíram em uma viagem de exploração, Lana decidiu fazer um inventário completo, anotando o que achava que deveriam levar quando partissem. Os inúmeros artigos de cozinha: a panela grande, a frigideira, o abridor de latas, um escorredor de macarrão, tigelas, o socador e o pilão que Max encontrara em outra casa e trouxera para ela. E suas facas, é claro.

Eles poderiam se virar com uma colher de pau, uma escumadeira e uma espátula – mas se, como planejado, conseguissem outro carro, ela levaria mais suprimentos e utensílios.

O objetivo principal, hoje, era encontrar e trazer uma caminhonete ou um SUV. Confiando que Max conseguiria, ela reservou mais itens.

Quando Kim entrou, Lana interrompeu a listagem de suprimentos médicos.

– Isso está durando bastante – disse Lana –, mas não faria mal conseguir mais quando estivermos na estrada. Posso completar a lista com itens holísticos quando chegar a primavera. Isso pelo menos é algo que eu já havia aprendido antes.

– Eu sei um pouco sobre medicina holística e chinesa. Minha mãe era grande conhecedora do assunto. – Enquanto falava, Kim foi até a janela. – Escute, eu estou realmente querendo sair, tomar um pouco de sol. Hoje está mais quente. Você topa? Não quero levar uma bronca por ignorar a regra de nunca sair desacompanhado.

– É claro. É uma boa para mim também.

– Tivemos um pouco mais de degelo, por isso está molhado lá fora, porém...

– Vou só pegar minhas botas. – Colocando o bloco sobre a mesa, Lana foi à despensa. – Você está se sentindo bem?

Kim deu de ombros e pegou suas próprias botas.

– Estou inquieta. Acho que é por saber que nosso tempo aqui está terminando. É um tédio, claro, todo dia a mesma coisa. Mas a rotina acaba se tornando confortável. Eu quero ir. Precisamos ir. Mas...

– Eu entendo. – Depois de escolher um dos casacos mais leves, Lana pegou um cachecol. – Acho que todos nós sentimos o mesmo.

– Senti esse pavor estranho pairando sobre mim a manhã inteira. Minha nuvem negra pessoal. – Kim fechou o casaco e colocou um gorro sobre os cabelos cada vez mais compridos, escuros como o ébano. – Acho que aprendi com Allegra. – Lana lhe deu uma cutucada com o cotovelo. – Não estou reclamando dela. Allegra tem colaborado e parou de reclamar, mas, meu Deus... – Ela abriu a porta depressa e inalou o ar com força assim que saíram. – É *visível* a nuvem negra acima da cabeça dela.

– Minha sensação, pelo que vi e pelo que ela mesma contou, é que ela veio de família rica. Filha única de pais ricos... e divorciados. Talvez tenha sido um pouco mimada pelos dois, como compensação.

– Sim, uma princesinha da elite. Desculpe, estou reclamando dela, e na verdade eu mal a conhecia antes de tudo isso. A gente só se falava casualmente, depois que ela e Eric começaram a namorar.

– Você e Eric...?

– O quê? Ah, não. – Ao rir, um pouco do estresse no rosto de Kim se dissipou. – Tivemos algumas aulas juntos, e ele namorou uma amiga minha por um tempo no ano passado. Eu era mais próxima do Shaun... éramos dois nerds. Foi só por acaso, um total acaso, que nós cinco escapamos juntos. Acabamos escondidos no teatro. Na sala de adereços. Poe tinha um carro e Shaun tinha esta casa, então decidimos vir para cá. Tinha mais uma pessoa conosco, minha amiga Anna. Ela não sobreviveu.

– Sinto muito. Não sabia que você tinha perdido alguém. Vocês eram próximas?

– Companheiras de quarto. Não tínhamos muito em comum, mas até que a gente se dava bem, e acabamos ficando muito unidas. Anna estudava

teatro, e foi assim que acabei na sala de adereços. Ela me arrastou para lá. Queria ficar, enfrentar a situação, mas eu a convenci de que tínhamos que sair, tínhamos que ir embora com os outros.

– Você estava certa em vir, Kim. Não poderia ter se arriscado a ficar.

– Eu sei, e eu me agarro a isso. Foi na primeira noite fora... Não tínhamos chegado muito longe, as coisas estavam enlouquecidas. Encontramos uma casa vazia. Na verdade, um barraco. Anna estava exaurida. Acho que todos nós estávamos. De manhã... encontramos o corpo.

Lana não disse nada, apenas esperou Kim se recompor, respirando fundo.

– Ela se enforcou numa árvore. Usou um lençol. E deixou um bilhete no casaco que estava usando. Dizia apenas: “Eu prefiro morrer.”

Lana colocou o braço em volta dos ombros de Kim.

– Eu sinto muito.

– Não sei por que estou pensando tanto nela hoje. Deve ser parte da minha nuvem negra. Onde estão os outros? Sei que Max e Poe saíram para conseguir um carro.

Mudou de assunto, pensou Lana, dando a Kim um rápido aperto antes de soltar seu braço.

– Acho que Eddie e Shaun levaram Joe para andar um pouco, talvez estejam praticando arco e flecha também.

– É bom para Shaun. Eddie e Joe, quero dizer. Mesmo dentro do círculo de nerds, ele era o alvo das gozações, ou era ignorado. Eddie o trata como se ele fosse um cara maneiro, e acho que essa é a primeira vez na vida que ele chega ao ponto de ser minimamente descolado. E ele fez mais do que nos ajudar. Só temos a casa por causa dele. Tudo bem que ele vacilou uma vez, mas, desde então, não só tem cumprido as regras como também se esforçado muito.

– É verdade – concordou Lana. – Ele trata as minhas aulas de culinária como se fossem aulas de ciências, e isso não é nada mau.

Kim se abaixou para pegar no chão um galho fino, parecido com um chicote, e ficou balançando-o distraidamente enquanto andavam. A

agitação anterior parecia vencida.

– É um tanto horrível dizer isto, mas toda essa loucura que aconteceu... Uma praga global, a gente ser forçada a se adaptar ao modo de sobrevivência? Poderia ser um evento transformador na vida de Shaun.

– Isso vai transformar ou acabar com todos nós. – Elas pararam e observaram um rebanho de veados passar por entre as árvores. – Eu tinha medo de que a situação, a dinâmica, prejudicasse o relacionamento entre Max e Eric. Ainda há momentos em que vejo o ressentimento de Eric, mas ele engole tudo e faz o que precisa ser feito.

– Max é o líder, todo mundo sabe. Eric tem problemas com isso, mas tem consciência da situação.

– Para mim e para Eddie, Max assumir o comando era mais que natural. Mas para vocês...

Kim sacudiu o graveto e balançou a cabeça.

– Olha, eu poderia e teria dito a todos que precisávamos racionar os suprimentos, sair, encontrar mais, fazer um plano. E Poe teria ficado do meu lado, porque não é nenhum idiota. Mas não teríamos conseguido engajar a todos. Mesmo assim, Eric meio que assumiu a liderança na viagem para cá, e ele teve que abdicar desse papel, digamos assim, desde que você e Max chegaram.

Kim olhou para Lana.

– Temos suprimentos, organização e um plano graças a vocês. Allegra é a princesa, e Eric pode ser o cavaleiro. Acho que funciona para eles. Aliás, cadê eles?

– Não sei. Não estavam na casa?

– Eu não os vi, e o que eles costumam usar quando saem não estava na despensa.

– Provavelmente precisaram de uma caminhada, assim como nós. Está esquentando, e o sol está gostoso. Acho que ainda vai nevar mais, mas acredito que o inverno esteja acabando.

– Quero ver as plantas e as árvores crescendo de novo, quero fazê-las crescerem de novo – disse Kim, olhando para cima e respirando profundamente.

– Uma horta de ervas. É a primeira coisa que quero plantar. Eu tinha a minha em Chelsea, deixava os potes na janela. Queria tê-los trazido.

Elas começaram a retornar, atentas à regra de não se afastar demais da casa sem que todos soubessem.

– Foi bom você ter me chamado para caminhar – disse Lana. – Não tinha percebido quanto eu também precisava sair.

Ambas se viraram ao som de passos que corriam e escorregavam. Lana agarrou o braço de Kim e olhou para a esquerda. Estavam quase à vista da casa, pensou, perto o suficiente para ver e sentir o cheiro da fumaça, do fogo que deixaram aceso para cozinhar. Se tivessem que correr...

De repente, Joe saltou do meio das árvores. O alívio instantâneo que Lana sentiu e até mesmo o riso diante da própria paranoia desapareceram quando Joe correu para ela, tremendo.

– O que foi, Joe?

Shaun saiu do meio das árvores, quase caindo de cara na neve semiderretida, mas Eddie o segurou a tempo.

– O que aconteceu? – Lana quis saber.

– Uma coisa muito esquisita, lá atrás. – Shaun colocou de volta os óculos, as lentes embaçadas pela respiração ofegante. – Muito esquisito. Precisamos voltar para a casa. Precisamos conversar com Max.

– Esperem um pouco. Tomem fôlego. O que vocês viram?

– Vocês trouxeram algum walkie-talkie? – perguntou Eddie.

– Não, só viemos dar uma volta.

Shaun, o rosto vermelho de tanto correr, a respiração ainda arfante, olhou de novo para trás, na direção das árvores.

– Vou pegar um e falar com Max. Ele levou um. Vou dizer a ele para voltar. Precisamos que ele volte.

– Agora mesmo – acrescentou Eddie.

Shaun saiu correndo, atrapalhado, escorregando.

– Eddie! – Já sem paciência, a ansiedade crescendo dentro de si, Lana falou bruscamente: – O que está havendo?

– Você viu *A bruxa de Blair*? Sabe, aquele filme?

– Não – respondeu Lana.

Ao mesmo tempo, Kim confirmou:

– Claro.

– Eu adoro filmes de terror. – Eddie acalmou Joe enquanto olhava para trás, por cima do ombro. – Só que não gosto de viver essas coisas, não. Lembra que eles tinham aqueles símbolos, aquelas coisas penduradas em árvores? – indagou ele a Kim.

– Aham. Bizarro.

– Bem, você quer falar de coisas assustadoras? Tem uma tonelada delas lá atrás. Penduradas por toda parte. Fora do acesso que usamos, mas Joe seguiu por ali e nós vimos pegadas, então fomos verificar. Uma porção desses símbolos, tipo... o que eles são? – Ele desenhcou alguns no ar com o dedo.

– Pentagramas. – Lana sentiu um aperto no coração.

– Isso mesmo, isso aí, e aquelas bonequinhas esquisitas. Feitas de galhos e corda e não sei o que mais, e trapos rasgados. Eu sei que alguns eram de uma camiseta minha. *A bruxa de Blair*, gente, e isso não é nada bom.

– Eu preciso ver – disse Lana.

Eddie balançou a cabeça.

– É coisa ruim, Lana. Ruim como aquele círculo negro. Dá para sentir. E tem sangue na neve. Parecia fresco. Um monte de sangue e... bem... entranhas. Joe se mijou todo. Eu quase me caguei também.

– Que círculo negro? – quis saber Kim.

– A gente explica depois. Preciso que você me mostre, Eddie. Se alguém está usando magia negra tão perto de nós, eu tenho que ver, tenho que neutralizar.

– Eu sabia que você ia dizer isso. – Depois de esfregar as mãos no rosto, Eddie deixou os braços caírem. – Vamos só esperar o Max, tudo bem?

– Eddie, eu preciso ver. Assim vou poder explicar para Max quais símbolos são e poderemos juntar o que for necessário para neutralizar isso.

– Ok, ok, mas não vamos passar por onde Joe se mijou e eu quase me caguei. Aí vem o Shaun.

Shaun vinha correndo, o rosto vermelho, agora devido ao esforço, e a respiração pesada.

– Conteí a eles. – Ele apoiou as mãos nos joelhos. – Estão vindo. Chegam em dez ou quinze minutos, mas estão vindo.

– Ótimo. Agora me leve lá, e em dez ou quinze minutos Max e eu vamos descobrir o que precisamos fazer.

– Voltar lá? – Ainda encurvado, Shaun levantou a cabeça. Seu rosto ficou pálido sob o vermelho. – Lá dentro da floresta? Eu não vou. Ninguém deveria voltar lá, não mesmo. Max vai...

– Max não está aqui – interrompeu Lana.

– Você prefere esperar aqui sozinho? – indagou Kim, dando um passo à frente.

– Deus me livre! – Ele se colocou atrás de Kim, balançando a cabeça com veemência. – Só não acho que isso seja uma boa ideia.

– Deixar símbolos de magia negra pendurados por aí também não é – retrucou Lana. – No mês passado, encontramos uma área de ritual. Coisa sombria, perigosa. E também muito perto da casa. Purificamos o local, e é o que vamos fazer agora com o que quer que seja isso.

– Vocês não nos contaram isso – acusou Kim.

– Não, e talvez tenha sido um erro. – Lana olhou para a neve pisoteada à esquerda. – Está se aproximando cada vez mais da casa.

– Sim – confirmou Eddie. – É difícil ir até lá. Muitos arbustos, galhos caídos, rochas. É por isso que procuramos nos manter na trilha.

– Se esperarmos Max...

Kim se aproximou de Shaun.

– Lana é tão bruxa quanto ele.

Para resolver a questão, Lana se pôs a caminho. Não tinha avançado nem 2 metros quando parou. Sentiu algo pulsando, bombeando, escorrendo. Algo mais obscuro e mais potente do que o círculo, percebeu, sua pele ficando pegajosa.

O círculo fora uma oferenda. Isso, ela temia, era a concretização.

Ela levou a mão à barriga, ao filho, e jurou ter sentido uma pulsação ali também. Os batimentos da luz dentro de si.

Confiando na luz, ela prosseguiu.

Sangue, morte. Sexo. Sentiu o cheiro disso tudo, misturado e amalgamado.

Então viu. Pentagramas invertidos pendurados em galhos. Treze por treze por treze. Manchas vermelhas espirradas na neve branca, e um grande volume de sangue em um altar improvisado de pedras, onde alguma criatura fora eviscerada.

Os bonecos: seis bonecos humanos e um de quatro pernas.

Com a escuridão batendo contra ela e a luz pulsando em seu ventre, o silêncio absoluto do ar ficando amargo, pesado e imóvel, ela soube.

E lamentou.

Para testar, poder contra poder, ela levantou a mão, pressionou sua luz contra a escuridão, sentiu o choque, quase como se lambessem avidamente a sua palma.

– Precisamos voltar – disse, com absoluta calma. – Preciso de algumas coisas.

Max era uma delas.

– Boa ideia! – exclamou Shaun, dando um passo para trás, mas ficando imóvel ao ouvir um movimento.

– Meu Deus do céu, é um *urso* – disse Kim, dando um passo trêmulo para trás.

– Tem alguma coisa errada com ele – comentou Eddie e tirou o rifle das costas; Joe havia parado de tremer e começou a rosnar baixinho.

O urso avançava penosamente na direção deles, contorcendo-se e convulsionando. Seus olhos tinham um brilho amarelo doentio, e ele tentava abocanhar o ar.

– Não podemos correr. – Com a mão trêmula, Shaun agarrou o braço de Kim. – Não corram ou ele pode nos perseguir. E ele é mais rápido. Apenas recuem devagar, deem espaço a ele, mas vamos ficar juntos para parecermos maiores. É um urso-negro. Eles não são agressivos, mas esse aí...

– Tem alguma coisa errada com ele – completou Eddie, respirando devagar. – Alguém mais está armado?

– Eu.

Kim tirou a arma da cintura com movimentos tensos.

– Shaun está certo, é melhor não correremos. Vamos tentar recuar. Bem devagarinho – acrescentou Eddie.

O urso levantou-se sobre as patas traseiras, rugindo.

– Merda. Merda, não deu certo.

– Ele está infectado. Temos que matá-lo. Atire – ordenou Lana, lançando um poder agudo.

O primeiro tiro atingiu o peito do animal. Ele gritou, caiu de quatro e avançou.

Tiros – de rifle, de revólver – explodiram. Lana apertou a barriga com a mão, extraiu o poder que lhe fora dado e lançou uma esfera pontiaguda de luz.

O urso uivou, soltando um grito de dor que rasgou o ar enquanto suas pernas dianteiras desabavam. Com pena, Lana viu seus olhos ficarem nublados – não pela morte, ainda não, mas pelo medo.

Eddie acabou de matá-lo.

– Vamos para casa – ordenou Lana. – Todos de volta para a casa. Pode haver mais como esse. – Seguindo seus instintos, ela estendeu a mão, fazendo os símbolos pegarem fogo. – Depressa.

– Eric e Allegra – disse Kim, enquanto corriam pela neve molhada. – Eles podem ainda estar aqui fora. Precisamos encontrá-los, levá-los para dentro.

– Foram Eric e Allegra que fizeram isso. Corram – repetiu Lana.

Assim que alcançaram a clareira ao redor da casa, viram Eric e Allegra no caminho, de mãos dadas.

– Vocês estragaram a nossa surpresa – disse Allegra, jogando os cabelos para trás e sorrindo.

– Vocês nos enganaram.

O pânico desceu pela espinha da Lana. Ela não tinha que testar poder contra poder ali, não quando o sentia se revolvendo.

Ela precisava de Max. Todos precisavam de Max.

– Eu não queria me gabar. – Com uma risada, Allegra apoiou a cabeça no ombro de Eric. O gesto feminino contrastava com o prazer frio em seu rosto. – Foi muito divertido ver você brincar com seus talentos inferiores enquanto o nosso ficava cada vez maior, mais sombrio, mais doce. Agora...

Desenhando um círculo com o dedo no ar, ela colocou todos no meio de um círculo de fogo negro.

– Vamos esperar a chegada dos últimos integrantes de nosso grupinho feliz.

Lana ergueu a mão quando Kim levantou a arma.

– A bala não vai atravessar o círculo, e pode acertar um de nós.

– Tão espertinha – disse Eric. – Vamos sacrificá-la por último. – Com o rosto corado de poder e exultação, ambos mortalmente sombrios, ele sorriu. – Max será o primeiro.

Cada célula de Lana temeu, cada um de seus órgãos se revolveu quando ela encontrou o olhar de Eric e viu seu contentamento.

– Ele é seu irmão.

– Que se dane! – Com um movimento dos dedos, ele disparou dardos de luz negra em direção ao céu. – Durante toda a minha vida, ele veio em primeiro lugar, e eu tinha que segui-lo, nunca chegando aos seus pés. O bom filho, cheio de medalhas na universidade, o escritor de prestígio. O poder. Agora, sou muito mais do que ele. E ele acha que pode me dar um sermão? Me ensinar? Me treinar?

Ele levantou a mão, lançou um raio negro e oleoso em um pinheiro próximo. A árvore se partiu em dois, e as metades pontiagudas arderam lentamente na neve enegrecida.

– Ele acha mesmo que seu poder suave e fraco pode chegar aos pés do meu?

– E-ele foi para o lado negro – gaguejou Shaun. – C-como Anakin Skywalker.

Com um sorriso de desdém, Eric lançou um dardo preto no anel de fogo.

– Seu nerd ridículo.

– Isso não é você, Eric.

Ele voltou o sorriso para Lana. Em seguida, olhou para a própria mão. Agora, algo preto e sinuoso se enroscava em seu braço. Quando ele o ergueu, corvos surgiram no céu, voando em círculos.

– É, sim. Finalmente é. Agora eu tenho o que deveria ter sido sempre meu. A humanidade está morta. Estou sobre seu cadáver podre, e eu *sou*. Nós somos – disse ele, voltando-se para Allegra. – Somos o que vive agora.

– Para crescer e tomar. O que quisermos. Quem quisermos. – Apoiando-se em Eric, Allegra roçou o rosto no dele. – Podíamos manter um deles, como um bichinho de estimação.

– Você é doente, cara. – Eddie agarrou a coleira de Joe para mantê-lo por perto. – Muito doente.

– Talvez ele – disse Allegra. – Depois que assarmos o cão num espeto.

– Vamos matar um deles agora. Nosso herói cheio de regras está demorando demais. Vamos matar um logo, só por diversão. Você escolhe, meu amor.

– Humm... – Allegra avançou, os cabelos claros descendo por suas costas enquanto passeava em torno do círculo. – É difícil escolher. São todos tão *chatos*. Menos ela. – Ela parou na frente de Lana. – Mas ela precisa ser a última... ela e a vagabunda que está crescendo dentro dela. Precisa ver o resto morrer.

– Pensei que você fosse só um pouco burrinha – comentou Lana.

Surpresa por um momento, Allegra piscou para Lana.

– O quê?

– Isso mesmo que você ouviu. – O que fosse preciso, pensou Lana, para proteger seu filho. Então, sorriu com desdém. – Um pouco burra, muito chorona e, acima de tudo, inútil. Vejo que a subestimei. Você é muito burra, muito chorona e muito inútil. Não sei o que isso faz de Eric, já que você conseguiu usar de sexo e de algum poder desajeitado para atraí-lo para seus braços.

– Um homem – respondeu Kim, atrás de Lana. – Um homem que perde a cabeça por causa de um par de peitos. Me desculpem, rapazes, mas

temos um belo exemplo aqui.

Com Allegra de pé, as pernas abertas, seus cabelos começaram a esvoaçar ao vento que começava a soprar.

– Você não tem ideia do que eu sou, de quanto tempo o que está em mim esperou por este dia. Mas vai saber, antes de eu arrancar essa massa de células do seu ventre, você vai saber. Vai ver.

Allegra abriu os braços, que se transformaram em asas, claras como seus cabelos, asas dentadas e afiadas nas bordas. Ela se ergueu no ar, girou. No turbilhão de vento, uma fumaça se ergueu das chamas.

– Essa é minha garota!

Com uma gargalhada, Eric ergueu os braços. Suas asas eram pretas, oleosas como a flecha, e brilhavam na névoa.

– O que eles são? – perguntou Shaun, engasgado. – O que eles são?

– A morte. A escuridão. A desolação – murmurou Lana.

E arrogantes, pensou.

Enquanto os dois, tal como os corvos, voavam em círculos, Lana invocou o que era, o que possuía, rezando para que fosse suficiente.

– Quando eu disser “Corram”, corram. Para a casa.

– Estamos presos aqui – retrucou Shaun.

– Não por muito tempo.

Ela lançou sua luz contra a escuridão circundante. E a rachou.

– Corram! – ordenou ela, despedaçando a escuridão.

Lana buscou mais luz, lançou-a para cima. Ouviu um som, como o chiado de bacon em uma frigideira quente, um rugido de dor e insulto, enquanto corria junto com os outros.

Raios choveram do céu, incendiando a casa. O calor e o impacto a fizeram cair. Antes que pudesse voltar a se erguer, Allegra baixou uma das asas, agora chamuscadas. Desesperada, Lana a agarrou e a torceu, mesmo que perfurasse e ferisse suas mãos. A dor não a impediu de arremessar seu poder. Eric avançou para arrebatar Allegra, livrando-a.

Eddie colocou Lana de pé.

– Max... Max e Poe. Eles estão chegando. Precisamos correr até eles.

Ela ouviu tiros, correu sem enxergar direito, as mãos sangrando. Viu Kim parar e tentar impedir que Shaun caísse, e atirar, atirar e atirar com a outra mão. Com horror, Lana viu aquela asa chamuscada e esmagada rasgar o ar em direção a Kim. Enquanto Lana lutava para encontrar forças para defendê-la, Shaun empurrou Kim. Os dentes afiados o rasgaram, cortando seu rosto, seu pescoço, seu peito, seu tronco.

Girando, Allegra soltou um grito de triunfo quando a vida se esvaiu dele.

– Não, não, não! – Kim rastejou através do sangue, que já formava uma poça. – Shaun!

– Ele se foi – disse Eddie, engasgado, e a arrastou para longe dali, passando pela estrada lamacenta e charcosa, enquanto o carro de Max avançava.

– Para o carro! Todo mundo! – gritou Max, já erguendo as mãos, lutando para criar um escudo. Com os dentes cerrados, Poe, ao lado do carro, atirava com uma espingarda. – Para o carro.

– Não sem você. – Branca como um lençol e tremendo, Lana puxou o braço, desvencilhando-se de Eddie. – Nunca sem você. Eles são fortes, Max. Nenhum de nós dois pode impedi-los sozinho. Eric...

– Eu sei. Preciso que você entre no carro. – O suor escorria de seu rosto, resultante do esforço para proteger sua família. – Não será sem mim, mas precisamos agir rápido.

– Vamos agir mais rápido juntos.

– Eric! – gritou Max.

Seus braços tremiam, seus músculos protestavam, mas ele mantinha o escudo.

– Olhe o que ela fez. – Allegra afundou o rosto no ombro de Eric. – Ela me machucou, Eric. Ela tem que pagar por isso.

– Ela vai pagar. Todos vão pagar.

– Eric, pare! Por que está fazendo isso?

– Porque eu posso! Porque suas regras não valem mais. – Ele arremessou raios contra o escudo. – Porque o seu tempo acabou, e o meu finalmente chegou. Porque é bom pra cacete!

– Você está distorcendo o que existe dentro de você. Você...

– Ah, cale essa boca e morra!

Max foi lançado contra o capô do carro, o nariz sangrando. Com um zumbido nos ouvidos, ele olhou para o rosto do irmão e viu apenas ódio e ganância.

Ele tomou sua decisão.

– Poe, ao volante. Lana, atrás. Não vou conseguir manter o escudo por muito mais tempo.

Ele avançou em direção ao banco do passageiro e entrou, mantendo o olhar fixo no de Eric.

No banco de trás, Lana levantou as mãos ensanguentadas, enquanto Kim chorava.

– Lana, você precisa ajudar Poe – disse Max. – Poe, dê ré, depressa. Vamos embora. Lana, mantenha o carro na estrada.

Eles nunca conseguiriam fugir, pensou Lana. Eric e Allegra giravam juntos, suas forças unidas. O vento sacudia o carro, e o chão em torno começou a rachar. Na colina, a casa ardia em fogo. Eles só precisavam incendiar o carro da mesma maneira, atravessando o escudo de Max e enviando um raio negro.

Lana pressionava a barriga com a mão ferida, rezando por seu filho, e com a outra guiava o carro, que Poe fazia recuar a uma velocidade enlouquecida.

– Sinto muito, Max – murmurou Lana.

– Eu também. Meu Deus, eu também.

Quando passaram correndo pelo caminhão de propano, Max soltou o escudo para jogar seu poder e tudo que possuía. O tanque foi em direção aos raios que Eric lançava.

Num instante, Lana viu o choque e a tensão no rosto de Eric, e então a explosão cuspiu fogo e metal no ar. Ela ouviu gritos, gritos terríveis, no meio do estrondo que fez tudo tremer.

– Vire o carro assim que puder. – Max olhava fixo para a frente. – Vá para a aldeia. Não podemos deixar Flynn nem ninguém por lá. Se aqueles dois sobreviverem, irão atrás de quem estiver por perto.

– Ela matou Shaun – disse Kim. – Eles mataram Shaun. Ele me empurrou para me salvar, e eles o mataram. Ele nunca machucou ninguém, e eles o mataram!

Eddie a abraçou, enquanto Poe conseguia manobrar para virar.

– O cara foi um herói. Um baita de um herói.

Joe deitou a cabeça no colo de Eddie e soltou um uivo triste.

– As mãos da Lana estão sangrando muito – disse Poe, segurando o volante com força. – Deve ter alguma coisa lá atrás para fazer um curativo.

– Ela tentou matar meu filho. Eu não podia permitir. Posso fazer o sangramento parar.

Lana uniu as mãos e fechou os olhos. Abriu-os novamente quando sentiu a mão de Max cobrir as dela.

Ele olhou em seus olhos, os dele cheios de dor, de culpa, de uma tristeza indescritível.

– Você nos salvou – disse Lana.

– Eu o perdi. Como eu pude olhar para ele e não ver que já o tinha perdido?

– Você o amava.

– O irmão que eu amava morreu com a ascensão da escuridão. O irmão que eu amava... a Catástrofe matou. E o bebê? O bebê está bem?

– Ela está bem. Eu saberia.

– Ela?

– Foi o que Allegra falou. Ela parecia saber, e eu também sinto isso.

– Então... acho que devo dar os parabéns. – Kim afastou as lágrimas que tentavam rolar. – Ela queria matar você e o bebê mais do que qualquer outro. E Eric queria matar Max mais do que qualquer outro. Éramos só entretenimento. E estaríamos todos mortos, todos nós, se não fosse por Lana e por Max.

– Sinto muito, cara, por seu irmão. Mas... – Eddie limpou as lágrimas. – Que droga termos que deixar o Shaun lá atrás daquele jeito.

– Ele foi um herói. – Exausta, Lana deixou a cabeça cair no encosto do assento. – A luz vai levá-lo. Eu... Eu sei que vai. E ele não estará sozinho.

Ele deu a vida por um amigo. Não vai ficar sozinho.

– Não fomos rápidos o suficiente. Temos que aprender a ser mais rápidos, a ter mais poder – disse Max, abrindo a janela e inclinando-se para fora para olhar para trás. – Não há nada nem ninguém nos seguindo, não que eu possa ver ou sentir. Mas haverá outros como eles. Precisamos de mais um carro e de suprimentos. Armas.

– Tínhamos encontrado outro SUV – disse Poe –, mas o deixamos de lado depois que Shaun... Quando ele nos chamou pelo rádio, largamos o carro e voltamos o mais rápido que conseguimos. Droga. – Lágrimas, raiva e tristeza brilhavam em seus olhos. Ele socou o volante. – Mas que droga!

Quando chegaram à vila, Flynn e seu lobo estavam no meio da rua.

Max saiu do carro.

– Precisamos de suprimentos e mais um carro, e você e quem estiver aqui precisam vir conosco. Forças obscuras podem estar vindo para cá.

– Temos proteção aqui.

– Não o suficiente. Minha esposa ficou ferida – explicou Max.

O olhar de Flynn pousou em Lana quando ela saltou do carro. Seu olhar se manteve fixo nela enquanto o menino se aproximava e, com gentileza, tomava suas mãos.

– Protegê-la. Defender A Escolhida. As feridas vão se curar, mas você deve lavar o sangue.

– Vou lavar. Por favor, escute Max. Não é seguro aqui, não mais.

– Estamos prontos. Estávamos apenas esperando.

Ele se virou, olhou para um lado, depois para outro.

Pessoas saíram de casas e lojas, a maioria crianças. Algumas bem pequenas, alguns adolescentes. Uma jovem da idade de Lana, um homem de cabelos brancos com um avental de açougueiro. Uma mulher que parecia muito idosa, com uma bengala.

Vinte e cinco, talvez trinta pessoas, calculou Lana, todos esperando, em silêncio.

Joe pulou para fora do carro e foi correndo até Lupa, abanando o rabo e cheirando. Lupa ficou parado por um momento, rigidamente nobre, mas logo baixou as patas dianteiras e se empinou, como em uma dança.

Uma das meninas menores deu uma risadinha e bateu palmas quando cão e lobo se defrontaram.

– Aqui está a mulher que traz A Escolhida dentro dela. A espera terminou, e os próximos tempos começam agora. Nós vamos com eles.

– Só mais um carro não vai ser suficiente – disse Eddie.

Flynn sorriu.

– Nós temos mais de um. E um trailer para a vaca.

– Vocês têm uma vaca?

– Vaca é leite – disse Flynn. – Posso levar você para lavar as mãos.

– Obrigada. – Depois de lançar um olhar para Max, Lana foi com o menino. – Como você sabia sobre o bebê, sobre ela?

Flynn lhe dirigiu um longo olhar silencioso.

– Como você não sabia?

CAPÍTULO 17

Arlys estava sentada em um local que um dia fora um escritório de uma casa de dois quartos, transcrevendo, meticulosa e dolorosamente, suas anotações em uma antiga máquina de escrever Underwood. Bill Anderson a pegara de uma loja de quinquilharias chamada Bygones. Era grande, pesada e desajeitada, mas permitia a Arlys produzir, todos os dias, uma página ou duas de notícias da comunidade.

Ainda era uma excelente repórter.

Arlys chamou seu esforço de *Boletim de Nova Esperança*, e rezava para que Chuck conseguisse cumprir a tarefa à qual se propusera, de trazer de volta a internet.

Dividia com Fredinha a pequena casa de tijolinhos brancos com uma ampla varanda na frente e um quintal estreito. Chuck ocupava uma casa ao lado, tendo reivindicado como seu espaço o porão – que surpresa – da construção de tijolinhos vermelhos, enquanto Bill e Jonah se acomodaram em dois dos três quartos.

Depois deles estavam Rachel, Katie e os bebês, na casa de esquina, que era maior, de dois andares. Havia se agrupado por hábitos, instintos e a conveniência do local, que tinha uma escola fundamental do outro lado da rua.

Ali, Rachel e Jonah criaram uma espécie de centro médico – os escritórios de administração se transformaram em salas de exame –, um centro comunitário no refeitório e uma combinação de creche e escola nas salas de aula.

Dirigiram-se ao sul, e Arlys documentara cada etapa da viagem.

A nevasca que caiu quando faltava pouco para chegarem à fronteira da Virgínia Ocidental, obrigando-os a passar dois dias em um centro de jardinagem abandonado que cheirava a terra e podridão.

O centro de jardinagem que lhes forneceu sementes, mudas, fertilizantes e ferramentas.

O primeiro grupo que encontraram, caminhando para o leste, e que se juntou a eles. Tara, uma professora do jardim de infância, agora vidente; Mike, de 12 anos, com um braço quebrado mal calcificado; e Jess, de 16 anos.

Abriram espaço no comboio para os novos membros do grupo e, depois de algum tempo, encontraram uma unidade médica de emergência, onde Rachel recolocou o braço de Mike no lugar.

Daquele local, levaram suprimentos médicos, alguns equipamentos e uma caminhonete.

Desviaram-se da rota duas vezes, pois ouviram tiros, e encontraram outras pessoas andando, dirigindo, abrigando-se. Nem todas se juntaram a eles, mas a maioria o fez.

Nos idos de março, o grupo, com 78 pessoas, entrou na cidade de Besterville, na Virgínia, cuja população original era de 832 habitantes, de acordo com a placa na entrada (alguém havia rebatizado a cidade como Bostaville, com tinta spray). Encontraram ali uma cidade-fantasma; a maioria das pessoas parecia ter simplesmente desaparecido. Embora as portas estivessem trancadas, assim como as poucas lojas e os escritórios ao longo da rua principal, não encontraram sinais de vandalismo nem de saques.

E ali resolveram parar. Mesmo agora, passadas sete semanas, Arlys ainda não sabia ao certo por que se instalaram ali. Passaram antes por outras cidades e loteamentos residenciais, áreas rurais e urbanas.

Mas pararam ali, e agora eram 206 moradores. O número mudava semanalmente, às vezes diariamente, à medida que outros chegavam e alguns partiam.

Renomearam a cidade e substituíram as placas nas fronteiras. E Nova Esperança se tornou seu lar.

Embora, em alguns dias, acordasse ansiosa pela vida que um dia conhecera, Arlys se lembrava do medo, do horror no túnel, do frio intenso. E dos corpos encontrados ao longo do percurso, dos corpos dentro das casas daquele mesmo lugar que agora era deles.

Então, ela escrevia seus boletins na velha Underwood, sobre uma escrivadinha antiga, com a fotografia do Natal, em que aparecia com a família, colocada em uma moldura, de frente para ela.

Nas notícias de hoje, ela informava que Drake Manning, o eletricitista, e Wanda Swartz, a engenheira, continuavam seu trabalho de tentar fornecer energia elétrica para a comunidade. Ao mesmo tempo repórter, editora-chefe e publisher, ela debatia consigo mesma se deveria ou não incluir os relatos dos mais recentes membros da comunidade, que afirmavam que a capital do país, Washington D.C., era essencialmente uma zona de guerra entre autoridades militares, Rapinantes organizados e facções de Incomuns.

Pesou o direito do público (por menor que fosse) de saber e o pânico que poderia causar. Em seguida, considerou a realidade: as fofocas na comunidade se espalhavam como manteiga em pão quente. Era melhor registrar o que lhe fora dito.

Adicionou alguma cor local: mencionou o progresso da horta comunitária (o xodó de Fredinha) no belo parque da cidade; anunciou a Hora da História para crianças de todas as idades; lembrou os leitores de levarem livros que houvessem encontrado e que não quisessem para a biblioteca (anteriormente o First Virginia Bank).

Incluiu anúncios para atividades que necessitavam de voluntários: serviços de jardinagem, banco de alimentos, centro de abastecimento, troca de roupas, vigia, busca por suprimentos, criação de animais.

Com seu boletim de duas páginas nas mãos, foi até a sala de estar. Embora não gostasse do mobiliário – e provavelmente jamais fosse gostar –, que descrevia como Estilo Colonial Tedioso, o toque de Fredinha mudava tudo.

Meia dúzia de pequenos vasos com flores da primavera, pratos com pedras alisadas pela ação do riacho próximo, uma composição de arte extravagante feita com retalhos de tecidos coloridos, fitas e botões dispostos em uma moldura. Na lareira desgastada, um arranjo de velas dava um toque de boas-vindas e trazia luz à escuridão.

As cortinas feias e velhas das duas janelas da frente tinham sido removidas, substituídas por cordas de contas coloridas que captavam a luz do sol e refletiam um arco-íris.

Arlys procurava informar as pessoas, pensou, enquanto Fredinha, instintivamente, iluminava suas vidas. Não sabia dizer qual das duas fornecia o melhor serviço.

Foi até a varanda. Fredinha a convencera a ajudá-la a pintar duas velhas cadeiras de metal em um tom de rosa meigo e juvenil. Sobre a mesa entre elas estava um vaso branco contendo um único gerânio, também branco.

Ao redor do batente da porta, Fredinha pintara seus símbolos de magia.

Um par de flamingos cor-de-rosa guardava um lado dos degraus do patamar da escada; uma família de gnomos de jardim, o outro. Sinos dos ventos tilintavam ao sabor da brisa da primavera.

Para Arlys, aquele cantinho era a Casa de Fadas de Fredinha, e, para sua surpresa, se sentia muito satisfeita ali.

As pessoas passeavam pela rua ou andavam de bicicleta. Ela conhecia seus rostos, a maioria dos nomes, sabia apontar suas habilidades comunitárias ou defeitos. Avistou Bill Anderson do outro lado da rua, mais adiante, lavando a vitrine da Bygones. Ele havia tomado posse da loja e a organizado. As pessoas pegavam os itens de que precisavam, e a maioria oferecia em troca seu tempo e suas habilidades.

Chegaria uma época – ela e o que chamava de grupo central conversavam sobre isso com frequência – em que precisariam de uma estrutura mais definida, regras, até mesmo leis. E leis implicavam punições.

Alguns teriam que assumir o comando – e já havia um ou dois tentando.

Arlys atravessou a rua até a escola, uma construção de apenas um andar. Katie estava sentada a uma mesa na frente, alimentando um dos filhos, enquanto outro dormia em um futon e o terceiro balbuciava sons em um balanço para bebês.

Quase tudo o que Arlys sabia sobre bebês, ela aprendera nas semanas anteriores, mas sabia reconhecer quando via um trio de crianças felizes, saudáveis e incrivelmente bonitas.

– Juro que eles estão maiores cada vez que os vejo.

– Os três comem muito bem. – Katie levantou o rosto para o céu. – O dia está lindo demais para ficar lá dentro, então resolvi me instalar aqui. – Ela ajustou um peso de papel em um dos formulários de alistamento de voluntários quando a brisa soprou. – O ar fresco é bom para todos nós. Acabei de ver Fredinha.

Estava mesmo um lindo dia, pensou Arlys, e resolveu se sentar ao lado de Katie para aproveitá-lo.

– Pensei que ela estivesse no jardim.

– Ela veio ver os bebês. Edição nova do *Boletim*?

– Sim, fresquinho. Acabou de sair daquela máquina de escrever horrorosa. Se o Chuck algum dia fizer seu milagre tecnológico, vou dar um beijo na boca dele. Melhor ainda: vou oferecer o favor sexual que ele escolher.

– Estou começando a sentir falta de sexo. – Katie suspirou. – Isso é ruim? Eu amava tanto Tony que...

– Não. É apenas humano.

– Talvez seja porque estou começando a me adaptar, principalmente depois das últimas duas semanas. Já não acordo mais todas as noites, com medo. Sinto que... é reconfortante acordar no mesmo lugar todos os dias, ter um propósito todos os dias. Sei que não faço tanto quanto os outros, mas...

– Isso não é verdade. Você está alimentando e criando três bebês.

– Eu tenho ajuda. Todo mundo ajuda.

– *Três* bebês – repetiu Arlys. – Também está elaborando o censo e as inscrições. Hoje eu me dei conta de que não sei mais o nome de todo

mundo. Os rostos, sim, mas não os nomes. Você deve saber. Eu vi você usando sua simpatia para convencer as pessoas a se inscrever como voluntárias, a liderar uma tarefa, uma atividade. Você é boa com gente. Uma líder nata.

– É difícil dizer não ou se queixar com uma mãe que está amamentando. Por falar em convencer as pessoas, poderíamos abrir inscrições também para uma ioga matinal. Alivia o estresse, e você sofre muito com isso. Não diga que não tem tempo. Todos nós temos.

– Aquela mulher é esquisita, Katie.

– O que há de esquisito numa fada de 50 anos que se autodenomina Rainbow? – Katie sorriu. – É uma boa instrutora. Tive algumas aulas com ela e posso garantir que é paciente e conhece o assunto. Experimente uma aula, está bem? Só uma. Se você odiar, nunca mais falo sobre isso.

– Está bem, está bem. Eu disse “convencer”? *Importunar* é a melhor palavra. – Arlys incluiu o nome da fada no papel. – Quantas fadas até agora?

Katie pegou sua bolsa-maternidade e puxou dali um caderno. Passou as páginas até chegar à lista.

– Oito, mas isso não inclui as pequeninas que vêm e vão. Eu vi algumas ontem à noite... de madrugada, para ser mais exata, quando Duncan estava inquieto. Apenas luzes dançando no quintal. E, Arlys, hoje de manhã havia flores crescendo na grama ao longo da cerca, que não estavam lá ontem. Tenho que perguntar à Fredinha o que elas são, mas... Talvez também seja por isso que não tenho sentido mais medo o tempo todo.

Com uma suave graça materna, ela mudou o bebê de posição (Duncan, percebeu Arlys) de um seio para o outro.

– Enfim, oito fadas. Ou pelo menos oito à vontade para se revelarem. Elfos são quatro. Agora, aqui não sei bem qual é a diferença... enfim, doze que entram no grupo bruxos/feiticeiros/magos. E temos 28 que alegam algum tipo de habilidade. Como Jonah. São cinco com sonhos proféticos, dois metamorfos... verificados, você nem imagina que loucura é ver a

coisa acontecer... quatro telecinéticos, um alquimista, dois videntes, e por aí vai.

Muitos, percebeu Arlys. Ela não vinha acompanhando havia algum tempo.

– Se formos pensar em termos matemáticos, é mais de vinte por cento da comunidade com habilidades mágicas.

– E eu acho que ainda é mais. Acho que alguns não estão contando a verdade, estão com medo. – No ombro de Katie, Duncan emitiu um pequeno e distinto arrote. – Também temos uma porcentagem, embora pequena, de pessoas que são... intolerantes à magia.

– Kurt Rove.

– Ele seria o presidente da coalisão antimagia. Que bom que assumiu o trabalho no depósito de alimentos, pois assim não passa tanto tempo na cidade.

– Mesmo lá, ele é um pé no saco, pelo que ouvi.

– Eu não entendo as pessoas como ele, ou as poucas que andam por aí com ele. Rachel me contou que Jonah teve que enfrentar Don e Lou Mercer porque eles perseguiram Bryar Gregory.

– Eles a perseguiram?

Arlys pensou em Bryar, uma mulher calma, controlada, que constava da lista de Katie como vidente.

– Ela saiu para um passeio, pois não conseguia dormir. Aparentemente, os Mercers estavam sentados na varanda de casa, tomando algumas cervejas, talvez mais do que deveriam, e a viram. Eles a seguiram e a provocaram, bloquearam seu caminho, foram desagradáveis e nojentos. Por acaso, Jonah viu e evitou o pior. A situação poderia ter ficado feia, pois eram dois contra um, mas Aaron Quince, o elfo, e eu acho que ele gosta de Bryar, apareceu também. Os Mercers recuaram. Aaron a acompanhou até em casa.

– Eu não entendo uma coisa dessas – prosseguiu Katie. – Alguns meses atrás, as pessoas estavam literalmente morrendo nas ruas. Todos nós perdemos família, amigos, vizinhos. Somos tudo o que nos resta, mas

gente como os Mercers, como Kurt Rove, menospreza aqueles que, bem, têm algo que pode nos ajudar a viver melhor. Só porque são diferentes.

– Tenho uma teoria. As grandes crises, as crises monumentais, despertam o melhor ou o pior em nós, muitas vezes ambos. E, às vezes, essas crises monumentais não afetam certos tipos. O que significa que, não importam as circunstâncias, imbecis serão sempre imbecis.

– Hum. É uma boa teoria. – Ela aninhou Duncan no colo. – Arlys, eu acho que Duncan e Antonia... Acho que eles são diferentes.

– Por que você acha isso?

– Eles sonham. Todos os bebês sonham, Hannah sonha, mas eles... É diferente. Eu disse que Duncan estava inquieto ontem à noite, mas era mais como uma empolgação. Seja lá com que ele tenha sonhado, o deixou empolgado. E uma noite, na semana passada, ouvi Hannah chorar. Ela já tinha parado quando cheguei ao quarto. Duncan estava no berço com ela. Acordado. Eu costumo colocar Antonia e Hannah no mesmo berço, Duncan no outro, e eu tinha feito isso. Mas ele estava com as meninas, e ele e Antonia apenas olharam para mim e sorriram. Hannah entre um e outro. Como se a tivessem ninado para voltar a dormir.

– Isso é lindo.

– É mesmo. Eles são lindos, e zelam por ela. Às vezes, eu os coloco no cercadinho juntos e saio por um minuto. Quando volto, tem um brinquedo lá dentro que eu não coloquei. E ontem à noite, quando estava amamentando Duncan, comecei a pensar em Tony. Em como ele teria amado os bebês, em como sinto saudade dele. Então Duncan colocou a mão no meu rosto. Ele acariciou meu rosto. Quando olhei para baixo, ele estava olhando para mim...

Lágrimas encheram seus olhos, e Arlys viu o bebê acariciar o rosto da mãe.

– Ele estava olhando para mim exatamente como agora.

Abaixando a cabeça, ela o beijou.

– Estou bem, meu amor. Está tudo bem. Fui abençoada, Arlys, com essas três belas crianças. Elas são abençoadas. E, quando penso em pessoas como Rove e os Mercers, tenho medo. Há ódio neles. Não é

preciso magia para enxergar isso. Eles têm ódio por quem quer que seja diferente.

– É medo, também. Eles odeiam o que temem e não compreendem. Mas estamos em maior número. Vamos continuar cuidando um do outro, assim como Jonah cuidou de Bryar. Estamos construindo algo aqui. Ainda não sei que raios é isso, mas é nosso. E vamos mantê-lo. – Arlys fez uma pausa. – Eu vou colocar isto no mural e conversar com Rachel. E acho que vamos ter um *Boletim* extra mais tarde. Um editorial. Sobre gente imbecil.

Katie riu.

– É a sua cara fazer isso.

– Sem dúvida.

Arlys dirigiu-se à escola, onde viu luzes tão singulares quanto a fada de 50 anos. Luzes mágicas emitiam um brilho levemente dourado. Ela afixou o *Boletim* no mural de cortiça e deu uma olhada nos outros avisos. Ofertas de troca de uma habilidade por outra ou por alguma peça mecânica. Outros à procura de interessados em formar um clube de leitura, um grupo de crochê, em jogar softbol.

Pessoas, pensou, buscando pessoas.

Era isso que estavam construindo, refletiu, apesar do punhado de imbecis que não enxergava além do próprio preconceito.

Ela seguiu caminho, fez a ligeira volta que levava aos escritórios. Através do vidro, viu Rachel e Jonah sentados à mesa, encostados um no outro.

Será que Rachel não percebia como ele a olhava?, perguntou-se Arlys. Não sentia? O homem estava tão claramente apaixonado que até Arlys, que se considerava inexperiente e, em geral, desinteressada em tais assuntos, enxergava, a 1 quilômetro de distância.

Ela deu uma batidinha com os nós dos dedos no batente da porta aberta.

– Arlys. – Rachel deixou de lado o lápis, alongou os ombros. – Nova edição do *Boletim*?

– Acabei de colocar no mural. Vamos ter uma edição extra à tarde. Sobre preconceito versus acolhimento. Decência versus imbecilidade.

Minha editora me liberou para usar uma linguagem mais forte. Eu soube o que houve com Bryar e os Mercers. Ela teve sorte de você estar passando por ali, Jonah.

Ele deu de ombros.

– Com certeza eu teria levado uma surra se Aaron não tivesse aparecido. Eles estavam bêbados e beligerantes o suficiente para puxar briga.

– Eu apostaria que você sairia vencedor – comentou Rachel. – Escrever sobre isso, incluindo a linguagem mais forte, pode provocar mais ressentimento. Ao mesmo tempo, trazer esse tumor à superfície e lancetá-lo pode ser melhor do que deixá-lo supurar.

– Palavras podem não ser suficientes. – Jonah se levantou e empurrou a cadeira em torno da mesa até Arlys. – Sente-se – disse ele, e se debruçou sobre a mesa. – Acho que precisamos de uma reunião bem séria. Você, Rachel, Katie, Chuck, Fredinha e Bill. Eu incluiria também Lloyd Stenson e Carla Barker.

– Lloyd era advogado, Carla era subdelegada – observou Rachel. – Lloyd é, digamos, um dos comunicadores com os animais, de modo que, contando com Jonah, seriam três do lado mágico, e todos com cabeça boa.

– Precisamos discutir sobre leis oficiais, regras, punições – explicou Jonah. – Precisamos escrever algum tipo de constituição comunitária, eu acho. Feito isso, levamos o texto a uma reunião com a comunidade. As pessoas estão se adaptando, e isso é bom. De modo geral, estamos trabalhando juntos, mas esse negócio com a Bryar não foi o primeiro e não será o último.

– Todos nós estamos armados, de uma forma ou de outra – argumentou Rachel. – O que acontece se, sendo a natureza humana como é, alguém der um tiro, em vez de um soco? O que teria acontecido se os Mercers tivessem feito mal à Bryar? Precisamos definir isso antes que aconteça.

– Eu concordo. – Ela mesma não estivera considerando a criação de uma estrutura mais formal?, refletiu Arlys. – Vai ter gente que não vai gostar das regras e das punições, por isso precisamos torná-las simples e claras. E, se tivermos leis, precisaremos de alguém que as faça cumprir.

– Torço para que Carla assuma essa parte – disse Jonah. – Ela tem experiência, é uma pessoa tranquila. E talvez pudéssemos pedir a Bill Anderson para ajudá-la.

– Bill?

– Ele também é tranquilo, e as pessoas gostam dele, é respeitado. Não sei se ele vai topar, mas apenas Carla não vai ser suficiente. Além do mais, seria um começo. Por enquanto, a liderança dos comitês, acho que é assim que se chama, é um serviço voluntário e pode ser feito em ciclos.

– Precisamos tornar isso mais formal. – Rachel bateu o lápis na mesa. – Já que não tivemos nenhum paciente esta manhã, Jonah e eu estávamos tentando criar uma agenda. Até agora, nos concentramos em comida, abrigo, segurança, medicina, suprimentos. Precisamos também de estrutura.

Arlys assentiu.

– E com a estrutura vêm leis, convenções morais, uma linha de autoridade, punições. E informação.

– Já está na lista – disse Rachel. – Vamos ter que enviar grupos de exploradores. Neste momento, parece que só sobramos nós no mundo, mas novas pessoas têm chegado, então sabemos que isso não procede. Temos que saber o que está acontecendo lá fora. Talvez Chuck consiga religar os sistemas de comunicação, mas não sabemos com quem nos comunicaríamos ou o risco que correríamos se contatássemos as pessoas erradas.

– A natureza humana, sendo como é... – murmurou Arlys. – E a extra-humana, também. Ser extra não significa não ser violento. É só uma camada a mais. O que diabos faremos se estabelecermos leis e um de nossos Incomuns as descumprir?

– É melhor estabelecermos isso.

Arlys olhou para Jonah e suspirou.

– Está bem.

– Na minha casa? Temos um quarto extra, onde Katie pode colocar os bebês para dormir. – Rachel olhou para Jonah. – Hoje à noite?

– Quanto mais cedo, melhor.

– Vou avisar Fredinha. – Arlys se levantou. – E vou conversar com Bill e Chuck. Katie está lá fora. Aviso a ela no caminho. Que tal às nove?

– Pode ser. Carla está trabalhando na horta. – Jonah enfiou as mãos nos bolsos enquanto olhava para Rachel. – Já que estamos combinados, você poderia ir falar com ela? Podemos reunir os outros enquanto estivermos fora.

– Claro. Vou pegar o rádio.

Rachel pegou os aparelhos comunicadores e colocou um sobre a mesa, com o sinal avisando que o médico está fora mas disponível, e enganchou o outro no cinto.

Saíram juntos, em direção a Katie, que trocava Hannah. Os gêmeos estavam deitados, dando gritinhos, sobre um cobertor, acenando com as mãozinhas e chutando o ar.

– Parece até que ganharam 1 quilo de chocolate. – Rindo, ela pegou Hannah para um carinho.

Jonah pousou a mão no ombro de Rachel.

– Está ouvindo isso?

– Ouvindo o quê? Sim, estou ouvindo agora – acrescentou ela quando o barulho de motores se aproximando a alcançou. – Tem alguém chegando.

– Mais do que um alguém.

Jonah foi até a calçada. Viu outros curiosos saindo de suas casas, dos outros edifícios. Protegendo os olhos contra o brilho do sol com a palma da mão, ele olhou.

– Meu Deus.

Rachel pegou o barulhento rádio e um bebê no colo enquanto respondia:

– A sentinela os deixou passar! – gritou ela para Jonah, indo ao encontro dele.

– Não sei se ele teria tido muita escolha. Deve haver uns quinze carros, caminhonetes... e um ônibus *escolar*.

Katie, carregando dois bebês, e Arlys foram até a calçada. E então, juntos, todos acompanharam a chegada de Max e seu grupo a Nova Esperança.

CAPÍTULO 18

Ao mesmo tempo desconfiada e curiosa, Arlys avaliou o homem que saiu do primeiro carro. Alto e magro, de calça jeans e camiseta preta, cabelos escuros cacheados caindo por cima do colarinho, botas desgastadas e surradas. Achou o cara bonito e vigoroso, com a aparência desalinhada de um homem na estrada havia dias, talvez semanas.

O sujeito tinha um ar imponente, pensou ela, exalando confiança e poder. Tirou os óculos de sol com uma das mãos e levantou a outra em sinal de espera. Mais carros e caminhonetes se aproximaram – mais do que os quinze que Jonah calculara. Alguns com o que ela concluiu serem reboques para cavalos.

O homem olhou em volta, observando a rua, as pessoas, parecendo julgar se seriam bem recebidos ou não. Parecia preparado para os dois.

Ao lado dela, Jonah estava inquieto, então se aproximou do recém-chegado.

– Sou Jonah Vorhies.

Após um segundo de incerteza, Jonah estendeu uma mão.

– Max Fallon. – Max retribuiu o cumprimento. – Você está no comando?

– Hã...

Por instinto, Arlys se aproximou.

– Fomos os primeiros a chegar aqui. Sou Arlys Reid.

Uma mulher saiu do banco do passageiro – recebendo um rápido olhar de alerta de Max.

Ela usava os cabelos compridos e louro-escuros presos em um rabo de cavalo. Uma camiseta cobria sua incipiente barriga de grávida.

– Eu conheço você – disse ela, contornando a frente do carro. – Eu assistia ao seu jornal na TV. Vi até o dia em que saímos de Nova York. Meu nome é Lana. Max e eu morávamos em Chelsea.

Lana colocou a mão no braço de Max.

– Seguimos os seus sinais – acrescentou ela. – Desde...

– Desde o sul de Harrisburg – completou Max, quando Lana olhou para ele, tentando lembrar. – Pegamos pessoas ao longo do caminho.

– Estou vendo. – Jonah se manteve no lugar quando um cara magro e um cão abanando o rabo saltaram do banco de trás. – Quantos vocês são?

– Noventa e sete pessoas, dezoito delas com menos de 14 anos. Oito cães, sendo dois filhotes. Três vacas leiteiras: duas holandesas e uma Guernsey, além de um bezerro. E dois bezerros Angus. Cinco cavalos, incluindo uma égua prenha, oito gatos, cerca de uma dúzia de galinhas e um galo.

Jonah deu um assobio.

– Caramba. Vocês são o maior grupo que já tivemos por aqui, mesmo sem os animais. Estão pensando em se estabelecer?

– Nova Esperança. Seguir seus sinais deu esperança às pessoas.

Max olhou para trás quando um homem negro musculoso e um branco de aparência forte começaram a se aproximar, seguindo a fila de carros.

Arlys os olhou de relance, depois com atenção. Seu coração literalmente martelou o peito.

– Ah, meu Deus. Meu Deus. Will? Will Anderson!

Voando de alegria, ela correu até ele e o abraçou. Sentiu que ele se retesou e começou a se afastar.

– Sou eu, Arlys. Arlys Reid.

– Arlys? – Ele a puxou de volta e a encarou com tempestuosos olhos azuis. – Meu Deus. Arlys. Meu pai... Onde está meu pai?

Ela agarrou o braço musculoso de Will, sentiu-o tremer e apontou para a rua por onde Bill avançava pela fila de automóveis.

– Pai!

Bill parou. Suas pernas fraquejaram, e ele se apoiou na lateral de uma caminhonete, a mão estendida em direção ao filho. Will saiu correndo.

– Nova Esperança – murmurou Lana, vendo pai e filho se abraçarem. – É disso que todos nós precisamos. O que todos estamos procurando.

– Bill nunca perdeu as esperanças. – Jonah suspirou. – Parece que temos o nosso primeiro engarrafamento. É melhor darmos um jeito nisso. Temos um sistema. Ainda tem problemas, mas é um sistema. Talvez possamos começar parando alguns desses veículos no estacionamento da escola.

– Há algum lugar onde possamos descarregar os animais? – indagou Max. – Eles vão precisar de comida e água.

– Ah. – Jonah coçou a nuca. – Rachel, temos que avisar quem estiver na fazenda. Aquilo lá não era propriamente uma fazenda até pouco tempo atrás – disse ele a Max. – Tem duas por perto, mas muito longe da cidade, o que não nos dá segurança, por isso estamos improvisando. Temos duas vacas, dois cavalos, uma cabra e algumas galinhas. Também há um armazém, mas vamos precisar de mais ração para o que você trouxe. Temos um pouco de feno por aí. Não entendo muito sobre isso, não sou fazendeiro.

– Temos dois conosco.

– Está ficando cada vez melhor. Aaron! – Jonah fez sinal para um homem do outro lado da rua. – Você pode conseguir duas pessoas para ajudar a levar os reboques para a fazenda e assentá-los? – Ele se inclinou para acariciar o cão que veio cheirá-lo. – Cachorro bonito.

– O melhor cachorro do mundo. É o Joe. Eu sou Eddie. Posso ajudar com os animais – ofereceu ele a Max. – Eu também vi você na TV – disse ele para Arlys. – Que nenéns bonitinhos – comentou, com um sorriso fácil, quando viu os bebês. – Temos alguns na nossa caravana.

– Vamos levar alguns desses veículos para o estacionamento. Vá avisando aos outros, por favor, Poe.

– Claro.

– Assim que acabarem, temos um sistema de inscrição. Estamos tentando manter o controle das pessoas: nome, idade, habilidades. – Jonah

indicou Katie. – Isso é com Katie. Mas acho que ela vai precisar de ajuda, com tantas pessoas assim.

– Eu dou conta – respondeu Katie. – De quantos meses você está? – perguntou ela a Lana.

– Cerca de quatro meses e meio. Os seus são... trigêmeos?

– Todos meus.

Lana soltou um suspiro trêmulo e esfregou a barriga.

– Uau. – Ela olhou para Max. – Uau.

Ele colocou um braço em volta dos ombros dela e beijou sua têmpora, dizendo:

– Vamos tirar os carros da rua.

– Isso. Estou bem, aqui. Posso... inscrever nossos nomes. Max? – Ela bateu a mão no coração dele quando ele hesitou. – A confiança deve ser recíproca. Tivemos problemas no percurso.

– Todos nós tivemos. Há algum médico com vocês? – indagou Rachel.

– Um enfermeiro aposentado. Ele é ótimo. – Lana deu uma cutucada em Max. – Pode ir. Temos também uma estudante de enfermagem, que está cada vez mais experiente, um veterinário, um bombeiro e dois policiais com treinamento em emergência. Nenhum médico, mas...

– Rachel é médica – interrompeu Katie. – E Jonah é paramédico.

– Uma médica. – Lana apertou a barriga e olhou para Rachel com os olhos cheios de alívio. – Max!

Ele acariciou as costas da esposa.

– Lana se sentiria melhor se um médico examinasse como ela e o bebê estão. Bem, já volto.

– Vou examiná-los, sim. Seu nome é Lana, certo?

– Lana Bingham. – Lana estendeu a mão para Rachel quando ela se aproximou. – Tenho 28 anos. Sou chef... quer dizer, era. Eu...

Surpresa, Lana teve um sobressalto quando Duncan estendeu os braços para ela. Balbuciando, ele começou a se remexer no colo da mãe, esticando-se.

– Eu não sei quase nada sobre gravidez e nem o que fazer depois que ela nascer.

Claramente nervosa, Lana pegou Duncan.

Ele pousou a mãozinha em seu coração, e o nervosismo desapareceu. Ela sentiu a luz do menino com a mesma pureza com que sentia a que trazia dentro de si.

Olhou para os olhinhos profundamente azuis do bebê, que ganhavam um contorno verde ao sol.

– Ele é especial... quer dizer, ele é lindo. – Ela continuou a olhar para ele enquanto falava. – Se vocês não quiserem Incomuns em Nova Esperança, é melhor nos avisarem agora.

Duncan fechou a mão em torno do dedo dela, e uma luz brilhou.

– Ele é especial – disse Katie, calmamente. – Assim como a irmã, Antonia. Jonah e muitos outros na comunidade também.

Lágrimas encheram os olhos de Lana quando ela baixou o rosto para perto do de Duncan.

– Desculpe, são os hormônios. Isso é o que Ray, nosso enfermeiro, me disse.

– Katie, por que não anota as informações sobre Lana? Chef de cozinha profissional? – indagou Rachel.

– Sim, e, acredite, sei muito mais sobre como cortar um robalo em filés do que sobre gravidez, parto ou maternidade.

– Muitos pais começam assim. Eu sou péssima cozinheira. Podemos trocar a obstetrícia por aulas de culinária. E além de chef?

– Bruxa.

– Você e Max são um casal?

Katie, à sua mesa, anotava tudo de forma tão fácil e prática que Lana sorriu.

– Sim. Ele é o pai, e meu marido. Max Fallon. Tem 31 anos. Posso dizer, sem exageros, que ele é capaz de fazer qualquer coisa que precise ser feita. Ele manteve tudo isso junto, todas essas pessoas. É escritor, mas...

– Max Fallon. – Katie ergueu os olhos do papel. – Agora lembrei. Meu marido adorava os livros dele. Temos alguns na biblioteca.

– Vocês têm uma biblioteca?

Os olhos de Lana marejaram outra vez.

– Temos uma biblioteca, uma horta, uma creche e um centro médico.

Max também tem outras habilidades?

– Ele é bruxo.

– Você gostaria que ele a acompanhasse durante o exame? – perguntou Rachel.

– Sim, por favor.

– Mande-o entrar, Katie. Vou levar Lana lá para dentro, para que ela fique mais confortável.

Jonah pegou Duncan e esperou Lana entrar com Rachel para dizer:

– Eles são saudáveis. – Ele colocou Duncan sobre o cobertor. – Não pude *não* ver. Saudáveis e fortes. O bebê... tem algo brilhante. Não sei como descrever. Algo... mais. – Encerrou o assunto quando Max chegou. – Elas acabaram de entrar. Vou lhe mostrar onde é.

Lana havia colocado um avental para exames, enquanto Rachel explicava que eles tinham encontrado suprimentos e equipamentos de hospitais e clínicas ao longo da viagem até ali.

– Ainda não é suficiente, mas, à época, não tínhamos como trazer mais. E algumas coisas que temos não podem ser usadas enquanto não houver energia elétrica. Vamos torcer. Entre, Max. Primeiro, você calcula que tenha entre quatro e quatro meses e meio de gravidez, ou seja, dezoito semanas, certo?

– Ela foi concebida no dia 2 de janeiro. Isso é certo.

– Data da última menstruação?

– Para falar a verdade, não sei, mas eu sei a data da concepção.

– Tudo bem. – Rachel foi até um calendário na parede, virou as páginas para trás e contou. – Dezoito semanas e três dias. Então a data prevista do parto seria dia... melhor estimar em quarenta semanas a partir da concepção... 25 de setembro.

– Nove meses seria início de setembro.

Rachel deixou o calendário voltar para o dia certo e sorriu.

– Na verdade, a gestação humana é de quase dez meses. Quarenta semanas.

– Então por que dizem nove? – Ela se virou para Max. – Está vendo? Eu não sei nada.

– Agora você aprendeu. – Rachel apontou para a balança. – Sabe qual era o seu peso antes da gravidez?

– Cinquenta e dois quilos. Ih, eu vou ter que me pesar, não vou?

Resignada, Lana subiu na balança, mas fechou os olhos.

– Um metro e 68 de altura. Peso 57.

– Cinco quilos? – Lana arregalou os olhos. Cinco?

– É excelente para esse estágio da gravidez. Com sua altura e constituição física, um ganho de 11 a 15 quilos seria muito bom. Mas cada um é diferente do outro, então não se preocupe com isso.

– Você disse 15 quilos? Pensei que Ray estivesse exagerando.

– Sente-se na mesa e não cruze as pernas, vou aferir sua pressão sanguínea. Como você tem dormido?

– Depende. Eu tenho sonhos.

– Nem sempre conseguimos parar ou encontrar o melhor abrigo à noite – acrescentou Max.

– Hum. A pressão está boa. – Rachel anotou. – Enjoos matinais?

– Nunca tive nenhum. De vez em quando, fico um pouco tonta e sinto uma fome monstruosa.

– Alergias, doenças anteriores, medicações?

– Não, nada.

– É sua primeira gravidez?

– Sim.

Rachel fazia perguntas, Lana respondia. Max vagava pela sala.

– Já sentiu o bebê mexer?

– Acho que... Sim, senti... Quando vimos a placa? Aquela que diz Nova Esperança? Ela mexeu. Foi uma sensação maravilhosa.

Max se voltou para Lana.

– Você não comentou nada.

– Você estava falando com Poe pelo rádio. Estava preocupado. Não sabíamos se seríamos bem-vindos aqui ou o que esperar. E não era como um movimento na barriga, como eu sentia antes. Ray disse que era o bebê

começando a se mexer. Mas não foi daquele jeito. Era como se ela estivesse empolgada. Isso é normal?

– Com dezoito a vinte semanas, é bom sentir o movimento. Você vai sentir mais, mas não se preocupe se não sentir todos os dias, por enquanto. Seu mantra é “não se preocupe”.

Rachel olhou para o aparelho de ultrassom e suspirou.

– Preciso que você venha mais para baixo e coloque os pés nas perneiras. – Rachel pegou luvas em uma caixa. – Preciso fazer um exame interno. Assim que tivermos as coisas funcionando, faremos um ultrassom.

– Aquilo? – Max apontou.

– Sim. Quando pudermos usá-lo, vocês verão o bebê no monitor, vão ouvir os batimentos cardíacos. Poderei pesar e ver o comprimento, verificar um monte de coisas. Caso quisessem, poderíamos também saber o sexo.

– É uma menina. Sei disso como sei a data exata da concepção. E sei que ela é saudável e forte, mas...

– Você ainda se preocupa.

– Um ultrassom mostraria coisas que ajudariam a diminuir essa preocupação? – indagou Max.

Entendendo que futuros pais se preocupam com tudo, mesmo sob circunstâncias normais, Rachel dirigiu a Max um sorriso tranquilizador.

– Os bebês vinham ao mundo saudáveis e fortes muito antes dos exames de ultrassom.

– Mas...?

– Eu sou médica. Adoraria ter todas as ferramentas disponíveis.

– Posso ajudar com isso.

Max foi até a máquina e colocou a mão sobre ela. Rachel sentiu o ar vibrar em torno, e, em seguida, a máquina começou a emitir um som de funcionamento.

Lana estendeu a mão para acariciar o braço de Max.

– Ele tem jeito com máquinas e motores.

Por um momento, Rachel deixou de lado a serenidade profissional para dar um soquinho no ar em comemoração.

– Isso é o máximo! Temos um engenheiro e um eletricista, além de um cara de TI, que vão ficar doidos para conhecer você.

– Pode usá-lo agora, para Lana e o bebê?

– Vamos descobrir. Se soubesse que isso era uma opção, você nem precisava ter tirado a calcinha.

– Se você se preocupa que eu tenha vergonha, fique tranquila.

– Tudo bem, então.

Rachel pegou um tubo de gel e vestiu as luvas.

– Vou passar isso no seu abdômen – explicou ela, levantando o avental.

– Vai doer? – perguntou Max, tomando a mão de Lana.

– Nadinha. – Cruzando os dedos mentalmente, Rachel esfregou o transdutor sobre o gel. – Aqui. – Ela apontou com a cabeça para o monitor. – Aqui está seu bebê.

– Não estou conseguindo... Meu Deus, consigo, sim! – Lana apertou a mão de Max. – Estou vendo. Ela está se mexendo. Estou sentindo.

– Está ouvindo isso? É um ótimo batimento cardíaco, forte. E, pelo tamanho, eu concordo com a sua data de concepção.

– Ela é tão pequena – comentou Max, traçando o contorno da imagem na tela com o dedo.

– Já vi pimentões maiores – concordou Lana. – Ela está crescendo bem?

– Deve ter cerca de 3 centímetros e meio e uns 200 gramas. Está crescendo exatamente como deve ser. E você acertou de novo: é uma menina.

– Estou vendo os dedinhos dela. – Emocionada, a voz de Lana falhou. – Ela tem dedos.

– Dez dedos, sendo dois polegares – confirmou Rachel. – Vamos dar uma olhada mais de perto, observar o coração, o cérebro, os outros órgãos, mas já posso afirmar que estou vendo um feto de dezoito semanas perfeitamente formado, do sexo feminino. Quanto tempo isso vai ficar ligado? – perguntou ela a Max.

Ainda traçando o contorno do bebê, ele levou a mão de Lana aos lábios.

– De quanto tempo você precisa?

Rachel teve vontade de chorar também.

– Se eu ainda não disse isto, vou dizer agora: bem-vindos a Nova Esperança.

Lana saiu com uma lista de orientações. Uma fila de pessoas se formara na frente da mesa de Katie. Lana se aproximou de Ray e o abraçou.

– Não falei, mamãe?

– A médica disse que ela é perfeita. Que estamos perfeitas. Ela gostaria de falar com você e Carly depois que se instalarem com calma. Gostei dela, Ray. Gostei bastante dela.

Ele lhe deu um tapinha na bochecha com sua manzorra de palma larga.

– Você estava certa em seguir os sinais.

– Olá, eu sou Fred. – Fredinha entrou dando pulinhos, radiante. – Você é Lana e você é Max, certo? Vocês trouxeram o filho do Bill. Ele está tão feliz! Estão na Bygones, acho que precisam de um tempinho juntos. Jonah pediu que eu mostrasse a vocês a casa que ele acha que seria uma boa ocuparem. Se quiserem.

– Eu realmente preciso verificar algumas coisas – disse Max a Lana. – Ver como estão algumas pessoas.

– Pode ir. Eu vou com... Fred? É diminutivo de Fredrica?

– Diminutivo de Freddie. Minha mãe era grande fã do Freddie Mercury. Do Queen, sabe?

Lana soltou uma boa risada.

– Sei. Eu gostaria muito de dar uma olhada em volta, ver a casa.

– Fica logo ali, do outro lado da rua. Está vendo? – Ela apontou para uma casa de dois andares, de tijolinhos brancos, com um alpendre. – Antes era maior. Está vendo ali? Eles transformaram a outra parte em apartamentos. Estão um tanto ultrapassados e precisam de obras, mas a parte da casa é muito boa.

– Eu adoraria conhecer. – Lana ergueu o rosto para dar um beijo em Max.

– Vá fazer o que deve fazer – disse ela, e seguiu com Fredinha.

– Eu moro bem ali. Arlys e eu dividimos a casa.

– Vocês se conheceram no caminho para cá?

– Não, trabalhamos juntas em Nova York. Eu era estagiária na emissora. Ali mora Chuck, no porão. Bill e Jonah moram lá também. Arlys e eu fomos a Hoboken para encontrar Chuck. Ele é hacker e era a principal fonte dela.

– Como vocês chegaram a Hoboken?

– Pelos túneis subterrâneos dos trens que ligam Manhattan e Nova Jersey.

Lana parou no meio da rua.

– Vocês atravessaram o túnel? Só você e Arlys?

– Não tínhamos opção. Foi péssimo. Aconteceram algumas coisas mais do que péssimas, mas tudo isso já passou. Encontramos Chuck, e ele tem um blindado, e saímos da cidade. Está tentando fazer funcionar o sistema de comunicações. Se alguém pode fazer isso, é ele. Conhecemos Jonah, Rachel, Katie e os bebês durante a viagem. Eu adoro bebês. E fomos todos até Ohio porque a família de Arlys... mas...

– Sinto muito.

Brincos grandes com pedras coloridas balançavam nas orelhas de Fredinha.

– Mas lá encontramos Bill, que veio conosco. E deixamos sinais para Will. E conhecemos Lloyd e Rainbow e... Sei que estou falando muito. É que estou empolgada.

– Eu também!

Apenas alguns degraus separavam a calçada do alpendre da casa. Fredinha abriu a porta.

– A casa foi reformada, fizeram aquele plano aberto, sabe?

– Sei.

Era arejada, Lana constatou, e bem iluminada, apesar das pequenas janelas da frente.

– Pode mudar a mobília, se quiser. Ninguém se importa se você quiser trocar por coisas das outras casas desocupadas. Agora não vai ter mais tantas desocupadas. Legal.

– Isso aqui está ótimo. Sou muito grata.

Os antigos moradores tinham um gosto simples e despojado. Um sofá cinza, que lhe lembrava os olhos de Max; cadeiras estampadas em tons de cinza e azul-marinho; mesas de madeira escura, piso de carvalho-dourado. Uma lareira com uma cornija bem larga.

A cozinha logo a atraiu. Tinha o mesmo piso, o que dava a impressão de ser tudo um único espaço. As áreas eram delimitadas por um balcão de madeira de cor creme, com tampo de granito cinza-escuro.

Ela entrou na cozinha, apertou as mãos de emoção ao ver o fogão de seis bocas, os eletrodomésticos em aço inoxidável, o amplo balcão da pia. Forno duplo, pensou, e portas largas para deixar entrar mais luz.

– É uma ótima cozinha.

– Está tudo empoeirado, mas...

– A gente limpa. É uma ótima casa. Tem um belo jardim. Disseram que vocês têm uma horta. Vocês plantaram ervas?

– Claro. Tivemos que plantar um monte delas a partir de sementes, mas já temos muitas crescidas.

– Será que eu conseguiria algumas sementes ou mudas? A quem devo pedir?

– Eu sou meio que a responsável pela horta, é claro que pode pegar. Quer ver lá em cima?

– Claro.

– Katie disse que você era chef de cozinha em Nova York.

– Eu era *sous chef*. Uma subchef. Trabalhei no Delray's três anos e meio.

– Eu conheço o Delray's! – Com um salto, Fredinha foi na frente escada acima. – Quer dizer, conheço de nome. Não tinha dinheiro para comer lá, mas li alguns comentários. Lugar bacana.

– Bons tempos – murmurou Lana. – Eu vou cozinhar para você.

– Sério? Se eu conseguir queijo, você pode fazer lasanha?

– Se você conseguir queijo, faço a melhor lasanha da sua vida.

– Temos vacas leiteiras e uma cabra. Quem tem leite pode fazer queijo e manteiga. Queijo é mais difícil, mas estou trabalhando nisso. Eu encontrei um livro, e estou usando urtigas e cardos para o... Como é que se chama mesmo?

– Coalho. É uma ideia muito inteligente, Fredinha.

– Fiz um pouco de cottage e até que não ficou tão ruim. Sou uma fada, a propósito.

– É claro! Você tem um brilho.

– Seu bebê também tem um brilho, Jonah me disse. Ele vê coisas assim. Eu sinto coisas, mas ele sente e vê. Aqui seria um quarto muito bom para o bebê.

Pensando no bebê, na luz, Lana olhou o cômodo que um dia fora um quarto de hóspedes e escritório. Fredinha tinha razão: seria um bom quarto de criança. Não muito grande, não muito pequeno, com boa luz, uma janela que dava para o quintal.

– Podemos tirar esses móveis e trocar por coisas de bebê.

– Nem sei do que um bebê precisa.

– Eu vou ajudar você. Katie também. Ela agora sabe tudo sobre o assunto. E ela tem roupas de recém-nascidos. Devemos começar um grupo de crochê, aposto que adorariam fazer peças de bebê para vocês.

– Um grupo de crochê? – Uma fada que faz queijo, uma médica, uma casa com uma cozinha ótima e um quintal bonito. – Estou sonhando.

– Tem gente ruim aqui também. Precisamos ter guardas, por segurança. E a maioria nos aceita, a maioria está feliz em ter gente como nós, porque podemos ajudar.

Lana não precisava ouvir um *mas* para saber que haveria um ali.

– Nem todos aceitam os Incomuns – concluiu ela.

– Nem todos, apesar de não admitirem isso na nossa cara. Mas tem mais gente boa do que má. O outro quarto é maior, e está muito bonito. O banheiro é aqui. O de lá de baixo é apenas um lavabo. Deve ter sido reformado não faz muito tempo, porque está modernizado e tudo o mais. Ao contrário dos apartamentos.

Lana entrou no quarto e se sentou na beirada da cama.

– Você está cansada? Quer se deitar um pouco? – sugeriu Fredinha.

– Não estou cansada, é só a emoção de tudo isso. A gente começa a duvidar que tenha sobrado alguma bondade verdadeira, e então descobre que sim. Somos muito gratos.

– Só temos a nós mesmos. Temos que ser bons uns com os outros. – Fredinha sentou-se ao lado dela. – Você está somando forças à comunidade, e isso torna todos nós mais fortes. Posso tocar?

– Claro.

Lana pegou a mão dela e a levou à barriga.

– Ela está chutando!

– Começou a fazer isso hoje.

– Ela também está feliz. Você está com fome? Temos comida pronta em casa.

Bondade, pensou Lana. A mais pura bondade.

– Estou sempre com fome... ou ela. O que eu realmente gostaria de ver são os jardins e a horta.

– Mesmo? É um belo passeio. Podemos parar e pegar um lanche para você no caminho.

– Freddie, do Queen... Rainha Freddie – disse Lana, fazendo-a rir. – Eu adoraria. Já faz um tempo desde que dei uma voltinha só por prazer.

Na escola fundamental, Rachel analisou as informações da nova paciente e fazia algumas anotações. Já vira 22 dos recém-chegados.

Jonah, que voltava da enfermaria (onde guardavam suprimentos extras), parou e ficou observando-a através do vidro.

Ela deixara Clarice, ex-proprietária de um salão de beleza, cortar seus cabelos. Jonah adorou o novo penteado, a explosão de espirais ao redor do rosto dela.

Haviam montado a clínica juntos e muitas vezes trabalhavam lado a lado por horas. Ao mesmo tempo que seu respeito por Rachel como pessoa e como médica havia aumentado, ele aprendera mais sobre ela. Pequenas coisas, refletiu.

Ela gostava de livros de ficção científica, ganhara um prêmio de atletismo no ensino médio, nunca andara a cavalo e tinha certo medo deles.

Antes, colecionava embalagens de balas PEZ, algo que ele considerou ridiculamente cativante.

Soube que ela morara em uma casa com outros residentes durante um ano e, nessa rotina, fazia de tudo para economizar cada centavo para poder comprar um pequeno apartamento.

Sentia quando ela precisava de um intervalo, cinco minutos para si mesma. E sabia que seus sentimentos por ela, sobre ela, tinham mudado. O que sentia agora não era apenas uma paixão. O que ele não sabia era o que fazer a respeito.

O olhar dela encontrou o dele. Jonah viu a fadiga em seus olhos, e uma ligeira perplexidade.

Para disfarçar o fato de que parara ali só para observá-la, foi até a entrada da sala.

- Desculpe, não quis interromper. Você estava tão concentrada.
- Acabei de terminar. Quer dizer, assim que arquivar tudo isso.
- Deixe comigo. Vá descansar um pouco, doutora. Ray pode aliviar um pouco sua carga, não acha?

- Ele está disposto e é capaz. Sabe Carly, a estudante de enfermagem? Ela adquiriu alguma experiência prática na viagem até aqui, mas ainda precisa aprender mais.

Jonah começou a arquivar as informações dos pacientes, enquanto Rachel, sentada, massageava a própria nuca.

- Dor de cabeça?
- Apenas sobrecarregada – respondeu ela. – Temos um caso de diabetes tipo 2. Eles administraram isso muito bem e encontraram medicamentos orais, mas o estoque está baixo. Algumas pessoas tomam medicação diária: para hipertensão, transtornos psíquicos, arritmia, circulação, asma, e por aí vai.

Ele assentiu, terminando o arquivamento.

– Eu vim justamente avisar você que vamos precisar de mais material. Mesmo os mais básicos ficaram em baixa depois de hoje. Ainda temos um estoque razoável, mas acabamos de receber quase uma centena de pessoas. É hora de uma caça ao tesouro.

– Eu vou com você.

– Não, precisamos de você aqui. Vamos descobrir quem seria melhor para ir junto e fazer com que se candidate. Acho que precisamos adiar a reunião, pelo menos por um dia. Muita coisa acontecendo. E, quando a fizermos, se estivermos confortáveis com eles até lá, acredito que devamos incluir Max e... O nome dela é Lana, certo?

– Sim. E concordo em incluí-los. Ah, e Bill vai querer o filho dele lá.

– Vou poder conhecer melhor Will, ele vai morar conosco. Quer saber minha primeira impressão? Ele viajou centenas de quilômetros para encontrar o pai. Isso diz algo sobre seu coração e seu caráter.

– Novamente, eu concordo. Discordo só em um ponto: acho que não podemos, na verdade não devemos, adiar a reunião. Katie pegou as informações dos novos moradores, e Lloyd a ajudou com isso por um tempo. Ambos vieram me dizer que Kurt Rove, os Mercers e Denny Wertz estavam do outro lado da rua, assistindo. E Katie viu os Mercers provocarem um garoto, um adolescente com um cachorro. Parece que um deles foi agressivo e ameaçou matar o animal quando ele rosnou.

– Droga. Por que Katie não mandou me chamarem?

– Ela estava prestes a fazer isso quando Rove se meteu, e as pessoas do grupo de Max responderam à altura. Max foi até ele e disse alguma coisa que fez Rove e os Mercers recuarem. Precisamos de regras, Jonah. Precisamos de ordem. E para ontem.

– Muito bem. – Ele esfregou o rosto. – Ok, temos cerca de três horas. Incluímos Max, Lana... e Will Anderson?

– Acho que é o melhor a ser feito. Posso avisar Max e Lana. Você avisa Will.

– Você precisa fazer uma pausa, Rachel. Quando foi a última vez que comeu?

– Foi um dia cheio, Dr. Vorhies.

Ele abriu a gaveta da escrivaninha e pegou uma barra de proteína.

– Por que eles não fazem essas coisas com sabor de sundae e calda de chocolate quente ou rosbife malpassado com molho? – Ela abriu a embalagem e deu uma mordida. – São simplesmente horríveis. A boa notícia é que não vão durar para sempre.

– Bem que poderiam ter gosto de bolinhos Twinkies.

Ela deu uma risadinha.

– *Zumbilândia*. Adoro esse filme. A outra boa notícia é que, por mais que o mundo esteja ferrado, não é um apocalipse zumbi.

– Ainda não.

Com um suspiro, ela mordeu mais um pedaço da barra de proteína.

– Você realmente consegue me animar, Jonah.

– Que tal dar uma volta? Você bem que precisa de um pouco de ar fresco, algum tempo fora daqui. Vamos falar com Max sobre a reunião, e também com Bill e o filho dele. Talvez ir até a horta.

– É uma boa ideia.

Ela se levantou; ele esqueceu de recuar. E lembrou a si mesmo que havia trazido gêmeos ao mundo em circunstâncias desesperadas. Conseguiu tirar os gêmeos, Hannah, a mãe deles e Rachel de Nova York. Tinha feito coisas durante os últimos quatro meses que jamais acreditara ser possível, das quais não se julgava capaz.

Então, por que não conseguia tomar a iniciativa com Rachel?

Ele não se afastou e percebeu que ela também não.

– Quero lhe perguntar uma coisa.

Ela manteve os olhos nos dele.

– Pode perguntar.

– Se nada disso tivesse acontecido, se as coisas fossem como eram antes, e eu convidasse você para tomar um drinque, talvez ver um filme, você teria aceitado?

Ela pensou por um segundo.

– Que tipo de filme? É um detalhe importante. Se você tivesse me convidado para ver um filme de arte europeu, legendado, eu teria

recusado. Isso não é maneira de relaxar depois de um dia no pronto-socorro.

– Eu nunca vi um filme de arte europeu legendado.

– Então, talvez. – Os olhos escuros como chocolate se mantinham firmes nos dele. – Às vezes é difícil voltar lá, tentar lembrar como as coisas eram. Mas talvez. Por que não fez isso?

– Eu estava pensando em como fazer.

– Bem, do jeito que as coisas estão agora, você perdeu sua chance de uma noite no cinema. Tem outra ideia?

– Não quero estragar nada, deixar as coisas estranhas entre nós. Precisamos trabalhar aqui, e temos que criar aquela estrutura. Então, se você não...

– Ah, pelo amor de Deus.

Ela revirou os olhos e colocou a mão na nuca de Jonah e o puxou até sua boca encontrar a dela.

Ele sentiu sua mente derreter. Simplesmente derreter. Todo aquele anseio, todo aquele desejo, se transformando em realidade. Permaneceu ali, afoito, até sentir a mão dela pressionando seu coração que martelava.

– Eu não me sinto estranha. – Com seus olhos grandes e lindos nos dele, ela suspirou devagar. – E você?

– Não tenho certeza. Preciso ter certeza.

Jonah a levantou do chão e a beijou novamente. Não se perguntou por que tinha esperado tanto tempo. Por que questionar o que parecia tão perfeito?

– Não, não me sinto estranho.

– Ótimo. Vamos fazer aquele passeio. Falar com Max, falar com Bill.

– Certo.

Ele a soltou, lembrando a si mesmo que tinham prioridades.

– Depois, vamos continuar andando. Para a minha casa.

O olhar de Jonah se intensificou, ainda fixo no dela.

– Para a sua casa – disse ele.

– Para a minha cama. Temos umas duas horas. Como você disse, eu preciso fazer uma pausa. Acho que você também precisa.

– Eu desejo você há tanto tempo...

– Talvez não faça tanto tempo para mim, porque antes eu teria ficado surpresa se você me convidasse para ir ao cinema, mas em algum lugar da Pensilvânia, pouco depois de conhecermos Arlys, Fredinha e Chuck, eu comecei a desejar você.

– Precisamos fechar tudo aqui.

– Verdade.

Ela deixou o rádio a postos, como sempre fazia em caso de emergência médica.

– Rachel? – Eles saíram, fechando a porta. – Preciso avisar que estou muito, digamos, enferrujado.

– Humm. – Ela sorriu enquanto seguiam juntos, através da luz irregular, até a entrada. – Que sorte a sua, porque eu tenho um tratamento para isso.

Depois de uma hora, Jonah se considerava curado.

CAPÍTULO 19

Na grande sala de estar, com os sofás confortáveis e o belo e antigo piso de castanheira, Max aceitou a cerveja. Não sabia bem o que pensar do convite, mas imaginou que Jonah e os outros que se reuniam ali naquela noite queriam ter uma noção melhor de quem eram ele e Lana.

Como ele também queria ter uma noção melhor de quem eles eram, o encontro foi providencial.

Não mencionara as preocupações que rondavam seus pensamentos. Esquecera todas ao ver Lana serena, ao ver o prazer dela ao colocar flores em um vaso no cômodo que era, pelo menos por enquanto, o quarto do casal.

Ao ver a filha – sua filha – se mexendo dentro dela.

Podia guardar para si suas preocupações e dúvidas, pelo menos até que tivesse uma ideia melhor de como as coisas transcorriam por ali. Só que o incidente com Flynn, a indignidade demonstrada pelos homens que tinham feito questão de atormentar o garoto, tudo isso estava guardado dentro dele.

– Katie e Fredinha já vão descer – avisou Rachel, e acendeu mais algumas velas antes de se sentar ao lado de Jonah, no sofá à frente. – Estão colocando os bebês para dormir. E Arlys foi atrás de Chuck, para tirá-lo de sua busca contínua por um sinal de wi-fi. Agradecemos que tenham vindo. Sei que ainda estão se organizando.

– Como está o restante de seu grupo? – perguntou Jonah.

– Estão se acomodando.

– Ótimo. Posso ajudar vocês amanhã. Móveis, alimentos, esse tipo de coisa.

– Muito obrigado.

– Você, Katie e os bebês vivem aqui – disse Lana.

– Não éramos tantos quando chegamos – explicou Rachel –, mas mesmo assim acabamos ficando em casas bem próximas. Moramos aqui. Jonah, Chuck e Bill, e agora também Will, ficam ao lado. Fredinha e Arlys, na casa seguinte à deles. Estamos juntos há mais tempo.

– Lloyd Stenson escolheu um apartamento do outro lado da rua, e Carla Barker está em um dos apartamentos em cima da Bygones – acrescentou Jonah. – Eles vão vir hoje. – Jonah ficou olhando para a cerveja, pensando bem no que dizer. – Já pretendíamos nos reunir esta noite. Quando vocês chegaram, decidimos que seu grupo deveria estar representado.

– Em quê?

Jonah olhou para Max.

– Somos pouco mais de trezentas pessoas agora. Em geral, todos se dão bem. Todos contribuem de alguma forma.

– E todos estão superando algum trauma – continuou Rachel. – Perdas, ganhos... O que enfrentaram. Alguns se reúnem para uma espécie de terapia de grupo, cada dia numa casa. Outros encontram maneiras diferentes de lidar: trabalham nos jardins, participam de reuniões de artesanato, procuram passatempos. Lloyd constrói coisas. Estamos trabalhando em uma estufa, que é um projeto comunitário. E ele ajeitou os brinquedos da praça para as crianças brincarem enquanto os adultos estão plantando ou capinando. Alguns montaram bandas, um clube de leitura, grupos de oração.

– Algumas pessoas se revezam nos cuidados com os animais – acrescentou Jonah. – Temos que ver como fazer quando incluirmos os que vocês trouxeram.

– Vocês estão dizendo que, na maior parte, as pessoas seguiram vivendo. Encontraram um lugar para si. – Lana bebeu um pouco de água, refletiu. – Mas nem todos.

– As pessoas são o que são – comentou Jonah.
– Como aquele grupo que foi importunar Flynn hoje – disse Max.
Jonah assentiu.
– Don e Lou Mercer são apenas dois idiotas.
– Flynn não é. Se fosse, eles precisariam de cuidados médicos.
– Não é a primeira vez que eles tentam criar problemas – explicou Rachel. – Ou conseguem. É exatamente esse o motivo para esta reunião.
Ela olhou na direção da entrada ao ouvir a porta abrir e algumas vozes.
– Arlys e Chuck – concluiu.
– Preciso de energia – dizia Chuck. – Se eu conseguir energia, posso ir mais longe. Se me arranjam energia, posso talvez chegar ao provedor da AOL de novo e ver se trago a internet de volta.

Max observou quando o rapaz desengonçado, de 20 e poucos anos, com um cavanhaque desalinhado e uma barafunda de cabelos louros com listras roxas, parou de repente, boquiaberto.

– Caraca! Max Fallon! É Max Fallon, cara!
– Eu falei – disse Arlys.
– Hein? Eu não estava ouvindo. – Ele se aproximou depressa, agarrou a mão de Max, balançou-a com vigor. – Sou seu grande fã. Fui a um lançamento seu na Spirit Books, no ano passado, embora eu praticamente só leia livros digitais. *O grande cerco*. Incrível! É o meu favorito.

Max ficou sem palavras. Fazia um tempo... muito tempo, aliás, que não pensava em si mesmo como escritor.

– Obrigado.
– Max Fallon – repetiu Chuck. – Demais.
– E esse é Chuck – apresentou Arlys. – O habitante do porão.
– Eu mesmo. Tem cerveja aqui? Gelada?
– Fredinha as gelou – disse Jonah.
– Beleza. – Ele pegou uma, torceu a tampa. – Então, vocês são Max e... desculpe, eu não estava ouvindo... Lucy?
– Lana.
– Max e Lana. Vocês trouxeram umas cem pessoas? Muito maneiro. – Ele bebeu um gole da cerveja. – Como estão as coisas lá fora?

– Seguimos os sinais e a rota de vocês, então o caminho foi mais fácil do que esperávamos. Tivemos problemas aqui e ali. Desviamos quando foi possível, enfrentamos quando não foi.

– Rapinantes? Cambada de imbecis. São capazes de matar por uma lata de feijão.

– Aqui e ali – repetiu Max.

– Encontramos alguns perto de Baltimore. Perdemos três pessoas. Teria sido pior, mas... – Chuck se interrompeu, olhou para Jonah.

– Tudo bem. Tínhamos alguns Incomuns conosco, e eles criaram uma parede de fogo. Isso os fez recuar.

– A moto e o jipe incendiados – murmurou Lana. – Os restos carbonizados no jipe. A gente passou por lá.

– Desviar quando puder – disse Jonah. – Enfrentar quando não puder. Temos postos de sentinela, gente de vigia 24 horas por dia. Harley estava lá quando vocês entraram, e vocês passaram porque...

– Nós lemos um ao outro. – Max ouviu a porta novamente, mais vozes, relaxou um pouco quando percebeu que um deles era Will. – Ele sabia que não éramos Rapinantes e que não queríamos fazer mal a ninguém.

Max se levantou quando Will chegou com um homem, obviamente seu pai. Mesmo maxilar, mesmos olhos. Max agarrou a mão de Will.

– Você o encontrou, como disse que faria.

– Sim. Pai, estes são Max e Lana. Eles me ajudaram a chegar aqui.

Bill Anderson não apertou mãos, mas os abraçou com força.

– Qualquer coisa que precisarem, a qualquer hora. Vocês me deram meu menino de volta.

– Com ou sem a nossa ajuda, ele não teria desistido.

– Significa o mundo para mim. – Bill ergueu uma garrafa de vinho que trazia. – Da minha adega particular – anunciou, com um sorriso e uma piscadela.

Fredinha desceu as escadas dançando.

– Você é Will. O Will do Bill. – Ela correu para Bill e o apertou em seus braços. – Estou tão feliz por vocês! Eu sou Fred. – Ela encostou a

cabeça no braço de Bill e sorriu para Will. – Eu ajudei a deixar os sinais. Com um pouco de poder de fada.

Will deu um beijo na mão dela, fazendo-a rir.

– Ah, aposto que são Lloyd e Carla, vou abrir a porta. Só falta Katie, que está vindo.

Max deixou tudo fluir ao seu redor, fazendo um balanço. Claramente, Lana estava adorando o momento: pessoas, conversas, sem se preocupar em pensar onde estariam no dia seguinte, e no seguinte.

Ele calculou que Lloyd devia ter a mesma idade de Bill, algo em torno dos 60 anos. Era esguio porém forte, parecia quase elástico. Carla, de constituição robusta, cabelos bem curtos, o analisava, pensou Max, da mesma forma que ele fazia com ela.

Katie desceu a escada correndo, já se desculpando:

– Os bebês estavam agitados. Você se mudou para a casa ao lado? – perguntou a Will.

– De mala e cuia. Não havia muitas malas mesmo.

Katie desabou no sofá ao lado de Jonah, e Will se sentou no braço da poltrona em que Arlys estava.

– Talvez a gente possa tirar um tempo para saber as novidades.

– É claro que podemos. – Ela baixou a voz: – Sinto muito por sua mãe e sua irmã.

– Obrigado. – Ele colocou a mão sobre a dela. – E eu sinto por seus pais e por Theo. É muita coisa para lamentarmos.

No sofá, Rachel deu um tapinha no joelho de Jonah. Ele se remexeu, pareceu um pouco relutante e, por fim, deu de ombros.

– Ok, vou começar. Rachel, Arlys e eu conversamos hoje cedo, antes de recebermos mais noventa e tantas pessoas e animais. Nós sobrevivemos, e percorremos um longo caminho para fazer de Nova Esperança um lar. Sei que ter eletricidade é uma prioridade, assim como manter a segurança. Outra prioridade é conseguir mais suprimentos, especialmente remédios, e isso significa formar equipes de busca e exploração.

Enquanto ele falava, Arlys pegou um caderno e um lápis.

– Talvez seja hora de ter uma prefeitura – sugeriu Lloyd. – Apresentar nossos mais novos vizinhos, convocar mais voluntários.

– Sim. Antes disso, acho que devíamos convocar uma reunião pública para discutirmos alguns assuntos. Imagino que todo mundo tenha ouvido falar que os Mercers ameaçaram Bryar ontem à noite, e depois o Aaron.

– Pelo que eu ouvi, se você não tivesse aparecido, a situação poderia ter ido além de simples ofensas por parte dos Mercers. São uns encenqueiros – acrescentou Carla. – Tem gente que nasce assim.

– Talvez. E hoje eles tentaram causar problemas com um garoto do grupo de Max.

– Também soube disso. – Carla observou a reação de Max. – E soube que eles se afastaram quando vocês ficaram frente a frente.

– Encenqueiros e valentões. Tem gente que nasce assim.

– Precisamos nos perguntar o que vamos fazer se tentarem mais do que implicar e criar caso. Até agora, esse tipo de atitude envolveu quase exclusivamente palavras, no máximo um soco ou outro. – Jonah fez uma pausa. – Não é certo que Bryar não deveria ter medo de dar um passeio à noite. Ninguém deveria.

– Quase todo mundo tem armas – observou Carla –, mesmo aqueles que... no caso, os Mercers de novo... mesmo aqueles que não deveriam.

– Kurt Rove – acrescentou Bill. – Sharon Beamer. E mais alguns nomes que eu poderia levantar.

– Precisamos de um plano. Precisamos de estrutura. – Rachel colocou a mão no joelho de Jonah. – Regras, leis.

– Quando tivermos as leis, vamos precisar de gente para aplicá-las, para litigar, para legislar. – Lloyd franziu a testa sobre as mãos juntas, as pontas dos dedos unidas. – Alguns vão se opor, não vão querer que lhes digam o que podem ou não fazer. Quem vai escrever as leis, quem vai decretá-las e fazê-las serem cumpridas? Quem decidirá sobre as punições por desobedecê-las?

– Estamos com uma folha de papel em branco, certo? – observou Jonah. – Podemos começar com traços mais largos. Com o bom senso.

– Sem fazer mal a ninguém – disse Lana, levantando a mão em seguida. – Desculpe, não tive a intenção de interromper. É nossa primeira regra.

– Me parece uma regra muito boa. – Bill sorriu para ela. – Só temos que subdividi-la: fazer mal a outra pessoa, fazer mal à propriedade, fazer mal aos animais. Acumular suprimentos, pois isso também é fazer mal aos outros.

– Podemos considerar os suprimentos um bem comum. – Arlys continuou a escrever. – Mas isso nos leva de volta a como impor leis e determinar punições.

– Policiamento – disse Jonah, olhando para Carla.

– Eu era delegada de uma cidade pequena, então conheço bem as rixas e a dinâmica de lugares como o nosso. É um pouco mais perigoso quando se tem mais armas do que pessoas... e quando algumas pessoas têm o que chamamos de armas não convencionais.

– Vocês já tiveram problemas com os Incomuns? – indagou Max.

– Não muitos – respondeu Jonah. – Só uns garotos criando confusão.

– Em geral, eles estão só testando suas habilidades – observou Fredinha.

– Yale Trezori explodiu uma árvore, Fredinha – lembrou Chuck.

– Eu sei, mas ele não queria fazer isso, ele mesmo se assustou. O garoto tem 14 anos. Eu acho...

– Diga – pediu Rachel.

– Eu acho que poderíamos criar uma espécie de escola ou centro de treinamento para as crianças, ou para qualquer pessoa que ainda não conhece suas novas habilidades.

– Hogwarts – disse Chuck, cutucando-a nas costelas.

– Tipo isso. Bryar seria muito boa em ensinar. Ela é tão paciente!

– Alguém no grupo de vocês se qualificaria? – perguntou Rachel a Max. – Alguém que estaria disposto a ensinar e ficar de olho nas crianças?

– Sim, já começamos isso – respondeu ele, e deu dois nomes para Arlys anotar.

– Essa escola poderia ser no centro da Legião Americana – sugeriu Fredinha. – Fica a apenas um quarteirão da Main Street, então as crianças poderiam ir a pé. Posso conversar com Bryar, e, se ela topa, Aaron também topa. Ele teria uma desculpa para estar sempre com ela.

– É uma boa ideia – elogiou Jonah. – Max, será que as pessoas que você citou ajudariam a estruturar isso?

– Vou falar com eles.

– Ótimo. Carla, você pode fazer o policiamento?

– Sim, Jonah, mas as pessoas vão aceitar a autoridade? Além disso, eu nunca estive no comando, e não posso fazer isso sozinha.

Embora, inicialmente, tivesse pensado em pedir a Bill, Jonah mudou de ideia.

– Eu esperava que Max se dispusesse.

Max levantou as sobrancelhas.

– Por quê?

– Porque você sabe liderar – explicou Jonah. – E, para que funcione, precisamos que todos estejam representados. Você tem dois policiais em seu grupo. Isso resolveria a questão.

Max balançou a cabeça.

– Mike Rozer, sim. Era policial de cidade grande, tem uma década de experiência. É firme. O outro é Brad Fitz. Ele também é experiente, mas muito estourado. E amargo. Não é uma boa combinação.

– Ok. Você faria isso?

Antes que Max pudesse responder, Lana tocou seu braço.

– Você nos trouxe até aqui a salvo. Impediu que as pessoas perdessem a cabeça. As quase cem pessoas que vieram conosco sabem disso e esperam isso de você. Se você fizer parte do processo, elas vão se sentir parte também.

– Você quer que eu aceite?

– Eu... Eu acho que você está destinado a isso.

– Tudo bem. – Ele pegou a mão de Lana. – Muito bem, vamos tentar. Só que vocês devem escolher mais alguém do seu grupo, e que seja um Incomum. Para equilibrar.

– Diane Simmons – disse Arlys, sem tirar os olhos do caderno. – Ela pensa rápido, é calma e não tolera desrespeito.

– Metamorfa – acrescentou Katie.

– Eu concordo, Diane e Carla são mulheres sensatas – afirmou Lloyd. – E as primeiras impressões aqui dizem o mesmo sobre Max. Entretanto, deixar claras as leis e fazer a comunidade aceitá-las como um todo, aceitar a autoridade das pessoas que nomeamos, é bem diferente.

– Eu pensei que você pudesse apresentá-las – disse Jonah. – Você é inteligente, justo, ninguém aqui discordaria disso. As pessoas o respeitam, Lloyd. Por isso, se você explicar sobre as leis como se elas já estivessem decididas... embora não seja a forma mais justa, mas é a melhor que temos no momento... a maioria das pessoas vai concordar com isso.

– E os que não aceitarem?

– Serão impugnados.

Lloyd coçou a nuca, beliscou a ponta do nariz.

– Vamos refletir sobre a questão. O que faremos, caso possamos realmente aplicar tudo isso, com os infratores? Trancá-los num armário?

– Uma porta trancada não impediria a ação de infratores que possuem magia – observou Max. – Lana e eu usamos um método diferente.

– Chamamos de Cantinho do Silêncio. – Lana riu. – Parte disso era fazê-los se sentirem como idiotas, e isso se referia, na maior parte, a discussões, lutas corporais ou... algum tapa usando magia. Mantínhamos a mesma regra para todos os envolvidos. Um determinado período no Cantinho do Silêncio.

– Dentro do círculo por um período de tempo determinado – explicou Max. – Sem comunicação. Tempo para se acalmar, tempo para pensar em por que agiu como um idiota. Funcionava razoavelmente bem.

– Eu passei dez minutos dentro – admitiu Will. – No início da nossa relação. É mortificante e isolador. No primeiro minuto lá, tudo que eu queria fazer era sair e chutar a cara do Max. Nove minutos depois, eu tinha uma perspectiva diferente.

O sorriso de Max para ele demonstrou o afeto que havia entre os dois.

– Você aprende rápido.

– Bem, vou pensar sobre isso – disse Lloyd. – Vou tentar encontrar uma linguagem, e uma abordagem.

– Está bem. Enquanto isso, Max, seria ótimo se você trabalhasse com a equipe de energia amanhã. E nos indicasse algumas pessoas para nossas equipes de busca e exploração.

– Pode contar comigo. Não sei o que posso fazer em relação a energia quando se trata de uma cidade inteira, mas vamos ver. Para a exploração, ninguém melhor do que Flynn e Lupa.

– Flynn é o menino de hoje – lembrou Rachel. – E Lupa?

– O lobo dele.

– Você quer dizer um lobo de verdade?

– Sim. Um elfo e seu lobo que protegeram e alimentaram uma aldeia de quase trinta pessoas. Por mais de dois meses. Eu enviaria junto Eddie e Joe, o cachorro dele.

– Esse é um cachorro comum?

– Um cachorro comum e um homem de bem – respondeu Lana. – Para a busca, Poe e Kim. Eddie, Poe e Kim se instalaram nos apartamentos anexos à nossa casa – contou Lana. – Eles estão conosco há mais tempo. Não possuem magia, mas são inteligentes e tranquilos.

– Envie um mago com eles – sugeriu Bill. – Tem sido uma boa vantagem por lá.

– Aaron, por enquanto? – Rachel virou-se para Jonah. – E você devia ir também, já que é paramédico. Pode haver algum problema, sem contar que você saberia identificar os itens médicos de que precisamos.

Como tinha pensado a mesma coisa, Jonah assentiu.

– Você pode preparar seu pessoal, Max? Ao amanhecer?

– Posso.

– Eu acho... – Fredinha olhou ao redor da sala. – Acho que eles não devem ser chamados de “o pessoal de Max”. Se estamos juntos, somos um só grupo. Todos são nosso pessoal.

– Fredinha está certa, para variar. – Arlys fechou o livro. – E esta é uma agenda bem ambiciosa para o que me parece ter sido a primeira reunião do Conselho da Cidade de Nova Esperança.

Quando Lana deu um beijo em Max antes de ele sair, nas primeiras horas da manhã, a vida parecia quase normal. Seu marido saindo para o trabalho, sua própria lista de tarefas e obrigações definida em sua mente.

– Boa sorte. Você teria mais se eu fosse com você – disse ela, pegando a mão do marido e entrelaçando os dedos nos dele.

– Vamos ver como as coisas vão acontecer. E vamos ser otimistas. Verifique se está tudo desligado mesmo. Não adianta trazer a energia de volta se acabarmos explodindo tudo.

– Verdade. Vou fazer isso. Depois, vou à horta trabalhar em troca de trazer algumas ervas para casa.

– Não faça muito esforço físico. – Ele colocou a mão na barriga de Lana. – Esta carga é muito preciosa.

– Rachel disse que algum exercício, com bom senso, faz bem para mim e para o bebê, então terei bom senso. Depois, vou verificar o que temos de comida. Arlys disse que a Legião Americana, onde eles vão montar o centro de treinamento para as crianças, tem uma cozinha grande. Talvez eu consiga organizar uma cozinha comunitária lá. Fazer pães, coisas básicas.

Ele se inclinou e beijou o topo da cabeça de Lana.

– Vejo que você está feliz.

– Estou. Você também, xerife?

Ele riu e balançou a cabeça.

– Acho que vamos colocar essa estrela no peito do Mike. – Da varanda, ele observou a rua, as casas. – Tempos estranhos, Lana.

– Você vai voltar a escrever. Vai escrever sobre os tempos estranhos. As pessoas precisam de histórias, Max, e de quem as conte. Vou montar um escritório para você.

– Parece que o seu dia vai ser mais cheio que o meu.

A porta na extremidade da varanda se abriu, e Joe veio correndo saudar Max e Lana. Eddie chegou depois.

– E aí, vizinhos?

– Está pronto? – perguntou Max.

Eddie bateu na mochila e ajustou o rifle no ombro.

– Estou. Poe e Kim já devem estar chegando.

Lana fez mais um carinho em Joe quando Poe e Kim surgiram. Uma coisa boa, no meio de toda aquela tragédia. Haviam se encontrado, e pareciam se dar muito bem.

– Estão precisando de alguma coisa para os apartamentos? – perguntou Lana. – Bill Anderson disse que ajudaria com isso.

– Joe e eu estamos bem.

– Estamos pensando em viver do jeito que está por algum tempo. – Kim olhou para Poe. – Se isso acabar se tornando nosso lar de verdade, eu não me importaria de passar uma tinta nova. E tem um papel de parede horroroso que precisa desaparecer.

– Concordo plenamente. Ainda queremos sentir o lugar – acrescentou Poe. – Até agora, nenhuma queixa. Quem é esse Aaron com quem vamos sair? Já conhecemos Jonah. Eles sabem o que fazer, Max?

– Jonah demonstrou claramente que sim. E, como foi ele quem sugeriu Aaron, eu diria sim para ambos.

Ele viu Jonah andando pela rua com outro homem. Um pouco mais jovem, mais leve, que se movia como um bailarino, observou Max.

– Vocês já vão se conhecer. Cuidem-se.

– Eu queria mais uns biscoitos para cachorro – disse Eddie.

– Vamos ver o que podemos fazer. Alguma coisa na sua lista de desejos, Lana? – indagou Kim.

– Na verdade, se você encontrar facas de cozinha decentes...

– Como aquelas que você tinha nas montanhas?

– Qualquer coisa remotamente parecida seria ótimo. Na verdade, qualquer utensílio de cozinha decente.

– Pode deixar. – Poe cutucou o braço de Kim. – Vamos às compras.

– Vou pegar Flynn e... Caramba, lá está ele. A gente nunca sabe quando esse menino vai aparecer.

Flynn estava parado no meio da rua, silencioso como fumaça, com Lupa ao lado. Joe soltou um latido de alegria e desceu correndo para uma brincadeira matinal com o lobo.

– Pronto para mandar brasa? – gritou Eddie.

Flynn assentiu e então sorriu.

– Eu dirijo – anunciou.

– Putz. – Eddie tirou o boné, coçou sua massa de cabelos e colocou-o de volta. – Vamos voltar, se ele não bater em nenhuma árvore. Elfos não sabem dirigir – acrescentou, antes de ir embora.

– Aquele deve ser o meu grupo – disse Max.

– Boa sorte. – Lana levantou o rosto para outro beijo. – Cuide-se.

– E você não exagere – alertou Max.

Ela observou os três grupos se fundirem e, em seguida, se dirigirem ao estacionamento ao lado da escola.

Disse a si mesma para não se preocupar. Preocupação não ajudava em nada. E Max conseguira trazê-los até ali. Enfrentando tempestades, grupos de Rapinantes, estradas cobertas pelas inundações de primavera. Ele os trouxera, pensou, porque alguém tinha que fazê-lo. Porque, um por um, todos que se juntaram a eles o seguiram e confiaram nele.

E fez tudo isso enquanto sofria por um irmão que enlouquecera com o poder.

Sim, ia montar um escritório para Max, decidiu Lana, enquanto produzia luz e começava a desconectar os aparelhos das tomadas. Ambos tinham que recuperar pelo menos uma parte do que um dia foram. Ele se tornara um líder, um homem de autoridade, através das circunstâncias. Um bruxo cujo poder tinha crescido a cada quilômetro da viagem.

E era escritor. Capaz de escrever sobre o que tinha acontecido no mundo e com o mundo, sobre quem permanecera e sobre como lutaram para reconstruir, mesmo enquanto outros ainda lutavam para destruir.

Ele precisava escrever, dedicar esse tempo a si mesmo. Isso o ajudaria a mitigar a dor que ainda carregava.

Assim como ela precisava criar um lugar para si naquela nova e estranha realidade. Criar um lar para a filha, encontrar trabalho – não apenas algo que precisasse ser feito, mas que satisfizesse suas necessidades pessoais.

Então, decidiu organizar uma cozinha. Cozinhar. Era o que fazia melhor.

Ele dissera que ela estava feliz, e ela estava mesmo. Feliz por ter a chance de criar um lugar para si, para ele, para o bebê. Ainda que uma parte sua se perguntasse se teria saudades eternas de Nova York, da vida que conhecera, ela entendia que tinha que colocar tudo aquilo de lado.

Agora, aquela vida é que era o conto de fadas.

CAPÍTULO 20

Jonah dirigia pela estrada com toda a atenção, desviando dos carros abandonados.

– Já passamos por algumas casas – disse Kim. – Casas quase sempre têm algo útil.

– Podemos ver algumas na volta. O material médico é nossa prioridade, e tem um hospital na décima saída. Pegamos o máximo possível seis semanas atrás. Agora, precisamos de mais.

Poe observava a estrada, as casas dispersas.

– Este caminhão da UPS tem um bom espaço, mas, se aparecer algum problema, não vamos conseguir correr muito em um veículo como este.

Jonah levava isso em consideração antes de se decidir por aquele grande caminhão-baú.

– Temos que evitar problemas. Há dois postos de gasolina no cruzamento à frente. Talvez possamos encher o tanque e os galões que trouxemos. Na volta.

Kim se inclinou para a frente, apontando.

– Aquilo é um shopping?

– Sim. Com lojas internas e externas. Tipo ponta de estoque.

– Pode ser útil. Vocês já estiveram lá?

Aaron se virou um pouco no assento.

– Tentamos, faz algumas semanas. Só que outro grupo já tinha se apossado do lugar. E eles não eram nada amigáveis.

– Você vai perceber que Aaron tem uma tendência a... eufemismos – comentou Jonah. – Os caras começaram a atirar em nós antes mesmo de pararmos no estacionamento. Eram, sei lá, uns vinte?

Aaron deu de ombros.

– Mais ou menos isso. O que lhes faltava em estratégia, sobrava em poder de fogo. Se tivessem esperado, poderiam ter nos matado.

– Vale a pena dar outra olhada, não acham? Vinte pessoas dificilmente acabaram com tudo – ponderou Poe. – E talvez tenham ido embora. Afinal, por que viver num shopping quando há casas?

Jonah olhou de soslaio para Aaron, que não disse nada.

– Aaron mencionou isso algumas malditas vezes. – Jonah suspirou. – Voltamos aqui depois do hospital.

Enquanto o grupo de Jonah virava em direção ao hospital, Eddie olhou pela janela lateral da picape do grupo de exploração.

– Era para haver mais pessoas. Sim, eu sei que já falei isso, mas, cara, era para haver mais pessoas. Quanto já percorremos?

– Uns 20 quilômetros. Não é muito.

– Talvez mais uns 15, e a gente dá uma verificada em algumas das estradas laterais. Talvez encontremos outro assentamento como o nosso e possamos ter alguma notícia de alguém que tenha vindo do sul.

Antes de Eddie terminar a frase, Flynn virou com força o volante, levando a picape a sacudir por uma estrada estreita, que fazia uma curva imediata à direita.

– Meu Deus, Flynn! Eu disse...

– Motores. – Ele saiu da estrada e parou onde a curva e as árvores os escondiam. – Espere.

Flynn saiu e correu pela colina. Embora já tivesse visto o bastante, Eddie ficou boquiaberto quando o garoto simplesmente se fundiu a uma das árvores.

Ele meio que... se tornou a árvore. *Um troço esquisito à beça, esse dom dos elfos*, pensou Eddie, *e, vou lhe contar, também muito maneiro.*

Mas ele ainda ficava arrepiado até os ossos quando via essas coisas.

– Fiquem quietos aí, vocês dois. Não se mexam – ordenou Eddie a Lupa e Joe quando saiu da picape, agachando-se ao lado do veículo e apontando o rifle.

Agora ele conseguia ouvir os motores, motos principalmente, calculou. Um rugido grave e rouco. Vindo com força, vindo rápido. Ao lado da árvore (quer dizer, dentro dela), Flynn teria uma visão clara da estrada.

Eddie torcia para não ter que usar o rifle, mas estava conformado em fazê-lo. Já atirara em um homem – um Rapinante corpulento – durante um ataque que sofreram no sul de Charles Town, na Virgínia Ocidental.

Não era algo que pudesse esquecer um dia. Tampouco era algo que gostaria de repetir.

Mas...

O rugido aumentou, ficou ensurdecedor, e então começou a diminuir. Respirando fundo, trêmulo, Eddie se levantou.

Flynn emergiu da árvore.

– Rapinantes.

– Tem certeza?

– Cinco motos, três delas com mulheres na garupa. Uma caminhonete, quatro dentro e dois na carroceria. Um trailer. Só vi duas pessoas dentro. Caveira e ossos pintados na lateral. Um homem nu amarrado no teto do trailer. Morto.

– Meu Deus! Quando você acha que o mundo não pode ficar mais bizarro.... Bons ouvidos, cara.

Ouvidos de elfo, pensou Eddie, logo provavelmente ele não teria que matar ninguém hoje.

– Estão se afastando daqui, já é alguma coisa. – Aliviado, Eddie olhou para a picape atrás deles. – É melhor seguirmos por esta estrada. Para que correr o risco de eles voltarem, certo? Não vale a pena enfrentar tanta gente.

– Vamos andar primeiro.

– Por quê?

– Eles também podem ouvir motores. E algumas dessas plantas... – Flynn apontou para o pequeno bosque – ... as flores silvestres e ervas

daninhas... elas podem ser úteis. Vamos catar algumas.

– A ideia é fazer exploração, não jardinagem. – Eddie fez um sinal para os cães assim que saltaram da carroceria da picape, enquanto Flynn se movia por entre as árvores. – Tem que haver algumas casas por aqui – prosseguiu ele, enquanto Flynn se agachava para cavar com sua faca. – Também não seria explorar, mas não faria mal dar uma olhada. Pode ter alguém escondido. Esse negócio de não ter ninguém em lugar nenhum... Não sei, não.

Lupa soltou um rosnado suave, de advertência, que fez Flynn se levantar e tropeçar, quando a menina surgiu de uma árvore, com uma faca na mão.

Eddie levantou a espingarda e a abaixou, enquanto Flynn pulava de novo para trás.

– Ah, não. Não vou atirar em uma criança!

– Ela tem idade suficiente para me cortar ao meio – retrucou Flynn.

Lupa resolveu o problema dando um salto e jogando a menina no chão, colocando-se sobre os ombros dela, enquanto ela recuperava o ar que a queda lhe havia roubado.

Flynn foi tão rápido que Eddie nem viu, e arrancou a faca antes que ela pudesse espetá-la em Lupa.

– Ele não vai machucar você. Não vamos machucar você.

Com uma expressão feroz, ela apontou seus olhos castanho-dourados para Flynn.

– Não toque em mim, senão eu é que vou machucar você.

– Ninguém vai machucar ninguém. – Eddie colocou o rifle para trás, sobre o ombro, e ergueu as mãos. – Todo mundo calmo, ok?

Joe foi até ela e lambeu seu rosto. Os lábios da garota tremiam, e ela fechou os olhos.

Flynn guardou sua faca e enfiou a dela no cinto. Agachou-se, colocou a mão na cabeça de Lupa.

E falou com a mente da garota.

Eu sou como você.

Ela arregalou os olhos. *Mentira. É mentira.*

Não é. Eu sou como você. Meu nome é Flynn. Eddie não é como nós, mas está do nosso lado. Não somos como aqueles que passaram na estrada.

– Ande, Flynn, chame o Lupa. Deixe a garota se levantar.

– Estamos conversando.

– Vocês... Ah. Saquei. Legal.

Não precisa fugir. Se fugir, não vamos atrás de você. Temos comida nas nossas mochilas. Pode ficar.

– Ela está com fome? É muito magra. – Magra, suja e invocada, a seu ver. – Quer comida, menina?

Flynn sorriu.

– Viu? Ele está do nosso lado. Ela está com sede – disse Flynn, pegando a mochila e tirando a garrafa de água do bolso lateral. – Está tudo bem, Lupa.

O lobo recuou e se sentou.

– Não toque em mim.

Sem dizer nada, Flynn pôs a água ao lado dela, levantou-se e recuou.

– Olha, ela tem uns... 12 anos. Não podemos deixá-la aqui sozinha – afirmou Eddie.

– Catorze – corrigiu Flynn, lendo os pensamentos dela.

– Tanto faz. Não é seguro, cara.

– Ela sabe se cuidar. Só não precisa ficar sozinha – continuou Flynn. Ela agarrou a garrafa e bebeu. – A não ser que você queira. Temos pessoas por lá, pessoas boas.

– Meninas – disse Eddie. – Só são só homens. Venha com a gente.

– Eu não conheço vocês.

– Sim, nunca fale com estranhos, mas, mesmo assim, ficar sozinha aqui não é seguro.

– Não vamos machucar você. Se olhasse bem, você saberia disso.

Ela encarou Flynn enquanto bebia mais água.

– Não sei como. Não sei por que eu escuto você na minha cabeça.

– Nem como se transforma em árvore, em pedra? – Ele sorriu de novo.

– É o que somos. Posso ajudar você a entender. Não se sinta obrigada, mas

você deveria vir.

– Você se perdeu de alguém? – sugeriu Eddie. – Se você tem parentes ou amigos, podemos ajudar a encontrá-los.

– Eles estão mortos. Todos mortos!

Flynn tirou a faca dela e a colocou no chão.

– A gente tem que seguir em frente. Vamos até as casas próximas, ver se há alguém vivo e precisando de ajuda. Se não tiver ninguém, vamos pegar suprimentos, o que encontrarmos. Venha com a gente. Existem outros como nós onde vivemos agora. Mais como Eddie, também.

Ela agarrou a faca e ficou de pé. Seus cabelos, quase da mesma cor dos de Flynn, quase da mesma cor da casca da árvore, estavam emaranhados, sujos. Seus olhos, grandes e escuros, projetavam mais beligerância do que medo.

– Eu posso ir embora daqui quando quiser.

– Está bem – disse Flynn, virando-se e começando a andar.

Apesar de ficar nervoso por ter uma garota selvagem com uma faca bem atrás dele, Eddie o seguiu.

– O cachorro tem nome? – perguntou ela.

– Joe. É um ótimo cachorro – respondeu Eddie. – E Lupa é um bom cão, também, para um lobo.

Sem se dar ao trabalho de olhar para trás, Flynn perguntou:

– Você tem nome?

Quando ela colocou a mão hesitante na cabeça de Joe, o cão abriu um sorriso alegre e lambuzado. Os lábios dela quase se curvaram, ela quase sorriu pela primeira vez em semanas.

– Starr. Meu nome é Starr.

Usando a entrada dos fundos do hospital – fora da vista da estrada –, eles carregaram a caminhonete. Kim ficou de vigia na frente do prédio.

Desde a última viagem que haviam feito, outra pessoa estivera ali. Alguém mais interessado em opiáceos e morfina do que em suturas, bandagens e antibióticos. Jonah pegou um aparelho de eletrocardiograma, um monitor fetal e, lembrando-se do parto dos gêmeos, tudo que podia

carregar da UTI Neonatal. Poe colocou mais itens em uma maca, e Aaron o seguiu com mais coisas, inclusive uma autoclave.

Como antes, Jonah ignorou os pingos de sangue seco nas paredes e nas portas. Pelo menos dessa vez não havia corpos a serem levados em massa para fora e queimados em uma pira.

Só que o cheiro da morte leva muito tempo para desaparecer.

– É uma boa carga – comentou Jonah, depois de terem colocado tudo no caminhão-baú. – Poe, você pode dirigir esse aqui?

– Claro.

– Aaron, vamos ver se conseguimos levar uma ambulância. Não faria mal ter uma, além de tudo o que pudermos guardar dentro dela.

Poe deu a volta pela frente.

– Eles vão tentar conseguir uma ambulância.

– Ótima ideia.

Kim pulou para dentro do carro.

– É, estou me sentindo melhor em relação a eles.

– Max confia neles, e isso é importante. Eu quero ir ao shopping, Poe. É uma oportunidade boa demais para perder. Quanto espaço temos lá atrás?

– O suficiente, ainda mais se eles... Aí vêm eles. Ótimo.

Ele sorriu para Kim e se colocou atrás da ambulância.



Max estava em uma sala cheia de computadores, interruptores e monitores, enquanto o homem e a mulher com ele – armados com lanternas – conversavam sobre redes de eletricidade, caixas de derivação, amperagem, transformadores e cabos aéreos e subterrâneos.

Ele os entendia menos, pensou, do que eles o entendiam. E não era só isso: eles tinham ferramentas, e estava claro que sabiam usá-las, ignorando-o enquanto o faziam.

Chuck resmungava sozinho enquanto realizava uma verdadeira cirurgia nas entranhas de um computador. A essência dos resmungos, pelo

que Max pôde perceber, envolvia fazer o computador funcionar com uma bateria improvisada por tempo suficiente para ele invadir o sistema.

As coisas estavam gastas, comprometidas, inviabilizadas. Pelo que Max entendeu, um desligamento havia acontecido em ondas, acabando com a energia não apenas na estação, mas por aquela rede inteira, queimando todos os transformadores.

Max não sabia nada sobre watts, amperes ou cabos obsoletos, mas entendia de poder, de energia. Entendia como o poder pode ser usado para inflamar.

Ignorando a conversa sobre mexer de novo nas entranhas, fundir alguma coisa, apertar outra, ele estudou o painel à sua frente.

Estendeu a mão, imaginou uma transferência de energia. Ligando um interruptor, acendendo uma luz. Grande demais, amplo demais, percebeu, então reduziu o foco. Um passo, pensou, uma vela no escuro.

Hesitou por um instante, mais um instante. E se esse impulso de energia destruísse o progresso que a habilidade e a tecnologia tinham conseguido até o momento? Saber acender uma luz estava longe de saber como a luz realmente funciona.

Reduziu o foco um pouco mais. Dar partida em um motor, pensou – ele não sabia construir um, mas sabia usar o que possuía para fazer um motor funcionar.

Fé, pensou. Acreditar. Aceitar. Abrir-se.

O monitor que ele encarava se acendeu.

A discussão – não uma briga, mas uma discussão acalorada sobre tecnologia – continuava. Max bateu no ombro de Chuck, apontou para o monitor.

– Isso adianta para você?

– O quê? Hã? Uau, cara.

Em sua cadeira de rodinhas, Chuck deu um impulso e rolou até a outra ponta do balcão. Seus dedos iam em direção ao teclado quando pararam, a 1 centímetro de distância.

– Cara, é a primeira vez que eu fico nervoso com tecnologia. Respirem fundo, rapazes. E moça.

Drake Manning deu um soquinho no braço dele.

– Como você conseguiu?

– Não fui eu – respondeu Chuck, tirando brevemente uma das mãos do teclado para apontar o polegar para Max.

– Você jogou seu charme?

– Podemos dizer que sim.

– Filho da mãe. – Manning, com seu cinto mostrando os furos desgastados pela perda de peso constante, os cabelos grisalhos em tufo sob um boné dos Phillies, deu uma risada esganiçada. – Quanto tempo isso vai aguentar, Sr. Feiticeiro?

– Não sei. É meu primeiro dia nesse ramo.

– Entrei. Eu entrei. – Chuck agitou os dedos no ar sobre o teclado. – É isso aí, não estou tão fora de forma.

– Você pode ligar a energia aqui? – perguntou Manning.

– É claro. Só um instantinho. Meu Deus, que falta eu senti disso. Uma falta danada.

– Ali. – Manning se inclinou sobre o ombro de Chuck, apontando para uma parte do monitor. – Só isso. Se colocarmos tudo on-line de volta, vamos acabar explodindo o sistema. Só esta estação. Está tudo desconectado. Conecte na internet e vamos testar. Um passo de cada vez.

– Feito. Provavelmente.

Manning suspirou.

– Experimente as luzes, Wanda. Só as luzes.

Quando, ao acionar os interruptores, as luzes se acenderam, Chuck deu um soco no ar. Manning pressionou os olhos com os dedos. Em seguida, deixou cair os braços e olhou para Max.

– No final do seu primeiro dia de trabalho, a cerveja vai ser por minha conta.

Ele se virou e retribuiu o sorriso largo de Wanda.

– Ok, equipe, vamos acender as luzes.

No estacionamento do shopping, os carros estavam tombados ou invertidos, como tartarugas com o casco esmagado.

Corvos, abutres e ratazanas bicavam e mordiam carcaças de cães, gatos e veados. E um corpo que um dia fora humano. O fedor de decomposição e lixo empestava o ar.

Jonah passou por restos mortais pendendo de uma corda, um cartaz de papelão ainda no pescoço:

VADIA INCOMUM VOLTOU PRO INFERNO

Quando deu uma volta no estacionamento, não viu nenhum sinal de vida além dos pássaros empanturrados e dos ratos bem alimentados. Em algum momento, pensou, enviariam um grupo de voluntários para queimar ou enterrar os mortos, limpar o lixo, livrar-se do acúmulo de fezes.

Estacionou na entrada principal, na frente de portas de vidro quebradas, e perguntou a si mesmo por que algumas parcelas da raça humana eram tão sórdidas.

Saiu do veículo quando Poe estacionou ao seu lado.

– Eles já morreram há um tempão – concluiu Kim quando saiu, seu rosto parecendo pedra. – Os corpos parecem estar aqui há pelo menos duas semanas.

– Eles podem voltar – retrucou Poe.

– Por que voltariam? Vivemos em um mundo grande e vazio. Há tantos outros lugares para profanar e destruir... Eu queria não ter vindo até aqui.

Quando a voz de Kim se perdeu, Poe passou um braço em torno dela. Ela endureceu os ombros.

– Mas viemos – disse ele. – Vamos pegar o que pudermos.

– Os mortos merecem respeito.

Jonah assentiu para Aaron.

– Vamos dar a eles o respeito que merecem. Vamos voltar assim que pudermos e lhes dar o respeito devido.

Pensou no corpo dependurado. Decidiu tirá-lo dali antes de irem. Poderiam fazer isso agora e depois voltar para enterrar ou queimar o resto.

– Primeiro, temos que cuidar dos vivos.



Lana seguiu o conselho de Fredinha e transplantou algumas mudas de ervas para vasilhos. Colocá-las ao sol, perto da porta da cozinha, foi um momento de felicidade. E ela sabia que vê-las, cheirá-las e colhê-las lhe daria muitos outros mais.

Fora a primeira vez na vida que trabalhara na terra. Ajudara a carpir e capinar fileiras de cenouras e feijão, aprendera a amarrar tomates em estacas. Vira pilhas de batatas, videiras rastejantes de abobrinhas e abóboras, berinjelas. O milho crescendo.

E ouvindo as crianças brincando enquanto trabalhava.

O melhor de tudo foi que, após uma inspeção completa da futura cozinha comunitária, ela fez planos.

Resolveu trabalhar neles na varanda, com um copo de chá gelado. Sentiu o bebê chutar e, distraidamente, levou a mão à barriga. Em seguida, ergueu os olhos e viu Arlys.

– Ouvi dizer que você tem ficado ocupada.

– Tive um dia maravilhoso. Fiz chá, você quer?

– Parece bom.

– Vou pegar um copo.

Ainda mais maravilhoso, pensou Lana enquanto entrava, era ter uma visita, poder apenas sentar e conversar, sem se preocupar com possíveis perigos na estrada à frente.

– Não tenho gelo, mas eu o esfriei.

Lana agitou os dedos no ar quando ofereceu o copo a Arlys.

– Obrigada. É uma lista de desejos? – perguntou ela, tocando o bloco de Lana.

– Quase isso. O projeto da cozinha comunitária. Você conhece o Dave Daily?

– Claro. Um cara grandão, com uma risada sonora.

– Ele era cozinheiro em um restaurante casual, de pratos executivos. E tem outras duas pessoas que têm experiência com molhos e temperos. Eu adoraria montar um defumador para fazer presunto, bacon e tudo mais. Aliás, encontrei um livro na biblioteca que fala sobre como isso funciona.

Impressionada e interessada, Arlys observou Lana enquanto bebia o chá.

– Você tem se ocupado bastante mesmo. Passei algum tempo com Lloyd, trabalhando na agenda para a reunião pública.

– Você está preocupada.

– É quase certo que vai haver objeções, pessoas que não gostam que lhes digam o que podem ou não fazer. Só que precisamos da reunião, e precisamos fazê-la antes que algo aconteça e não tenhamos uma estrutura sólida para saber como agir. Eu escrevi no *Boletim* um editorial sobre tolerância versus fanatismo, aceitação versus medos arcaicos. Não foi muito popular.

– Eu trabalhei na horta hoje de manhã. Quase todos são gentis e prestativos, mas algumas pessoas preferiram manter distância. De Fredinha também. Não entendo como alguém pode olhar para ela e ver qualquer outra coisa que não seja luz e alegria.

– Ela foi meu primeiro contato com a magia. Talvez por isso tenha sido mais fácil para mim do que para os outros. Para alguns, a primeira experiência foi com o assustador, o ameaçador. Os Incomuns Sombrios. É mais difícil convencer essas pessoas a aceitar que aqueles que têm habilidades além da nossa não querem nos prejudicar.

Não, pensou Lana, nem todas as magias eram da luz.

– O irmão de Max, seu próprio irmão... Ele se transformou. Ele e a namorada. Acho que ela sempre foi sombria, e o transformou. Eles mataram um do nosso grupo. Um rapaz inofensivo... quase um menino. Queriam matar todos nós, principalmente... – Ela passou a mão na barriga. – Max teve que fazer uma escolha, e ele escolheu a luz. Escolheu o que era certo, mesmo que para isso tenha precisado destruir o próprio irmão. Ele amava Eric, mas escolheu a luz.

– Deve ter sido horrível.

– Foi, e ainda é. Nunca vi um poder como aquele. Enorme e sombrio. – Aquilo ainda assombrava os sonhos de Lana. – Eles ficaram entorpecidos, embriagados de poder.

– Fredinha e eu vimos isso nos túneis, quando estávamos saindo de Nova York. – Pensando naquela... *coisa* que vira voando no subterrâneo, Arlys balançou a cabeça ao repetir: – Enorme e sombrio. Então, você sabe. Não é difícil entender por que alguém que enfrentou isso tenha medo.

Lana virou a cabeça e se levantou ao ver a picape.

– Eddie e Flynn chegaram.

Arlys se levantou também.

– Tem mais alguém com eles.

Quando as viu, Flynn parou na frente da casa.

São pessoas boas, avisou ele a Starr.

Eu não as conheço.

E nunca vai conhecê-las se ficar sentada aí dentro do carro.

Ela saiu, relutante, quando as mulheres desceram. Lupa e Joe pularam para fora.

– Esta é Starr. Ela não quer que toquem nela.

Camisa esfarrapada e calça jeans rasgada sobre uma constituição extremamente magra, observou Lana. Cabelos emaranhados e sujos. Olhar de desconfiança.

– Meu nome é Lana. Esta é Arlys.

Starr se retraiu quando outros se aproximaram ou pararam para olhar.

– Eu só cheguei aqui ontem – prosseguiu Lana. – Sei que é meio assustador no início, mas...

– Eu não estou com medo, e não sou obrigada a ficar.

Fredinha se aproximou a passos rápidos, com óculos de sol cor-de-rosa cravejados de strass empoleirados no alto de seus cachos ruivos que se sacudiam enquanto ela andava.

– Eu vi a picape chegando. Ei, oi!

– Esta é Fredinha. – Arlys a segurou, impedindo-a de se aproximar demais. – Starr não quer que toquem nela.

– Ah. – O rosto de Fredinha logo demonstrou compreensão. – É esquisito mesmo, todo mundo olhando para você e imaginando quem você é. Mas aqui é um bom lugar. Talvez você queira vir comigo, Arlys e eu moramos bem ali adiante. Você pode entrar, se limpar um pouco.

– Eu não sou obrigada a ficar.

– Bem, mesmo se for embora, primeiro você poderia vestir algumas roupas limpas e talvez comer alguma coisa. Aí você toma uma decisão. – Fredinha já se pôs a caminho, gesticulando. – Venha.

Starr deu um passo à frente, depois outro. Então, seguiu Fredinha pela calçada.

– Cheia de luz – comentou Lana.

– Ainda bem que alguém se encarregou dela – disse Eddie, com uma careta. – Não acreditei que ela fosse mesmo enfiar aquela faca nas minhas costelas, é verdade, mas a viagem de volta para cá foi bem tensa, cara. Não foi moleza, não.

– Ela não vai fazer mal à Fredinha. Só está machucada e com medo – disse Flynn, tocando o próprio peito.

– Ela quase arrancou sua pele, mas você tem razão. Encontramos a garota a uns 25 quilômetros daqui. Flynn disse que ela é como ele.

– Starr está com medo disso também. Vimos um grupo de Rapinantes indo para o sul, mas eles não nos viram. Não vimos mais ninguém além dela. Alguns mortos, mas nenhum vivo. Trouxemos mantimentos, mas achamos melhor trazê-la. Podemos sair de novo amanhã.

– Eu não sei se isso é... – Lana se interrompeu, em seguida apontou.

Ao lado da porta de uma casa do outro lado da rua, uma luz se acendeu.

– Minha nossa! Vamos ter comida quente, banho quente... Agora que a coisa vai esquentar! – Eddie passou o braço pelos ombros de Flynn. – Luz, cara!

Na cozinha da casa que dividia com Arlys, Fredinha pegou um saco de batatas fritas e uma lata de Coca que ela mesma havia refrigerado com seu poder.

– Eu devia lhe oferecer alguma coisa saudável, mas isso é rápido e é o que eu iria querer comer se fosse você. Eu sou uma fada – disse ela, com calma, enquanto pegava um saco de batatas para si mesma. – Você é como o Flynn, certo? Estou ficando ótima na arte de adivinhar.

Starr olhou para as batatas com suspeita. E por um bom tempo.

– Não sei o que eu sou.

– Ah, tudo bem. Eu fiquei apavorada quando brotou isso em mim. – Ela abriu as asas e as agitou, enquanto mastigava. – Passei por maus bocados, eu e Arlys, mas encontramos mais pessoas, pessoas do bem. Agora, estamos aqui.

Solicitadamente, Fredinha abriu a embalagem para Starr e tirou a tampa da Coca.

Com muita cautela, Starr pegou uma única batata. Depois de uma minúscula mordida de teste, ela enfiou o resto na boca e pegou mais.

E começou a derramar lágrimas grossas e silenciosas enquanto comia.

– Não vou tocar em você. – Os olhos de Fredinha também se encheram de lágrimas de compaixão. – Mas pode imaginar que estou lhe dando um abraço. Lamento por seja o que for que tenha acontecido a você. Como eu queria que coisas ruins não acontecessem!

– Tudo é ruim.

– Não, na verdade não é. Só que pode dar essa sensação.

– A coisa ruim matou meu pai, meu irmão menor. A Catástrofe.

– Estou abraçando você outra vez. E sua mãe?

– *Eles* a mataram. Aqueles que nos perseguem.

Um arrepio percorreu a espinha de Fredinha.

– Rapinantes.

Starr balançou a cabeça.

– Não eles. Outros. Tentamos fugir, mas apanharam a gente. Eles nos estupraram várias vezes. E acharam graça. Como somos Incomuns, eles podem fazer o que quiserem com a gente.

As asas de Fredinha abaixaram e se fecharam.

– Vou me sentar ao seu lado. Não vou tocar em você, mas preciso me sentar.

– E eles nos machucaram. – As palavras jorraram da boca de Starr, amargas e pungentes. – Sem parar. Minha mãe disse... dentro da minha cabeça... ela me mandou correr e entrar naquela árvore. Ficar lá até que fosse seguro. Não sair por motivo nenhum.

Starr passou a mão no rosto, misturando sujeira e lágrimas.

– Minha mãe gritou, lutou e tentou fugir... para longe de mim. Então eles me deixaram em paz porque foram atrás dela, para fazer mal a ela. E, na minha cabeça, ela gritou: *CORRA!* Então eu corri, corri sem parar. Quando ouvi que eles vinham atrás de mim, entrei na árvore. Ouvi os gritos dela, mas não saí. Só saí quando eles foram embora. Eles mataram minha mãe, a enforcaram em uma árvore.

– Ah, Starr, eu sinto muito. Sei que não adianta nada dizer isso, mas sinto muito. Sua mãe a amava. Ela iria querer que você ficasse num lugar seguro.

– Eles a mataram porque eu fugi.

– Não. – Fredinha se levantou, pegou um guardanapo e o rasgou em dois para dar uma metade a Starr. – Eles teriam matado vocês duas, e ela sabia disso. Ela amava você, e fez de tudo para que não matassem sua filha.

– Eu ainda não tinha uma faca, então não pude subir na árvore e cortar a corda para tirar minha mãe de lá. Só que depois encontrei uma e voltei. Tentei encontrar aquela gente má para matar todos eles, mas não os achei.

– Acho que sua mãe foi a mais corajosa e amorosa das mães. Ela ficaria feliz por você estar aqui com a gente, agora. Você pode morar aqui comigo e com Arlys se quiser. Temos espaço.

Quando Starr apenas balançou a cabeça, Fredinha tentou pensar na melhor solução.

– Talvez, pelo menos por enquanto, você prefira ter um lugar só seu. Temos apartamentos vagos, você pode ficar com um. Assim, estaria com a gente, mas também estaria sozinha. Posso lhe mostrar um e arranjar algumas roupas e mantimentos. Por enquanto, acho que você devia se limpar, comer comida de verdade e descansar um pouco.

– Eu posso ir embora quando eu quiser.

– Claro, mas vou torcer para que não queira ir. Nova Esperança é um bom lugar para... – Ela olhou para a luz do teto. – É você que está fazendo isso?

– Eu não estou fazendo nada.

– A luz está acesa. Se não é você... Caramba, acho que eles conseguiram ligar a energia! – Fredinha limpou as lágrimas e sorriu. – Acho que isso faz de você nossa estrela da sorte. No dia em que você surgiu, você nos trouxe luz!

Quando Max e sua equipe chegaram à cidade, foram recebidos com aplausos. As pessoas correram para a rua e se aglomeraram ao redor da caminhonete.

Max viu Lana vir correndo, rindo.

Pegou-a quando ela pulou em seus braços.

– Você conseguiu.

– Eu só dei uma fagulha para começar. Eles fizeram o resto.

Ela falou no ouvido dele:

– Vamos tomar um banho quente. Juntos.

– Esse é o melhor dos prêmios.

Alguém bateu nas costas dele, outro colocou uma cerveja em sua mão.

Eddie pegou sua gaita. Uma mulher se sentou na calçada com um banjo. Quando Jonah chegou, as pessoas dançavam na rua.

– *Habemus* eletricidade – constatou Jonah. – Eles conseguiram. Vá, Aaron, encontre Bryar e comemorem. Mais tarde a gente descarrega.

– Eu vou, sim. – Aaron abriu a porta, olhou para trás. – Não vá fazer tudo sozinho.

Jonah conduziu a ambulância até o estacionamento da escola. Ao sair, virou-se para Poe e Kim.

– Vão lá comemorar. Teremos muitos voluntários para ajudar a descarregar daqui a pouco.

Ele sorriu, um sorriso que desapareceu no instante em que eles se juntaram à multidão. Jonah não suportaria a multidão, não conseguiria sequer passar por ali para chegar à sua casa e se trancar lá dentro. Então,

foi para a entrada lateral da escola. Sentou-se à mesa e deixou a cabeça cair sobre as mãos.

Não ouviu a porta se abrir novamente, nem as vozes. Sua mente estava muito distante. Não ouviu nada, apenas os próprios pensamentos torturados, até Rachel tocar seu braço.

– Eu estava procurando você. Poe disse que o viu entrar aqui, então nós...

– Vamos lá para fora – pediu Max, pegando a mão de Lana.

– Não. Não, não façam isso – disse Jonah, ajeitando-se na cadeira, pálido, os olhos demonstrando profunda tristeza.

– O que aconteceu? – Rachel quis saber. – Poe não disse nada.

– Conseguimos muitos suprimentos e equipamentos do hospital, não houve nenhum problema lá. Depois, fomos tentar a sorte no shopping, aquele onde tivemos problemas antes.

– Rapinantes? – A mão no braço dele o apertou com força. – Vocês encontraram Rapinantes?

Ele balançou a cabeça.

– Não, já tinham ido embora. Deixaram muito lixo, dentro e fora. Meu Deus, eles urinaram em pilhas e prateleiras de roupas. Kim as ensacou assim mesmo, disse que dava para lavar. Encontramos o vandalismo de sempre: vidro quebrado, obscenidades nas paredes, montes e montes de lixo. E corpos. Pessoas mutiladas, apodrecendo. Animais, também. Dentro e fora. Ratos e aves necrófagas os rasgando. Nós... – Ele parou, pigarreou. – Precisamos levar uma equipe de volta, cavar túmulos ou... talvez fazer outra fogueira para queimar tudo. Os corpos estão lá há algum tempo. Eu...

Ele olhou para Max e Lana.

– O lugar pode ser limpo e purificado – informou Max. – Podemos fazer isso. As almas das vidas perdidas podem ser abençoadas.

– É preciso. Aaron também sentiu isso. Não falamos muito sobre o assunto, mas ele sentiu. E eu, eu... Não temos um pouco de uísque?

Rachel foi até um armário, pegou uma garrafa, um copo. Serviu dois dedos da bebida.

Jonah bebeu tudo de um gole só e expirou.

– Eu não acho que tenha sido obra apenas dos Rapinantes. Ali tem... outra coisa. E, seja lá quem ou o que for, é pior. Enforcaram uma mulher... uma Incomum. Todos sentimos que não podíamos deixá-la daquele jeito, tivemos que pelo menos tirá-la do alto. Pegamos uma escada. Subi e cortei a corda.

Jonah fez uma pausa. Virando-se para Max e Lana, ela então continuou:

– Eu vejo a morte. Esse é o meu *dom*. Morte, trauma físico, doença. Subi para cortar a corda, e o que restava dela ali se virou, encostou em meu braço. Eu vi a vida dela. Vi flashes de quem ela tinha sido. Vi o que fizeram com ela. Ouvi os gritos dela. Vi sua morte.

Jonah apoiou o rosto no peito de Rachel quando ela o abraçou.

– O nome dela era Anja, tinha 22 anos. Era uma fada, como Fredinha. Cortaram as asas dela antes de...

– Não precisa continuar. – Rachel acariciou os cabelos dele, as costas.
– Não precisa.

Max puxou uma cadeira e se sentou ao lado da escrivania.

– Isso é novo para você, enxergar a vida dos mortos?

– Sim. Mais um dom.

– É difícil para você, mas eu acho que é um verdadeiro presente. Um presente para aqueles que viveram. Alguém se lembra deles. É o que todos queremos, que alguém se lembre de nós. Podemos ajudar você com isso. Lana, mais do que eu, até.

Max olhou para ela, que não disse nada.

– Você tem uma empatia. Um toque de cura – disse ele a Lana.

Ela se aproximou.

– Acho que você tem esse dom, Jonah, porque também possui essa empatia e esse toque.

– E o que significa o fato de que, se encontrasse aqueles que a estupraram, mutilaram e mataram, eu acabaria com eles sem dó nem piedade?

Max se levantou.

– Significa que você é humano. Vou voltar lá com você, e vamos enterrá-la.

– Quando você marcar a sepultura com o nome dela – disse Lana, sentindo a criança se mexer no ventre –, quando disser as palavras sobre seu túmulo, vai libertar a alma daquela mulher. E vai trazer alívio para a sua. Marque o túmulo com o nome dela, pronuncie seu nome. – Lana olhou para Max. – Eu sinto que deve.

– Está certo. É o que faremos. Vou com você agora, Jonah. Podemos enviar um grupo para resolver o resto amanhã.

Jonah assentiu, levantou-se e apertou a mão de Max.

– Obrigado.

Tarde da noite, deitado na escuridão, Max continuava acordado, com imagens muito nítidas na mente. Ele não tinha visto, não tinha sentido o mesmo que Jonah quando enterraram os restos profanados de uma jovem que não fizera mal a ninguém.

Não havia enxergado a vida dela, o brilho de sua existência. Apenas morte, crueldade, desperdício. E imaginara, com muita nitidez, o medo, a agonia do fim daquela vida. Jonah, pelo contrário, colocava no topo do monte a pedra com o nome dela, que Max entalhara com seu poder de produzir fogo.

Escreva o nome dela, diga o nome dela. Assim foi feito, e Max teve esperanças de que a jovem mulher, que não fizera mal a ninguém, encontrasse a paz.

Sentiu que Jonah a encontrara, pelo menos por enquanto, naquele ritual de respeito.

Só que agora, na escuridão da noite, no silêncio, no vazio entre os afazeres, Max não encontrava nenhuma paz.

Pensou em Eric, em como ficara fascinado ao ver o irmão recém-nascido, em como se divertia com ele quando criança. Lembrou-se de como Eric ficava frustrado aos 5 e 6 anos, ávido por ser capaz de acompanhar um irmão oito anos mais velho.

No entanto, foi Eric a primeira pessoa a quem contou o segredo do que era, do que possuía. Porque havia confiança entre eles. Fraternidade.

Como ele não conseguira ver as mudanças? Como fora tão cego? Se tivesse se permitido enxergar, teria tido tempo de puxar Eric da beirada do abismo antes que mergulhasse na escuridão.

Deveria ter cuidado de Eric. Deveria ter sido mais atento. Em vez disso, havia matado o próprio irmão.

O que Eric se tornara no final não poderia apagar tudo o que ele fora antes. Assim como o horror do fim que tivera a moça enterrada por eles não apagava tudo que ela fora um dia.

Mas ele nunca teria a chance de enterrar o irmão, escrever seu nome, pronunciar seu nome. Enviar sua alma à paz.

Para conviver com essa escolha, ele seguia se concentrando em suas obrigações, fazendo o que precisava ser feito. Comida, abrigo, movimento. Seguir os sinais. Matara novamente, para defender a vida daqueles que se tornaram sua responsabilidade. Não fazer mal a ninguém, um preceito no qual acreditava com cada célula de seu ser. Ele o tinha quebrado, tomara essa decisão porque não tivera saída, e aceitava o fato de que talvez tivesse que tomar a mesma decisão outra vez.

Agora, tinha a chance de construir uma vida ali, com Lana, com sua filha, com os outros filhos que poderiam vir depois. Então, se concentraria em fazer o que precisava ser feito.

Ao seu lado, Lana se remexeu, como se tornara um hábito seu nos últimos tempos. Pesadelos perseguiram seu sono, sonhos dos quais não se lembrava depois. Ou alegava não se lembrar. Dessa vez, entretanto, ela não se aninhou a ele. Afastou-se e se levantou.

– Você está bem?

Ela foi até a janela e parou ali, nua, à melancólica luz da lua.

– Gerar a Salvadora é seu destino. Vida a partir da morte, luz a partir da escuridão. Salvar a Salvadora é seu destino. Vida a partir da morte, luz a partir da escuridão.

Ele se levantou, foi até ela. Não a tocou, não falou nada enquanto ela contemplava o mundo lá fora, os olhos profundos como a noite.

– O poder exige sacrifícios para alcançar seu terrível equilíbrio. Ele clama por sangue e lágrimas, mas se alimenta de amor e alegria. Você, filho dos Tuatha de Danann, já viveu antes e viverá outra vez. Você, procriador da Salvadora, procriador da Escolhida, abraça os momentos e os enalteça, pois são fugazes e finitos. Mas a vida e a luz, o poder do que virá, seu legado interior, são infinitos.

Lana pegou a mão de Max e a pressionou no doce relevo de seu ventre.

– Ela é. Um coração batendo, asas tremulando, luz vibrando. Ela é a espada que brilha, o raio que atinge o alvo. Ela é a resposta às perguntas ainda não feitas. Ela será.

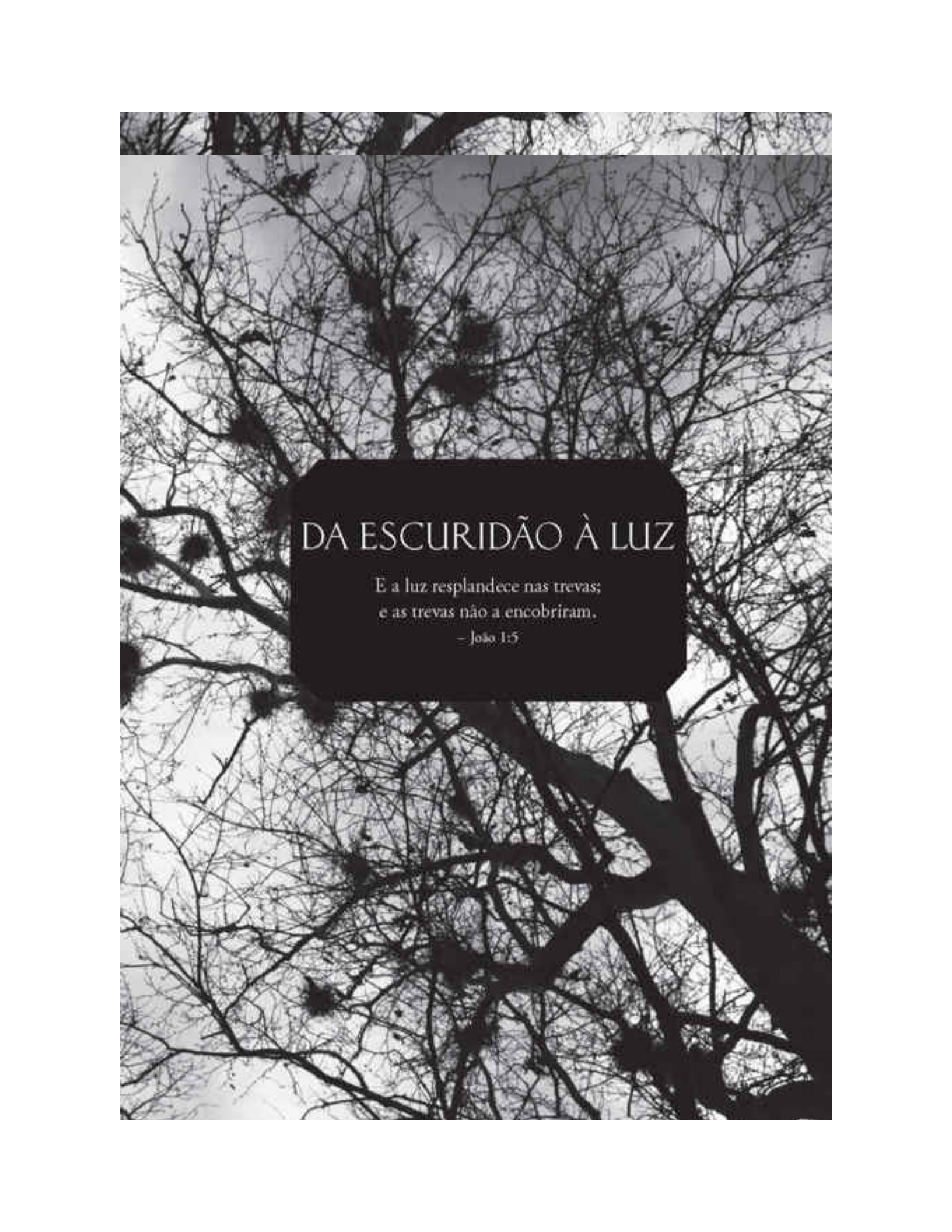
Lana manteve a mão de Max ali e voltou para a cama.

– Ela é seu sangue. Ela é sua dádiva. Durma agora e fique em paz. – Lana o puxou para a cama, deitou-se ao lado dele. Descansou a mão no rosto dele. – Você é amado.

Ela fechou os olhos, suspirou, adormeceu.

E ele também.





DA ESCURIDÃO À LUZ

E a luz resplandece nas trevas;
e as trevas não a encobriram.

– João 1:5



CAPÍTULO 21

O automeado conselho da cidade decidiu que não haveria momento melhor do que aquele para realizar uma reunião pública. A volta da eletricidade levantara o moral e o humor, mas não demoraria muito para que a glória do pequeno milagre perdesse seu brilho.

Eles concordaram em agir enquanto o espírito de gratidão e apreço estava elevado.

Informar a todos não foi problema, assim como não foi difícil encontrar voluntários para montar várias filas de cadeiras no salão da Legião, uma vez que no refeitório da escola não caberia a população atual se, como era esperado, a maioria comparecesse.

Montaram mesas longas na plataforma, enquanto Chuck colocou o sistema de som para funcionar.

Arlys estava no salão vazio, imaginando-o cheio. Pensou em diferentes cenários, desde um grande sucesso até um caos terrível.

– Você acha que estamos prontos, Lloyd?

– Mais prontos do que nunca, acredito eu. – Ele olhou para o fichário que trazia. – São boas propostas, bastante sensatas. Não significa que serão aceitas. A começar por pedir que todos deixem suas armas no vestibulo lá fora. Alguns não o farão.

– E temo que os que não o façam sejam os mais propensos a causar problemas. Mas precisamos começar de alguma maneira. – Ela se virou quando Lana entrou carregando uma enorme cesta. Em seguida, farejou o ar. – Meu Deus, de onde vem esse cheiro incrível?

– Pão. Saindo do forno. – Ela colocou a cesta na plataforma, cheia de pães pequenos e outros maiores. – Temos uma variedade. Estou criando várias leveduras. Tínhamos fermento pronto, mas não vai durar para sempre, então estou produzindo mais. E vou tentar fazer fermento seco também.

– Você sabe fazer levedura? – Arlys só faltou mergulhar na cesta.

– Sim. Cresce em frutas, batatas, até tomates. Vou experimentar uma coisa. Alguém vai ter que descobrir como moer farinha.

– Se eu não comer um pedaço disso aí – disse Lloyd, sentindo o cheiro delicioso –, vou morrer aqui e agora.

– Sirva-se. A ideia era ter um pouco para cada casa. São pequenos, eu sei, mas...

– Louvado seja Deus – comentou Lloyd, com a boca cheia.

– Ação comunitária em funcionamento. – Arlys pegou para si um pedaço do pãozinho de Lloyd. – Teremos regras, teremos estrutura, mas...

– Ela comeu. – Também teremos um pão capaz de trazer lágrimas aos olhos. Ainda está quente!

– O pão simboliza a hospitalidade. Partimos o pão juntos. – Lana sorriu, olhando para o cesto. – Gostei muito de usar a cozinha comunitária pela primeira vez com essa simbologia.

– Quer se casar comigo? – perguntou Lloyd, partindo outro pedaço.

– Ei! – Arlys deu uma cotovelada nele. – Não fure a fila.

Rindo, Lana balançou a mão com o anel que Max havia colocado em seu dedo numa tranquila noite de primavera.

– Já sou comprometida, mas prometo assar pães para vocês. Próxima tarefa? Fredinha e eu vamos mergulhar de cabeça nos queijos.

– Se vocês produzirem queijo, vamos coroá-las as rainhas de Nova Esperança – disse Arlys.

Rindo, Lana afofou os cabelos.

– Uma coroa me cairia muito bem – brincou. – Vou buscar mais e já volto.

Arlys se sentou ao lado do cesto.

– Vamos conseguir, Lloyd.

Ele se sentou do outro lado, partiu o que restava de seu pãozinho e ofereceu metade a Arlys.

– Pode acreditar.

Às oito horas, um burburinho tomava conta do salão. Alguns reclamaram por ter que deixar as armas, outros simplesmente ignoraram, mas a maioria atendeu ao pedido.

A sensação de um feriado especial persistia, confirmando o bom momento para a reunião. Arlys prestou atenção quando Kurt Rove – a arma ainda na cintura – entrou. Lançando um olhar sério para a multidão, ele se dirigiu até o lugar que os irmãos Mercer haviam guardado para ele.

Se houvesse algum problema, Arlys sabia que começaria ali. Ela tomou seu lugar à mesa comprida, abriu seu caderno. Imaginava que teria muitas coisas para registrar.

Fredinha se inclinou para falar com ela:

– Já tem gente zangada.

– Eu percebi.

Jonah se aproximou do púlpito. Seu “Hã...” de abertura reverberou no salão, pegando todo mundo de surpresa. A plateia fez silêncio e logo em seguida desatou a rir.

– Temos um sistema de som graças ao Chuck. – Ele esperou os aplausos pararem para continuar: – E isso porque voltamos a ter energia, graças a Manning, Wanda, Max, e Chuck outra vez.

Aplausos, ovações e assovios.

Arlys observou que Rove continuou com os braços cruzados.

– Pedimos a todos que poupem energia. Para os que não têm máquina de lavar em casa, Manning conseguiu colocar em funcionamento a lavanderia, que agora opera sem moedas. Deixamos uma folha de inscrição lá, para criar um rodízio. Por enquanto, temos sabão líquido no estoque, e Marci Wiggs está liderando o comitê para produzir sabão em barra. Marci, por que não se levanta e nos informa como estão indo?

Boa estratégia, pensou Arlys, quando a mulher se levantou e começou a falar. Começar pelas necessidades básicas e mostrar a importância da

cooperação.

Ele chamou outros voluntários. Os que faziam velas, roupas, os que cortavam lenha, os que cuidavam dos animais, da horta, do projeto da estufa, os que faziam limpeza e conservação.

– Alguns de vocês talvez não conheçam Lana. Pode se levantar, Lana? Ela tem organizado aqui na Legião uma cozinha comunitária, para ensinar o básico àqueles que, como eu, não sabem nem fritar um ovo.

Alguns risos, mais aplausos.

– As atividades começam esta noite. Lana?

– Eu tive muita ajuda para começar isso. – Ela citou os nomes da equipe de limpeza e organização. – Temos alguns equipamentos novos, graças a Poe e Kim, Jonah e Aaron, e vamos colocá-los em uso. Dave, Mirium e eu decidimos inaugurar a cozinha com o mais básico e o mais satisfatório: pão. – Ela pegou a cesta. – Um símbolo de vida, de hospitalidade, de comunhão. Temos o suficiente para que cada casa possa levar um. – Ela inclinou o cesto para que a multidão visse o conteúdo, sorrindo diante da reação de alegria. – Vamos deixar os cestos no vestíbulo, cada casa pegue sua parte quando sair. Enquanto isso, temos...

– Eu não vou aceitar nada que venha dessa mulher. – Com os braços ainda cruzados, Rove fez uma expressão de desdém para Lana. – Como vamos saber o que ela colocou nesse pão? Quem disse que ela pode tomar conta da cozinha aqui? Daqui a pouco vai instalar um caldeirão.

– Meu estoque de olhos de salamandra acabou – respondeu Lana, friamente –, mas tenho levedura e algumas receitas impressas para quem quiser.

– Eu fico com a parte do Kurt! – gritou alguém.

Lana esperou que a onda de risos diminuísse.

– Também vamos começar a construir um defumador atrás da cozinha. Eu gostaria muito de conversar com alguém que saiba defumar carnes. Dave e eu vamos fazer salsicha de veado e mortadela nos próximos dias. Arlys vai anunciar no *Boletim* quando estiver pronto. Nossa ideia é ter a cozinha aberta seis dias por semana, e estamos sempre disponíveis para ensinar aqueles que, como Jonah, desejam aprender a fritar ovo.

Quando ela se sentou, Max esfregou a perna dela debaixo da mesa.

– Obrigado, Lana – disse Jonah ao microfone. – Essa sabe cozinhar. Experimentei o macarrão sem salamandra que ela fez ontem. Rachel, pode nos dar uma atualização de como anda a clínica?

Ela se levantou.

– Agradeço novamente a Jonah, Aaron, Kim e Poe. Agora temos uma ambulância totalmente abastecida e alguns equipamentos importantes. E, graças à equipe de energia, a clínica vai poder colocá-los em uso. Nossos estoques de medicamentos estão bem abastecidos outra vez. E também estamos começando um trabalho de abordagem holística, graças a Fredinha, Tara, Kim e Lana.

Ela consultou rapidamente suas anotações.

– Jonah e eu vamos continuar nossas aulas de reanimação cardiorrespiratória na primeira quarta-feira de cada mês, à noite, e os cursos de primeiros socorros na primeira segunda-feira do mês, às sete da noite, para qualquer um que queira se inscrever. Como sempre, a clínica abre diariamente às oito horas, e Jonah e eu estaremos disponíveis, em turnos, para emergências médicas 24 horas por dia, sete dias na semana. Agora também podemos contar com Ray, que é enfermeiro, com Carly, estudante de enfermagem, e com Justine, uma curandeira, todos já incorporados à equipe da clínica. Vamos trabalhar juntos para manter a saúde de todos em Nova Esperança.

– Curandeira uma ova! – gritou Lou Mercer. – O que ela faz? Põe as mãos na pessoa e conserta o braço quebrado?

Ele deu uma risada sarcástica, e alguns riram junto.

– Você é livre para solicitar o médico que preferir – respondeu Rachel, em um tom mais frio que a neve. – Assim como é livre para ficar aí sentado bancando o idiota. Vamos tratar suas hemorroidas de qualquer maneira.

– Olhe aqui, sua vagabunda...

– Dra. Vagabunda – retrucou Rachel. – E, como única médica da comunidade, quero dizer a todos que a medicação tradicional de que dispomos vai se esgotar em algum momento. Vai expirar. Sem um

químico, um farmacêutico, um laboratório, ou seja, sem os meios, vamos ter que depender de outros tipos de medicina e cura e daqueles que têm a capacidade e a habilidade para fornecê-la. Precisamos viver no mundo que temos.

– Eu tenho diabetes. – Um dos novos pacientes de Rachel se levantou.
– E não sou o único com um problema de saúde que precisa de medicação diária. Sou muito grato ao grupo que foi para a estrada e encontrou mais dos remédios de que precisamos. E sou muito grato por saber que, quando acabarem, haverá alguém que vai tentar me manter vivo e bem. É tudo que tenho a dizer.

– Acho que isso diz tudo – concluiu Rachel, recuando e se sentando.

Jonah também recuou, dando aos presentes alguns instantes para comentarem entre si.

– Quem não quiser ouvir o que precisa ser dito esta noite não é obrigado a ficar. Assim como quem não gosta do que precisa ser feito para construir esta comunidade e protegê-la não é obrigado a ficar em Nova Esperança. Nós sobrevivemos e chegamos até aqui. Sobreviver, porém, já não é suficiente, por isso vou passar a palavra a Lloyd.

Lloyd foi até o púlpito e abriu sua pasta, antes de tirar os óculos de leitura do bolso da camisa e ajustá-los no nariz. Ele olhou por cima das lentes para a plateia.

– Eu cheguei a Nova Esperança no dia 1º de abril. O Dia da Mentira foi simplesmente horrível: chuva gelada, granizo, muito vento. Cheguei sozinho, depois que o grupo com o qual eu tinha viajado por algumas semanas foi atacado por Rapinantes. A gente se separou, e acho que tive sorte, porque, quando estávamos correndo em todas as direções, sem nenhum plano, caí em um barranco. Bati a cabeça e machuquei a perna. E só por isso sobrevivi. Não sei quanto aos outros, porque, quando recuperei a consciência e consegui sair do barranco, estava sozinho. Muitos de nós ficaram sozinhos desde os primeiros dias de janeiro. Não estamos mais.

Alguns aplausos.

– Eu tive sorte – prosseguiu Lloyd. – Segui caminho mancando e, naquele primeiro dia de abril, entrei em Nova Esperança. Bill Anderson

estava de sentinela e me levou direto para a clínica, onde Rachel tratou da minha perna e me deu água. A jovem Fredinha, que está ali, me deu uma laranja e uma barra de chocolate. E não tenho vergonha de dizer que chorei como um bebê. Foi Arlys quem me trouxe uma muda de roupas, e ela e Katie providenciaram para que eu recebesse cobertores, um pouco de comida e água na casa para onde Chuck me levou. A casa onde moro hoje.

“Eu estava ferido, e eles cuidaram de mim. Estava com fome, e eles me deram de comer. Eu não estava nu, mas, por Deus, estava muito sujo e esfarrapado, e eles me deram o que vestir. Eles me deram abrigo. Eles me deram o que cada um de nós tem aqui hoje: uma comunidade.”

Ele fez uma pausa, ajustou os óculos.

– Cada um aqui tem uma história não muito diferente da minha. Quero que relembrem a sua. Quero que não se esqueçam da sorte que têm, porque Jonah está certo quando diz que sobreviver não é suficiente. Eu cheguei mancando a Nova Esperança, e já havia 31 pessoas morando aqui. Agora, somos mais de trezentas.

“Quando fomos atacados, o grupo com o qual eu estava correu sem pensar, eu inclusive. Não tínhamos um líder, nenhum propósito além de nossa própria sobrevivência. Não tínhamos plano nem estrutura. Nova Esperança já tem mais do que isso, e vamos construir ainda mais. Já tratamos aqui de algumas melhorias que temos feito e dos planos para progredirmos. Agora, vamos tratar de como manter nossa comunidade a salvo dos Rapinantes e daqueles que vêm de fora para ameaçar nossa paz, bem como aqueles que ameaçam a paz aqui de dentro.”

Ele tirou os óculos, limpou-os distraidamente na manga da camisa.

– Tivemos alguns incidentes que, no balanço geral, podemos chamar de irrelevantes. Brigas, ameaças de violência e intimidação física. Nossa amiga Bryar foi ameaçada e atormentada por dois homens quando caminhava pela rua principal. A bicicleta que Bill consertou para o pequeno Dennis Reader foi roubada da varanda dele. Palavrões foram pichados na porta da casa onde Jess, Flynn, Dennis e outras crianças vivem. Nossa moradora mais velha, que carinhosamente chamamos de Mãe Zee e que mora no apartamento em frente ao meu, encontrou sua casa

saqueada quando voltou de um dia de trabalho na horta. Uma senhora de 86 anos muito dedicada.

Ele fez outra pausa, colocou as mãos nas laterais do púlpito.

– Quero perguntar a vocês agora: nossa comunidade vai ficar sentada sem fazer nada enquanto uma jovem não pode dar um passeio em paz, enquanto a casa de uma idosa é destruída, enquanto um garotinho tem sua bicicleta roubada da própria varanda?

Os gritos de “NÃO!” e os olhares hostis ou de soslaio para os Mercers eram exatamente o que Lloyd queria ouvir.

– Fico feliz. – Ele levantou a mão para conter o barulho. – Fico feliz. Eu concordo. Os fundadores desta comunidade concordam. As pessoas que acolheram vocês, trataram suas feridas, lhes deram comida e abrigo concordam. A gente sobrevive e trabalha todos os dias para proteger nossas casas de qualquer um que venha aqui com a intenção de nos fazer mal. Agora, é hora de implementar leis para nos proteger de qualquer um de nossa comunidade que queira nos fazer mal.

Rove se levantou.

– Leis? Chegar aqui primeiro não dá a ninguém o direito de dizer aos outros o que fazer, como viver. Temos preocupações maiores do que uma bicicleta, pelo amor de Deus. Olhem bem para quem está sentado lá em cima, querendo mandar em nós. Metade deles não é como nós.

– Se você tem um penico onde mijar, é graças às pessoas aqui em cima. Se quiser mijar em outro lugar, ninguém o está impedindo – disse Lloyd, sem subir o tom de voz e sem se mostrar agressivo.

E suas palavras tinham peso.

– Como qualquer outra pessoa que passe por aqui e escolha seguir em frente, você receberá suprimentos e nossos desejos de uma boa viagem.

– É assim que vai ser?

– É assim que vai ser.

– Mas quem decide? – perguntou uma mulher na frente, levantando a mão. – Quem vai escrever as leis e o que vai acontecer quando elas não forem cumpridas?

– É uma boa pergunta, Tara. Vamos começar com alguns pontos com os quais acredito que toda pessoa razoável aqui presente vai concordar: leis contra violência, roubo e vandalismo. Eu escrevi aquelas que concordamos serem as mais essenciais. Vamos distribuir cópias de tudo isso, em vez de eu ficar aqui lendo uma por uma. Só vou dar um exemplo, sobre matar.

Ele respirou fundo.

– Muito bem, podemos concordar que tirar uma vida é algo que não deve ser tolerado. E se isso acontecer em defesa própria, ou para defender outra pessoa? Isso tem que ser estabelecido. A primeira linha para estabelecermos isso é a aplicação da lei. Temos aqui Carla, que serviu por seis anos como subdelegada; Mike Rozer, que serviu por dez anos na aplicação da lei; e Max Fallon, que conduziu quase uma centena de pessoas em segurança para nossa cidade. Os três estão dispostos e aptos a servir a comunidade nessa função.

Dessa vez, Don Mercer se levantou.

– Não vou aceitar ordens de uma policial de merda, que devia passar a maior parte do tempo sentada no seu traseiro gordo comendo rosquinhas, nem de um policial idiota que ninguém aqui conhece. E muito menos vou engolir nada que venha de gente da espécie dele. – Ele apontou para Max. – Foi a sua espécie que causou a Catástrofe, e todo mundo aqui sabe disso. O que vai impedir essa aberração dos diabos de matar alguém, se der na telha dele? Foi um tipo dele que matou seu marido, não foi, Lucy?

Uma mulher magra, de cabelos curtos e grisalhos, assentiu.

– Foi gente da espécie dele que matou meu Johnny. Que nos atacou como um demônio saído do inferno. Por pouco eu escapei com vida.

Don Mercer continuou:

– Aposto que foi gente do tipo dele que destruiu a casa da senhora. E que roubou a bicicleta do garoto também. Leis uma ova. Isso é só mais uma maneira de eles acabarem com os verdadeiros seres humanos.

Max se levantou devagar, mal olhando para Rove quando ele ficou de pé com a mão na arma.

– Foram seres humanos que mataram três do nosso grupo, que nos emboscaram e mataram três pessoas antes que pudéssemos impedir. Se você quer nos separar, ambos os lados trazem em si a escuridão. Eu sei. Foi um homem como eu que causou a morte de um jovem que nos deu abrigo. Que se virou contra tudo em que nós, que possuímos magia, acreditamos. Ele e a mulher que o transformou tiraram uma vida e teriam matado minha esposa e minha filha, e meus amigos. Ele era meu irmão, minha carne, meu sangue, minha família, e, para impedi-lo de matar, de usar o que era um dom para destruir, eu tirei a vida dele.

Seu olhar se fixou friamente em Rove.

– Acredite, se você puxar essa arma e usá-la para ameaçar alguém aqui, eu vou impedi-lo. Se alguém que tem o dom prejudicar outra pessoa, eu vou impedi-lo. Você insultou minha esposa, que usou seus talentos para oferecer um simples pão. Mas isso não é um crime, é apenas ignorância. Saque a arma, se estiver determinado a aprender a diferença.

– Papo-furado! – Lou Mercer se levantou depressa. – Quem ele pensa que é para ameaçar usar seus truquezinhos contra um de nós?

– E quem Kurt pensa que é para ameaçar todo mundo com uma arma?
– retrucou Manning.

Kurt se virou para ele.

– Minha arma está no coldre.

– Seja esperto e a mantenha aí, e trate de se sentar.

– Que babaquice. – Lou agitava os braços. – Essas leis de merda que eles inventaram? Uma força policial meia-boca vindo para cima da gente? E tudo porque alguns chegaram aqui antes. Babaquice. Vamos votar. Ainda estamos na maldita América, então podemos votar. Não recebemos ordens desse jeito.

– Você não vai querer ler as leis antes de...? – tentou Lloyd.

– Cale essa sua boca! – gritou Lou. – Você não tem mais direito do que eu. Vamos votar essa merda. Vamos votar se queremos deixar um monte de filhos da mãe nos dizer como é que temos que viver.

– Tudo bem, Lou, podemos fazer uma votação. Vamos levantar as mãos – sugeriu Lloyd. – Quem não quiser nenhuma estrutura de lei em

Nova Esperança, nenhuma autoridade designada para impor as ditas leis e nenhum sistema de justiça para impor punições para o descumprimento das ditas leis, levante a mão.

Ele olhou em volta. Já tinha uma boa ideia de onde veria mãos levantadas, e ficou satisfeito ao notar que sabia julgar o caráter das pessoas.

– Conte 14 votos contra. Arlys?

– Catorze votos contra – confirmou ela.

– Que babaquice – reclamou Lou.

– Você pediu uma votação. Estamos votando. Quem for a favor de uma estrutura de leis em Nova Esperança, uma autoridade designada para impor as ditas leis e um sistema de justiça para promulgar consequências para o não cumprimento das ditas leis, levante a mão.

Ele balançou a cabeça.

– Como são claramente mais de duzentos votos a favor, o que constitui maioria, está aprovada a estruturação de leis. Eddie, Fredinha, podem passar os papéis para que as pessoas avaliem o que está sendo proposto?

Enquanto pegavam uma pilha para cada fileira ir passando para trás, Rove abriu caminho com agressividade, arrancou um papel das mãos de Eddie, amassou-o e o jogou no chão.

– Cara, não seja tão ignorante.

Com olhos raivosos, Rove ergueu o braço, o punho fechado. O soco se dirigia ao rosto de Eddie quando foi barrado a centímetros de distância. A raiva se transformou em choque, frustração. E nojo.

– Eu sabia que você era um deles.

– Não, não é. – Lana ficou de pé. – Não dessa maneira. Eu bloqueei seu soco, Sr. Rove – continuou ela, enquanto se aproximava –, porque não vou deixar que intimide e agrida um amigo.

– Que isso, Lana, eu sei me cuidar.

Ela deu um tapinha no ombro de Eddie.

– Eu sei. Vá distribuir os papéis.

Quando Eddie continuou sua tarefa, Lana se colocou no lugar dele.

Ela bateu o dedo no ar, em frente ao punho de Rove. Ele virou o ombro, deixou cair o braço.

– Gostaria de dar um soco em mim, Sr. Rove? – Sem olhar ao redor, ela ergueu a mão quando Max se levantou. – Ou vai parar com esses insultos e essa intolerância?

Ela reconheceu o ódio quando ele se manteve parado na frente dela, e viu, através daquele ódio, a humilhação que o marcava, o enorme desejo que sentia de machucá-la. E quanto a temia.

Várias outras pessoas ficaram de pé enquanto ele permanecia ali, o punho ainda fechado ao lado do corpo, tremendo. Algumas se colocaram ao lado de Lana e atrás dela.

– Vá para casa, Kurt – aconselhou Manning, gentilmente puxando Lana de volta. – Vá para casa e se acalme.

Rove se virou e marchou em direção aos fundos do salão. Dos catorze que levantaram a mão com ele para votar pelo não, apenas nove saíram junto.

– Você é sinistra – disse Manning a Lana.

CAPÍTULO 22

Passou-se uma semana, duas, maio se transformou em junho e Nova Esperança se desenvolveu.

Agora, tinham uma estufa, um defumador, uma área de piquenique atrás da horta. Agora, o dobro de pessoas trabalhava ali, em um grupo de três e outro de cinco.

Com a energia elétrica restaurada, Chuck combinou o seu tipo de magia com a de Max para recuperar também a internet. Era lenta e usava a linha telefônica, servindo apenas a alguns dos pontos que designaram como locais prioritários, mas acrescentou uma nova camada de esperança à cidade.

Todos os dias, muitos dos que não tinham notícias de entes queridos formavam filas na nova biblioteca para enviar e-mails e verificar, religiosamente, se haviam recebido alguma resposta.

Mesmo que nenhuma viesse, a esperança persistia.

Embora Chuck não desistisse de sua empreitada, a comunicação com o mundo exterior permanecia um vácuo. Arlys não conseguia pesquisar nada na internet, mas agora tinha um software que lhe permitia publicar o *Boletim* sem ter que martelar na máquina de escrever.

E Max escrevia.

Sem muito alarde, Jonah se mudou para o quarto de Rachel.

Os jardins floresceram, e, se por acaso isso se devia a alguma ajuda mágica, ninguém se queixava.

– Parece que encontramos um equilíbrio. – Sentada na varanda de sua casa, em uma cadeira pintada de um tom alegre de vermelho, Lana saboreava um chá e um biscoito doce, que preparara com a sua cota de suprimentos.

Arlys a acompanhava, como muitas vezes fazia no final do dia.

– É idílico – continuou Lana. – E isso vindo de uma pessoa que morou a vida inteira em uma metrópole. Temos cerejas frescas, uvas...

– O que lembra fermento.

– Também lembra tortas, compotas e geleias. Já estamos colhendo alguns tomates, legumes, alface e outras hortaliças. Bill levou duas caixas de vidros com tampa, próprios para conserva, até a cozinha. Eu estou testemunhando o milho crescer, o que é incrível para mim, que até ontem era puramente urbana. Rachel disse que o bebê é perfeito. E já deve pesar mais de meio quilo, agora. Juro que sinto como se ela fosse bem mais pesada que isso, mas então imagino como seria engolir meio quilo de açúcar e faço a comparação.

Com um suspiro satisfeito, ela acariciou a barriga.

– Por falar em fermento – prosseguiu –, fizemos e secamos um pouco. E, graças ao Chuck, não preciso escrever receitas até ter cãibras na mão. Além disso, Rove, os Mercers e a mal-humorada da Sharon Beamer não causaram problemas desde a reunião pública.

– Espere só para ver.

– Ah, não estrague minha felicidade. Lá está Will. – Lana acenou para chamá-lo. – Como vão as coisas entre vocês? – perguntou ela a Arlys.

– Que coisas?

– Entre você e Will. – Lana arqueou as sobrancelhas com uma malícia exagerada. – Senti algumas vibrações no ar.

– Suas vibrações estão por fora. Somos apenas amigos que tiveram uma infância juntos. – Arlys tomou um gole de vinho, observando Will atravessar a rua. – Mas até que ele é bem agradável de se olhar.

– Olá, senhoras.

– Acabou a cerveja – avisou Lana. – Mas temos vinho.

– Eu aceito um pouco de vinho. Acabamos de voltar. Fomos caçar.

– Não me diga que vou fazer mais salsicha de veado.

– É coisa boa.

– Ah, está bem. Vou buscar um copo para você.

– Fique aí – disse Arlys. – Eu vou buscar. Meio quilo de açúcar – justificou, quando se levantou e entrou.

– Meio quilo de açúcar?

Lana deu um tapinha na barriga.

– Quer um biscoito?

– Aceito.

Ele pegou um, mordeu. Fechou os olhos.

– Cara, muito bom. Você poderia ganhar a vida com isso.

– Já foi o tempo.

Arlys voltou com o copo e serviu o vinho. Will se recostou no poste da cerca. Olhou para trás quando três veados passaram trotando pela rua.

– Foi bom colocarmos essa cerca invisível em torno dos jardins, como Fredinha sugeriu – comentou ele. – Não precisamos andar mais do que 1 quilômetro para capturar um veado.

– Também foi bom termos aprovado a lei contra o uso de armas de fogo dentro dos limites da cidade – acrescentou Arlys. – Senão acabaríamos com mais janelas recebendo disparos por acidente.

– Você tem razão. Ei, estamos pensando em invadir a casa da Rachel hoje à noite para ver alguns DVDs. Vocês topam?

Arlys ergueu as sobrancelhas.

– Quem?

– Papai, eu... Chuck, se conseguirmos arrancá-lo do porão, e mais alguns outros. Eles têm aquela tela grande e o aparelho. O ingresso é um petisco ou uma bebida.

– Talvez seja uma boa – disse Arlys, sorrindo para ele. O rapaz era realmente agradável de se ver, pensou ela quando Lana se levantou e foi até o outro lado da varanda. – E você, Lana? Topa uma noite de DVDs?

– Algo está vindo. É quando tudo muda. Algo está vindo. Sempre esteve. Algo está vindo. O fim. O começo.

Will deu um passo na direção dela, depois correu quando a viu cambalear.

– Ei, ei, ei.

Ele enfiou o copo na mão de Arlys para segurar Lana.

– Eu estou bem. Só fiquei tonta.

– Vou buscar Rachel. E procurar Max.

– Não, não, eu só fiquei tonta. Estou bem.

– Vou buscar Rachel – insistiu Arlys, e atravessou a rua correndo.

– Aqui. – Will carregou Lana até a cadeira e a sentou. – O que é isto?

– Ah, é chá gelado.

– Deve fazer bem, beba um pouco. Você ficou muito pálida. O que está vindo?

– Não sei. – Ela tocou a barriga. – Só tive a sensação de inevitabilidade. E tristeza. Eu pratico, mas não tanto quanto deveria. Não sei controlar ou interpretar tanto quanto deveria.

Rachel atravessou a rua depressa. Ela usava uma camiseta e shorts cargo.

– O que aconteceu?

– Foi só um mal-estar – respondeu Lana, enquanto a médica tomava seu pulso. – Já passou. Estou bem.

– Seu pulso está acelerado.

– É que fiquei assustada. Foi uma daquelas sensações que eu tenho. Elas tomam conta de mim, não sei explicar. Elas se derramam sobre mim, me saturam. Não é físico. Não da maneira convencional.

– Vou procurar Max – disse Will.

– Não, por favor. – Quando ele recuou, Lana insistiu: – Não o deixe preocupado. Eu estou bem.

– Ele me mataria se eu não fosse avisá-lo. E eu teria que ajudar.

– Tudo bem, tudo bem. Não posso ser responsável por uma morte. Rachel, você acabou de examinar a mim e ao bebê essa manhã mesmo. Eu sei o que foi. Não é nada físico, e já passou.

Ela pegou a mão de Rachel, depois a de Arlys.

– Algo está vindo, e em breve. Isso é tudo que sei.

– Tudo muda – repetiu Arlys. – O fim. O começo.
– Eu falei isso? É como se eu tivesse saído do meu corpo. Ou entrado, sei lá. Não sou vidente. – Lana olhou para a barriga. – Mas ela pode ser. Não consigo ver o que ela vê, apenas sinto.
Ela ouviu passos apressados, mas viu Chuck, não Max, vir correndo.
– Consegui alguma coisa! – Ele acenou com o papel que segurava, correu para a varanda. – Contato. Ou quase.
– Contato pela internet?
Arlys arrancou o papel da mão dele num piscar de olhos.

ATENÇÃO, TODOS OS SERES HUMANOS TEMENTES A DEUS

Se você está lendo isto, você é um dos escolhidos. Você certamente perdeu aqueles que lhe eram caros e sentiu, ou ainda sente, desespero. Certamente testemunhou em primeira mão as abominações que profanaram o mundo criado pelo Nosso Senhor. Você pode acreditar que o fim dos tempos está próximo.

Mas tenha ânimo!

Você não está sozinho!

Tenha Fé!

Tenha Coragem!

Nós, que sobrevivemos a esta praga demoníaca forjada pelos Filhos de Satanás, enfrentamos Uma Grande Provação! Só nós podemos defender nosso mundo, nossas vidas, nossas almas. Armem-se e unam-se à Cruzada Santa. Vai cruzar os braços enquanto nossas mulheres são estupradas, nossas crianças são mutiladas? Enquanto a sobrevivência da humanidade é ameaçada pelos ímpios, pelos Incomuns? O futuro da Raça Humana está em nossas mãos. Para salvá-la, devemos mergulhá-las no sangue do demônio.

Reúnam-se, Guerreiros Escolhidos! Cacem, matem, destruam o MAL que nos ameaça. “A feiticeira, não deixarás viver”, assim disse o Senhor. Este é o momento da retribuição! Esta é a hora do Massacre! Este é o tempo dos

Guerreiros da Pureza!

Estou com vocês. Pertencem a vocês. Estou repleto da luz da vingança dos justos.

Reverendo e comandante Jeremiah White

– Estilo fraco – Arlys conseguiu dizer. – Exagerado e aterrorizante.

– Guerreiros da Pureza. – Lana agarrou-se ao corrimão da varanda. – Flynn contou que finalmente conseguiu que Starr falasse um pouco mais. A gangue que matou a mãe dela se chamava Guerreiros da Pureza. Eles tinham tatuagens, espadas cruzadas com um *G* e um *P* sob o *X* que formavam.

– Eu conheço esse grupo. E conheço esse tal de Jeremiah. – Arlys devolveu o papel a Chuck. – Em janeiro, nas primeiras semanas da Catástrofe, ele já estava se movimentando para estimular o derramamento de sangue.

– O site é bem rudimentar – contou Chuck. – Cheguei a esse endereço por acaso, enquanto procurava estabelecer contato. E tem mais: ele publicou algumas fotos... bem ilustrativas. Tem uma que mostra a tatuagem que você citou. Ele diz que é a Marca dos Escolhidos. Coisa do mal, cara. Uma doideira nojenta. Ele diz que está trabalhando para criar um fórum de discussão on-line. Invadi e vi que ele tem mais de duzentos acessos. Menos de cinquenta indivíduos, o que significa que as pessoas voltam, verificam o site de novo.

– Cinquenta? Não são muitos – murmurou Arlys –, mas...

– Significa que não somos os únicos com energia elétrica e internet – completou Chuck.

– Não devemos ser os únicos horrorizados com essa doideira nojenta – comentou Arlys –, mas...

– Deve ter quem adore a mensagem. – Com olhos sombrios, Rachel assentiu. – Inclusive alguns aqui mesmo, em Nova Esperança. Você sabe quando ele vai postar ou estava postando? E de onde?

– Eu acho que é de aparelho móvel, o que é ainda mais assustador, porque não sei como é possível. De qualquer forma, agora que encontrei o site, posso monitorá-lo. Tudo o que descobri até agora é de antes da Catástrofe. São coisas que já estavam por aí antes de tudo desmoronar. Mas, se existe uma doideira do mal, deve haver mais.

Ele se interrompeu quando Max parou uma caminhonete no meio-fio. Ele saiu de um lado, Will, do outro.

– Estou bem – Lana foi logo dizendo.

– Will falou que você desmaiou.

Ela lançou um olhar frustrado para Will.

– Só fiquei um pouco tonta.

Max pegou o rosto de Lana na mão em concha e o observou.

– Você teve uma visão?

– Não, não é que... É difícil explicar. Acho que o bebê teve e, de alguma forma, passou por mim.

– Vocês estão conectadas fisicamente – observou Rachel. – Sua saúde e a do bebê. Eu não sei nada sobre esse outro lado das coisas, mas acho que a conexão poderia chegar a esse ponto.

– Não é a primeira vez – disse Max. – Isso pode ser prejudicial?

– Eu diria que ela não deve dirigir.

Abismada, Lana olhou para todos. Ela agora adorava dirigir, depois que aprendera.

– Não precisa disso!

– Devo concordar com a médica – disse Arlys. – Você saiu de si, Lana. Estava em outro lugar. Eu daria um tempo na condução de veículos, na operação de equipamentos pesados – acrescentou, tentando aliviar o golpe.

– Além do mais, você é péssima ao volante. – Max lhe deu um beijo na testa.

– Você vai pagar por isso mais tarde, mas agora temos mais com que nos preocupar. Chuck?

Quando ele entregou o papel a Max e começou a explicar, Lana sentou-se novamente, pensando. Nada de correr riscos, decidiu. O que a afetava também afetava o bebê.

E vice-versa, aparentemente.

Rachel colocou mais chá no copo.

– Hidrate-se. E eu quero ser informada se você tiver mais tonturas. Ou no caso de alguma sensação incomum, física ou de qualquer outro teor. Não adianta se preocupar com o que Chuck achou. Um fanático, e um país gigantesco.

– Isso ajuda, mas, como dissemos, tem um punhado de gente bem aqui que poderia encampar essa ideia.

– A maioria não está mais aqui. – Max releu a notícia. – Mike e eu fomos ver o Rove. Só dar uma olhada. Ele caiu fora, assim como os Mercers, Sharon Beamer, Brad Fitz, Denny Wertz.

– Isso explica por que não os temos visto por aí nos últimos dias – comentou Arlys. – E eles não avisaram nada. Bem, não lamento nem um pouco.

– Fico feliz que eles tenham ido embora – afirmou Lana. – Vou dormir melhor sabendo disso.

– Isso também explica por que estamos com duas caminhonetes a menos – prosseguiu Max. – Vinte galões de gasolina, comida. Armas. Foi por isso que saímos para verificar. – Ele passou a mão pelo braço de Lana enquanto analisava a rua. – Ainda assim, imagino que a maioria se consideraria no lucro.

– Bem, vou voltar para o meu porão e ver se encontro alguém on-line. – Chuck passou os dedos pela barba áspera. – Sem querer estragar a festa, mas, levando em conta todo o pessoal que gosta de tecnologia e todos os hackers do mundo antes da Catástrofe, como é que eu não encontro ninguém na internet? – Ele respirou fundo, frustrado. – Temos que fazer as contas, certo? Só me resta concluir que a Catástrofe levou embora mais de cinquenta por cento da população... bem mais que cinquenta por cento. Enfim... – Chuck deixou as palavras no ar e se afastou.

– Ele tem razão. – Max passou a mão no braço de Lana, para lhe dar conforto e confiança. – Podemos avaliar pelo que todos nós vimos na viagem até aqui, e pelo fato de que o número de pessoas que chegam, e mesmo as que estão só de passagem, tem diminuído muito e chegou a zero nas últimas semanas.

– Se é assim, desenvolver e manter o que possuímos é ainda mais importante – observou Arlys. – Lei, ordem, educação, água e alimentos.

– Segurança – acrescentou Max. – Um mundo grande, um fanático – repetiu ele. – Mas um fanático com seguidores. Some a isso os Rapinantes e os Incomuns Sombrios. Se ainda existe alguma coisa em termos de governo lá fora, não chega aqui. E quais serão as leis e governos que ainda

estão de pé? Não sabemos quem ou o que está no comando. Temos que proteger os nossos.

– Eu concordo. Concordo com tudo isso – disse Rachel, as mãos nos bolsos, olhando para a rua. Para a paz. – Fizemos um grande progresso num curto espaço de tempo. O fato de termos uma estrutura, um sistema de regras e responsabilidades comunitárias, deu às pessoas uma base. Talvez a saída daqueles que não querem essa base, como Rove, acrescente algo a ela. É um mundo grande, e temos a chance de fazer desta parte dele um local seguro e sólido.

– É preciso mais do que regras e responsabilidades. Estamos vivos – disse Lana, colocando a mão na barriga quando sentiu a filha se mexer. – Tantos de nós têm passado pelo luto sem deixar de fazer o que deve ser feito... – Ela olhou para Will. – Muitos de nós perdemos pedaços de nós mesmos. Mas encontramos pedaços também. Encontramos coisas dentro de nós que não sabíamos que estavam lá. Estamos vivos – repetiu ela. – Talvez seja hora de comemorar. Estamos quase no solstício.

Max sorriu para ela e comentou:

– O dia mais longo do ano. Momento de celebrar.

– Sim, e vamos fazer isso. Mas acredito que possa ser cedo demais para uma celebração com toda a comunidade, pois faltam apenas alguns dias. Precisamos de mais tempo para planejar. E sinto que é exatamente disso que precisamos.

– O Quatro de Julho sempre foi meu feriado favorito quando eu era criança.

Arlys se virou e sorriu para Will.

– Eu lembro. Churrasco, fanfarras, cachorros-quentes e fogos de artifício.

– A torta de cereja da minha mãe.

– Eu me lembro com carinho da torta de cereja da sua mãe.

– Um Dia da Independência ao estilo Nova Esperança. Temos umas três semanas para preparar tudo – lembrou Will. – E os preparativos vão fazer com que as pessoas se animem bastante, certo?

– O feriado mais americano de todos. – Arlys inclinou a cabeça, considerando. – Comida, jogos, artesanato, música, dança... Eu gosto da ideia. Gosto muito.

– Podemos começar o dia com uma homenagem àqueles que perdemos. – Lana alcançou a mão de Max. – Para honrar amigos e familiares que não estão conosco. E terminar o dia em celebração.

– Gostei ainda mais. Vou anunciar no *Boletim* – decidiu Arlys. – Vai sair ainda hoje.

– Eu tenho umas ideias para a comemoração – disse Will a Arlys. – Vou andando com você. Vai ser ótimo, Lana. Vai ser ótimo.

– Vou avisar Jonah – disse Rachel. – Will tem razão: vai ser ótimo. – Ela deu um tapinha no braço de Lana.

Sozinho na varanda com Lana, Max ficou olhando para a cidade.

– Você está feliz aqui? Estamos a sós – avisou ele, antes que ela pudesse responder.

– Não é a vida que imaginei para nós dois, e ainda há momentos em que acordo achando que estou no nosso loft em Nova York. Sinto falta de muita coisa. De ir andando para casa no meio do barulho e da multidão, por exemplo. Lembro que tínhamos começado a falar em tirar umas duas semanas para conhecer a Itália ou a França. Eu me lembro dessas coisas e tenho saudades, mas estou feliz aqui, sim. Estou com você, e em poucos meses teremos nossa filha. Estamos vivos, Max. Você nos tirou de um pesadelo e nos trouxe até aqui. E você? Está feliz?

– Também não é a vida que eu imaginei, e sinto falta de muitas coisas, mas estou com você. Vamos ter uma filha. Somos capazes de fazer um trabalho que nos satisfaz e temos poderes que ainda estamos aprendendo a entender. Há um propósito. Estamos vivos, e há um propósito. Vamos comemorar isso.

O dia da festa amanheceu suave e rosado. Lana passou o início dele, assim como passara o dia anterior todo, na cozinha com sua equipe. Concentrou-se no que fazia de melhor, deixando a decoração para outros, sob o comando de Fredinha.

Fez inúmeras tortinhas de carne de veado e peru-selvagem, enquanto ouvia os músicos praticando e os martelos batendo pregos. Na sala anexa à cozinha, Bryar e outros faziam, com grupos de crianças, lanternas chinesas – vermelhas, brancas e azuis – e estrelas de papel que traziam os nomes dos entes queridos perdidos.

Quando o azul lavou o rosado do céu, Lana saiu à rua para ver as pessoas reunidas, enquanto um coro recém-formado cantava “Amazing Grace”.

Ela observou Bill e Will Anderson pendurarem suas estrelas no velho carvalho, na extremidade do gramado. E viu que ficaram ao lado de Arlys quando ela pendurou as dela.

Viu também muitos outros, que colocaram seus símbolos até lotarem os ramos mais baixos.

Ficou comovida ao ver Starr dar um passo à frente para pendurar suas estrelas.

As fadas acenderiam a luz das lanternas quando o crepúsculo caísse no parque. Guirlandas de flores adornavam os postes de luz e os recém-construídos caramanchões. Grelhas foram enfileiradas em uma área designada para a produção da comida.

Ao meio-dia, músicos tocavam em um coreto, cuja pintura os voluntários haviam terminado na noite anterior. A fumaça subia das grelhas.

Peças de artesanato cobriam as mesas – todas disponíveis para troca. As crianças tinham o rosto pintado por voluntários ou passeavam de pônei. Alguns jogavam bocha ou competiam no lançamento de ferraduras em pinos.

As hortas ofereceram um banquete: tomates, pimentões, abóboras, milho (segundo Rachel, o bebê agora era do tamanho de uma espiga de milho, e tão saudável quanto).

Com o céu limpo e um sol agradável, muitos se esticaram à sombra das árvores, bebendo copos e mais copos de chá gelado que a cozinha comunitária forneceu.

Lana ouviu conversas sobre a intenção de formar um time de softbol, um para adultos e um para crianças, usando, para isso, o campo da Little League, que ficava a menos de 1 quilômetro dos limites da cidade.

Outros falavam sobre expandir a plantação, transferi-la para uma das fazendas que ficavam a pouco mais de 1 quilômetro dali.

Boas conversas, pensou ela. Conversas cheias de esperança.

Ela dançou com Max na grama bem verdinha, em um vestido de verão que ondulava sobre a barriga. Deleitando-se ao sol, fofocou com Arlys, enquanto Eddie tocava gaita. Com os bebês no colo, Fredinha e Katie se balançavam para a frente e para trás no brinquedo.

Ela era feliz? Max lhe perguntara isso algumas semanas antes. Agora, naquele exato momento, ela lhe daria um sim incondicional.

Acenou para Kim e Poe e suspirou.

– Vamos repetir isso todos os anos, certo?

– Acho que a resposta é um sim definitivo. E – acrescentou Arlys – vamos combinar alguma coisa para os feriados: Natal, Hanucá.

– Isso mesmo! Solstício de inverno. – Lana esfregou a mão em círculos sobre a barriga. – Será o primeiro dela.

Arlys levantou o rosto, sacudiu os cabelos para trás – estava com um visual moderno, com mechas, mais uma vez graças a Clarice.

– Vocês ainda não decidiram o nome?

– Temos alguns em mente, mas nada muito certo. No verão passado, eu tinha acabado de ir morar com o Max. Tudo parecia tão grande, tão incrível... Agora, aqui estamos nós, esperando uma menina. Max está no jogo das ferraduras. Aposto meu estoque inteiro de fermento em pó que ele nunca tinha jogado isso na vida.

Ela soltou uma risada quando ele lançou uma, fez a ferradura parar e girar em pleno ar, voltar para trás e cair certinho no pino.

– E está trapaceando!

A manobra fez Carla, sua dupla, aplaudir. Já Manning, da dupla adversária, explodiu em indignação simulada. Max levantou as mãos fingindo inocência, e em seguida olhou para Lana. Deu um sorriso largo, piscou.

– Ele também era muito sério em relação à Arte. Ele se divertia comigo, mas nunca teria brincado assim antes. É bom vê-lo relaxar. Vou buscar mais milho... e, no caminho, dar uma força à outra dupla.

– Vou lhe dar uma mãozinha.

Lana se levantou com certa dificuldade, foi em direção ao local onde jogavam ferraduras. Mais milho, com certeza, pensou, enquanto analisava as mesas. E tomates. Verificou o suprimento de peru-selvagem e carne de veado.

Mas, primeiro, guiou as ferraduras de Manning para os pinos, fez com que executassem três viradas no ar antes de bater tinindo no pino. Deu a Max um sorriso e uma piscadela.

Manning soltou uma boa gargalhada, fez uma dancinha de comemoração e mandou um beijo para ela.

Sim, pensou Lana, era bom, muito bom, apenas brincar.

– Ei. – Will correu e agarrou o braço de Arlys. – Precisamos de mais um para a bocha.

– Eu só ia...

– Ah, vá jogar. Eu agora sou perita em catar milho – disse Lana.

– Eu não sei nada sobre bocha.

– Ótimo, eu também não. – Will agarrou a mão dela, olhou para as estrelas balançando nos ramos. – É um bom dia. – Com um impulso, ele se inclinou, beijou o rosto de Lana. Em seguida, virou Arlys para si e a beijou lenta e suavemente na boca. – Um dia muito bom.

Lana sorriu por todo o percurso até o milharal.

Cheirava a verde e à terra. A música, as vozes, o som de metal contra metal a acompanharam, enquanto ela torcia as espigas de milho para tirar a palha. Ouviu as crianças rindo, um som mágico para seus ouvidos, carregado pelo sopro suave da brisa de verão.

Tudo parecia tão pacífico, o azul do céu, o caule verde e alto, o cabelo do milho contra sua pele.

Parou por um momento, os braços cheios de milho, agradecendo por tudo o que tinha.

O bebê chutou. Uma sequência rápida de chutes que quase a fez derrubar as espigas. Ouviu um dos bebês de Katie gritar, um grito longo e estridente acima da música e das vozes. Quando se virou para começar a voltar, alguma coisa voou e foi cair no chão à sua frente.

Ela olhou para baixo. Congelou.

Estava chamuscada, as bordas enroladas e enegrecidas, mas ela reconheceu a foto com Max, a que embalara antes de saírem de Nova York. A foto que estava na casa nas montanhas quando...

No alto, em um céu que se tornava cinza e denso, corvos negros voavam em círculos.

– Max!

Deixou o milho cair no chão quando correu, passando com dificuldade por entre as hastes verdejantes. Ouvindo as primeiras rajadas de tiros.

Gritos ecoaram, e ela lutava para abrir caminho.

Pessoas corriam, se dispersavam, procuravam se esconder, atiravam.

Viu Carla estendida no chão, olhos arregalados encarando o nada. E Manning, ah, meu Deus, Manning sangrando na poeira macia do local onde antes brincavam com as ferraduras.

Seu próprio grito ficou preso na garganta ao ver Kurt Rove enfiar a coronha da espingarda no rosto de Chuck.

Por toda parte, homens disparavam armas e flechas de maneira indiscriminada. Os adultos agarravam as crianças para protegê-las com o próprio corpo ou para levá-las a algum lugar seguro.

Rainbow, que ensinava ioga todas as manhãs, jogou um escudo cintilante sobre uma mulher com uma criança bem pequena. Então, seu corpo foi arremessado para a frente por um tiro nas costas.

Lana viu um homem – alto, magro, cabelos dourados ao vento – levantar um rifle e apontá-lo quando Fredinha subiu no ar, as asas batendo furiosamente, um dos bebês no colo.

Em segundos, apenas segundos, o mundo mudou.

Não tendo outra arma além de seu poder, Lana o usou, seguindo seus instintos. A arma apontada para Fredinha voou das mãos do homem. E ele pousou seus olhos azuis enlouquecidos sobre ela.

– Ali. – Ele apontou. O homem ao lado dele, moreno e musculoso, a tatuagem dos Guerreiros da Pureza no bíceps, levantou as mãos. Segurava uma arma em cada uma. – Matem a bruxa! – gritou.

Quando Lana levantou as mãos para lutar, para proteger a filha, um trovão explodiu. O chão estremeceu com ele.

– *Ela é nossa!*

De trás do prédio, as asas chamuscadas, os rostos marcados, Eric e Allegra se ergueram no ar.

Tudo pareceu ficar em suspenso. Era uma ilusão, pois ela ouvia os gritos, os tiros, até o ruído dos caules quando alguns corriam para se esconder entre os milhos.

Eles haviam sobrevivido. Estavam vivos. E ela via a morte nos olhos deles.

Lana invocou tudo o que tinha em si para lutar.

Max foi correndo até ela e tentou impedi-la.

– Corra!

– Para onde? – Expelindo raios negros para o céu, Eric soltou uma risada. – Não há para onde correr, não há onde se esconder. Afaste-se, irmão. Não queremos você desta vez.

– Queremos o que está dentro dela – disse Allegra, que, com um impulso de asas, voou mais baixo.

Max se lançou, puxando Lana consigo para dentro do milharal.

– Fuja. Salve nossa filha.

– Juntos. Juntos somos mais fortes. Juntos temos mais poder. – Ela agarrou a mão de Max.

– Não há necessidade disso, Eric, de nada disso! – gritou Max. – Você está se alinhando com um louco que caça nossa espécie. Ele vai se virar contra você. Todos vão se virar contra você.

– Uau, eu não tinha pensado nisso – disse Eric, fingindo surpresa. – Talvez devêssemos pensar sobre isso, Allegra. Se bem que... Ah, sim, esqueci: você tentou me *matar*. Eu me enganei, Max. Queremos você, sim. Morto.

– Os dois. Os três! – Com os cabelos claros revoando, Allegra gritou: – Nós chamamos a escuridão. Nós governamos a escuridão! E, com ela, eliminamos a luz.

Como Lana fizera com Max, Allegra agarrou a mão de Eric. Um trovão explodiu, um raio negro se seguiu. Com Max, Lana bloqueou os golpes, empurrou-os de volta.

E sentiu o poder estremecer o chão.

Sangue irrompeu no braço de Max onde um raio passou raspando. Do outro lado do campo, outros vieram correndo. Flynn e Lupa, Jonah, Aaron.

Por um instante, Lana sentiu esperança. Juntos, todos eles, conseguiriam repelir a escuridão.

– Eles estão vindo ajudar. Só temos que...

Lana viu a onda negra, sentiu o primeiro toque cortante antes de Max fazê-la girar. Seus olhos encontraram os dela quando ele a encobriu, protegeu a filha com o próprio corpo.

Ele recebeu todo o impacto da força, do ódio, da escuridão. O choque sacudiu seu corpo e passou através dele para ela enquanto eram lançados juntos, até caírem no meio do milharal. A ponta afiada perfurou o braço de Lana, e o corte sangrava.

Sem fôlego, a cabeça girando, ela rastejou, rolou e tentou puxar Max.

Ele estava coberto de sangue, inúmeras feridas, a pele em carne viva.

– Não. Não. Max.

Ela sabia, mesmo enquanto o puxava para seus braços, mesmo quando pressionava o rosto dele no seu, ela sabia que o perdera.

Morto. Arrebatado. Assassinado.

A raiva, a dor e a fúria estrondosa lhe subiram à garganta. Coberta pelo sangue dele e também sangrando, ela o soltou com um grito que rasgou o ar como uma lâmina.

O gritou explodiu, selvagem e vermelho, contra o preto oleoso.

Ela ouviu o próprio grito ser respondido com uivos de dor.

Correr. Ele lhe dissera para correr, mas ela não lhe dera ouvidos. Ele lhe dissera para salvar a filha, mas dera a própria vida para salvar as duas.

Não há para onde fugir, não há onde se esconder. Soluçando, engasgada, ela tirou de Max o cinturão da arma. Ternamente, puxou o anel do dedo dele, colocou-o no próprio polegar. Beijou seu rosto, sua boca, suas mãos.

Salvar a criança, a qualquer custo.

Ela ouviu a voz de seu amado em sua mente, em seu coração, e, soluçando, rastejou através do milharal em direção à floresta. E se pôs a correr.

Um movimento à direita a fez girar e levantar a mão, pronta para lutar, para se defender. Starr emergiu da árvore.

– Você está ferida.

Lana só conseguia balançar a cabeça.

– Você os feriu mais.

Quanto Starr apontou para trás, Lana olhou para o parque. O que quer que tivesse explodido de dentro dela, aquele lamento enfurecido, vermelho e louco, havia se equiparado ao poder de alguns dos atacantes. Não viu nenhum sinal de Eric ou de Allegra além de uma névoa fina de fumaça manchando o céu.

Sentiu o coração despedaçado doer ainda mais ao ver Arlys ir mancando até o corpo de Carla, Rachel ajoelhada ao lado de Chuck, inconsciente e ensanguentado. Outros que ela conhecia, de quem cuidava, se apressando para ajudar ou correndo em direção à rua, com as armas na mão.

– E Katie? E os bebês?

– Jonah os levou para dentro. Eles mataram Rainbow. Ela era boa. Eles vieram atrás de você. Atrás dela – disse Starr, estendendo o braço, e, ao tocar alguém pela primeira vez em semanas, colocou a mão na filha de Lana.

– Não posso ficar aqui. Eles vão voltar. Não posso... Eles mataram Max – disse Lana.

– Eu sinto muito. Ele era bom. – Starr inclinou a cabeça. – Eles nos querem mortos, todos nós, ainda mais a Salvadora.

– Ela não é a Salvadora! – retrucou Lana, feroz. – Ela é minha filha.

– Também. – Starr apertou a mão na cabeça. – Eu os ouvi. Ouvi todo o ódio. Faz minha cabeça doer, por isso fugi e me escondi, como fiz com minha mãe. Não lutei, mas vou lutar na próxima vez. Vou, sim. Eles vão ajudar, eles vão proteger você. E a ela.

– Eu tenho que protegê-la. Não posso ficar. Eles vão tentar de novo. Vão voltar e tentar outra vez.

Starr assentiu.

– Então, você tem que fugir, se esconder. Ainda os ouço na minha cabeça. Vou colocar o nome de Max na árvore para você.

Cega pelas lágrimas, Lana correu. Correu ao encontro de todos os pesadelos que haviam assombrado suas noites.

CAPÍTULO 23

Lana se manteve longe das estradas principais durante dias. Abrigava-se onde podia, procurando roupas e alimentos em casas isoladas. Em uma correntinha que encontrou junto com as roupas, enfiou o anel de Max para pendurar no pescoço.

Comia o que encontrava, e se preocupava com o bebê.

Sempre que via corvos voando ou ouvia seu crocitar, mudava de direção.

Uma vez, exausta, deixou-se cair ao pé de uma árvore morta, exaurida demais, triste demais, sem forças para seguir em frente. Olhando para o céu através dos galhos esqueléticos, ela adormeceu, ela sonhou. Sonhou com uma jovem esguia de olhos acinzentados e cabelos pretos que lhe dizia para se levantar, continuar, ir em frente.

Então Lana se levantou, continuou, foi em frente.

Um dia terrível que se transformou em noites terríveis.

Sem noção de tempo ou distância, ela dormiu em um carro abandonado no acostamento da estrada e acordou com o brilho do amanhecer, ao som de motores.

Seu primeiro instinto foi pedir ajuda, mas outro, mais forte, lhe disse para permanecer escondida e em silêncio. O mais forte lhe provocou um arrepio quando os motores pararam.

Portas de carro se abriram, bateram. Vozes masculinas a alcançaram, entrando pelas janelas que ela deixara abertas na esperança de uma brisa.

– A gente devia voltar lá e destruir aquela cidade de merda. Alguém lá sabe onde a vadia está.

– O Reverendo disse que ela não está lá, ela não está lá.

Ao ouvir passos se aproximando, Lana segurou com mais força a arma com a qual dormia. Então ouviu o som característico de um zíper, de líquido caindo no asfalto.

– Isso é jogar gasolina fora, é o que eu acho, e, se aqueles dois monstrenhos querem tanto essa mulher, deviam tê-la matado quando tiveram a chance. Perdemos seis bons homens. Era para matarmos as aberrações, não nos unirmos a elas.

– Ninguém quer saber sua opinião. O Reverendo sabe o que faz. Ele tem um plano, e aposto que vamos acabar com aqueles monstros depois que matarmos a mulher. Bruxa imunda. Eu tenho um assunto para resolver com ela, agora.

– Ah, ela estragou o seu rostinho bonito?

– Vai se ferrar, Steed.

Uma risada rápida, um zíper subindo.

– O que eu sei é que os monstrenhos estão mais machucados que você, e é por isso temos que nos matar de dirigir atrás de uma vadia prenha dos infernos.

– Se eu encontro essa mulher, atravesso uma faca nela e no pirralho que está na barriga dela.

– Bruxa, a gente tem que enforcar ou queimar.

– Faço isso depois. Vamos dar uma olhada nestes carros aqui, ver se tem alguma coisa que valha a pena pegar.

– Que nada. Tem um posto a uns 30 quilômetros a leste daqui, deve ter coisa melhor por lá.

Lana manteve os dedos firmes na arma quando sentiu o carro se mexer.

– Sem contar que aqui só tem merda.

Ela prendeu a respiração enquanto os passos se afastavam, portas eram abertas e batidas novamente. Manteve-se imóvel quando um motor foi ligado e pneus cantaram.

Lana contou as batidas do coração, uma por uma, mesmo depois que o carro acelerou e o silêncio retornou.

– Eu não deixaria que tocassem em você – murmurou, enquanto ia para o banco da frente, as pernas trêmulas. – Leste. Eles estão indo para o leste, então nós vamos para o oeste.

Mas não a pé. Por mais que tivesse andado e vagado, não conseguira abrir bastante distância entre a filha e aqueles que queriam machucá-la.

Ia se arriscar a pegar a estrada, ia correr esse risco por enquanto.

Sentou-se ao volante, a arma no assento ao lado. Precisou de alguns instantes para se recompor, para reunir o poder que reservara desde o dia em que havia irrompido de dentro dela em uma fúria vermelha e assassina.

Quando levantou a mão, o motor não deu sinal de vida imediato. Roncou, tremeu, pegou. Com o sol nascendo atrás dela, Lana partiu dali.

O sol pairava alto quando o carro morreu. Deixando-o, ela seguiu a pé, as montanhas se elevando ao seu redor.

O tempo era difuso. Ela caminhava, dirigia quando encontrava outro carro, procurava comida e água. Embora se perguntasse quão longe seria longe o suficiente, continuou a evitar qualquer cidade onde pessoas pudessem ter se juntado.

Como poderia saber se eram amigos ou inimigos?

Deixando para trás sua antiga vida, matou coelhos e esquilos, temperou-os, assou no fogo produzido com seu poder para alimentar a si mesma e ao bebê.

Ela, que uma vez acreditara que a comida poderia ser, deveria ser, uma arte, agora comia para sobreviver, comia para alimentar o que vivia dentro dela.

Seu mundo se transformou em árvores, rochas, céu, estradas intermináveis, a deplorável felicidade de encontrar uma casa com roupas limpas, botas quase do seu tamanho.

A sensação de conforto vinha apenas quando sentia o bebê se mexer. Alegria passou a ser encontrar um pessegueiro e degustar a fruta doce, fresca, o suco escorrendo pela garganta ressecada pelo calor do verão.

Segurança passou a ser não ouvir nenhuma voz além da própria, enxergar a forma humana somente na própria sombra.

Naquelas semanas desde que saíra de Nova Esperança, ela se tornara nômade, andarilha, eremita, sem nenhum plano exceto se manter em movimento, comer e se abrigar.

Até que...

Quando chegou a uma elevação coberta de árvores, logo se agachou para se proteger.

Havia uma casa em um terreno com uma descida suave, que se tornava plano outra vez. Na parte plana, uma extensa horta parecia pronta para a colheita de verão. Ela pegou os binóculos da mochila que havia encontrado.

Tomates vermelhos e maduros, ervilhas, feijões, pimentões, cenouras. Fileiras de alface, repolho, abóbora, berinjela. O milharal lhe trouxe de volta o odor do sangue, da morte.

De Max.

Encolheu-se por um instante, lutando contra as ondas de tristeza e dor, então levantou os binóculos outra vez.

Havia dois cavalos, separados, por uma cerca, de uma vaca malhada. Depois de outra cerca, havia vacas pretas – vacas de corte –, junto com um bezerro.

Viu um chiqueiro, onde cinco porcos se refestelavam.

Galinhas! Só de pensar em ovos, quase vieram lágrimas aos olhos.

A casa em si era simples e robusta, pintada de branco, com uma varanda ampla. Perto dali havia um pequeno celeiro, pintado de um típico vermelho alegre.

Passou os olhos rapidamente: um depósito, um pequeno silo, dois moinhos de vento, uma estufa, algumas árvores e arbustos ornamentais e o que imaginou ser uma colmeia. Mais além, outra plantação. Trigo, pensou. Trigo e, talvez, feno.

A casa estava obviamente ocupada e, como havia uma caminhonete parada, devia ter alguém lá dentro.

Ovos, legumes frescos, árvores frutíferas.

Ela podia esperar.

Enquanto esperava, caiu no sono.

O latido a acordou, fez seu coração querer saltar da garganta.

Dois cães corriam na frente da casa, batendo um no outro, rolando na grama.

Ela levantou os binóculos novamente quando um homem saiu. Bronzeado, de aparência forte, calça jeans desbotada e camiseta. Na cabeça, um boné sobre uma vasta cabeleira castanha e óculos de sol que obscureciam seus olhos.

Ele colocou na caminhonete dois cestos cheios de verduras e legumes e voltou para dentro da casa. Saiu de novo com mais dois cestos, antes de chamar os cães com um assovio.

Ambos saltaram para a traseira da caminhonete. Depois de colocar no veículo os outros dois cestos, ele entrou na caminhonete e partiu.

Ela contou até 60, depois contou novamente, e só então se levantou.

Não ouvia nada além de pássaros e esquilos. Sustentando a barriga com uma das mãos, escolheu um acesso para descer a encosta rochosa, os olhos fixos na casa.

Se o homem não morasse sozinho, poderia ter alguém lá dentro. Embora quisesse correr para a horta, ela se aproximou da casa com muita cautela e a contornou, espiando as janelas.

Havia outro alpendre nos fundos, e ervas cresciam ao sol intenso. Pegando a faca que levava, ela cortou manjerição, alecrim, tomilho, orégano, cebolinha e endro, deleitando-se com os aromas enquanto enfiava tudo em um saco de plástico que trazia na mochila.

Podia haver alguém no segundo andar. Mas ela resolveu arriscar.

Correu tão rápido quanto seu distorcido centro de gravidade permitiu e arrancou um tomate do pé. Mordeu-o como se fosse uma maçã, limpando o suco que escorreu pelo queixo.

Colheu ervilha em vagem, um punhado de vagens, uma berinjela com a casca brilhando ao sol, uma cenoura, uma cabeça de alho. Pegou alface, comeu uma folha enquanto recolhia o que seria possível levar na mochila e nos bolsos.

Maçãs, um pouco verdes, também entraram na mochila, juntamente com um cacho de uvas roxas. Comeu algumas ali mesmo, de pé, diante de dois marcos de pedra no chão, à sombra da macieira.

Ethan Swift
Madeline Swift

Haviam morrido da peste, observou Lana: em fevereiro, com dois dias de diferença.

E alguém – o fazendeiro? – havia marcado com as pedras o local de suas sepulturas e plantado entre elas uma roseira amarela como o sol.

– Ethan e Madeline, espero que suas almas tenham encontrado a paz. Obrigada pela comida.

De olhos fechados, ela ficou na sombra pontilhada de sol, desejando poder deitar sob a árvore e dormir. Despertar em um mundo sem medo e sem necessidade de estar em movimento constante. Um mundo onde Max poderia abraçá-la, onde sua filha nasceria em paz e segura.

Esse mundo, pensou, estava acabado. Viver no atual era manter o foco no que se precisava fazer.

Olhou para as galinhas que cacarejavam, imaginou refogar uma delas em um dos tabletes de manteiga que havia conseguido, aromatizá-la com alho fresco e ervas.

No entanto, embora o fazendeiro provavelmente não fosse dar falta dos legumes, certamente notaria uma ave a menos. E, como ela pretendia ficar na área por um dia ou dois, decidiu que voltaria depois para pegar um frango antes de seguir caminho.

Por enquanto, se contentaria com alguns ovos.

Atravessou o galinheiro, as aves tentando bicá-la, e foi até a gaiola aberta, onde encontrou um único ovo de casca vermelha sob uma única ave empoleirada, que parecia tão precavida quanto a própria Lana.

– Ele recolheu os ovos hoje – murmurou. – Dei sorte de você ter guardado um.

– Ela sempre faz isso.

Lana se virou na mesma hora, agarrada ao ovo como se fosse uma granada, a outra mão estendida, pronta para usar seu poder para se defender.

Ele ergueu as mãos, sem tocar a arma que trazia na cintura.

– Eu não vou brigar com você por causa de um ovo, ou do que mais você tenha pegado. Ainda mais porque está comendo por dois. Tenho água, se quiser. Leite também. Um pouco de bacon para comer com o ovo.

Ela teve que engolir em seco antes de falar as primeiras palavras que dirigia a outro ser humano desde que deixara Nova Esperança:

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que você me daria alguma coisa? Eu estava roubando.

– Assim como Jean Valjean. – Ele deu de ombros. – Ele também estava com fome. Olhe, você pode pegar o maldito ovo e ir ou pode entrar e comer uma refeição quente. A decisão é sua.

Ela baixou a mão para a barriga. Pensou na filha.

Ele havia plantado uma roseira para seus mortos. Considerou essa atitude um sinal.

– Eu adoraria uma refeição quente. Posso oferecer algo em troca disso e das frutas e legumes que peguei.

Ele sorriu.

– O que você tem para trocar?

– Posso trabalhar.

– Bem... – Ele coçou a nuca. – Podemos discutir isso.

Ele recuou, dando a ela bastante espaço.

Ainda podia correr, pensou Lana.

– Se eu quisesse machucá-la, já teria feito isso.

O homem se virou e foi até os cães, que saltavam e abanavam o rabo logo ao lado do galinheiro.

– Como você me descobriu?

– Pelo sol refletido nos seus binóculos. Quer dizer, imaginei que fossem binóculos. Os cães e eu decidimos sair, parar um pouco à frente na

estrada e voltar para ver o que você pretendia fazer. Eles não vão machucá-la.

Como se para provar isso, os dois cães – grandes, com pelos grossos cor de creme e olhos absurdamente felizes – entraram para se esfregar nas pernas dela.

– Este aqui é o Harper, e este é o Lee. *O sol é para todos* era o livro favorito da minha mãe.

Ela o viu olhar para a macieira, para os túmulos. Sentindo-se ridícula com o ovo na mão, entregou-o ao homem.

– Seus pais?

– Sim. Sim – repetiu, indo em direção à casa. – Essas suas botas já andaram um bocado.

– Já tinham andado bastante quando as encontrei.

Assentindo, ele seguiu até a varanda e abriu a porta da casa, já destrancada. Quando Lana hesitou, ele deixou escapar um suspiro impaciente.

– Fui criado nesta casa pelas duas pessoas que enterrei lá fora. Eles viveram aqui por 35 anos, deram uma boa vida para todos nós. Não vou desrespeitá-los fazendo mal a uma mulher grávida debaixo do teto que me deram. Vai entrar ou não?

– Desculpe. Eu esqueço que as pessoas ainda podem ser decentes.

Lana entrou. Viu uma ampla e confortável sala de visitas, com uma grande lareira de pedra, mobília confortável misturando estilos de maneira alegre e acolhedora.

Mas ostentava uma poeira considerável e pelos de cachorro por toda parte.

Uma escada levava ao segundo andar. Uma cesta de roupa suja, cheia de lençóis e toalhas, repousava no primeiro degrau.

Ele seguiu por um corredor, então se deteve quando ela parou à porta de um quarto cheio de prateleiras atoladas de livros e bugigangas.

– Minha mãe era uma leitora voraz. Também comecei a ler bastante ultimamente.

Como em um sonho – estaria ela sonhando? –, o quarto a atraiu, as lembranças de uma vida que um dia tivera. E, ao pegar um livro da prateleira, foi tomada por amor.

– Max Fallon. Ela gostava do que ele escrevia. Ainda não li. Você também gosta dele?

Ela ergueu os olhos marejados, apertando o livro com a fotografia de seu amado contra o coração.

– Meu... meu marido.

– Seu marido era fã dele?

– Max. – Ela começou a se balançar com o choro incontido. – Max... Max...

– Merda. – Ele tirou o boné, passou as mãos na cabeça. – Por que não se senta? Pode ficar com o livro. Eu... eu vou... hã... buscar a caminhonete. Então...

Ele gesticulou e saiu do cômodo.

Lana se sentou na beirada de uma grande poltrona de couro azul-marinho e chorou até as lágrimas secarem.

Ele foi até o veículo na estrada, voltou, colocou água para ferver.

A mulher parecia desolada no galinheiro, pensou ele. Pronta para se defender – e capaz disso, ele suspeitava. Olhos, grandes e azuis como o céu de verão, exaustos, mas cheios de força. E a gravidez – muito evidente – lhe dava um ar de guerreira da fertilidade.

Ali, na biblioteca de sua mãe, tudo isso se dissipara, deixando-a frágil, vulnerável, alquebrada.

Ele sabia lidar melhor com a versão feroz e capaz.

Quando a ouviu se aproximar, ele levou uma frigideira ao fogo.

– Desculpe – disse Lana.

– É péssimo perder alguém. Praticamente todos os sobreviventes sabem muito bem como é isso. – Ele foi até a geladeira e pegou um pedaço de bacon embrulhado em tecido. – Max Fallon era seu marido.

– Sim.

– Você o perdeu na Catástrofe?

– Não. Ele nos tirou de Nova York. Fomos embora, e ele nos protegeu o tempo todo. Mas o mataram. O próprio irmão o matou.

– O próprio irmão?

– O irmão dele virou-se para a sombra, ele e a bruxa perversa que o transformou. O irmão dele, e os homens que nos odeiam porque não somos como eles. Eles queriam me matar. E matá-la.

Ela envolveu a barriga com os braços.

– Max nos salvou. Ele morreu por nós. Eles o mataram. Eric, seu irmão, e os Guerreiros da Pureza. Mataram Max, mataram pessoas com quem estávamos construindo uma vida. Tentaram matar mais gente. Eu tive que sair da cidade, porque eles queriam a mim, e matariam quem estivesse no caminho. Eles estavam me caçando. Talvez ainda estejam. Vão tentar matá-lo se você me ajudar.

Ele assentiu.

– Aham – disse e, em seguida, voltou-se para o fogão. – Quer ovos mexidos ou fritos?

Ela já recuperara o autocontrole, mas estava quase sem fôlego. As mãos fechadas.

– Quem é você?

– Swift. Simon Swift. Em outra vida eu era o capitão Swift, do Exército. Nesta aqui, sou um fazendeiro. E você?

Lentamente, ela tirou a mochila do ombro, deixou-a de lado.

– Lana Bingham. Eu era chef de cozinha. Sou bruxa.

– Eu percebi no galinheiro, no instante em que você se defendeu.

– Eu não tive a intenção de machucar...

– Não foi nada de mais. Aposto que você faz coisas maiores. Chef de cozinha? Por que eu estou cozinhando?

Ela expirou com força, inspirou de novo, em seguida se agachou junto à mochila. Pegou ervas, um tomate, um pimentão, duas cebolinhas.

– Gostaria de uma omelete?

– Claro.

– É um bom fogão. Uma boa cozinha.

A voz de Lana tremeu novamente. Ele podia ver, bem como ouvir, o esforço que ela fazia para controlar o tremor.

– Como você consegue o gás?

– Um poço.

– Como assim?

– Um poço de gás natural. – Ele apontou vagamente para a janela. – É canalizado para dentro da casa. Temos luz a gás, fogão a gás, tudo a gás. Um pouco de energia eólica, também.

Ela lavou as mãos na pia, em seguida lavou as ervas, os legumes e as verduras.

– Preciso de algumas coisas. Mais ovos, uma tigela pequena, um batedor.

– Vou pegar.

Depois de aquecer a frigideira, ela colocou o bacon. Pegou uma faca de um conjunto, uma tábua e começou a cortar, enquanto a fritura chiava.

Cozinhando. Normalidade. Como poderia haver alguma coisa normal?

No entanto, enquanto picava as ervas, Lana se sentiu mais normal como não acontecia havia semanas.

– Você serviu no Exército.

– Sim, por cerca de dez anos. Já estava cansado, mas saí principalmente porque minha mãe ficou doente. Câncer. Eles precisavam de ajuda por aqui durante aquele período. Ela lutou, venceu. E então... veio a maldita Catástrofe.

– Sinto muito.

Cozinharam juntos em silêncio por alguns minutos. Ele passou para ela a lata que usava para armazenar gordura de bacon, o pote de plástico que usava para fazer compostagem. E ficou observando-a cozinhar, levemente admirado.

– Há quanto tempo você está na estrada? – perguntou ele.

– Não sei. Perdi a noção. Era 4 de julho quando... eu saí da cidade.

– Um mês e meio. Qual cidade?

– Estávamos em um lugar que chamamos de Nova Esperança, na Virgínia. Acho que ao sul de Fredericksburg. Onde estamos?

– Você andou um bocado. Aqui é Maryland.

– Que montanhas são essas?

– As Blue Ridge.

– Há mais pessoas por aqui?

– Algumas. Uma cidade. Na verdade, está mais para um povoado, agora. Fazemos algum comércio. Eu estava levando uns produtos. Eles têm um moinho, estão fazendo farinha. Têm algumas ovelhas, um tear; um ferreiro, um açougueiro. A gente trabalha com o que tem.

Ela assentiu, dobrando o ovo sobre os legumes.

– Algum médico?

– Ainda não. O mais próximo que temos é um assistente de veterinário.

Ela deslizou parte da omelete para um dos pratos que ele havia colocado na mesa, cortou-a ao meio e deslizou a outra metade para o segundo prato.

– Algum Incomum?

– Um ou outro. Ninguém tem problemas com isso. Quer leite?

– Eu odeio leite, mas vou aceitar. Acho que é bom para o bebê.

Ele pegou a jarra e um copo pequeno.

Sentaram-se ao balcão da cozinha, feito de um elegante granito cinza mosqueado. À primeira mordida, Lana fechou os olhos de prazer, seu organismo absorvendo o sabor.

Ele deu uma mordida maior.

– Agora eu acredito que você é chef de cozinha. Não como nada parecido com isso há muito tempo.

Ela comeu devagar, avaliando sua situação.

– Se eu pudesse ficar por uns dois dias, posso cozinhar como pagamento. E tínhamos uma horta em Nova Esperança, então aprendi a cuidar das plantas, posso ajudar com isso também. Dois dias deve ser seguro.

Para nós dois.

– E depois?

– Não sei. Não pensei em nada além de me mover, me afastar, proteger o bebê.

– Quando ela deve nascer? Você disse que é uma menina, certo?

– Sim. Na última semana de setembro.

– Você planeja ter a criança sozinha, no meio da estrada?

Ela sabia que soava loucura, preocupava-se com isso o tempo todo, mas não tinha vislumbrado uma alternativa.

– Tenho esperança de encontrar um lugar e... fazer o que for preciso. Não vou deixar que nada aconteça a ela. Farei o que for preciso, nada vai machucá-la.

– Há mulheres no povoado... Algumas casas.

– Não posso... não posso colocar tantas pessoas em risco. Os Guerreiros da Pureza... você não imagina do que são capazes.

Um belo parque, uma comemoração feliz. Pessoas mortas, fumaça subindo. O sangue de Max encharcando a terra escura.

– Imagino, sim. Alguns deles apareceram no povoado há algumas semanas. Não tiveram uma recepção calorosa.

O medo voltou à voz de Lana:

– Eles estiveram aqui.

– Pelo que ouvi dizer, há alguns deles viajando por aí, procurando outros que pensem como eles. Como eu falei, não encontraram isso aqui.

Ele comeu, refletiu. Com os Guerreiros da Pureza, Rapinantes e outros babacas, a estrada não era um lugar nada seguro para uma mulher sozinha. Muito menos para uma mulher que ia dar à luz dali a cerca de oito semanas.

E, ainda que fosse forte, ela aparentemente tinha um alvo nas costas.

Ele deu a última garfada e se virou para ela.

– Considere a ideia de se estabelecer aqui. Pode assumir a cozinha, com toda a certeza. Pense em ficar pelo menos até ter a menina. Tenho quatro quartos lá em cima, só estou usando um.

– Eles poderiam me encontrar. Eric...

– Esse Eric é o irmão?

– O poder o enlouqueceu. Minha filha tem alguma coisa especial, importante. Não sei bem. Só sei que Eric e Allegra querem matá-la.

– Bem, se ela é especial e importante, mais um motivo para você ficar aqui, em segurança. Não gosto de pessoas que criam problemas, começam guerras, destroem tudo. Quem quer que sejam, não gosto.

– Você nem me conhece.

Depois de colocar de lado o prato vazio, ele deu de ombros.

– Que raios de diferença isso faz?

Nada, nada que ele pudesse ter dito a teria tranquilizado mais.

– Fico muito agradecida. E estou tão cansada... tão cansada...

Podemos resolver as coisas um dia de cada vez?

– É claro. Escolha um quarto. Você logo vai perceber qual é o meu.

Ele se levantou e começou a tirar a mesa.

– Eu lavo a louça. É parte do acordo.

– Prometo que da próxima vez será toda sua. Com todo o respeito, você parece acabada. Suba, escolha uma cama, descanse. Preciso levar os legumes para a cidade. Fique no quarto dos meus pais, é daqueles tipo suíte. Tem um banheiro reservado.

– Muito obrigada, Simon.

Ele levou os pratos até a pia.

– Você sabe fazer bolo de carne?

– Se você tiver carne, além de tudo que eu já vi que tem, posso fazer um bolo de carne incrível.

– Faça isso para o jantar e estamos quites.

CAPÍTULO 24

Lana encontrou a suíte máster, com uma cama de dossel, logo em frente à escada. Um edredom em um tom escuro de verde-floresta cobria a cama e por cima havia quatro almofadas grossas da mesma cor, com acabamentos em um tom dourado fosco como as paredes.

Os pais dele haviam morrido ali, pensou ela, mas o quarto estava arrumado. Ele devia ter tirado os objetos que seriam lembranças tristes e todos os sinais de doença.

Apesar de completamente exausta, ela reconheceu que o cuidado dele em restaurar o quarto e deixá-lo como a mãe desejaria vê-lo era algo que dizia muito sobre o tipo de filho que ele era.

Um homem que lhe ofereceu comida e abrigo. Isso a fez pensar em Lloyd, no que ele dissera na primeira reunião geral da comunidade.

Ainda assim, Lana trancou a porta e lançou um feitiço para bloquear a entrada. Por via das dúvidas, puxou uma cadeira e a posicionou debaixo da maçaneta.

Queria dormir, só apagar por um tempo. Em lençóis limpos, com travesseiros, debaixo de um edredom. Pensando na mãe dele, ela se lembrou da sujeira e da imundície que trazia no corpo, e se dirigiu ao banheiro da suíte.

Sujar a cama seria um desrespeito à mulher cuja casa lhe servia de refúgio.

Ele também conservara o banheiro impecável. Uma pilha de toalhas macias repousava nas bancadas limpas, ainda que empoeiradas. Deixando

de lado a mochila, ela abriu a porta de vidro do box.

Sabonete líquido, xampu, condicionador, até uma lâmina de barbear feminina. Como já não tinha mais quase nada, Lana decidiu, enquanto se despia, ignorar as boas maneiras. Usaria o que fosse necessário e pediria desculpas mais tarde.

Ela chorou um pouco quando sentiu a água quente correr pelo corpo, quando viu a sujeira – que os banhos rápidos em córregos e riachos não havia tirado – descer em espiral pelo ralo. Disse a si mesma que tinha direito a algumas lágrimas.

Saboreou o momento, afinal, até quando aquela dádiva duraria? Enrolou os cabelos em uma toalha e o corpo em outra.

Macias, maravilhosamente macias.

Virando-se, observou-se no espelho. Os seios e a barriga, tão grandes. Devia estar na 33ª ou 34ª semana. E acreditava, do fundo do coração, que a filha permanecia saudável e forte. Sentia a luz, a vida – ambas dependendo dela.

Se isso significava que *ela* teria que depender da generosidade de um estranho, então o faria. Com muito cuidado, mas faria.

Espiou dentro das cestinhas nas prateleiras ao lado do espelho.

Hidratante, cremes, tudo maravilhosamente feminino.

– Madeline Swift – murmurou –, sou grata, e espero que você não se importe.

Lambuzou-se com o creme, sentindo a pele seca absorver toda a hidratação. Como nenhuma roupa em sua mochila parecia limpa, tomou emprestado o roupão pendurado atrás da porta.

Estremecendo de gratidão, puxou o edredom e se enfiou nos lençóis. Adormeceu, e dormiu um sono sem sonhos.

Acordou com um sobressalto, o coração batendo forte, tentando lembrar onde estava.

A fazenda, o homem com expressão dura e generosidade natural. Levantou-se o mais rápido que a barriga pesada permitia, arrumou a cama, pendurou o roupão. Vestiu-se.

O sol lhe dizia que era tarde – tornara-se perita na arte de calcular as horas. Havia dormido por pelo menos duas horas, concluiu. Se quisesse passar a noite ali – por Deus, como queria isso –, teria que fazer jus ao seu sustento.

Levada pela curiosidade, explorou discretamente o andar. Encontrou outro banheiro, menor que o da suíte; era, obviamente, o que ele utilizava.

Uma toalha pendurada na porta do boxe, uma escova de dentes dentro de um copo sobre a pequena bancada da pia.

Encontrou um quarto de hóspedes – pois imaginava que Simon Swift não dormisse em uma cama forrada com uma colcha estampada com belas violetas –, outro cômodo e um quarto extra, que funcionava como uma saleta, onde havia um cantinho de costura à janela.

Por fim, o quarto dele: a cama desfeita, uma camisa atirada no encosto da cadeira, um leve cheiro de terra e grama no ar.

Notou a espingarda apoiada no canto e respeitou a opção dele por manter uma arma por perto enquanto dormia.

Não o encontrando no térreo, olhou pela janela e o viu trabalhando na horta, o suor empapando sua camisa enquanto ele carpia entre as fileiras. Os cães dormiam sob a macieira, ao lado das pedras das sepulturas, e os cavalos o observavam com a cabeça por cima da cerca.

Seu primeiro impulso foi sair e se oferecer para ajudar, mas então notou que os pratos do café da manhã estavam limpos e secos, ao lado da pia. Não viu nenhum outro sinal de que ele havia preparado uma refeição enquanto ela tomara banho, dormira e explorara a casa.

Assim, decidiu fazer sua parte sondando a cozinha e preparando um almoço para ele.

Quando Simon entrou, com calor e fome, os cães pulando na sua frente, viu Lana ao fogão. Algo cheirava muito bem, e parte desse cheiro, ele percebeu, era de mulher.

Lana prendera os cabelos de qualquer jeito, e brilhavam como balas de caramelo. Quando ela se virou, seu rosto lhe chamou a atenção. Uma beleza tranquila e cautelosa.

A cautela era em relação a ele, pensou Simon, uma vez que a investida agitada dos cães, os rabos abanando, não parecia incomodá-la.

Ele não demonstrou perceber.

– O que você está cozinhando?

– Um arroz refogado com legumes. Achei que você precisaria mais de um almoço do que de uma mãozinha na horta.

– Boa ideia. – Ele foi até a pia e lavou a sujeira das mãos e dos braços.

– Onde você cozinhava? Profissionalmente, digo.

– Em Nova York.

– Cidade grande.

– Era. – Ela colocou a comida no prato, acrescentou um dos guardanapos de pano que encontrara em uma gaveta e entregou a ele. – Vi que você tem um pouco de fermento natural na geladeira.

– Sim, meu pai gostava de fazer pão. Ele não sabia cozinhar mais nada que valesse a pena, mas assava pães. Tenho tentado cultivar o fermento, mas...

– Posso fazer pão se você quiser.

– Seria bom. – Ele se sentou. – Você não vai comer?

Ela assentiu, mas não pegou um prato nem se sentou.

– Quero lhe agradecer...

– Você já agradeceu.

– Eu não tomava um banho de verdade faz... Me desculpe se eu ficar emotiva. São os hormônios. Mas poder lavar o cabelo... Usei o xampu da sua mãe. E o sabonete líquido. E ela tem... tinha... hidratante. Estava aberto, e eu usei um pouco. Usei sem...

– Você poderia me fazer um favor e não pedir desculpas por isso.

Ele olhou para ela enquanto comia, os olhos castanhos demonstrando certo enfado. Olhos que tinham um brilho verde e dourado ao mesmo tempo.

– Vai me tirar a vontade de comer, e está uma delícia. Minha mãe não se importaria e eu, com certeza, não me importo. Olhe, eu descartei as coisas do meu pai, mas não consegui fazer o mesmo com as dela. Então, use o que quiser.

– Ela tem potes fechados. Você pode trocá-los por algo.

– Use. – Dessa vez, o tom foi mais severo. – Se eu quisesse trocar a droga dos cremes dela, já teria feito isso.

Compreendendo a dor, a perda, ela não falou mais nada até que também tivesse se servido e se sentado para comer.

– Gostaria de saber se há algum cômodo da casa onde você não quer que eu entre enquanto estiver aqui.

– Além do porão trancado, cheio de corpos mutilados das minhas vítimas, não tem nenhum.

Ela pegou um pouco do arroz. Ele tinha razão: estava mesmo uma delícia.

– Tudo bem, não vou entrar lá. Você tem alergia a algum alimento?

– Sou temperamentalmente alérgico a espinafre.

– Nada de espinafre no bolo de carne, então.



Simon deu bastante espaço a Lana. Ele esperava que ela ficasse por alguns dias, até se recompor. Não tinha nenhum problema em lhe dar tempo e espaço, até porque, meu Deus, a mulher sabia mesmo cozinhar.

Além disso, durante aqueles dias, ela trabalhou bastante, sem dúvida. Talvez ele não tivesse notado a poeira e os pelos dos cachorros – mas percebeu quando desapareceram. Talvez não tivesse tido problemas em pegar roupas ou toalhas direto de uma cesta de lavanderia, mas não lhe fez nenhum mal encontrá-las todas dobradas e nos lugares certos.

Os cães gostavam dela. Certa vez, tarde da noite, ele passou pela biblioteca e a viu sentada no escuro – sofrendo a perda do marido –, Harper com a cabeça em seu joelho, Lee esparramado a seus pés.

Pensou em levá-la para o povoado quando ela estivesse mais recuperada, entregá-la aos cuidados de uma das mulheres que conhecia. Qualquer uma delas saberia mais do que ele sobre como ajudar uma mulher grávida e como fazer um parto.

Quanto à insistência dela em afirmar que o bebê que carregava era especial e alvo das forças das trevas, ele tinha algumas reservas. Embora não pudesse negar que havia se acostumado a cuidar de si mesmo e da fazenda sozinho, não poderia simplesmente mandá-la embora.

Simon aprendera a ser melhor do que isso. Ele *era* melhor do que isso.

Ela não era de muita conversa, o que também era bom, pois Simon estava acostumado ao silêncio.

Pensava nela como uma espécie de ajudante temporária, que preparava três boas refeições por dia e cuidava da casa para que ele não precisasse fazê-lo.

Uma pessoa que alegrava os olhos, ainda mais depois de perder aquele jeito de quem tem os nervos à flor da pele, sempre assustada.

Na verdade, ele tinha que admitir que sentiria falta de saber que voltaria para casa depois das tarefas da manhã e teria um café quente à sua espera – e alguém que sabia muito bem como cuidar dos cultivos.

Lana só não se aproximava do milharal, e ele não perguntava por quê.

No quarto dia, haviam desenvolvido uma rotina confortável, o que o preocupava. Rotinas envolviam depender um do outro.

O melhor para todos? Fazê-la mudar-se para o povoado e abrigar-se lá até o nascimento da filha.

Começou a tentar levá-la nessa direção durante um jantar – frango frito e salada de batatas, como ele pedira.

– Vou levar uma carga ao povoado amanhã.

– Se for fazer alguma troca, seria bom trazer mais farinha.

– Agora, você sabe melhor do que eu o que está acabando na despensa.

Acho que deveria ir comigo. Você teria uma ideia melhor das coisas.

Os olhos dela – azuis, tristes, profundos – encontraram os dele.

– Posso fazer uma lista.

– Pode. Mas provavelmente você precisa de outras coisas também.

Coisas pessoais.

– Eu não preciso de nada. Se você prefere que eu vá embora...

– Eu não disse isso. – Talvez tivesse pensado, mas isso era outra história. – Olhe, há mulheres lá que já passaram pelo que você está

passando. Que, você sabe, tiveram filhos. Além disso, tem sempre novas pessoas passando por lá, algumas ficam. Talvez tenha chegado alguém da área médica.

Lana mexia insistentemente na aliança de Max, que usava no pescoço.

– Ainda tenho tempo. Posso trabalhar mais até...

– Meu Deus, Lana. – Ele raramente usava o nome dela, e o fez por pura frustração. – Procure me entender. Estou dizendo que você estaria melhor com pessoas que vão saber o que fazer quando a criança nascer. Se você não está preocupada com isso, deve ter nervos de aço.

– Estou morrendo de medo. Aterrorizada. Mesmo sabendo, mesmo tendo absoluta certeza de que o destino dela é nascer, viver, brilhar e realizar coisas impressionantes, estou aterrorizada.

Observando o rosto dela, Simon se recostou na cadeira.

– Você não parece assustada.

Ela manteve o olhar fixo, colocou a mão na barriga.

– Antes de eu chegar aqui e ver a fazenda, não podia me permitir sentir medo sempre que estava cansada e faminta. Se o medo começasse a surgir, eu o mandava embora. Senão, teria parado. Simplesmente parado e desistido. Eu disse a mim mesma que encontraria um lugar, um lugar seguro para trazê-la ao mundo. Foi quando vi esta fazenda. A casa, os campos, os animais... como uma pintura do mundo antes de tudo acabar.

Ela agora afagava a barriga.

– Mesmo assim, não me permiti ter esperanças. Eram apenas as necessidades imediatas: tomates crescendo, abelhas zumbindo, galinhas cacarejando. Pensei em comida, porque precisava comer. Não me deixei pensar em abrigo ou repouso. Até você chegar e falar comigo. Você falou para entrar e comer, então eu comecei a ter esperança. Não é justo depositar minhas esperanças em você, mas foi o que fiz. Porque ela precisa disso.

Não, ela não parecia com medo, pensou ele. Sua voz e seu rosto não demonstravam nenhum apelo. Ele nunca teria resistido a um apelo. Pelo contrário: revelavam uma força calma e firme.

E isso, para ele, era ainda mais irresistível.

– Que tal entrarmos em um acordo? Vou trazer uma das mulheres do vilarejo, Anne. Ela parece uma vovó, e provavelmente ficaria uma fera se ouvisse isso. Assim, você a conhece, vê como se sente. Sei que ela teve filhos. Quando chegar a hora, eu posso ir buscá-la para que ela ajude você no parto.

– Ela virá primeiro nas suas mãos.

– Hã?

Os olhos dela ficaram diferentes, agora escuros como a meia-noite, e pareciam enxergar dentro dele.

– Nos seus braços, na noite fustigada pelo vento. E o relâmpago anunciará o nascimento da Escolhida. Você vai ensiná-la a cavalgar, vai pensar que ela já nasceu sabendo? Eu lhe ensinarei os velhos costumes, o que puder, mas ela terá muito mais. Segurança, em um tempo fora do tempo, enquanto a escuridão se enfurece. Até que, no Livro das Magias, no Poço de Luz, ela pegará sua espada e seu escudo. E, com a ascensão das magias, assumirá seu lugar. Ela arriscará tudo para cumprir seu destino, essa preciosa filha dos Tuatha de Danann. Para isso ela cresce dentro de mim, para isso ela virá nas suas mãos.

Ela estava muito pálida, e estendeu a mão trêmula para o copo d'água.

– O que foi isso?

– É ela. – Lana bebeu lentamente, até a tontura passar. – Não sei explicar. Às vezes eu a vejo, tão claro quanto vejo você. Ela é tão linda! – Enquanto bebia mais um pouco, os olhos de Lana se encheram de lágrimas, mas elas não rolaram. – Tão forte, ferrenha, encantadora. Às vezes eu a ouço, uma voz na minha cabeça. Quase desisti uma dúzia de vezes, mas a voz me disse para continuar. E às vezes, como agora, ela fala através de mim. Ou me deixa saber o suficiente para falar por ela.

Naquele momento, Simon acreditou. Completamente.

– O que ela é?

– A resposta. Quando tenho medo, temo por ela, pelo que será exigido dela. Sei que estou pedindo muito a você... – começou Lana.

Os cachorros de repente despertaram de seu cochilo vespertino. Com os olhos ainda nos dela, Simon se levantou.

– Sim, estou ouvindo. Tem alguém chegando. Vá para o porão até eu ver quem é. Leve a espingarda – acrescentou, pegando a 9 milímetros que havia deixado em cima da geladeira para fazer sua refeição.

Dirigindo-se para a frente da casa, ele agarrou o rifle que deixava apoiado ao lado da porta. Saiu para a varanda e viu uma caminhonete desconhecida cuspidando cascalho pelo acesso até a fazenda.

Ordenou aos cães que se sentassem e ficou observando dois homens, ambos armados, saírem do veículo.

– Boa noite – disse ele com tranquilidade, observando os passos, as mãos, as expressões dos dois sujeitos.

Eles traziam problemas, e Simon se preparou para enfrentá-los.

Um dos homens tinha várias cicatrizes no rosto, como se garras o tivessem arranhado da direita para a esquerda, marcas que começavam logo abaixo do olho direito até o maxilar sob a orelha esquerda.

As cicatrizes faziam sua boca se retorcer em um sorriso sarcástico.

– Belo lugar você tem aqui – disse o sujeito com uma barba grisalha e desgrehada.

– É. Eu gosto.

– Um bocado de animais e plantações para um homem só cuidar.

– Venho me mantendo ocupado. O que posso fazer por vocês?

– Estamos à procura de uma mulher.

Simon sorriu com ironia.

– Quem não está?

O barbudo riu, tirou um papel do bolso da frente, desdobrou-o.

– Esta aqui.

Simon olhou para o papel, para o excelente esboço do rosto de Lana.

– Bonitona. Eu não me importaria de encontrá-la.

– Ela está grávida, sete ou oito meses. Ouvimos dizer que pode estar vagando por esta área.

– Acho que eu me lembraria se visse um rosto desses, ainda mais uma grávida, vagando por aqui. Como vocês a perderam?

– Não é da sua conta – replicou o homem com cicatrizes.

– Só estou tentando conversar. Não recebo muitas visitas.

O barbudo mexeu no nariz.

– Deve ser chato ficar aqui sozinho.

– Como já disse, eu me mantenho ocupado.

– Mesmo assim... você está muito fora da estrada, meio que... escondido. Parece que tem comida suficiente para alimentar um exército. Acontece que nós temos um. Vamos levar aquele trailer seu, junto com duas dessas vacas.

– Não preciso trocar nada, mas obrigado.

– Ninguém falou em troca – disse o homem com cicatrizes, puxando a arma. – Vamos levar o que quisermos. Agora, vá lá e amarre o trailer no caminhão.

– Sabe de uma coisa? Você não está sendo muito gentil.

Simon agiu rápido. O das cicatrizes pegou a arma como se fosse o caubói de um filme B, todo exibido, mas sem nenhuma prática. Simon pegou o braço dele, deu uma cotovelada na cara do barbudo e arrancou a arma do homem das cicatrizes com apenas três movimentos.

– Eu atiraria em vocês aí mesmo – disse Simon, em um tom agradável porém frio. – Só que não estou a fim de cavar sepulturas. É melhor você pensar bem antes de pegar aquela arma – avisou ao barbudo. – Agora, solte-a devagar e a coloque no chão. Caso contrário, eu atiro no seu amigo e faço você arrastá-lo para terminar de sangrar na sua caminhonete.

– Eu não falei que ele era meu amigo.

Simon poderia ter lidado com a situação, e era o que pretendia fazer. Então ouviu a voz de Lana:

– Eu não me importo de cavar sepulturas.

A voz era de Lana, pensou Simon, tentando não reagir, mas a mulher ali parada com a espingarda apontada para os convidados indesejáveis não se parecia em nada com ela.

De porte robusto – não o corpo de uma mulher grávida –, cabelos escuros em vez dos longos fios cor de caramelo. No rosto, um sorriso sarcástico que se adequava muito bem ao rosto duro e magro.

– Não seria a primeira vez – acrescentou ela.

– Ei, não atire neles a menos que precise, querida. – Assumindo um tom divertido, Simon puxou a arma do coldre do segundo homem. – Acabamos de pintar a maldita varanda. Ela é pior que eu – comentou Simon para os homens. – E os caras lá em cima, no celeiro? Aqueles mirando em vocês? São ainda piores que ela. E olha que isso não é fácil. Um exército, você disse. Sim, comemos muito bem por aqui. Seria um prazer lhes dar alguma comida para levarem, mas isso seria recompensar os maus modos. Concorde, querida?

– Você sabe o que eu penso sobre isso, e aquele ali já está sangrando na droga da varanda. Talvez só um tiro na perna do outro.

– Eu avisei que ela é má. Se eu fosse vocês, voltaria para o carro e pegaria a mesma estrada por onde vieram. Olhem que ela pode ficar irritada e atirar. Isso vai animar os caras lá de cima, e eles vão querer tirar o couro de vocês dois.

– Quero minha arma de volta.

– Considere um castigo pelos maus modos. Saia da minha terra ou vou deixar minha mulher abrir um buraco em você. Depois, solto os cães para atacarem o que sobrar.

Ao ouvirem a palavra *atacarem*, os dois cachorros mostraram os dentes e rosnaram.

Os homens saíram da varanda e entraram na caminhonete. Simon notou quando o das cicatrizes fez o movimento, mas o esperou pegar depressa outra arma e mirar pela janela lateral.

Simon atirou, bem no meio da testa, e então mirou o motorista. O veículo deu ré depressa, lançando cascalho e fumaça pelos ares, e girou para subir pelo acesso. Quando ele parou, Simon trocou a espingarda pelo rifle, esperou quando a porta do passageiro se abriu e o motorista empurrou para fora o parceiro morto.

– Que diabos, parece que eu vou ter que cavar mesmo.

Ele esperou até a caminhonete subir e desaparecer de vista.

– Você não me contou que era metamorfa.

– E não sou. – Lana baixou a espingarda, em seguida cambaleou alguns passos em direção à varanda. Desabou em um degrau. – É uma ilusão –

explicou, enquanto a magia se desfazia. – É como se eu estivesse usando uma... uma fantasia. Nunca tinha tentado isso. Não foi fácil. – Ela fez uma pausa. – Você o matou.

– Foi escolha dele, não minha.

Ela assentiu.

– Eles estiveram em Nova Esperança, tomaram parte no ataque. O rosto dele, do que morreu: eu que fiz as cicatrizes naquele cara. Não lembro como. Eles quase me encontraram algum tempo atrás.

– Mandeí você se esconder no porão.

– E fazer o quê? – A ferocidade dela ressurgiu, e ela olhou para ele imediatamente. – Tremer e esperar? Esperar que alguém me proteja, que proteja minha filha? Cansei disso faz tempo. Parece que foi há séculos. Pensei que, se eles me vissem, quer dizer, como se fosse outra mulher, seria mais fácil acreditarem que você não tinha me encontrado por aqui. Pensei que o deixariam em paz. Depois, quando falaram que iam levar o que quisessem, eu soube que não iriam embora tão fácil.

Ela se calou quando ele soltou os cães e se sentou ao seu lado, os dois animais pulando e querendo atenção.

– Vou embora amanhã de manhã. Primeiro, quero ter certeza de que aquele sujeito está bem longe.

Até então, ele tivera o cuidado de não tocá-la, jamais, desde que ela entrara em seu mundo, mas, naquele momento, Simon pegou o queixo de Lana e virou seu rosto na direção do dele.

– Você não vai a lugar nenhum. Eu lhe ofereci um lugar para ficar porque você precisava. Deus sabe quanto fez por merecer. Eu acreditava que você *achava* que as pessoas estavam atrás de você e da menina. Admito que pensei que fosse um tanto paranoica. Eu me enganei.

– Ele pode voltar, e trazer outros.

Mudando de posição para acariciar os cachorros, Simon balançou a cabeça.

– Aquele tipo quer presa fácil. E agora ele sabe que não somos isso. Pode confiar, eu sei lidar com essa gente.

Ele se levantou.

– Poderia ter lidado muito bem com aqueles dois – acrescentou.

– Eu sei. Eu vi. O que você fazia no Exército?

Ele sorriu.

– Obedecia a ordens.

– E também dava ordens. Capitão, você disse.

– Já faz um tempo. Agora, sou fazendeiro. – Voltando a se sentar no degrau, ele olhou para os campos, as colheitas. – Mas sei proteger minha terra, minha casa. O que está dentro dela.

Ele fora um guerreiro, pensou Lana. Tinha aquele ar de perigo controlado sob a amabilidade. Ela já vira aquele controle em Max, ela o vira desenvolvê-lo enquanto conduzia as pessoas e permitia que dependessem dele.

Agora, ela estava ao lado de outro guerreiro, outro líder.

– As pessoas são mais fortes unidas. Eu também sei me defender.

– Reparei. Tenho essa impressão desde que a encontrei, no galinheiro.

– Nem sempre fui assim. Em Nova York... faz realmente apenas alguns meses. Bem, eu gostava de fazer compras, planejar jantares. Gostava de sonhar que, um dia, abriria meu próprio restaurante. Nunca tinha pegado em uma arma, muito menos usado uma. E meu poder... não passava de um sussurro.

– Parece que você encontrou sua voz.

– É mais como se eu tivesse sido encontrada. Se você não houvesse voltado para ajudar seus pais, teria ficado no Exército?

– Não, já era hora de sair.

– O que você queria fazer?

Ele percebeu que estavam tendo a mais longa e, sem dúvida, a mais fácil conversa até o momento. Com um homem morto a poucos metros. Meu Deus, por que aquilo não lhe parecia estranho?

– Pensei em começar um negócio, talvez. Na cidade aqui perto, que não é mais uma cidade.

– Que tipo de negócio?

– Fazer móveis. Era um hobby do meu pai, e eu aprendi com ele. Um negócio pequeno, trabalho manual, no meu próprio tempo, à minha

maneira, perto de casa; eu tinha passado muito tempo fora.

A luz começou a se transformar em crepúsculo, e ele estava achando muito natural apenas ficar ali sentado conversando com ela sobre sonhos antigos, enquanto a noite se aproximava.

– Bem, tenho que cavar uma cova.

Ele se levantou e foi pegar a pá.

Lana ficou onde estava, cruzou as mãos sobre a barriga. Apesar da morte, da violência, da ameaça, sentia-se segura.

CAPÍTULO 25

No final, as coisas aconteceram como Lana desejava. Não podia ir para o povoado, e ninguém podia ir até ela. Qualquer uma das hipóteses colocaria vidas em risco, caso os Guerreiros da Pureza voltassem atrás dela.

Sua filha falara com ela, e através dela. Por enquanto, ela acreditava que tudo estava como deveria ser.

Ela cozinhava, cuidava da horta, apanhava ovos e procurava conforto na simplicidade do silêncio.

À medida que o verão dava lugar ao outono, colhia verduras e legumes e fazia conservas para usar no inverno. Preparava compotas e geleias, enquanto Simon aparava e enfardava o feno, cortava o trigo para a moagem, transportava o milho para o silo ou a cozinha.

Um dia, ele chegou com umas sementes que havia obtido pela troca: três de laranjeira-anã e três de limoeiro. Lana as recebeu como se fossem diamantes de valor inestimável.

– Podem vingar – disse ele, colocando as sementes em vasos e guardando na estufa. – Limonada na varanda no próximo verão.

– Pato ao molho de laranja no próximo outono.

– Talvez encontremos lima. Tequila.

Ela riu e cobriu com terra uma das sementes, com muito cuidado.

– Você deve gostar de tequila – comentou ele. – É a primeira vez que ri de verdade.

– Estou plantando sementes de laranja em terra adubada com titica de galinha e imaginando encher a cara de tequila. É bem engraçado.

– Meu pai sempre dizia que um pouco de títica de galinha ajuda qualquer coisa a crescer.

– Vamos descobrir.

Curiosa, ela seguiu seu instinto, estendeu as mãos sobre o vaso. Deixou o poder fluir através dela, dentro dela e fora dela.

Sentiu a ascensão, o palpitar e o poder.

Um raminho verde irrompeu da terra, seguindo em direção à luz.

Ela riu novamente, um som que começou como espanto e terminou em alegria. Radiante, olhou para Simon e encontrou seu olhar.

– Que diabos... – comentou ele.

– Se você preferir que eu não...

– Eu tenho cara de bobo? – perguntou ele, os olhos queimando sob o verde-dourado. – O mundo é o que é. E o que as coisas são? Eu sou um fazendeiro que conta com uma bruxa capaz de dar um empurrãozinho nas colheitas. Você tem algum problema em ser o que é?

– Não, mas...

– Então por que eu teria? Na minha maneira de ver, o maior problema que tivemos, desde o início, foram pessoas que apontavam o dedo, e armas, para os que simplesmente não eram como elas. Devíamos tentar melhor desta vez. Pode ser nossa última chance de fazer as coisas certas.

Ele apontou para outro vaso.

– Faça neste aqui.

Ela deixou vir o poder, agora com imensa alegria. Em seguida, recuou para contemplar um tenro broto.

– Eu não sei se sou eu ou ela ou nós. Mas sei que ela me transformou. Se eu acordasse amanhã e todos esses meses tivessem sido um sonho, eu ainda estaria mudada. Ai! – exclamou ela, e riu mais uma vez ao apertar a lateral da barriga.

Ele ficava nervoso quando a via fazer esse tipo de movimento.

– Você está bem?

– Sim. Ela está chutando.

Para a surpresa de Simon e dela própria, Lana pegou a mão dele e a levou à barriga.

Simon sentiu uma sacudidela, e aquilo mexeu com ele. A vida chutando: sentiu na mão e, por razões que lhe escapavam, no coração.

Alguém crescia lá dentro, pensou. Uma criança inocente, indefesa. Mas, pela força do chute, determinada.

– Ela... Ela é ousada.

Ele recuou e viu que o rosto de Lana estava quase tão luminoso quanto no momento em que trouxera vida para fora da terra. Aquele seu ar de mulher corajosa, aquele brilho, mexia com ele, assim como a criança se mexia dentro dela.

Ele sempre tomara cuidado, muito cuidado, para evitar isso.

– Tenho trabalho a fazer. Você termina isto?

– Sim.

Quando ele saiu, Lana ficou em silêncio, sentindo o aroma de terra e de vida a crescer.

Simon se mantinha ocupado e a tratava como trataria uma irmã se tivesse uma. Em setembro, por duas vezes, grupos passaram pela fazenda. Sempre cautelosa, ela ficou dentro da casa, fora de vista.

Ele deu comida aos viajantes, orientou-os para chegarem ao povoado. Sabia que alguns ficariam e outros seguiriam em frente. À procura de outra coisa, algo mais. Apenas à procura.

Depois de se despedir do segundo grupo, Simon foi até a cozinha e a viu mexendo um ensopado no fogo, com a espingarda de prontidão ao lado.

Ele levou a arma para a porta dos fundos.

– Oito pessoas. Um tinha asas. Não consigo me acostumar com isso. Eles estiveram perto de Washington D.C. há alguns dias.

Como a mesa já estava posta (ela fazia questão dessas coisas), ele lavou as mãos na pia.

– Eles ouviram tiros, viram fumaça. Um sujeito estava caindo fora da cidade e se juntou a eles. Ele disse... Meu Deus, como era mesmo o nome? – Ele fez uma pausa, esfregou as têmporas. – Ele disse que MacBride ainda está viva e o que sobrou do governo está tentando manter

a cidade. Toda vez que eles conseguem reativar o sistema de comunicações, alguém vai lá e derruba de novo.

– Parece outro mundo. É como uma história sobre outro mundo.

– Parece mesmo. Mas não é. Há rumores sobre pessoas em campos de prisioneiros e laboratórios.

– Pessoas com magia?

– Sim, mas não só elas. A estimativa é...

Ele tinha pensado em não dizer nada, quase se convencera a isso.

Mas não podia.

– Estou lhe contando essas coisas porque não é certo que você não saiba, mas não tem nada confirmado, está bem?

Ela se virou para ele.

– Pode falar.

– Estão dizendo que a praga acabou, perdeu a força. Essa é a boa notícia. A ruim é que estão calculando que cerca de oitenta por cento da população morreu. A população mundial. São mais de cinco bilhões de pessoas. E esse número pode ser maior. Preciso de uma bebida.

Ele foi à despensa, pegou uma garrafa de uísque, serviu dois dedos.

– Ouvi a mesma coisa há alguns dias – prosseguiu Simon, bebendo metade da dose. – No povoado tem um cara com um radioamador que conseguiu falar com algumas pessoas, até um casal na Europa. A situação não está muito melhor por lá. Somando os que se mataram e os que foram mortos nesse caos dos infernos, essa porcentagem aumenta. Nova York... Você quer mesmo saber?

– Quero. Eu *preciso* saber, na verdade.

– Nova York está sob controle dos Incomuns Sombrios. Fala-se de sacrifício humano, de pessoas como você queimadas em estacas, pessoas que não são como eles. Os militares estão mantendo algumas áreas, especialmente a oeste do Mississippi, mas, pelo que me disseram, a cadeia de comando está dividida entre facções. Há ramificações, e eles estão oferecendo recompensas pela cabeça de todos os Incomuns: sombrios, luminosos, não importa.

– Os Guerreiros da Pureza.

– Eles lideram os ataques. Os Rapinantes estão sempre em movimento, cometendo crimes e fugindo. E caçam recompensas.

Calmamente, ela colocou o ensopado em uma das extravagantes travessas da mãe dele. Como ela amava investir em detalhes e em beleza na cozinha!

– Então está ruim para todo mundo, mas para alguém como eu? Somos caçados por todos os lados. É difícil acreditar no que você disse outro dia, que desta vez podemos fazer as coisas certas.

Ela colocou a travessa na mesa.

– Eu preciso acreditar nisso – disse ele.

Em seguida, ela serviu o ensopado nos pratos.

Sentou-se, esperou que ele se sentasse também.

– Quando eu estava em Nova Esperança, vi o que as pessoas são capazes de fazer juntas, e como têm disposição para isso. E vi como tentaram destruir isso. Você era um soldado.

– Sim.

– Max também, no final. Ele escolheu lutar, liderar, porque era algo que precisava ser feito. Você fez o mesmo, matou para proteger alguém que mal conhecia. Às pessoas que apareceram aqui, você deu comida que é fruto do seu suor, e isso foi uma escolha. Aqueles que tentam destruir não vão vencer, porque sempre haverá pessoas como Max, como você, como os que eu deixei para trás, pessoas que fazem essa escolha.

A visão de Lana era mais positiva que a dele. Simon apreciava esse equilíbrio.

– Eu li um dos livros dele. Não o que você tem – disse Simon, quando ela o encarou. – Um dos outros. Muito bom. Ele era um bom escritor.

– Era, sim. – Ela sorriu apesar da dor no coração. – Ele era bom.

Habitualmente, depois de um longo dia, após a refeição e as tarefas noturnas, Simon trabalhava no celeiro. Em geral, relaxava antes de dormir passando uma hora ou duas na biblioteca da mãe, lendo um livro.

Sentia falta de ver TV e não tinha vergonha de admitir isso, mas os livros eram uma forma de compensação. Sentia saudades de uma cerveja e

tinha grandes esperanças no grupo que estava tentando montar uma pequena cervejaria. Na maioria das noites, tomava chá, e já estava quase começando a gostar.

Mas não compensava a falta da cerveja.

Os cães costumavam ficar ao seu lado, e aquela era uma maneira prazerosa e fácil de terminar o dia. Ele os deixava sair para um último passeio antes de subir para o quarto.

O livro tirava sua mente do trabalho, do mundo, da mulher que dormia lá em cima. O trabalho estaria sempre lá e, quanto ao mundo, não havia nada que pudesse fazer. Mas a leitura limitava seus pensamentos sobre Lana a uma margem bem estreita.

Nas últimas noites, ele resolvera estudar. Os livros eram boas ferramentas para isso, tanto quanto para o entretenimento.

Havia feito algumas pesquisas nos meses que se seguiram à morte dos pais. Administrar uma fazenda na situação atual do mundo era bem diferente de crescer em uma fazenda no mundo de antigamente.

Ele acabou acrescentando muitos livros à biblioteca.

Os livros lhe davam informações sobre apicultura, abate de animais (embora ficasse feliz em deixar essa tarefa para o povoado), preparo de manteiga, queijo, medicamentos holísticos e tratamentos.

Sobre culinária – antes da chegada de Lana.

Então, ele fazia aquilo que considerava sua lição de casa com uma mistura de fascínio e horror – temperados com uma boa dose de pavor.

Quando a ouviu se aproximando, ficou tão surpreso que fechou o livro depressa e se levantou. Ela nunca saía do quarto depois de entrar e fechar a porta.

Mas ela entrou ali, os cabelos caídos nos ombros; a camiseta, grande e larga, sobre a Montanha do Bebê, mal alcançando o meio das coxas.

Lana tinha belas pernas, pensou Simon, desligando imediatamente essa parte do cérebro.

– Desculpe. Eu não conseguia dormir.

– Sem problemas. Precisa de alguma coisa?

– Pensei que talvez um livro... – Ela se interrompeu quando avistou o que ele estava lendo. – *Guia para o parto em casa?*

Ela o distraíra. As pernas dela o distraíram, e ele acabara deixando a capa virada para cima.

– Lá no povoado tem um monte de livros que podemos pegar emprestado. Este eu roubei, porque não consegui descobrir um jeito de explicar meu interesse pelo assunto. Acho que preciso saber que diabos fazer quando chegar a hora.

– Boa ideia, assim pelo menos um de nós vai saber. – Ela pressionou o ponto que doía nas costas. – Conversei com Rachel sobre... a médica de Nova Esperança... Íamos começar a ter aulas sobre o parto em setembro. Esse era o plano. Enfim, não consigo dormir, então pensei que talvez um livro... ou um chá.

– Eu preparo. Você parece completamente exausta.

– Eu me sentiria ofendida, mas é assim mesmo que me sinto. Devo ler isso?

– Não se você quiser dormir esta noite. – Ele acrescentou um sorriso que a fez achar graça.

E apertar a lateral da barriga.

– Opa!

– Deve ser difícil dormir com ela chutando você por dentro.

– Eu não sei... Acho que... Rachel disse que as contrações de Braxton-Hicks são como uma prévia do que vem por aí.

Lana engasgou no meio das palavras, então se segurou no encosto do sofá.

– Está sentindo dor?

– É só... Não é tão forte. O suficiente para me manter acordada.

Ela suspirou e se aprumou.

– Talvez seja... a hora.

– A hora? Do parto? Ah, não, são só aquelas contrações de mentirinha. Eu saberia. Quer dizer, eu teria que saber. Acho que um chá de camomila e um livro ajudariam. Talvez apenas o chá, na verdade.

– Está bem. – Ele largou o livro e foi para a cozinha com ela. – Pode deixar que eu preparo.

– Obrigada, mas é bom ficar de pé. Só estou inquieta. Parece que os cães também. Posso deixá-los sair?

– Sim, pode.

Ele colocou a chaleira no fogo enquanto ela abria a porta.

Um vento entrou gemendo.

– Está ventando muito – murmurou ela, parando por um momento para deixar o ar fresco soprar sobre seu corpo. – Pode ser uma tempestade se aproximando.

Ele desviou o olhar, para não ver os cabelos dela voando, a camiseta dançando e se levantando nas coxas, horrorizado por aquela atração.

É uma mulher grávida, lembrou a si mesmo. Uma mulher que confiava nele, que dependia dele. Uma mulher sofrendo pelo homem que amou.

– “Noites escuras se enchem de surpresas quando a magia se harmoniza para emergir.” Max escreveu isso, ou algo parecido. É a sensação que esta noite me traz.

Com um súbito som de comoção, ela passou o braço em torno da barriga. E a bolsa estourou.

Eles ficaram parados, ela à porta, o vento soprando, ele ao fogão, a chaleira fumegando, um olhando para o outro em completo estado de choque.

– Ah, meu Deus. Minha bolsa estourou. Você ouviu? Ouviu? Fez um *ping*. Ai, Deus do céu! Acho que essas contrações não são de mentira.

– Ok, ok. Espere.

Ele desligou a chaleira. Precisaria da água quente para esterilizar...
Não pense nisso ainda.

– Acho que esperar não é uma opção.

– Não foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer... Muito bem.

O treinamento militar o ajudou. Ele simplesmente se colocou em modo de combate.

– Vamos subir.

– Minha água molhou o chão todo.

– Eu seco mais tarde. Tenho todo o material necessário lá em cima.

– Que material?

Ele resolveu o problema do “vamos subir” pegando-a no colo. Uma carga pesada, mas dava conta.

– Eu li o livro, ora. Uma cortina de chuveiro limpa, toalhas, cobertores, essas coisas. Eu tenho isso tudo.

– Eu preciso disso?

– Tenho um cronômetro, precisamos cronometrar as contrações. Então, você teve duas. Com que intervalo? Uns cinco minutos?

– Não sei quantas foram. Pensei que fossem do outro tipo. Por que existe outro tipo? De quem foi essa ideia?

Um deles, pelo menos um deles, tinha que manter a calma.

– Me dê uma estimativa.

– Umas duas horas, eu acho. Eu sou uma idiota.

– Uma principiante é diferente de uma idiota. – Ele a carregou para o quarto dos pais e a colocou de pé ao lado da velha cama com dossel. – Vou pegar as coisas. Você pode esperar aqui?

– Sim. Estou bem.

Como não sabia até quando esse “bem” duraria, ele foi e voltou depressa. Trouxe os recipientes, estendeu a cortina de chuveiro, empilhou as toalhas.

– É porque suja tudo. Ah, eu posso lhe arranjar outra camisa. Essa aí está molhada.

Ela olhou para si mesma, olhou para ele. Fechou os olhos por apenas um momento.

– Acho que já não dá mais para me preocupar com vergonha.

Ela arrancou a camiseta e, ao brilho indistinto da luz a gás, pareceu a ele uma espécie de deusa da fertilidade. Madura, linda, sublime.

O que ela era, Simon lembrou a si mesmo, era uma mulher em trabalho de parto.

E ele era o médico nomeado para a tarefa.

– Vou ajudar você a se deitar e depois vou pegar o resto das coisas.

Ele a deitou, depois a cobriu e ligou a lareira a gás que a mãe tanto amava.

– Eu volto já. Ah, respire fundo quando sentir alguma coisa, ok? Inspire pelo nariz, expire pela boca. Ah, tome. – Ele colocou um cronômetro na mão dela. – Marque o tempo da próxima. A duração e, depois, os intervalos.

Ele agia rápido: tesoura esterilizada, metros de barbante bem forte, um copo de gelo, uma tigela com água morna e panos. Lavou bem as mãos, as unhas, lamentou não ter pensado em procurar luvas descartáveis em algum lugar.

Organizou tudo enquanto ela respirava fundo para suportar uma contração.

– Estão ficando mais fortes. Bem mais fortes. Durou mais ou menos um minuto, depois de quatro minutos de intervalo.

– Certo. Então: o livro diz que, quando estiver chegando a hora, vou ver a cabeça da criança fazendo pressão contra... lá embaixo. Eu preciso... Ah. Mais uma contração.

Apoiada em travesseiros, ela olhou bem nos olhos dele.

– Quando é seu aniversário?

– Meu aniversário?

– Preciso saber alguma coisa mais pessoal sobre você.

– Que esquisito, mas é dia 2 de junho.

– Seu nome do meio.

Ele meio que sorriu.

– James.

– Com que idade perdeu a virgindade.

– Ora, por favor!

– É sério. Você está prestes a ficar bem próximo da minha vagina. – Ela arqueou as sobrancelhas quando ele se retraiu – E, se vai fazer isso, deve ser capaz de ouvir o nome dela. Comparado a isso, eu fiz uma pergunta bem casual.

– Eu tinha 16 anos. Antes que você pergunte, o nome dela era Jessica Hobbs, e estávamos na minha picape de terceira mão, no acostamento.

A segunda vez foi melhor para nós dois.

– Muito bem. – Ela olhou pela janela. – Você deixou os cães entrarem de novo? Está ventando muito lá fora.

– Sim, eles estão dormindo no meu quarto. Você quer...?

Ela empurrou e suspirou.

– Aí vem mais uma.

Ele levantou o cobertor e, com cuidado, mudou as pernas dela de posição, fazendo com que as plantas dos pés tocassem a cama.

Não pense, não estranhe, ordenou a si mesmo. Ele já tinha visto vacas e éguas parirem. Já tinha... Santo Deus.

– Não estou vendo a cabeça dela, então ainda temos algum tempo.

Ele umedeceu um pano, limpou o suor do rosto de Lana e se perguntou como é que a fêmea de alguma espécie concordava com o processo de perpetuá-la.

Três horas insanas depois, ele sabia muito bem que tinha que existir um sistema melhor. A tecnologia e a ciência médica deveriam ter descoberto um jeito. À medida que as contrações vinham mais fortes, a intervalos menores, ele limpava o suor dela com a mão boa. A outra tivera os ossos praticamente esmagados por Lana, que a apertava cada vez que a dor atingia o pico.

Simon colocava lascas de gelo em sua boca, como sugerido no livro, e descia e subia correndo para pegar mais, entre uma contração e outra. A cada série, ele verificava se já estava por acontecer a cena final e se perguntava se algum dia seria capaz de fazer sexo com uma mulher novamente.

Ele respirava com ela enquanto o vento gritava lá fora, enquanto aqueles olhos vidrados de dor encaravam os dele, enquanto ele sacrificava o uso futuro de sua mão direita – meu Deus, a mulher apertava com *força*.

Já entrando na quarta hora, ela desmoronou contra o monte de travesseiros, o anel que usava na corrente brilhando entre os seios.

– Por que ela não *sai*?!

– O livro diz que o primeiro pode demorar um pouco. – Confuso, ele tirou os cabelos molhados de suor do rosto dela. – Lembro que a minha

mãe dizia que eu levei cerca de doze horas.

E ele não dera valor suficiente a esse fato, nem de perto.

– Doze? *Doze?*

Ele entendeu que havia escolhido mal as palavras quando ela levantou o corpo e, com os dentes, agarrou a frente de sua camisa, puxou-o para perto e rosnou:

– Faça alguma coisa!

– Você precisa ficar calma. Nós vamos conseguir.

– Nós? Nós? Me arranje um alicate, me dê um maldito alicate para eu arrancar seus dentes sem anestesia, aí você vai poder dizer *nós*. Não me diga para ficar calma, seu lunático maldito... Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, aí vem mais uma!

– Respire, respire. Vamos lá, vamos lá. Vou verificar. Continue respirando. Pelo amor de Cristo, estou vendo a cabeça dela! Estou vendo a cabeça dela. Ela tem cabelo. – Por algum motivo, isso o encantou, e ele deu um enorme sorriso, olhando para Lana enquanto ela respirava com força.

– Empurre! Agora é só empurrar!

Lana desmoronou novamente em um longo gemido. Os olhos fechados.

– Você realmente viu a cabeça dela?

– Vi, sim. Acho que tem cabelo preto. Tudo bem que está molhado, mas parece preto.

Ele jogou um pouco do gelo em um pano, para deixá-lo gelado, e o passou no rosto dela.

– Ok, preste atenção. Você está indo muito bem. Eu sei que dói. Não sei por que diabos isso tem que doer tanto. É um péssimo método, mas estamos quase na linha de chegada. Você consegue.

– Eu sou capaz. Desculpe pelo “lunático maldito”.

– Tudo bem. É como eu me sinto.

– Você não é nenhum lunático, e se por acaso eu o chamar disso de novo, ou de coisa pior, quero que saiba que você é um herói. É, sim – enfatizou ela, quando ele balançou a cabeça. – Eu conheço heróis. Puta merda!

Ele já estivera em combate. Liderara homens, perdera homens, matara homens. Nada no mundo o havia preparado para as dificuldades de ajudar uma mulher em trabalho de parto lutando para trazer uma criança ao mundo.

Ele se ajoelhou na cama, apoiando os pés dela nas mãos, pressionando com o próprio peso para ajudá-la a suportar a dor, e repetiu isso vezes e mais vezes.

Agora, a ferocidade pulsava dela, afiando seus olhos, brilhando em seu rosto – e seus gritos eram de guerra, não de dor. Quando o suor encharcou a camisa dele, ele a tirou e a jogou de lado.

Como Lana, ele usava uma correntinha no pescoço, uma medalha com a imagem do arcanjo Miguel.

– Respire, respire. – Ele passou o braço pela testa enquanto ela pousava as costas na cama novamente e se recompunha. – Estamos quase lá.

Lana encolheu o corpo, engoliu em seco. Empurrou enquanto as primeiras trovoadas se juntavam aos uivos do vento.

– A cabeça dela! Meu Deus, Lana, olhe. A cabeça dela. Não, respire com força, não empurre. Espere, respire com força, não empurre. Isso, isso. – Com cuidado, ele puxou o cordão enrolado no pescoço do bebê. – Vamos terminar de puxar essa menina. Pronta?

Lágrimas se misturaram ao suor quando vieram as dores do parto, e ela viu Simon puxar um ombro, depois o outro.

O quarto e o céu noturno explodiram em luz. Sobre a cornija da pequena lareira a gás, as velas se acenderam.

Ao feroz chamado da mãe, o bebê deslizou para as mãos de Simon. E, com seu primeiro fôlego, emitiu um choro como um grito de triunfo.

– Nasceu! – Atordoado, impressionado, perplexo, Simon olhava fixamente para a criança que se contorcia. – Ela nasceu. Minha nossa.

– Ela é linda. Ah, ela não é linda?

Quando Lana estendeu os braços, Simon lhe entregou a criança.

– É linda mesmo. O livro diz que você deve segurá-la mantendo a cabeça dela mais para baixo. Para drenar os fluidos. Vou limpá-la um

pouco, está bem? E precisamos mantê-la aquecida.

Rindo e chorando, Lana beijou o rosto do bebê.

– É a minha filha. Ela está aqui. Ela é linda. – Relâmpagos cortaram de novo o céu. Ela encarou Simon. – De dentro de mim, para as suas mãos e as minhas. Ela é sua também.

Como não conseguia falar, ele apenas assentiu.

Lidar com as coisas práticas o ajudava a manter o controle. O nascimento de uma criança faz uma lambança e tanto e, quando Simon terminou de limpar tudo, as janelas mostravam um sol rosado a brilhar lá fora. E o bebê mamava no peito da mãe.

Era uma imagem que ele carregaria pelo resto da vida.

– Que tal uns ovos mexidos com aquele chá que não chegamos a beber?

– Seria ótimo. – Ela acariciou com um dedo o cabelo do bebê. Os cabelos escuros de Max. – Não tenho palavras, Simon. Não tenho palavras.

– Como vai chamá-la?

– Fallon. Ela vai se chamar Fallon. Nascida no Ano Um. Concebida e salva por um homem, confiada às mãos de outro. Sei que ela vai honrá-los. Sei disso.

Ele lhe trouxe comida e certificou-se de que ela estava confortável antes de sair para cuidar dos animais. Os campos esperariam.

Foi ver como estavam as duas e, encontrando-as adormecidas, aproveitou para tomar um banho. Apoiou as mãos nos azulejos, deixando a água bater em seu corpo enquanto tentava organizar os sentimentos.

Eram muitos.

Em seguida, foi ao celeiro e pegou o projeto no qual vinha trabalhando à noite, havia algumas semanas.

O berço batia na altura da cintura, construído com pinho, que ele havia pintado em um tom intenso de marrom-escuro. Balançava suavemente quando empurrado.

A menina abriu os olhos. O azul-escuro, com um quê de mágico, parecia ver dentro dele.

– Cara – murmurou Simon, acariciando a bochecha da menina com a ponta do dedo –, você parece saber tudo o que existe e ainda mais. É minha vez de dormir um pouco. Então...

E se precisassem dele?

Dando de ombros, ele se deitou ao lado de Lana.

Se precisassem dele, pensou, enquanto adormecia, estaria bem ali. O choramingo do bebê o fez abrir os olhos novamente.

– Não a acorde, viu? – sussurrou, dando uns tapinhas desajeitados no minúsculo traseiro. – Eu, no lugar dela, dormiria por um mês.

Quando ela gemeu novamente, remexendo-se, inquieta, ele se levantou.

– Ok, vamos tentar o seguinte. – Simon a pegou no colo e, quando ela se aconchegou em seu peito, afagou as costas da menina. – Ah, melhor assim, não é? Melhor assim. Esta é a minha garota.

Enquanto ele dormia, Fallon o observava – o conhecia.

EPÍLOGO

No último dia do Ano Um, Lana estava à janela vendo a neve cair, leve e bonita. Com Fallon aninhada no colo, imaginava o que o novo ano traria.

Um ano antes, ela estava com Max em uma festa no SoHo, bebendo vinho, rindo e dançando, enquanto milhares de pessoas se reuniam na Times Square para ver a famosa bola descer.

Sempre pensava nele. Bastava olhar para Fallon, os cabelos já fartos e tão pretos quanto as penas dos corvos, os olhos migrando lentamente do azul infantil para um cinza esfumaçado.

A dor diminuía, e a criança era parte da cura.

Assim como Simon, ela bem sabia.

Assim como sabia dos seus sentimentos por ela, assim como sabia do seu amor inquestionável pela menina.

Ela terminaria aquele ano, aquele primeiro ano, com lembranças do homem que amara, lembranças para sempre preciosas. E começaria o seguinte entregando seu coração ao homem que aprendera a amar.

— Você é o elo entre nós, minha menina. — Ela roçou os lábios nos cabelos de Fallon. Levantou o bebê bem alto, fazendo-a balbuciar e chutar. — Você é nosso tudo.

Lana ouviu os cães latirem e, trazendo o bebê de volta ao colo, viu um homem montado em um cavalo descendo o caminho que levava à casa.

O medo veio primeiro. Seria assim para sempre?

Correu para pegar o “canguru” que havia feito de pano e colocou Fallon nele para liberar as mãos antes de pegar a espingarda. Pronta para

proteger e defender, viu Simon ir em direção ao estranho.

O homem desmontou. Vestia um casaco longo e escuro, segurava as rédeas com a mão enluvada. Não usava chapéu, e a neve caía sobre sua cabeleira ondulada. Sua barba, bela e escura como os cabelos, apresentavam uma faixa branca.

Eles conversaram. Simon olhou para a casa e, em seguida, deixou o homem de pé na neve, com seu cavalo.

– Quem é esse homem? – Lana quis saber assim que Simon abriu a porta. – O que ele quer?

– Disse que se chama Mallick. Veio prestar homenagens à Escolhida e à sua mãe, e que não vai entrar sem ser convidado. Disse que tem coisas para lhe contar. Não está armado.

– Ele sabe sobre Fallon?

– Ele sabe a noite em que ela nasceu, Lana. Sabe a hora. Sabe o nome. Fez um juramento a ela. Eu acredito nele. – Simon tirou a espingarda da mão dela. – Mas vou mandá-lo embora se você quiser.

– Ele tem poder. Eu sinto. Está me deixando sentir isso para que eu entenda que não vai usá-lo para nos fazer mal. Quem me dera não ter que falar com ele. Queria que ela fosse apenas um bebê, meu bebê. Mas...

Lana foi até a porta, olhou para fora.

– Por favor, entre.

– Obrigado. Há algum lugar onde meu cavalo possa descansar protegido do tempo? Percorremos um longo caminho.

– Eu cuido disso. – Simon passou a mão na cabecinha de Fallon e deu um aperto tranquilizador no braço de Lana. – Ninguém vai machucá-la.

– Traga-o para a cozinha. Vou preparar algo para ele comer.

Ela aqueceu sopa, fez chá, esquentou pão. E se preparou mentalmente quando Simon entrou com Mallick.

– Muitas bênçãos sobre vocês – disse Mallick. – E sobre a luz que você trouxe ao mundo.

– Temos comida.

– E bondade. Posso me sentar?

Ela assentiu, mas manteve um braço protetor em torno do bebê, no “canguru” de pano.

– Como você sabe sobre minha filha?

– A vinda dela foi escrita, cantada, profetizada. Exatamente há um ano, a estrutura se rompeu, a balança se desequilibrou quando o sangue dos malditos conspirou o solo sagrado. Assim veio o expurgo, e a magia se insurgiu. Você não tem nada a temer de minha parte.

– Então por que tenho tanto medo?

– Você é mãe. Que mãe não teme por seu filho, especialmente aquela que percebe o destino da criança? – Ele então perguntou: – Posso comer? Jejei por três dias em honra à Escolhida.

– É claro, me desculpe.

– Venha comigo – disse Simon, pegando Fallon do “canguru”.

Ela logo balbuciou para ele, puxando seu cabelo. Então, olhou solenemente para Mallick.

– Ela ainda se lembra um pouco do tempo de espera, e vê parte do que está por vir. Conhece esses outros tempos tanto quanto conhece o aqui e agora. Você também vê isso – informou ele a Lana.

Sentindo o peso do destino, Lana se sentou.

– Ela não tem escolha?

– Ah, ela terá muitas escolhas, como todos nós. Se Max tivesse optado por seguir para o norte em vez do sul, se você tivesse optado por ficar na cidade, em vez de pensar primeiro na criança e em seus amigos, se Simon tivesse escolhido mandá-la embora, nós todos estaríamos em outro lugar agora. Mas estamos aqui, e vou quebrar meu jejum com esta excelente sopa.

Ele observou Fallon enquanto comia.

– Ela será muito bela. Isso, é claro, não é uma escolha. Ela tem muito de você, do pai biológico. Você vai ensiná-la o que sabe, assim como seu pai de criação o fará. Assim como eu, quando chegar a hora.

– Você?

– É minha missão. E minha escolha. Deixe-me confortá-la primeiro: por treze anos ela estará segura. Vão caçá-la, vão flagelar a terra, mas não

vão encontrá-la. Quando você me vir de novo, deverá confiá-la a mim por dois anos.

– Eu não...

– Será sua escolha, sua e dela. Dois anos para ensinar a ela o que sei, para treiná-la, torná-la o que ela nasceu para ser. Nesses anos, o mundo vai queimar e sangrar. Alguns construirão, outros destruirão. É tão mais fácil rasgar do que remendar... Quantos anos além desses, até que ela esteja pronta, até que assuma a espada e o escudo, não consigo saber. Mas, sem ela e sem aqueles que ela liderar, o sofrimento será infinito.

– E se dissermos não? – indagou Simon. – Isso tudo será anulado?

– Vocês têm treze anos para pesar a escolha. Para se preparar para fazê-la. Assim como ela. Eu trouxe presentes.

Ele virou a mão, e segurava uma vela branca e pura.

– Somente ela pode acendê-la, e sua luz vai guiá-la através da escuridão. – Ele colocou a vela de lado e abriu a mão outra vez. Uma bola de cristal. – Somente ela pode ver o que o globo contém, e ele lhe mostrará o caminho.

Ele pousou a bola ao lado da vela.

– E... – Um ursinho de pelúcia rosa. – Porque nem tudo se resume ao dever. Espero que lhe traga conforto e alegria. Saibam que ela terá minha espada, meu punho, meu poder, sempre. Tenho a honra de ser o tutor, o treinador, o protetor de Fallon Swift. Obrigado pela comida.

Ele sumiu.

Simon deu um passo para trás com o bebê.

– Ele simplesmente... Quem faz uma coisa dessa? Você consegue fazer isso?

– Nunca tentei.

– Talvez seja melhor não tentar. E, apesar do show de desaparecimento, ninguém vai levá-la se dissermos que não. Ninguém vai nos obrigar a entregá-la a um feiticeiro para passar dois anos em algum quartel de treinamento mágico.

– Eu sabia disso quando ela estava em meu ventre – murmurou Lana. – Ela sabia. Treze anos. Treze anos protegida.

– Vou protegê-la todos os dias da minha vida.

– Eu sei. Eu sei. – Lana se levantou, virou-se para ele. – No dia em que ela nasceu, eu acordei e você estava dormindo ao meu lado, exausto, segurando-a no colo. E eu soube. Você fez um berço para ela com suas próprias mãos, pensando nela antes mesmo de ela nascer. E eu soube. Ele a chamou de Fallon Swift. Você vai dar a ela seu nome?

– Eu... Claro. Eu daria a ela qualquer coisa, mas...

– Eu amava Max. E ela também vai amá-lo. Vou contar a ela tudo que puder sobre ele.

– É claro.

– O que me trouxe até aqui, Simon? Foi ela? – Lana se aproximou, sorrindo, quando Fallon agarrou seu dedo e tentou mordê-lo. – Fui eu? Foi Max, me conduzindo a alguém que nos amaria e nos protegeria? Alguém em quem ele poderia depositar confiança e respeito? Talvez tenha sido tudo isso. Talvez tenha sido algo em você que nos trouxe para cá.

“Você também é o pai dela. Você é o pai que a acalenta à noite, que vai me ajudar a ensiná-la a andar e falar. Que vai se preocupar com ela, se orgulhar dela. Que sorte a dela ter dois homens bons como pais. Ela tem o nome de Max. Eu gostaria que tivesse o seu.”

– Ela o tem. – Simon quase se perdeu na emoção. – Tenho orgulho de dar meu nome a ela.

– Fallon Swift. – Lana tirou do pescoço a correntinha com a aliança de Max. – A partir de agora, vou guardar isso para ela – disse Lana, colocando o cordão na mesa, junto com os outros presentes. – E isto... – Ela tirou a aliança da mão esquerda e a passou para a direita. – Vou usar em memória ao homem que amei. Você pode aceitar isso?

– Não estou entendendo aonde você quer chegar.

Ele não tentaria nada, pensou Lana, não cruzaria essa linha. Porque entendia o que era honra. Porque vivia honradamente.

Então ela o buscou, aproximou-se dele, tocou seu rosto com uma das mãos, enquanto se levantava, se inclinava e levava os lábios aos dele.

– Eu tenho a sorte de ter amado e ter sido amada por um bom homem. Tenho a sorte de amar e ser amada por outro bom homem. Você me ama?

Fallon aconchegou a cabeça no ombro de Simon, e ele se sentiu transbordar.

– Acho que amo você desde que a peguei com um ovo na mão. Eu posso esperar.

Ela o beijou novamente.

Dessa vez, ele a puxou para si, o bebê entre os dois, e se permitiu desejá-la.

– O ano está no fim – disse Lana. – Um ano terrível, milagroso, amargo e alegre. Quero começar o próximo com você. Quero esperar todos os outros com você. Quero ser sua família.

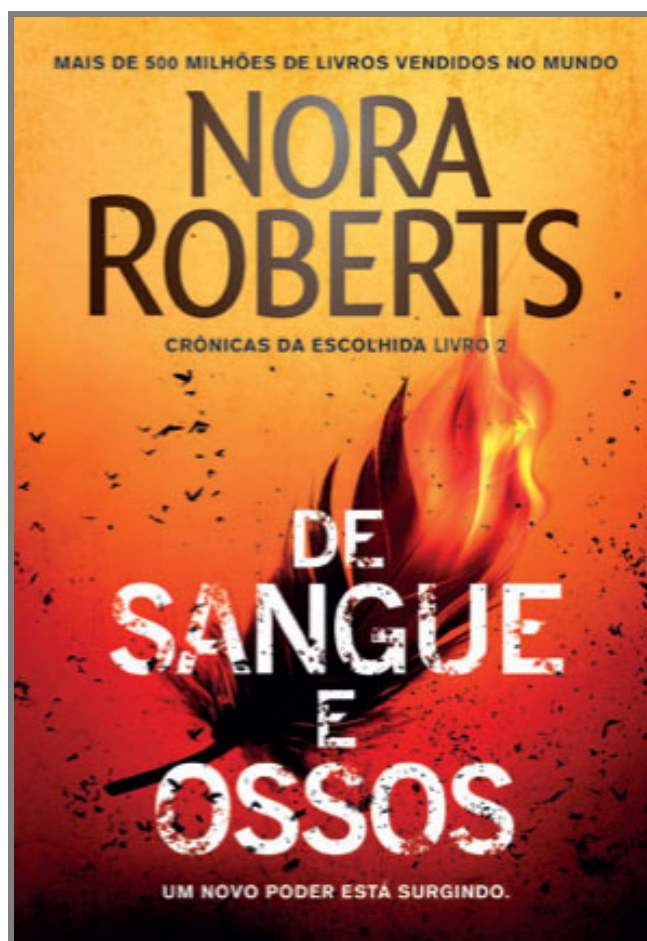
Ela sentiu a alegria de Simon quando ele a abraçou, o calor abençoado que vinha dele quando seus lábios se encontraram novamente. Vida a ser vivida.

A criança se mexeu com ímpeto entre eles, dando gritinhos. Alegre.

E, com um aceno de mão, acendeu a vela.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

De sangue e ossos



PRÓLOGO

Dizem que um vírus aniquilou o mundo. Mas foi magia, negra como uma noite sem lua. O vírus foi sua arma, uma torrente de flechas no céu, balas silenciosas atacando, uma lâmina afiada. Mas foi o gesto inocente – um toque de mão, um beijo de boa-noite dado pela mãe – que espalhou a Catástrofe, trazendo uma morte súbita, dolorosa e hedionda para bilhões.

Muitos dos que sobreviveram àquele primeiro ataque brutal morreram à medida que as videiras espinhosas da loucura, tristeza e medo estrangulavam o mundo. Outros, incapazes de encontrar abrigo, comida, água potável, medicamentos, simplesmente minguaram e morreram à espera de ajuda e de uma fonte de esperança que nunca veio.

Nessa escuridão, as luzes que estavam apagadas por milênios piscaram e acordaram. A ascensão das magias, branca e negra, brotou do caos. Poderes despertos ofereceram uma escolha entre o bem e o mal.

Os Incomuns compartilhavam com os seres humanos o que restara do mundo. E aqueles que abraçaram a escuridão – humanos e magos – atacaram, transformando grandes cidades em escombros, caçando aqueles que se escondiam ou que contra eles lutavam, para destruí-los, escravizá-los, deleitar-se com seu sangue, enquanto corpos entulhavam o chão.

Em pânico, governos ordenaram a seus militares que recolhessem os sobreviventes para “conter” os Incomuns. Assim, uma criança que

acabasse de descobrir suas asas poderia encontrar-se amarrada sobre a mesa de um laboratório, em nome da ciência.

Homens enlouquecidos clamavam por Deus e pediam uma justiça perversa, espalhando medo e ódio para construir seus próprios exércitos e expurgar o “outro”. Para eles, a magia vinha da mão do diabo, e qualquer um que a possuísse era considerado um demônio e devia ser enviado de volta para o inferno.

Saqueadores cruzavam as cidades arruinadas, as estradas principais e vicinais, para queimar e matar simplesmente porque lhes dava prazer. Os humanos sempre encontram maneiras de serem cruéis com os outros.

Havia murmúrios na luz e rumores na escuridão, que chegaram aos ouvidos dos humanos, sobre uma guerreira que estava por vir. Ela, filha dos Tuatha de Danann, permaneceria escondida até assumir sua espada e seu escudo. Até que ela, A Escolhida, levasse a luz para combater a escuridão.

Mas os meses se tornaram anos, e o mundo permanecia em ruínas. Caçadas, invasões e buscas continuavam.

Alguns se escondiam, saindo apenas durante a noite para procurar comida ou roubar o suficiente para sobreviver por mais um dia. Alguns preferiram tomar as estradas, em uma migração sem fim para lugar nenhum. Outros foram à floresta para caçar, aos campos para plantar. Alguns formaram comunidades enquanto lutavam para sobreviver em um mundo onde um punhado de sal era mais precioso do que ouro.

E alguns, como aqueles que encontraram e formaram Nova Esperança, reconstruíam. Quando o mundo acabou, Arlys Reid relatou seu fim como âncora de uma televisão em Nova York, uma posição que havia herdado. Ela vira a cidade arder ao seu redor e, no final, optou por dizer a verdade a todos os que ainda podiam ouvi-la e fugir.

Juntamente com um punhado de pessoas, incluindo três crianças, ela encontrou a cidade rural deserta que batizaram de Nova Esperança. E lá resistiram.

Agora, no Ano Quatro, Nova Esperança era o lar de mais de trezentas pessoas, tinha um prefeito, um conselho municipal, uma força policial,

duas escolas (uma para o treinamento dos magos), uma horta e uma cozinha comunitárias, duas fazendas – uma delas com um moinho para farinha e grãos –, uma clínica médica com um pequeno serviço de odontologia, uma biblioteca, um depósito de armas e uma milícia.

Eles tinham médicos, curandeiros, herboristas, tecelões, costureiros, encanadores, mecânicos, carpinteiros e cozinheiros. Alguns deles haviam exercido essas mesmas atividades no mundo antigo. A maioria estudou e aprendeu no novo.

Contavam com segurança armada, sempre a postos, 24 horas por dia. E, embora permanecessem em regime de voluntariado, a maioria dos moradores participava dos combates e do treinamento com armas.

Em seu primeiro ano, o Massacre de Nova Esperança mantinha-se como uma cicatriz viva em seus corações e mentes. Essa cicatriz e os túmulos dos mortos levaram à formação da milícia e de grupos de resgate, que arriscavam suas vidas para salvar outras.

Arlys estava na calçada, olhando para Nova Esperança, e viu por que isso importava. Por que tudo aquilo importava. Mais do que sobreviver, como tinha sido nos terríveis primeiros meses, mais até do que construir, como fora nos meses que se seguiram. Eles estavam vivendo e, como dizia o nome da cidade, isso significava esperança.

Era importante, pensou ela, ao ver Laurel – uma elfa – varrendo a entrada do prédio onde morava, em uma manhã fria de primavera. Mais adiante, Bill Anderson limpava os vidros da vitrine de sua loja, que funcionava na base da troca, em cujas prateleiras guardava inúmeros objetos úteis.

Fredinha, a jovem estagiária que enfrentara os horrores dos túneis do metrô para sair de Nova York com Arlys, ocupava-se cuidando do jardim da comunidade. Com suas asas mágicas e um otimismo infundável, ela vivia todos os dias com esperança.

Rachel, médica e grande amiga, abriu as portas da clínica e acenou.

– Onde está o bebê? – gritou Arlys.

– Dormindo... a não ser que Jonah o tenha carregado novamente quando eu não estava olhando. O homem está fascinado.

– Como um pai deve ser. Hoje não é o seu check-up de seis semanas, doutora? Um dia importante para você.

– Esta médica aqui já deu alta total à sua paciente, mas Ray vai formalizar isso. Hoje é um dia importante. Como está se sentindo?

– Ótima. Animada. Um pouco nervosa.

– Vou acompanhar o programa. E quero ver você aqui quando tiver terminado.

– Estarei aí. – Enquanto falava, Arlys pôs a mão sobre a montanha que se tornara a sua barriga. – Este bebê já deve estar mais do que pronto. Se demorar mais, não vou conseguir nem me mexer.

– Nós vamos dar uma olhada. Bom dia, Clarice – disse Rachel, quando a primeira paciente do dia surgiu. – Vamos entrar. Boa sorte, Arlys. Vamos prestar atenção no seu programa.

Arlys começou a andar como um pato, não havia outra maneira para descrever seus movimentos, mas parou quando ouviu seu nome.

Ela esperou por Will Anderson – seu vizinho de infância, atual representante da cidade e, com o passar do tempo, o amor de sua vida.

Ele colocou a mão sobre a barriga dela e a beijou.

– Quer que eu vá com você até o trabalho?

– É claro que sim.

Com os dedos entrelaçados, eles caminharam para onde ele morara durante os seus primeiros meses na comunidade.

– Tudo bem com você se eu ficar por perto e assistir?

– Se você quiser, mas não sei quanto tempo vai levar para organizar tudo. O Chuck está otimista, mas...

– Se o Chuck diz que podemos fazer, nós podemos.

– Eu tenho que ir lá com você.

Chuck tinha sido sua principal fonte durante a Catástrofe, gênio na área de computação, que agora cuidava da pouca tecnologia que possuíam. No porão, é claro. O homem era um famigerado habitante de porões.

– Eu quero ver você trabalhando – acrescentou Will.

– E o que você chama o que eu faço com o *Boletim de Nova Esperança*?

– Trabalho, e um bem para a comunidade. Mas estamos falando em transmissão ao vivo, minha querida. É o que você está destinada a fazer.

– Eu sei que algumas pessoas estão preocupadas com o risco, sobre chamar a atenção para cá. O tipo errado de atenção.

– Vale a pena. E, além de Chuck saber o que está fazendo, nós vamos ter os escudos mágicos. Se você puder alcançar uma pessoa lá fora, poderá alcançar uma centena, e quem sabe aonde poderá chegar? Muitas pessoas ainda não sabem que diabos está acontecendo, onde obter ajuda, suprimentos, medicamentos. Isso é importante, Arlys.

Era importante, e muito, quando ele arriscava a vida em um resgate.

– Eu estava pensando sobre o que realmente importa – disse ela. – Você está no topo da lista.

Eles contornaram a casa até os fundos, onde ficava a entrada do porão.

No interior, o que tinha sido uma grande sala para os prazeres da vida em família agora guardava o sonho de um amante de computadores – caso seu sonho fosse juntar componentes, cabos, discos rígidos, placas-mães, desmontar computadores antigos, reconfigurar desktops e laptops, conectar variadas telas.

Ela sabia que Chuck amava mesmo tudo aquilo. Ele estava sentado diante de um dos teclados, usando um capuz e calças cargo, um boné com a aba virada para trás sobre cabelos recém-descoloridos, cortesia da cabeleireira da comunidade. Sua pequena barba fora pintada de vermelho-vivo.

Por falar em vermelho, os cachos dos cabelos de Fredinha balançaram quando ela se levantou da cadeira onde estava sentada, com três crianças de 4 anos e uma variedade de brinquedos.

– Aqui está o talento! Eu sou gerente de produção, mensageira e assistente de câmera.

– Pensei que a mensageira era eu – disse Katie.

Katie, mãe de três filhos, mantinha um olho neles, sentada no braço do sofá de almofadas murchas, onde Arlys sabia que Chuck muitas vezes acabava dormindo.

– Comensageira e supervisora dos amplificadores.

Katie olhou para seus gêmeos, Duncan e Antonia.

– Eles estão agitados. Só espero que todos aqui saibam o que estão fazendo.

– Estamos ajudando Arlys e Chuck – disse Duncan, sorrindo para sua mãe. – Eu e a Tonia.

– Aperte! – gritou a irmã de Duncan.

Tonia riu, levantando uma das mãos. Duncan pressionou a palma da mão contra a dela. Uma luz brilhou.

– Ainda não.

Hannah levantou-se, loura e rosada, contrastando com os cabelos escuros dos gêmeos. Ela deu um tapinha na perna da mãe, como se quisesse reconfortá-la, e aproximou-se de Arlys.

– Quando o bebê vai nascer?

– Em breve. Assim espero.

– Posso assistir?

– Ah...

Rindo, Katie levantou-se para segurar Hannah e beijá-la.

– Ela provavelmente gostaria de assistir mesmo.

– Não estou sabendo de nada, menina – disse Chuck, girando em sua cadeira. – Mas você está prestes a ser testemunha da história e da estreia da Rede de Notícias Nova Esperança.

– Estamos conectados?

– Estamos conectados. Definitivamente conectados, com alguma ajuda de nossos amplificadores.

Os gêmeos pularam, os olhos brilhando.

– Ainda não, ainda não. – Dessa vez, foi Arlys quem os refreou. – Preciso revisar minhas anotações e... Preciso de alguns minutos.

– Nós não estamos indo a lugar algum – respondeu Chuck.

– Ok, mas me dê um tempinho.

Aturdida quando menos esperava estar, ela caminhou para fora com sua pasta de notas. Fredinha saiu atrás dela.

– Você não precisa ficar nervosa.

– Ai, meu Deus, Fredinha.

– Estou falando sério. Você sempre foi boa nisso.
– Eu só assumi o posto em Nova York porque todos morreram.
– Você assumiu o posto naquele momento por causa disso – argumentou Fredinha. – Mas o posto acabaria sendo seu de qualquer maneira.

Aproximando-se, Fredinha colocou as mãos nos ombros de Arlys.

– Você se lembra do que fez naquele último dia?

– Ainda tenho pesadelos quando penso.

– O que você fez – prosseguiu Fredinha – quando Bob apontou uma arma para você, ao vivo, na TV. Você manteve o controle. E o que você fez quando ele se matou ali mesmo, sentado ao seu lado? Manteve o controle, continuou e fez muito mais. Você olhou diretamente para a câmera e disse a verdade. Você fez isso sem anotações, sem o teleprompter. Porque é o que você faz. Você diz às pessoas a verdade. Isso é o que você vai fazer agora.

– Não sei por que estou tão nervosa.

– Será que são os hormônios?

– Talvez. Hemorroidas, azia e hormônios. Ter um bebê é uma aventura.

– Mal posso esperar para ter as minhas. Eu quero um milhão de filhos.

Com um suspiro, Fredinha olhou para o jardim dos fundos.

Arlys torcia para conseguir chegar ao fim daquela gestação. E logo.

Mas, agora, havia um trabalho a ser feito.

– Está bem, está bem. Como eu estou?

– Linda. Mas hoje eu também sou sua maquiadora. Vou colocar pó e passar um batom, aí você vai ficar maravilhosa.

– Eu te amo, Fredinha. De verdade.

– Ah. Eu também te amo. De verdade.

Ela deixou Fredinha maquiá-la, fez alguns exercícios vocais, bebeu um pouco de água, fez algumas respirações de ioga.

Quando voltou para a sala, viu seu sogro no sofá, cercado pelas crianças. Ele tinha um jeito especial de atraí-las.

– Bill, quem está tomando conta da loja?

– Está fechada por uma hora. Quero ver minha garota ao vivo. Seus pais, Theo, ficariam orgulhosos de você.

– Considere essa a sua mesa de âncora. – Chuck bateu em uma cadeira na frente de uma de suas muitas mesas. – Você vai olhar para essa câmera. Eu já posicionei tudo. O que estamos fazendo aqui, meninos e meninas, é uma bela de uma transmissão simultânea. Temos o radioamador, a transmissão direta e a TV a cabo funcionando. Eu vou monitorar você e fazer o que é preciso do lado de lá. Mas não prestem atenção ao homem nos bastidores. É o seu show, Arlys.

– Tudo bem.

Ela se sentou, se ajeitou na cadeira. Abriu a pasta e tirou dela a foto do último Natal que passara com sua família. Apoiou-a em um teclado próximo.

– Estou pronta quando você estiver.

– Fredinha vai fazer a contagem regressiva. Ok, crianças, vamos botar fogo no circo.

– Não diga “botar fogo”. – Katie levantou as mãos. – Você não tem ideia.

– Nós ajudamos. – Tonia balançou o bumbum em delírio. – Vamos fazer assim, Duncan.

– Aperte.

Ele sorriu para a irmã e os dois se deram as mãos. Uma luz brilhou através de seus dedinhos.

– É disso que estou falando. – Chuck correu de um monitor para o outro, ajustou-os e soltou um grito. – É disso que eu estou falando. Vamos conseguir e vai ser agora.

– Arlys. – Fredinha moveu-se atrás da câmera. – Em cinco, quatro...

Ela usou os dedos para terminar a contagem regressiva e, com um sorriso brilhante, mostrou o último.

– Bom dia, aqui é Arlys Reid. Não sei quantas pessoas podem me ouvir ou me ver, mas, se você está recebendo isso, espalhe a notícia. Vamos continuar a transmitir com a maior frequência possível para passar

informações, trazer a verdade e relatar os fatos. Para que você saiba, onde quer que esteja, que não está sozinho.

Ela respirou fundo e apertou a barriga com as mãos.

– Quatro anos após a Catástrofe, fontes confirmam que Washington continua instável. A lei marcial permanece em vigor por toda a área metropolitana, enquanto gangues conhecidas como Rapinantes e Incomuns Sombrios seguem atacando. Forças de resistência romperam a segurança em um centro de contenção em Arlington, Virgínia. De acordo com testemunhas, mais de trinta pessoas foram libertadas.

Ela falou por 42 minutos. Noticiou os bombardeios em Houston, o ataque dos Guerreiros da Pureza a uma comunidade em Greenbelt, Maryland, incêndios, casas invadidas.

Mas terminou com histórias sobre coragem e bondade. A clínica móvel que utilizava carroças e cavalos para chegar a campos remotos, abrigos para os desalojados, salvamentos e distribuição de alimentos.

– Mantenham-se seguros – disse ela –, mas, lembrem-se, ficar em segurança não é suficiente. Vivam, trabalhem e se encontrem. Se você tiver uma história, se tiver notícias, se estiver à procura de um ente querido e puder se comunicar comigo, eu darei a notícia. Você não está sozinho. Aqui é Arlys Reid para a Rede de Notícias Nova Esperança.

– E terminamos. – Chuck cerrou os punhos. – Um sucesso da porra.

– Sucesso da porra – repetiu Duncan.

– Opa. Ei, totalmente demais, crianças. Soquinho. Vamos! Bate aqui.

Morrendo de rir enquanto Katie apenas fechava os olhos, Chuck pulou sobre Duncan e Tonia e levantou o punho.

Os dois inclinaram as cabeças ao mesmo tempo e levantaram seus minúsculos punhos, batendo-os contara os dele e provocando uma faísca.

– Ai! – gemeu Chuck, dançando um pouco ao redor, soprando os nós dos dedos. – Um pico de energia. Eu *amo* isso.

Fredinha piscou para afastar as lágrimas.

– Foi um baita de um sucesso, e foi incrível.

Will se inclinou e beijou o topo da cabeça de Arlys.

– Você me surpreende a todo instante – disse ele.

– Parecia... a coisa certa. Depois que ultrapassei o nervoso inicial, a sensação era de estar fazendo a coisa certa. Quanto tempo fiquei no ar?

– Quarenta e dois impressionantes minutos.

– Quarenta e dois. Eu não deveria ter mantido os gêmeos nisso por tanto tempo. Sinto muito, Katie, simplesmente perdi a noção do tempo.

– Eles estavam bem. Eu estava de olho – disse Katie, acalmando-a. – Eles vão precisar de uma longa e agradável soneca, como a irmã.

Ela olhou para Hannah, dormindo enrolada no colo de Bill, e continuou:

– Você está com cara de quem poderia tirar uma soneca também. Isso deve ter exigido muito de sua energia. Você me parece um pouco pálida.

– Acho que, cerca de cinco minutos depois que comecei, senti contrações. Talvez, na verdade, antes disso. Pensei que fossem os nervos.

– Você... o quê? Agora?

Arlys agarrou a mão de Will.

– Acho melhor procurarmos a Rachel. Acho que vai ser agora.

Katie correu até colocar a mão na barriga endurecida de Arlys, esfregando-a em círculos, e ordenou:

– Respire. Respire quando tiver cada contração. Você fez as aulas.

– Que droga de aulas eram aquelas? Não doía assim nas aulas.

– Respire quando sentir contrações – repetiu Katie, com muita calma.

– Você acabou de fazer a primeira transmissão simultânea de Nova Esperança em trabalho de parto. Você é capaz de respirar quando sentir uma contração.

– Está diminuindo. Está diminuindo.

– Obrigado, meu Deus – murmurou Will. – Ai!

– Acredite em mim, isso não chega nem perto de um “ai”. – Arlys respirou profundamente. – Eu preciso muito de Rachel.

– Eu também. – Will a ajudou a se levantar. – Vamos bem devagar. Pai?

– Eu estou tendo um neto.

Katie tirou Hannah do colo dele.

– Vá com eles.

- Estou tendo um neto – repetiu Bill.
- Fredinha? – Arlys olhou para trás. – Você não vem?
- Sério? Eu posso? Vou na frente avisar a Rachel. Ah, caramba!

Chuck?

- Ah, não, obrigado. Não se ofenda, Arlys, mas de jeito nenhum.
- Não me ofendi.
- Estamos tendo um bebê! – Fredinha abriu suas asas e voou para fora.

SOBRE A AUTORA



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo e presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 30 idiomas.

Ela foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

CONHEÇA OS LIVROS DE NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS

Álbum de casamento

Mar de rosas

Bem-casados

Felizes para sempre

A POUSADA

Um novo amanhã

O eterno namorado

O par perfeito

OS PRIMOS O'DWYER

Bruxa da noite

Feitiço da sombra

Magia do sangue

A SINA DO SETE

Irmãos de sangue

A maldição de Hollow

A Pedra Pagã

OS GUARDIÕES

Estrelas da Sorte

Baía dos Suspiros

Ilha de Vidro

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA

Ano Um

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

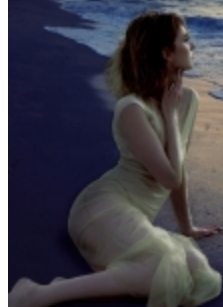


Mais de 500 milhões de livros vendidos no mundo

NORA ROBERTS

ILHA DE VIDRO

Os Guardiões
LIVRO 3



Ilha de vidro

Roberts, Nora

9788580419016

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nerezza, a deusa da escuridão, ainda não desistiu de obter as Estrelas da Sorte e destruir todos os mundos. As Estrelas de Fogo e de Água já foram recuperadas pelos seis guardiões, mas resta a Estrela de Gelo, e a batalha atingirá seu clímax. Doyle McCleary, o espadachim imortal, prometeu nunca mais voltar para casa. No entanto, quando a procura pela última estrela o leva ao condado de Clare, na Irlanda, ele deve encarar o passado. Três séculos atrás, uma tragédia o obrigou a fechar o coração para o amor, sobrando em seu peito apenas morte e solidão. Sua natureza selvagem só não é mais intensa que a de Riley... e da loba que há dentro dela. Arqueóloga e licantropa, a Dra. Riley Gwin não se rebaixa a ninguém. Fechada em sua biblioteca, em busca da misteriosa Ilha de Vidro, ela tenta negar a forte atração que sente por Doyle. Afinal, a última coisa de que precisa é uma distração. À medida que o último desafio dos guardiões se aproxima, a loba e o imortal têm que unir forças pela vida de seus amigos. Com Nerezza recuperada e furiosa, os dois vão descobrir que a melhor arma para dar fim à escuridão talvez seja o amor. "O último livro da épica trilogia de Nora Roberts me prendeu tanto que o terminei em uma noite." – Corrina Lawson, Barnes & Noble

[Compre agora e leia](#)

CHRISTINA DALCHER



VOX

Dalcher, Christina

9788580418903

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O governo decreta que as mulheres só podem falar 100 palavras por dia. A Dra. Jean McClellan está em negação. Ela não acredita que isso esteja acontecendo de verdade. Esse é só o começo... Em pouco tempo, as mulheres também são impedidas de trabalhar e os professores não ensinam mais as meninas a ler e escrever. Antes, cada pessoa falava em média 16 mil palavras por dia, mas agora as mulheres só têm 100 palavras para se fazer ouvir....mas não é o fim. Lutando por si mesma, sua filha e todas as mulheres silenciadas, Jean vai reivindicar sua voz. "Uma recriação apavorante de O conto da Aia no presente e um alerta oportuno sobre o poder e a importância da linguagem." – Marta Bausells, ELLE

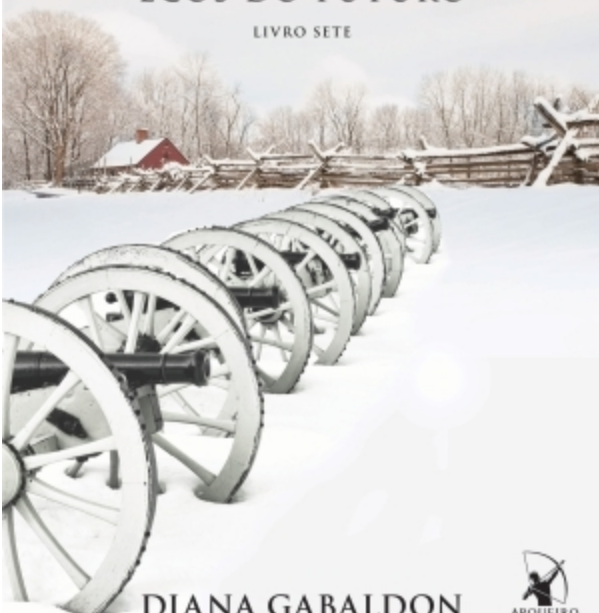
[Compre agora e leia](#)

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

ECOS DO FUTURO

LIVRO SETE



DIANA GABALDON



Outlander, Ecos do futuro

Gabaldon, Diana

9788580419658

912 páginas

[Compre agora e leia](#)

UMA HISTÓRIA SOBRE FAMÍLIA 1777, Carolina do Norte. Em meio à Revolução Americana, Jamie e Claire precisam decidir de que lado sua família estará. A escolha deveria ser fácil, já que Claire nasceu dois séculos depois e sabe tudo o que acontecerá. Mas as coisas nunca são simples para os Frasers. Jamie preferiria morrer a ter que enfrentar seu filho ilegítimo, um jovem tenente do Exército Britânico. Enquanto isso, na relativa segurança do século XX, a filha de Jamie e Claire, Brianna, e seu marido, Roger MacKenzie, vivem em uma histórica casa escocesa onde, através de um abismo de dois séculos, o drama da história dos pais de Brianna vem à tona através de uma pilha de cartas de Claire. Essas frágeis páginas revelam o amor e a jornada dos dois saindo da Carolina do Norte pelo mar, onde encontram corsários e batalhas no oceano. Até agora, o amor do casal sobreviveu a todos os perigos que a história colocou em seu caminho, mas, no caos da guerra, com famílias divididas, o pior está prestes a acontecer. Com a participação de personagens históricos, como Benjamin Franklin, Ecos do futuro é uma obra-prima de imaginação e aventura. Um romance que ecoará na mente do leitor por muito tempo depois que a última página for virada. "Tudo que você poderia esperar de Gabaldon: aventura, história, romance e fantasia." – The Arizona

Republic"Eu amo a escrita de Gabaldon, amo os detalhes históricos e amo seus personagens." – All about Romance"Algo muito chocante acontece nas últimas cem páginas. E você não vai acreditar o que é. Espero que o próximo livro já esteja sendo editado." – The Lit Connection"Gabaldon é um fenômeno literário." – The Scotsman"É impressionante a quantidade de ação nesse livro. É uma grande façanha escrever novecentas páginas e não deixar nenhum trecho arrastado." – Dear Author"Gabaldon sempre termina seus livros fazendo os leitores quererem mais." – Bookpage"Diana, Diana, Diana... Fui surpreendida mais uma vez." – Blue Moon Magnolia

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às más duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



ABOLTIRO

A BORDO

OS ROKESBYS

Um cavalheiro a bordo

Quinn, Julia

9788580419849

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela estava no lugar errado... Durante um passeio pela costa, a independente e aventureira Poppy Bridgerton fica agradavelmente surpresa ao descobrir um esconderijo de contrabandistas dentro de uma caverna. Mas seu deleite se transforma em desespero quando dois piratas a sequestram e a levam a bordo de seu navio, deixando-a amarrada e amordaçada na cama do capitão. Ele a encontrou na hora errada... Conhecido entre a alta sociedade como um cafajeste e um corsário inconsequente, o capitão Andrew James Rokesby na verdade transporta bens e documentos para o governo britânico. No meio de uma viagem, ele fica assombrado ao encontrar uma mulher na sua cabine. Sem dúvida sua imaginação está lhe pregando peças. Mas, não, ela é bastante real – e sua missão para com a Coroa o deixa preso a ela. Será que dois erros podem acabar no acerto mais maravilhoso de todos? Quando descobre que Poppy é uma Bridgerton, Andrew entende que provavelmente terá que se casar com ela para evitar um escândalo. Em alto-mar, as disputas verbais entre os dois logo dão lugar a uma inebriante atração. Mas depois que o segredo de Andrew for revelado, será que ele conseguirá conquistar o coração dela? "O terceiro volume dos Rokesbys apresenta um dos casais mais encantadores até agora. Os diálogos inteligentes de Julia Quinn fazem os personagens

brilharem. Um verdadeiro presente para os fãs e para qualquer pessoa que adore romances de época." – Publishers Weekly"O talento de Julia Quinn para elaborar conversas espirituosas, desenvolver os personagens e construir pouco a pouco a tensão romântica está na melhor forma em Um cavaleiro a bordo." – Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)